

MESTRADO

MULTIMÉDIA - ESPECIALIZAÇÃO EM CULTURA E ARTES

Impacto dos e-books nos hábitos de leitura dos estudantes portugueses e na indústria editorial

Ana Cláudia Marinho Nogueira da Silva

M

2019

FACULDADES PARTICIPANTES:

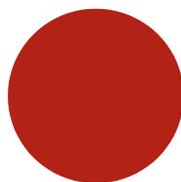
FACULDADE DE ENGENHARIA

FACULDADE DE BELAS ARTES

FACULDADE DE CIÊNCIAS

FACULDADE DE ECONOMIA

FACULDADE DE LETRAS



**O impacto dos *e-books* nos hábitos de
leitura dos estudantes portugueses e na
indústria editorial**

Ana Cláudia Marinho Nogueira da Silva

Mestrado em Multimédia da Universidade do Porto

Orientador: Professor Doutor João Paulo de Jesus Faustino (FLUP)

Julho de 2019

© Ana Cláudia Marinho Nogueira da Silva, 2019

O impacto dos *e-books* nos hábitos de leitura dos estudantes portugueses e na indústria editorial

Ana Cláudia Marinho Nogueira da Silva

Mestrado em Multimédia da Universidade do Porto

Aprovado em provas públicas pelo Júri:

Presidente: Professor Doutor Bruno Sérgio Gonçalves Giesteira

Vogal Externo: Professor Doutor Jorge Pedro Sousa

Orientador: Professor Doutor João Paulo de Jesus Faustino

Resumo

A leitura é uma atividade que se encontra presente na vida das pessoas há milhares de anos. Com a introdução das tecnologias e as novas dinâmicas comunicacionais, surgiu um novo formato de livro, o *e-book*, resultante da abreviatura de *electronic book*, que se destacou pelas suas características de utilização que passaram a permitir um acesso ainda mais rápido à informação, com a incorporação de motores de pesquisa. Revolucionou o mercado dos livros, mas também os modos de leitura, o que teve um grande impacto mundialmente, principalmente nos países de língua inglesa, dos quais se destaca a América.

Portugal não foi tão entusiasta quanto outros países ao aparecimento do *e-book*, talvez por ser um país com uma fraca política do livro, com uma população que se encontra entre as que menos lê nas médias europeias. Mesmo o mercado editorial ainda continua um pouco desligado desta realidade, mas é possível verificar uma reestruturação das técnicas de edição utilizadas, bem como um investimento em tecnologias e recursos humanos e um custo contínuo nas manutenções do formato.

A presente dissertação consiste em analisar o impacto do *e-book* nos hábitos de leitura dos estudantes e na indústria editorial portuguesa. Uma investigação empírica de abordagem mista onde foram utilizados dois métodos diferentes na recolha dos dados: questionários e entrevistas. O primeiro é aplicado aos estudantes universitários e o segundo às editoras.

O estudo visa atualizar os dados existentes sobre o tema e refletir sobre as mudanças provocadas pelo aparecimento do formato digital, de forma a compreender se o *e-book* é ou não um produto de sucesso no mercado nacional, qual a sua relevância para as editoras e qual o uso e preferência dos estudantes.

Palavras-chave: *E-book*; Digital; Livro eletrónico; Indústria editorial; Hábitos de leitura.

Abstract

Reading is an activity that has been present in people's lives for thousands of years. With the introduction of technologies and new communication dynamics, it appeared a new book format, the e-book, result of the abbreviation of electronic book, which stood out for its characteristics of usability, which allowed a faster access to the information, with the incorporation of search engines. It revolutionized the book market, but also the ways of reading, which had a great impact worldwide, especially in the english speaking countries, of which America stands out.

Portugal was not as enthusiastic as other countries to the appearance of the e-book, perhaps because it is a country with a weak book policy, with a population that is among the ones who read less in the European averages. Even the publishing market remains somewhat disconnected from this reality, but it is possible to verify a reconstruction of the editing techniques used, as well as an investment in technologies and human resources and a continuous cost in the maintenance of the format.

The present dissertation consists of analyzing the impact of the e-book on students' reading habits and on the Portuguese publishing industry. An empirical investigation with a mixed approach where two different methods were used in data collection: questionnaires and interviews. The first is applied to university students and the second to the publishers.

This study aims to update existing data on the subject and to think about the changes provoked by the appearance of the digital format, in order to understand whether or not the e-book is a successful product in the national market, what is its relevance for publishers and students' use and preference.

Key words: E-book; Digital; Electronic book; Publishing industry; Reading habits.

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer a todos os meus colegas da Universidade do Porto por todas as contribuições que enriqueceram esta dissertação e a tornaram possível. Da mesma forma, agradeço às editoras que aceitaram participar na investigação. Sem as suas respostas nunca teria obtido os dados necessários. Muito obrigada pelo tempo que dispensaram.

Ao meu orientador, Professor João Paulo Faustino, por ter aceitado o meu pedido de orientação e demonstrado interesse por este tema.

Ao diretor do mestrado em multimédia, Professor Rui Rodrigues, estou-lhe grata por todos os esforços e ajuda durante os momentos menos felizes desta dissertação. Por muitas que fossem as adversidades, a sua calma fez com que este estudo nunca parasse.

Aos meus pais, os grandes pilares durante todo o processo. Obrigada por tudo o que fazem e sempre fizeram por mim. Não existem palavras ou agradecimentos suficientes para tudo aquilo que representam para mim.

Miguel e Carlos, podia escrever uma página inteira de agradecimentos só para vocês e eu sei que sabem. Moveram montanhas para que eu continuasse sempre o meu caminho com as menores adversidades possíveis. Não consigo agradecer metade do que fizeram por mim no último ano. A conclusão desta dissertação também é vossa. Obrigada.

Aos meus amigos que estiveram sempre lá para me ouvir, procurar soluções e ajudar na investigação. Estou-vos eternamente grata.

Índice

1. Introdução.....	21
1.1 Contexto/Enquadramento/Motivação	22
1.2 Problema(s), Hipótese(s) e Objetivos de Investigação	23
1.3 Metodologia de Investigação	24
1.4 Estrutura da Dissertação	25
2. Revisão Bibliográfica	26
2.1 A leitura na vida dos portugueses	26
2.2 Impacto da sociedade digital na cultura do livro	32
2.2.1 Importância da literacia digital	32
2.2.2 Perfil e comportamento do consumidor atual	34
2.3 Contextualização do conceito de <i>e-book</i>	36
2.3.1 Definição de <i>e-book</i>	37
2.3.2 História do <i>e-book</i>	38
2.3.3 <i>E-book</i> vs. Livro impresso.....	41
2.3.4 Mercado dos <i>e-books</i> e respetiva evolução.....	46
2.3.5 Vantagens e desvantagens	48
2.3.6 Questões mais discutidas	51
2.4 <i>E-readers</i> – os suportes de leitura de <i>e-books</i>	55
2.5 Transformações editoriais com o aparecimento do <i>e-book</i>	56
3. Implementação da metodologia	60
3.1 Inquérito aos estudantes.....	62
3.2 Entrevistas às editoras.....	63
4. Apresentação e análise dos resultados.....	65
4.1 Inquérito aos estudantes.....	65
4.1.1 Análise aos estudantes de cada faculdade.....	86
4.2 Entrevistas às editoras.....	93
5. Conclusões e Trabalho Futuro	125

5.1 Satisfação dos objetivos e limitações do estudo	128
5.2 Trabalho Futuro	129
6. Referências.....	130
7. Apêndices	139

Lista de Figuras

Figura 1: Índice de leitura na Europa.	28
Figura 2: Inscrições nas bibliotecas públicas entre 2012 e 2015.	28
Figura 3: Livros lidos por ano de acordo com o género.	28
Figura 4: Percentagem de leitura por faixas etárias.	28
Figura 5. Frequência de leitura entre estudantes universitários.	30
Figura 6: Número de livros lido por ano pelos estudantes universitários.	30
Figura 7. Ranking de compras <i>cross-border</i> nos países da União Europeia. (Ecommerce Europe, 2018)	35
Figura 8. Questão 6: Géneros mais apreciados	69
Figura 9. Questão 7: Géneros mais lidos	69

Lista de Tabelas

Tabela 1. Gosto pela leitura de acordo com o grau de escolaridade.	29
Tabela 2. Equipamentos usados para ligação à <i>Internet</i> .	33
Tabela 3. Métodos de pagamento preferidos pelos portugueses. (Ecommerce Europe, 2018)	35
Tabela 4. Métodos de distribuição preferidos pelos portugueses. (Ecommerce Europe, 2018)	35
Tabela 5. Sexo	66
Tabela 6. Idades	66
Tabela 7. Áreas de estudo das faculdades envolvidas no estudo	66
Tabela 8. Questão 5: Média de livros lidos por ano	68
Tabela 9. Questão 13: Média de livros comprados por ano	68
Tabela 10. Questão 14: Gasto anual em livros	68
Tabela 11. Questão 8: Encontra-se a ler um livro atualmente	69
Tabela 12. Questão 9: Livros lidos no último mês	70
Tabela 13. Questão 10: Tempo médio dispendido durante a semana para ler	70
Tabela 14. Questão 11: Altura do ano em que mais lê	71
Tabela 15. Questão 15: Propósito de leitura	71
Tabela 16. Questão 16: Língua escolhida para leitura	71
Tabela 17. Questão 17: Tem conhecimento do que é um livro eletrónico (<i>e-book</i>)	72
Tabela 18. Questão 18: Já leu um <i>e-book</i>	72
Tabela 19. Questão 19: Justificações por nunca ter lido um <i>e-book</i>	73
Tabela 20. Questão 20: Género literário lido em <i>e-book</i>	73
Tabela 21. Questão 21: Dispositivo utilizado para leitura do <i>e-book</i>	74
Tabela 22. Questão 22: Propósito de leitura de <i>e-book</i>	75
Tabela 23. Questão 23: <i>E-books</i> lidos no último ano	75
Tabela 24. Questão 24: Formato de leitura mais utilizado	75
Tabela 25. Questão 25: Justificações da preferência por livro impresso	76
Tabela 26. Questão 25: Justificações da preferência por <i>e-book</i>	78
Tabela 27. Questão 25: Justificações da preferência por ambos	79
Tabela 28. Questão 27: Desvantagens do <i>e-book</i>	80

Tabela 29. Questão 28: Vantagens do <i>e-book</i>	80
Tabela 30. Questão 29: Ecológico	81
Tabela 31. Questão 29: Acessibilidade em qualquer lado	81
Tabela 32. Questão 29: Rápido e fácil acesso à informação	82
Tabela 33. Questão 29: Facilidade de armazenamento	82
Tabela 34. Questão 29: Facilidade de partilha e cópia	82
Tabela 35. Questão 29: Confiável	83
Tabela 36. Questão 29: Conveniente	83
Tabela 37. Questão 29: Portátil	83
Tabela 38. Questão 29: Usabilidade	84
Tabela 39. Questão 29: Prático para longas leituras	84
Tabela 40. Questão 29: Prático para pesquisas	84
Tabela 41. Questão 29: Leitura por lazer	85
Tabela 42. Questão 26: Substituição do impresso por <i>e-book</i>	85
Tabela 43. Questão 30: Mudança do hábito de leitura	85
Tabela 44. Análise da questão 1 da entrevista	94
Tabela 45. Análise da questão 2 da entrevista	95
Tabela 46. Análise da questão 3 da entrevista	95
Tabela 47. Análise da questão 4 da entrevista	97
Tabela 48. Análise da questão 4.1 da entrevista	97
Tabela 49. Análise da questão 4.1.1. da entrevista	99
Tabela 50. Análise da questão 4.1.2. da entrevista	100
Tabela 51. Análise da questão 4.1.3. da entrevista	101
Tabela 52. Análise da questão 4.1.4 da entrevista	102
Tabela 53. Análise da questão 4.2. da entrevista	103
Tabela 54. Análise da questão 4.2.1. da entrevista	103
Tabela 55. Análise da questão 5 da entrevista	104
Tabela 56. Análise da questão 6 da entrevista	105
Tabela 57. Análise da questão 7 da entrevista	107
Tabela 58. Análise da questão 8 da entrevista	109
Tabela 59. Análise da questão 9 da entrevista	110
Tabela 60. Análise da questão 10 da entrevista	111
Tabela 61. Análise da questão 11 da entrevista	112
Tabela 62. Análise da questão 12 da entrevista	113
Tabela 63. Análise da questão 13 da entrevista	114
Tabela 64. Análise da questão 14 da entrevista	115
Tabela 65. Análise da questão 15 da entrevista	116
Tabela 66. Análise da questão 16 da entrevista	117
Tabela 67. Análise da questão 17 da entrevista	119

Tabela 68. Análise da questão 18 da entrevista	121
Tabela 69. Análise da questão 19 da entrevista	122
Tabela 70. Análise da questão 20 da entrevista	123

Abreviaturas e Símbolos

APEL	Associação Portuguesa de Editores e Livreiros
CENL	Conference of European National Librarians
DRM	Digital Right Management
ELINET	European Literacy Policy Network
GABRIEL	Gateway and Bridge to Europe's National Libraries
FAUP	Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
FADEUP	Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
FBAUP	Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
FCUP	Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
FCNAUP	Faculdade de Ciências da Nutrição e da Alimentação da Universidade do Porto
FDUP	Faculdade de Direito da Universidade do Porto
FEP	Faculdade de Economia da Universidade do Porto
FEUP	Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto
FFUP	Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto
FLUP	Faculdade de Letras da Universidade do Porto
FMDUP	Faculdade de Medicina Dentária da Universidade do Porto
FMUP	Faculdade de Medicina da Universidade do Porto
FPCEUP	Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto
ICBAS	Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar
IEA	International Association for the Evaluation of Educational Achievement
ISBN	International Standard Book Number
OeB	Open eBook
OeBPS	Open eBook Publication Structure
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
PISA	Programme for International Student Assessment
PIRLS	Progress in International Reading Literacy Study
ROPO	Research Online, Purchase Offline
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
XML	eXtensible Markup Language

1. Introdução

Na sociedade de informação atual, novas dinâmicas comunicacionais surgiram, resultantes do impacto das tecnologias digitais que contribuíram para a reconceptualização da constante troca de informação que, exponencialmente, se tem tornado cada vez mais rápida. A comunicação passou a ocorrer em escala global, principalmente graças à abertura da *Internet*, o que permitiu que os utilizadores passassem a ser simultaneamente consumidores e produtores da informação disponível, dando origem ao conceito de *prosumers*. Agora é possível criticar, publicar e partilhar diversos conteúdos no espaço digital e usufruir de informação gratuita e disponível à distância de um clique. O tempo é economizado com a velocidade dos processos de comunicação, para ser gasto nos restantes avanços das tecnologias digitais. Por essa razão, houve uma reestruturação dos contextos social, cultural e económico, fazendo com que se avance todos os dias em direção a um futuro cada vez mais inovador e dinâmico.

Resultante destes avanços, o livro impresso possui na sua família o *e-book*, um livro eletrónico que partilha o mesmo conteúdo, narrativa e autor, mas que ao contrário do seu primogénito é intangível e, portanto, dependente de um dispositivo físico que lhe dê vida. Talvez isto se trate da metáfora ideal para caracterizar a dependência das pessoas pelas tecnologias. Uma vez que a leitura sempre teve um papel fulcral na formação do homem como ser cognitivo, intelectual e social, é importante compreender quem lê, o que lê, onde lê e porque lê. Este conjunto de questões, pertencentes ao plano nacional de leitura, fazem ponderar a extensão desta mudança e do seu possível desfecho, assim como repensar qual é o lugar da leitura na sociedade contemporânea.

A leitura é uma condição básica e necessária a todo o conhecimento, uma competência multimodal de literacia que combina diferentes linguagens, textos e formatos e que estimula o crescimento de cada um como sujeito individual e em comunidade, sendo um critério de inclusão e cidadania. Não importa que transformações sofra, a sua essência e importância mantêm-se. De facto, as pessoas leem, talvez hoje, resultante das novas dinâmicas comunicacionais e da penetração da *Internet* na sociedade, ainda leiam mais. O que acontece é que o modo de ler se alterou. A leitura autónoma e solitária transformou-se num momento de partilha e diálogo e,

apesar de os *e-books* ainda serem uma prática relativamente nova para os portugueses, quando se observa o panorama global, verifica-se que, diariamente, é feita a divulgação de um novo *e-book*.

Numa altura em que a distribuição de informação e conhecimento superam limites e velocidades anteriormente inimagináveis e em que a leitura atravessa um processo de metamorfose, surge a necessidade de compreender as enormes transformações que ocorrem, de olhar para o passado para compreender o presente e projetar o futuro. Esta investigação, resultante da necessidade expressa, centra-se nos impactos que os *e-books* têm nos hábitos de leitura dos portugueses, bem como no setor editorial do país, de forma a preencher a lacuna da fraca oferta de dados relativamente aos *e-books* em Portugal.

1.1 Contexto/Enquadramento/Motivação

Quando se compara o presente com o passado é possível ter a perceção das mudanças que a sociedade tem sofrido. Hoje vive-se, de facto, numa aldeia global, onde a necessidade de adaptação às novidades constantes é fundamental. Houve uma modificação de rotinas, hábitos e até mesmo de empregos, o que se tornou caracterizador desta era de conhecimento, onde a informação se encontra cada vez mais disponível, de fácil e rápido acesso, à simples distância de um clique. Acredita-se cada vez mais na ecologia do pensamento, assente na partilha de ideias dando origem à criatividade e inovação. Cria-se e constrói-se mais.

As pessoas estão cada vez mais ligadas ao mundo digital caracterizado por uma constante alomorfia, devido aos vários avanços tecnológicos, à penetração da *Internet* e à propagação e abundância da informação. Diga-se alomorfia, porque assim como um morfema, a sociedade tem acompanhado várias mudanças na forma dos produtos, mas conservam sempre a sua função base, verificando-se apenas um aprimoramento dessas funções. O exemplo disso é o *e-book*. A transição para o digital tem grandes implicações ao nível do formato do livro tradicional, mas não altera as funções primárias de fornecer conhecimento e prazer, de estimular o pensamento crítico e de contribuir para a formação do homem como parte da sociedade e como sujeito individual. É importante compreender que as questões que surgem se prendem com a mudança de formato da versão impressa para a digital e no impacto deste novo suporte na continuidade do livro impresso.

É necessário compreender bem quanto é que o *e-book* vale efetivamente e avaliar as suas externalidades, não só nos consumidores, como nas editoras. Isto porque, no setor editorial, surgiram mudanças que colocaram em causa todo o modelo de negócio da indústria, o que levou a uma reestruturação obrigatória para garantir a sobrevivência num mercado em evolução. Já nos consumidores é importante compreender as novas experiências de leitura e a mudança nos hábitos de leitura. Em Portugal, serão essas mudanças positivas? Perante uma população que lê pouco, é importante ter em conta o papel deste novo meio na remediação de média anteriores. Esta dissertação pretende, objetivamente, compreender a lógica formal através da qual os *e-books*

remediaram os livros impressos e de que forma isso afetou ou não a leitura dos portugueses e toda a indústria editorial do país.

1.2 Problema(s), Hipótese(s) e Objetivos de Investigação

Esta dissertação consiste num estudo teórico e empírico, cujo principal objetivo é compreender o impacto dos *e-books* nos hábitos de leitura dos portugueses e na indústria editorial. Segmentando este objetivo, por um lado pretende-se compreender se existiram mudanças neste mercado ou não e, se sim, determinar as diferenças nos modelos de negócio das editoras portuguesas, demarcando as principais mudanças resultantes do aparecimento dos *e-books* e as perspetivas para o futuro do mercado editorial. Por outro, identificar os hábitos de leitura dos portugueses e de que forma modificaram ou não com o aparecimento dos *e-books*. Considerou-se que a abrangência da amostra para o tempo disponível para a realização da investigação prejudicaria os resultados, optando-se assim por restringir a amostra do estudo dos hábitos de leitura aos estudantes da Universidade do Porto, englobando todas as faculdades associadas.

Este estudo surgiu pela perceção de que Portugal se encontra bastante atrasado no que diz respeito aos livros eletrónicos, bem como pela escassez de informação sobre esta matéria. Sendo um tema cujos dados se encontram desatualizados, a investigação irá permitir atualizar os mesmos o que atribui uma componente de inovação a esta dissertação.

Surgiram assim algumas questões de investigação das quais se destacam duas e que estão refletidas no título desta dissertação:

1. Qual o impacto dos *e-books* nos hábitos de leitura dos portugueses?
2. Quais foram as principais transformações nas editoras com o aparecimento dos *e-books*?

São estas duas questões que servirão de base para a dissertação e que são de maior importância a ser respondidas. Resultante destas originaram-se outras que serão abordadas durante todo o estudo e que fornecem informações úteis para responder às duas anteriores.

3. Quais as diferenças entre um livro impresso e um *e-book*?
4. Quais as preferências no formato de leitura e de géneros literários dos portugueses?
5. Como é que as editoras se foram adaptando?
6. De que forma os *e-books* estimularam a leitura em Portugal?
7. Em que áreas de estudo são mais usados os *e-books*?
8. Que desafios ainda se colocam à indústria do livro?
9. Existe ou não a possibilidade de o livro impresso vir a desaparecer?
10. Que variáveis influenciam o processo de tomada de decisão do consumidor na escolha do formato de leitura?

Tendo em conta todas estas questões, a dissertação permite refletir sobre as mudanças provocadas pelas tecnologias digitais no livro impresso e contribuirá para a atualização dos escassos dados disponíveis sobre a situação em Portugal. Permitirá ainda compreender se o *e-*

book será ou não um produto de sucesso no mercado nacional, qual a sua importância na indústria livreira e como se encontra a atual relação dos leitores portugueses com o *e-book*.

O contributo desta dissertação passa por fornecer dados objetivos sobre as possíveis mudanças que poderão ser identificadas, não só em termos de oferta e leitura dos *e-books* entre os portugueses, como também nos modelos de negócio editoriais, realizando uma reflexão crítica sobre as mesmas, de forma a compreender qual o seu impacto em Portugal.

1.3 Metodologia de Investigação

Este estudo possui um desenho metodológico de carácter de design não experimental e será uma investigação de abordagem mista, sendo simultaneamente quantitativa e qualitativa, onde serão implementados dois procedimentos na recolha de dados. O primeiro centra-se na estruturação e realização de um inquérito aos estudantes da Universidade do Porto, para identificar os seus hábitos de leitura e compreender se o aparecimento dos *e-books* teve alguma influência nas possíveis mudanças desses mesmos hábitos. O segundo, será através da realização de entrevistas a um nicho de editoras portuguesas para compreender as principais transformações, receios e a postura adotada para com os *e-books* como um estímulo à leitura nesta era tecnológica. Estes instrumentos são considerados os melhores métodos de recolha de dados, primando pela eficácia e simplicidade, permitindo obter uma boa quantidade de informação de forma a sustentar todo o estudo. Nesta investigação, têm como propósito a recolha de informações comportamentais, de crença e de atitude sobre o impacto que os *e-books* têm e tiveram em termos editoriais, de consumo e de leitura.

Procedeu-se assim à divulgação de um questionário com 31 questões direcionado aos estudantes de 14 instituições da Universidade do Porto. O mesmo engloba os graus académicos de licenciatura, mestrado e doutoramento. Sendo o método mais prático e eficaz para alcançar os estudantes de cada instituição, o questionário encontra-se dividido em 2 partes, sendo que a primeira se destina a compreender os hábitos de leitura dos livros em formato impresso e a segunda, já direcionada aos estudantes que têm conhecimento do que é um *e-book*, foca-se no mesmo objetivo, mas para o formato digital. Os dados recolhidos são de natureza quantitativa e terão um tratamento estatístico.

A escolha da amostra deveu-se ao reconhecimento dos estudantes como a percentagem mais representativa de leitores em Portugal e pela proximidade à Universidade do Porto, permitindo alcançar os estudantes das diversas faculdades através do e-mail dinâmico. Foi decidido não incluir outras instituições para melhor controlo dos dados, evitando erros e dispersões na análise e descrição da amostra. Esta decisão deveu-se também a uma limitação de tempo, sendo preferível reduzir a amostra e garantir a qualidade dos dados da mesma.

Relativamente à indústria editorial, foram realizadas entrevistas estruturadas e semi-estruturadas a 5 editoras nacionais com o fim de obter conclusões sobre as mudanças e adaptações

efetuadas, bem como para compreender a situação atual, a opinião e posição dessas editoras sobre a realidade dos *e-books*. Só foi possível contar com a colaboração de 5 editoras, devido a ausência de resposta por parte das restantes que foram contactadas, num total de aproximadamente 60.

Posteriormente proceder-se-á ao levantamento das respostas, análise de dados e cruzamento das informações. No inquérito pretende-se recolher dados demográficos como idade, género e ocupação atual. Um domínio direcionado aos valores e atitudes, percebendo gostos, hábitos, dificuldades, se existe o costume da leitura, qual a preferência de formato, conhecimento e uso dos *e-books* e outras questões que permitirão obter uma informação mais detalhada nas opiniões e preferências dos participantes analisados, bem como identificar possíveis mudanças. Já com as entrevistas pretende-se recolher dados sobre os processos de adaptação, as transformações no modelo de negócio e na cadeia de valor das editoras, possíveis períodos de crise e de superação da mesma, principais transformações no setor e na própria editora, posicionamento crítico sobre os *e-books* e o futuro da indústria livreira.

1.4 Estrutura da Dissertação

Para além da introdução, esta dissertação contém mais 5 capítulos. No capítulo 1, é descrito o estado da arte e são apresentados vários estudos, pontos de vista, opiniões e projetos relacionados com o tema desta dissertação. O capítulo 2 divide-se em 5 subcapítulos. O subcapítulo 2.1 aborda a leitura na vida dos portugueses. No 2.2. é analisado o impacto que a sociedade digital atual teve e tem na cultura do livro, verificando a importância da literacia digital e o comportamento do consumidor atual devido ao *e-commerce* e a penetração da *Internet*. No sub-capítulo 2.3 é feita uma contextualização do conceito de *e-book* abordando a sua definição, história, dicotomia com o livro impresso, o seu mercado, vantagens e desvantagens e as questões mais polémicas como a pirataria, o *Digital Right Management (DRM)*, o preço, a linguagem e perceção por parte dos leitores. O 2.4 é dedicado à análise dos *e-readers* e o 2.5 às transformações editoriais devido à emergência dos *e-books*.

No capítulo 3, explica-se a metodologia de investigação, apresentando na secção 3.1 o inquérito feito aos estudantes portugueses e na 3.2 as entrevistas realizadas às editoras. O capítulo 4 dedica-se à análise dos resultados obtidos e o 5 às conclusões do estudo, adversidades na realização da dissertação e possibilidade de trabalho futuro. O capítulo 6 dedica-se às referências bibliográficas que serviram de base para toda a escrita desta dissertação.

2. Revisão Bibliográfica

Esta dissertação apresenta diferentes abordagens de perspectivas e opiniões, de autores como Jay David Bolter, Richard Grusin, Henry Jenkins, Marshal McLuhan, Pedro Coutinho, entre outros e de organizações como o Instituto Nacional de Estatística, Grupo Marktest e Aptara. Todos os autores referenciados permitem contextualizar um conjunto de fatores úteis para sustentar todo o estudo sobre o impacto dos *e-books* nos hábitos de leitura dos portugueses e na indústria editorial. Todo este capítulo de estado da arte combina diferentes perspectivas organizadas por um fio condutor lógico que guiará todo o estudo.

2.1 A leitura na vida dos portugueses

O mundo tem assistido a profundas mudanças com a evolução das tecnologias digitais, que contribuíram para a reconceptualização da comunicação, que passou a ocorrer em escala global e a uma velocidade impressionante. Houve ainda uma reestruturação dos contextos social, cultural e económico numa sociedade onde a informação é cada vez mais gratuita e de fácil acesso, encontrando-se disponível à distância de um clique. No meio de todas estas mudanças era inevitável que os hábitos de leitura e a indústria editorial se alterassem. Apesar disso, a leitura continua a desempenhar um papel importante na sociedade. De facto, é uma condição básica a todo o conhecimento pessoal e interpessoal, necessária para a formação do homem como ser racional, intelectual e social. Permite combinar linguagens, textos e formatos, estimula o pensamento crítico e melhora a aceitação de diferentes pontos de vista em relação a diversos temas (PNL, 2017, p.7).

A evolução da leitura permitiu que as pessoas se tornassem cada vez mais instruídas, porque a sua essência permite a descoberta, a partilha de ideias e aquisição de novos conhecimentos. As pessoas leem porque têm consciência da sua importância para a formação de um ser humano mais completo e da sua contribuição na melhoria da capacidade cognitiva. Conseguem assim produzir

uma quantidade infinita de frases, cada uma com um significado distinto e comunicar um prodigioso manancial de informação sobre o mundo que os rodeia (Harari, 2017).

De realçar ainda que o homem sempre possuiu a necessidade de contar histórias, narrativas que o permitissem perceber o mundo na sua plenitude e é através da escrita e da criação dos livros que passa a eternizar o conhecimento. Com a leitura as pessoas ganham a oportunidade de adquirir esse conhecimento, assim como de enriquecer o vocabulário, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Destarte, torna-se claro que o livro tem um impacto tremendo na sociedade (Warwick, 2003, p.4). Por essa razão, a leitura é um hábito adquirido desde cedo e as escolas têm desempenhado um papel fulcral no seu aperfeiçoamento (Yubero et al., 2014).

No entanto, não se pode excluir a importância dos pais na criação de hábitos de leitura, visto desempenharem papéis de influência relevante, uma vez que as suas ações se repercutem na criança, ou seja, se uma criança vê a figura paternal/maternal a ler, muito provavelmente terá curiosidade de imitar e replicar a ação. De facto, 94% dos leitores cumulativos aprenderam a ler até aos 7 anos (Santos et al., 2007, p.58).

Apesar de não se poder estabelecer uma relação direta entre os níveis de escolaridade e os hábitos de leitura, o aumento da escolarização parece traduzir-se num aumento dos índices de leitura, tanto em versões impressas, como *online* (Lopes, 2011, p.15). Em Portugal a taxa de analfabetismo diminuiu de forma exponencial. Enquanto em 1981 a taxa era de 18,6%, em 2011 o seu valor já era de 5,2%, o que revela um decréscimo acentuado representativo de uma tendência descensional que felizmente se continua a verificar até os dias de hoje (Soares, 2018). No entanto, a alfabetização do país não se relaciona com os hábitos de leitura dos portugueses, porque apesar de ser uma população cada vez mais alfabetizada, continua a ser das que menos lê nas médias europeias.

Os países com maior índice de leitura (figura 1) são a Suécia com 72%, Finlândia com 65% e Reino Unido com 63%, sendo que Portugal é dos países que menos lê com um índice de apenas 32%. Quando se observa o panorama português, verifica-se um aumento no número de inscrições realizadas nas bibliotecas públicas entre 2012 e 2015, tal como representado na figura 2, sendo que em 2016 foram publicados 16598 livros. A maioria da população diz que costuma ler livros (91.4%), sendo que em média dizem ter entre 50 a 100 títulos em casa. Desses, 29.9% afirma ler entre 3 a 5 livros por ano, leitura essa que é feita sobretudo por prazer. Quando comparados os géneros feminino e masculino, na figura 3, observa-se que são as mulheres quem mais lê em Portugal. Quando dividido por faixas etárias, os portugueses que se encontram a ler um livro entre os 14 e 24 anos é de 42,6%, sendo o valor mais elevado. A partir daí, os valores vão reduzindo, sendo que entre os 55 e os 64 anos apenas 8% se encontra a ler um livro, como apresentado na figura 4 (Carita, 2017).

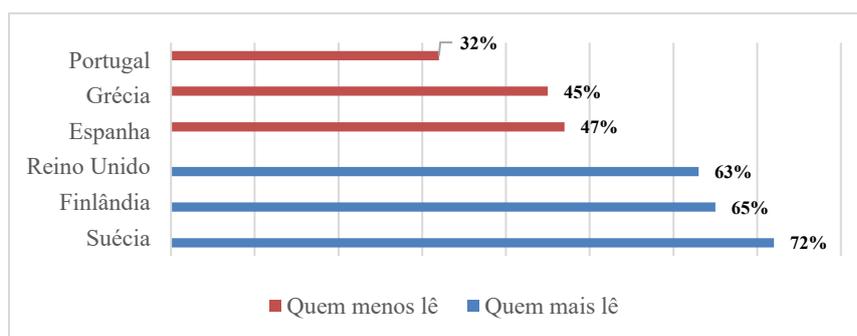


Figura 1: Índice de leitura na Europa.

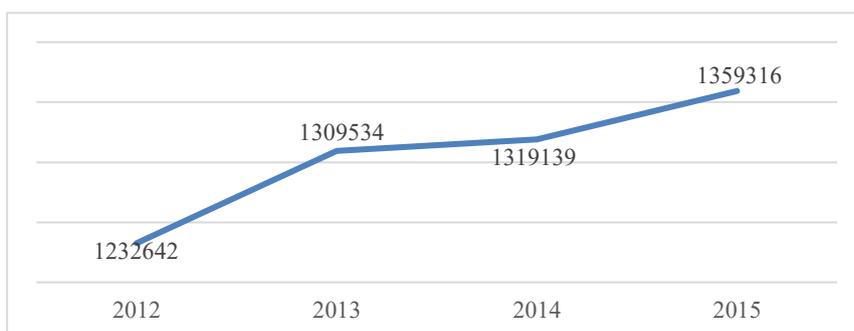


Figura 2: Inscrições nas bibliotecas públicas entre 2012 e 2015.

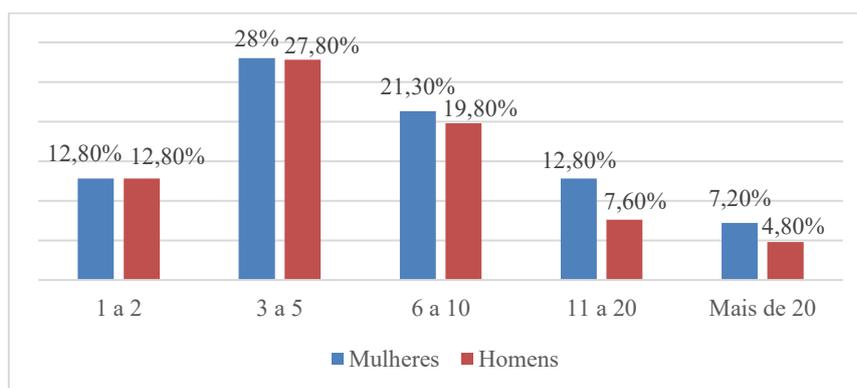


Figura 3: Livros lidos por ano de acordo com o género.

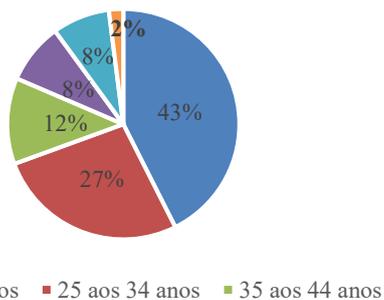


Figura 4: Percentagem de leitura por faixas etárias.

Quanto às preferências de leitura, os romances e os autores contemporâneos estão entre os preferidos. A leitura de autores portugueses é mais comum do que a tradução para língua portuguesa de autores estrangeiros e as livrarias continuam a ser o sítio preferido para comprar livros (Santos et al., 2007, pp.53-186). Analisando as classes sociais, 86.7% das classes alta e média alta e 55,5% das baixa e média baixa leem livros (Grupo Marktest, 2015).

Estes dados permitem afirmar que o perfil dos leitores portugueses é maioritariamente do sexo feminino, jovem e escolarizado, de onde se destacam os estudantes (Carita, 2017) e sobre os quais foram realizados vários estudos. Um deles é integrado no Plano Nacional de Leitura em 2007 designado de “Os Estudantes e a Leitura” (Lopes, 2011, p.8), cujos dados se encontram ilustrados na tabela 1. Estes revelam que com o avançar no ciclo de estudos há um descréscimo do gosto pela leitura por parte dos estudantes, principalmente na mudança do 2º para o 3º ciclos, sendo que no ensino secundário, se verifica um incremento ainda que pouco significativo, uma vez que têm preferência por outras atividades como a prática de desporto (Lopes, 2011, p.9).

Tabela 1. Gosto pela leitura de acordo com o grau de escolaridade.

Gosto pela leitura	
1º ciclo	61%
2º ciclo	90%
3º ciclo	22%
Ensino secundário	24%

Outro estudo direcionado para os estudantes é o *Progress in International Reading Literacy Study* (PIRLS) da *International Association for the Evaluation of Educational Achievement* (IEA) que mede o desempenho em leitura de crianças que frequentam o 4º ano. Em 2011, Portugal ficou em 19º lugar com 541 pontos, ficando acima do valor médio da tabela. No entanto, em 2016 desceu para o 30º lugar com 528 pontos (Equipa dos Estudos Internacionais, 2017). Isto relaciona-se com a influência dos pais e da escola nos hábitos de leitura das crianças, já referida anteriormente neste capítulo, pois segundo dados do mesmo estudo, apesar da disponibilidade de livros infantis nas casas portuguesas ser de 12%, estando próxima da média europeia (11%), apenas 8% dos alunos portugueses confirmaram ter mais de 200 livros, enquanto que a média é de 12%. Para além disso, apenas 14% dos estudantes afirma ter mais de 50 livros nas salas de aula e 24% frequenta escolas que nem sequer possuem biblioteca (ELINET, 2016). Se as escolas não se apresentarem devidamente preparadas para oferecer livros e realizar iniciativas que estimulem a leitura, é normal que estes valores continuem a diminuir.

No entanto, em sentido contrário ao PIRLS, no último *Programme for International Student Assessment* (PISA) da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), realizado em 2015 e que avalia a leitura e a literacia financeira dos jovens de 15 anos, os portugueses alcançaram 488 pontos em leitura, sendo Portugal considerado um dos países que

apresenta uma melhoria mais consistente nos resultados desde 2000 (PNL, 2017, pp.15-16). Apesar de este estudo apresentar resultados mais positivos, quando se compara com o PIRLS, pode-se concluir que em Portugal se verifica uma notável diminuição da motivação em leitura desde o 4º ano de escolaridade (PIRLS) até aos 15 anos (PISA) (ELINET, 2016, pp.7-8).

Já no ensino universitário, a leitura de livros é uma prática comum a 88% dos estudantes, onde quase 30% lê livros todos os dias e apenas 1.2% nunca lê, isto deve-se à leitura de livros técnicos obrigatórios da sua formação (Yubero et al., 2014, p. 9). É ainda uma das atividades elegidas pelos estudantes universitários para ocupar o tempo livre, sendo que quase 60% considera ter um bom nível de leitura. Leem sobretudo romances e apesar das mulheres continuarem a ler em maior número, são os homens quem lê mais frequentemente (Yubero et al., 2014, pp. 10-11). Em 2013, mais de 90% dos alunos admitiu ter lido durante o ano, sendo que 7.4% leu mais de 20 livros, leitura essa feita por gosto ou para se informar (Yubero et al., 2014, p.12).

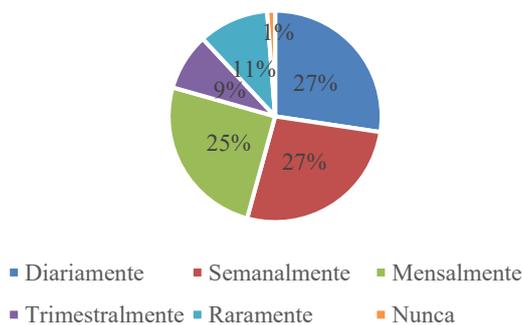


Figura 5. Frequência de leitura entre estudantes universitários.

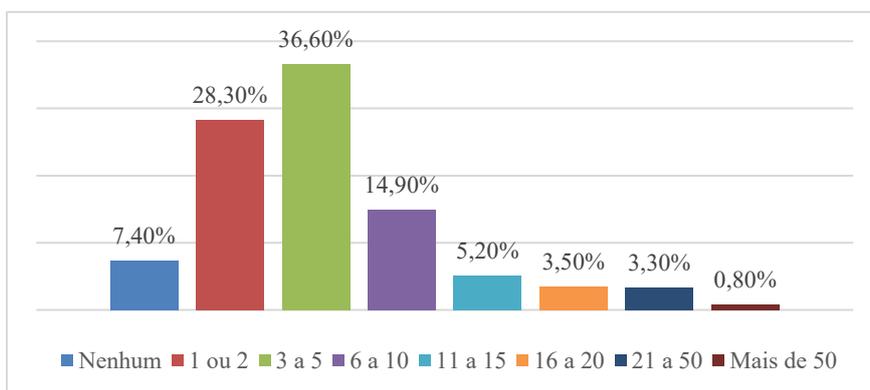


Figura 6: Número de livros lido por ano pelos estudantes universitários.

Os estudantes são de facto a grande fatia de leitores em Portugal, por isso quando comparados com o panorama geral do país compreende-se a influência que possuem nos resultados. Mas, é também importante perceber que são os estudantes quem mais lida com as tecnologias e revela maior facilidade de adaptação às mesmas e numa era de abundância informativa, onde as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) têm contribuído decisivamente para uma reconceptualização acelerada dos contextos social, cultural e económico, é normal que se presencie uma época de convivência entre o digital e o analógico. Portanto, é natural que surjam cada vez mais dispositivos tecnológicos para aceder e consumir qualquer conteúdo de texto, o que leva a que os hábitos de leitura estejam a mudar, principalmente entre estes estudantes universitários. Agora a leitura engloba não só os livros impressos, mas também os *e-books*. De acordo com o inquérito “Sociedade em Rede” de 2011, 13% dos inquiridos leu *online* ou fez *download* de livros, 1.5% possuía *tablets* e 1% leitor de *e-books*, também conhecidos por *e-readers* (PNL, 2017, pp. 15-16).

Sendo então os estudantes quem mais lê e quem mais lida com as novas tecnologias, será que a leitura passará a ser exclusivamente através de *e-books*? Um estudo realizado por Ana Terra (2015) entre estudantes portugueses revelou que não existe uma preferência exclusiva por *e-books*. Aliás, quando os textos eletrónicos possuíam mais de 7 páginas a maioria dos estudantes optava por os imprimir, pois afirmaram sentir maior facilidade de concentração e por valorizarem a possibilidade de anotar e sublinhar à sua maneira.

Apesar dos estudantes, quando submetidos a um teste de compreensão de leitura, revelarem melhor pontuação quando leem em formato impresso, admitem utilizar tanto um como outro formato, tirando proveito das características de cada um que consideram que mais os beneficia. Assim sendo, Ana Terra concluiu que os formatos impresso e digital são complementares e que as suas características acabam mesmo por estimular uma partilha do uso, usufruindo de ambos. No entanto, a autora partilhou um estudo que apresentava resultados contrários aos seus, conduzido por Rockinson-Szapkiw, e que revelava que estudantes que preferem *e-books* têm uma capacidade de aprendizagem significativamente mais alta do que os que preferem livros impressos (Terra, 2015).

É possível concluir que Portugal tem muito a melhorar comparativamente com as médias europeias. Apesar de estar a ir num bom caminho, é importante que saiba tirar proveito desta nova cultura digital e de todos os avanços tecnológicos e comunicacionais que têm surgido. Só assim conseguirá aumentar o número de leitores portugueses e contrariar a tendência de desinteresse pela leitura dos estudantes do ensino básico até ao ensino secundário. Pode-se também concluir que os estudantes universitários são de extrema importância, possuindo relações interessantes com os livros, tanto em formato impresso como digital e que comprovam que, atualmente, o modo de ler alterou-se e que a leitura autónoma e solitária se transformou num momento de partilha e diálogo (Soares, 2018).

2.2 Impacto da sociedade digital na cultura do livro

É evidente o impacto que as novas TIC têm tido numa sociedade cada vez mais digital. Em Portugal, o número de agregados familiares que possuem um computador e têm acesso à *Internet* tem aumentado significativamente e isso é resultado das constantes transformações digitais e adaptações pelas quais as sociedades têm atravessado (Santos et al., 2007, p.36). Presencia-se uma era de convergência das plataformas digitais e dos consumos em *crossmedia* (Amaral et al., 2017, p.107), onde o mundo se tornou numa aldeia global, tal como McLuhan cunhou, e têm sido quebradas barreiras que limitavam a circulação e aquisição de informação e conhecimento (Fornelos, 2013, p.1).

Os últimos anos têm sido caracterizados por mudanças sociais e uma revolução tecnológica, que modificaram a forma como as pessoas comunicam, acedem à informação e interagem (Souza, 2015, p.1). Bolter e Grusin (2000) afirmam que as tecnologias digitais estão a proliferar cada vez mais rápido, sendo difícil acompanhar esse ritmo. As tecnologias mais antigas tentam reafirmar o seu estatuto à medida que os média digitais as vão desafiando e conquistando mais espaço. Isto faz com que tanto novos como velhos média estejam a invocar uma lógica de imediácia e hipermediácia nos seus esforços de reformulação. Os livros são um dos exemplos mais atuais desta situação.

Atualmente, vive-se na terceira grande revolução do livro. A primeira deveu-se à passagem do rolo para o códice, a segunda à invenção da imprensa de caracteres móveis de Gutenberg e a que se vive nos dias de hoje revolucionou os meios e formas de leitura, com uma mudança nos suportes, nas formas de reprodução, produção e disponibilização dos livros (Pinheiro, 2014, p.1). No passado, as invenções tanto do códice, como da imprensa de caracteres de Gutenberg, não modificaram os meios de reprodução ou a forma do livro, ofereceram sim uma estabilidade nas técnicas de reprodução dos textos. No entanto, atualmente, estes momentos estão perfeitamente interligados para caracterização desta terceira revolução (Furtado, 2002).

Isto faz com que a perceção que se tenha do livro seja diferente de geração para geração, não só na forma como se adquire o livro, mas também como é interpretado, como e quando é lido. É imperativo nos dias de hoje ser próximo das tecnologias digitais e isso passa não só por detê-las, mas por conhecê-las e saber usá-las. Por essa razão é que a literacia digital é tão importante para garantir uma sociedade desenvolvida e instruída.

2.2.1 Importância da literacia digital

A geração contemporânea caracteriza-se por pessoas que estão em constante estado de adaptação. Atualmente, as sociedades possuem culturas próprias, mas unem-se através de uma cultura comum e universal a todas, a digital. As novas relações sociais concretizam-se na ligação entre homens e redes baseadas em metadados, conteúdos e funcionalidades coletivas. Estes ambientes em rede promovem um novo tipo de participação social, um *networking* constante que

juntamente com a propagação da *Internet* transformaram o conceito de utilizador em *prosumer*, onde a pessoa é simultaneamente consumidora e produtora de informação, e transformaram também o funcionamento das empresas que passaram a apostar na ideia de partilha e do *online* (Leadbeater, 2010). A literacia digital é hoje, mais do que nunca, um componente obrigatório para inclusão na sociedade cada vez mais *online*.

Esta cultura digital promove o uso de *software* livre e de circulação de informação, assim como apela à criatividade dos *prosumers*. São eles a razão da maioria dos conteúdos disponíveis na *Internet*. Eles criam, mas também decidem que conteúdos consumir. Esta característica da sociedade atual é extremamente enriquecedora, pois “viabiliza a democratização da gestão e do acesso ao conhecimento e permite a realização plena do indivíduo e do cidadão enquanto ser cultural” (Silva, 2009, pp.33-34).

São cada vez mais as pessoas que se encontram *online*, dado comprovado em estudos internacionais, sendo que nove em cada dez jovens utiliza a *Internet*. Já num estudo das “Práticas e consumos dos jovens portugueses em ambientes digitais”, 90% dos jovens afirma aceder à *Internet* todos os dias, através de diferentes dispositivos, dos quais o primeiro é o computador portátil, com 1666 respostas entre as 1814 obtidas, o segundo é o telemóvel com 1439 e, em terceiro lugar, o *tablet* com 702 (Amaral et al., 2017, pp. 111-118). Os valores encontram-se expressos em percentagens na tabela 2.

Tabela 2. Equipamentos usados para ligação à *Internet*.

Computador portátil	91.8%
Telemóvel	79.3%
<i>Tablet</i>	38.7%
Computador da escola	22.8%
Televisão	7.9%
Outros	4.5%

Na população portuguesa também se assiste a um constante processo de crescimento da expansão da rede digital, sendo que em 2016, 74% dos agregados familiares possuíam ligação à *Internet*, um crescimento de 20% face a 2010 (INE, 2017).

Todos estes estudos demonstram o crescimento da relevância da *Internet* e das tecnologias digitais na vida das pessoas, comprovando a importância e necessidade da literacia digital nos dias de hoje. A literacia refere-se ao processo de aquisição de conhecimentos através da leitura e da escrita, à capacidade individual de se descodificar e compreender informação e à participação ativa na sociedade (Souza, 2015, p.28). Isto comprova que só se consegue adquirir novas competências digitais se se tiver adquirido as básicas, nomeadamente a leitura e a escrita (DataAngel Policy Research Incorporated, 2009, p.9). Em contexto das práticas e consumos digitais, as gerações mais novas têm comportamentos distintos das restantes. Não só pela diversificação de dispositivos utilizados e preferência por conteúdos distintos, mas pelos acessos

à informação e ao conhecimento. O *digital divide* ocorre nessa lógica. É uma questão social que se refere à quantidade de informação entre aqueles que têm acesso à *Internet* e às TIC e aqueles que não têm. Comparando com as gerações mais novas, as mais velhas possuem, de facto, um fosso geracional no que toca a esta questão (Amaral et al., 2017, p. 110). Portugal possui um *digital gap*, pois quando comparado com 28 países envolvidos no *European Literacy Policy Network* (ELINET), ocupa apenas o 17º lugar no índice de “*Networked Readiness*” que compreende quatro sub-índices que medem: o ambiente para as TIC, a disponibilidade de uma sociedade para as usar, o uso real dos principais *stakeholders* e os impactos que as TIC geram na economia e na sociedade (ELINET, 2016, p.23). Apesar da população ser cada vez mais adepta das novas tecnologias digitais, é necessário haver um esforço conjunto para contrariar estes dados e apresentar valores mais positivos, permitindo subir de posição na tabela.

2.2.2 Perfil e comportamento do consumidor atual

O mundo atual exige um elevado nível de literacia digital. Isto fez com que as pessoas se fossem adaptando às diferentes exigências do mercado e as empresas reagiram da mesma forma. A *Internet* não mudou apenas o comportamento das pessoas, mas também modificou a comercialização de bens (Silva et al., 2016, p.251), sendo “premente a ideia de que o consumo digital é ativo, por oposição ao consumo passivo dos media tradicionais” (Amaral et al., 2017, p. 108). A verdade é que, resultante da integração da *Internet* na vida das pessoas e organizações, surgiu um conceito que já se tornou familiar dos dias de hoje: o comércio eletrónico, também designado por *e-commerce*. Só em 2017, o *e-commerce* europeu aumentou 12.75% atingindo valores de aproximadamente 540 mil milhões de euros (Ecommerce Europe, 2018, p.2). Em Portugal, o comércio eletrónico possui milhões de adeptos, cada um com uma média anual de gastos de 911€ (Silva et al., 2016, p.251).

No *European E-commerce Report* de 2018, Christian Verschueren admite que a digitalização mudou a forma como as pessoas compram, mas também como as empresas vendem. Classifica esta mudança como um processo de rutura positiva que continuará a trazer novas tecnologias e formas de interação com os consumidores. Por essa razão, o *e-commerce* continua e continuará a crescer (Ecommerce Europe, 2018, p.3).

Segundo o mesmo relatório, a utilização da *Internet* na Europa tem crescido de forma constante e isso passa não só pelo *e-commerce*, como também por um grande uso das redes sociais. Tendo em conta a população portuguesa, em 2017 a presença *online* em Portugal era de 73,20%, sendo 36% relativo a compradores *online* e 59% a utilizadores de redes sociais. Dos compradores, 85% são relativos a compras fora do país, classificando Portugal em segundo lugar no *ranking* europeu dos maiores compradores *cross-border*, como se encontra visível na figura 7 (Ecommerce Europe, 2018, pp.48-99). Das plataformas de comércio eletrónico, a Amazon e o eBay dominam, sendo que o segundo é o mais usado em Portugal. O método de pagamento mais escolhido pelos portugueses é o ATM e, em termos de distribuição, preferem receber as

encomendas e compras em casa. Ambos os dados são apresentados na tabela 3 e 4 (Ecommerce Europe, 2018, p.22-99).

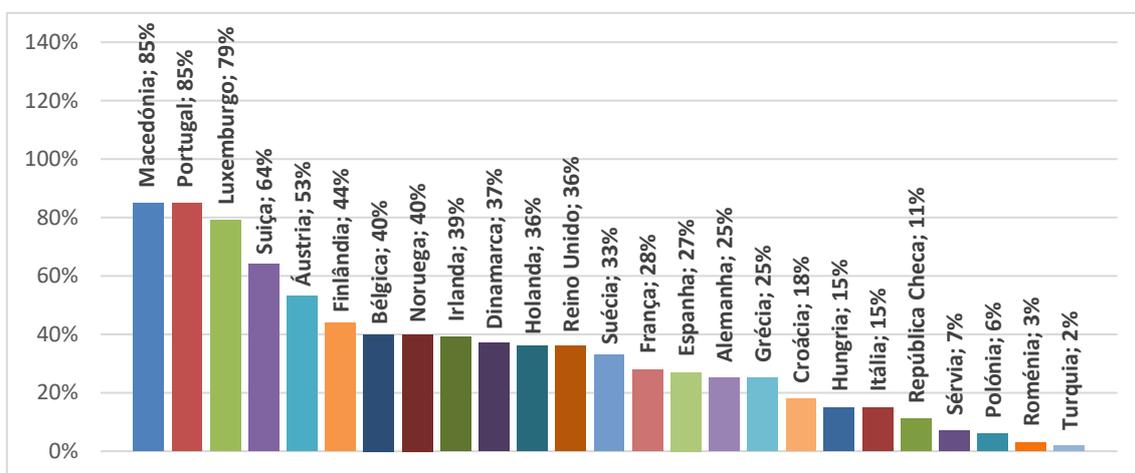


Figura 7. Ranking de compras *cross-border* nos países da União Europeia. (Ecommerce Europe, 2018)

Tabela 3. Métodos de pagamento preferidos pelos portugueses. (Ecommerce Europe, 2018)

Método de pagamento	
ATM	32.5%
Cartão de crédito	25.5%
PayPal	21.9%

Tabela 4. Métodos de distribuição preferidos pelos portugueses. (Ecommerce Europe, 2018)

Método de distribuição	
Entrega em casa	78%
Entrega no trabalho	26%
Entrega nos correios	17%
Entrega nas lojas	9%

Relativamente aos dispositivos mais utilizados para aceder à *Internet* destacam-se o computador portátil e *tablet*. Quanto à frequência de utilização, cada utilizador visita uma média de 585 páginas *web* por mês e passa cerca de 6 horas a navegar na *Internet*, sendo que 49% admite realizar pesquisas diariamente.

Olhando para o futuro, considera-se que Portugal, no ano de 2020, terá 84% da população *online*, o que equivale a mais de 9 milhões da população. Para além disso, estima-se que cada

consumidor *online* gaste mais de 1000€ em compras. Estas estimativas revelam o quanto Portugal tem acompanhado as evoluções tecnológicas e digitais que caracterizam a sociedade atual (Ecommerce Europe, 2017, p.22). No entanto, apesar de todos os dados a revelarem um país cada vez mais *online*, caracteriza-se pela forte tendência de *Research Online, Purchase Offline* (ROPO), visto que a maioria dos portugueses admite utilizar a *Internet* para se informar e pesquisar sobre o produto que pretende adquirir, mas que prefere realizar a compra na loja física (Fornelos, 2013, p.16).

Apesar desta tendência de ROPO, é possível afirmar que a introdução de novas tecnologias alterou os padrões de consumo da grande maioria dos consumidores, verificando-se um forte crescimento no *online* (Fornelos, 2013, p.10). Os *e-books* viram neste meio a oportunidade perfeita para crescerem e se inserirem na vida das pessoas (Silva et al., 2016, p.251). No entanto, a indústria dos livros destaca-se das restantes pelo facto de a introdução do digital não ter desencadeado o mesmo efeito disruptivo, uma vez que os consumidores continuam a revelar uma forte preferência pelo formato físico (Martins, 2014, p.i). Notícias e estudos recentes revelam que os consumidores mais jovens, que já nasceram num mundo digital, se caracterizam por serem quem revela maior interesse no analógico (Sax, 2017). A geração X, pessoas nascidas entre os anos 60 e 80, revela maior preferência para o impresso e a geração Z, pessoas que nasceram nos anos 90, a que mais consome *e-books*, sendo também a que possui um maior número de não-leitores (Silva et al., 2016, p.254).

Em Portugal, continua-se a preferir o livro impresso. Apesar do interesse significativo por livros eletrónicos resultante do lançamento do Amazon Kindle em 2007, Portugal foi dos países que menos reagiu mantendo a preferência por livrarias e lojas tradicionais de venda de livros. Aliás, a principal mudança que se verificou nos portugueses relativamente ao comportamento de compra no segmento dos livros foi um crescimento nas encomendas *online*. Apesar do potencial da tecnologia digital, o consumidor português parece manter a preferência pelo livro tradicional (Martins, 2014, p.61).

É impossível negar o crescimento que o mercado digital tem tido em Portugal, muito menos o impacto da *Internet* e o aumento do consumo *online*. No entanto, os consumidores debatem-se com um dilema entre digital e analógico e tentam manter um equilíbrio entre ambos, visto verificar-se não conseguirem abdicar de nenhuma das partes (Sax, 2017). O caso dos livros é o exemplo mais discutido atualmente, levando para a questão: o que é afinal o *e-book* e será que tem futuro em Portugal?

2.3 Contextualização do conceito de *e-book*

É inegável a quantidade de mudanças que o mundo tem sofrido com a revolução digital, sendo inevitáveis as transformações na indústria livreira. Esta nova era trouxe facilitismo e comodismo, onde é “cómodo durante as viagens, de metro ou de autocarro, ir a ler um livro que

quando nos levantamos da cadeira não nos pesa na mochila” (Coutinho, 2018). De facto, foi isto que os *e-books* trouxeram: uma nova forma de leitura em dispositivos eletrónicos já existentes, facilitando a vida de qualquer pessoa que quer ler, a qualquer hora, em qualquer lugar (Coutinho, 2018).

Quem lê *e-books* encontrou uma ferramenta que facilita o acesso à leitura, o que estimula o gosto pela sua prática, contribuindo para o aumento da literacia. Um *e-book*, de forma simplificada, não é mais do que a representação eletrónica do livro impresso, que pode ser acedido em qualquer altura e que carrega consigo a possibilidade de aceder a livros antigos e até mesmo esgotados em lojas físicas, uma vez que não existe um *stock online*, garantindo a constante disponibilidade dos mesmos. Visto terem custos reduzidos de produção e distribuição, os preços dos *e-books* são mais baixos comparativamente com os livros impressos (Silva et al., 2016, p.252).

Portugal encontra-se um pouco atrasado relativamente aos restantes países da União Europeia, no entanto, os dados são favoráveis à adoção de *e-books*. Isto porque, como foi visto no subcapítulo anterior, os portugueses usam cada vez mais as tecnologias associadas à *Internet*. São cada vez mais uma população digital e isto facilita a entrada dos *e-books* no mercado português (Silva et al., 2016, p.253).

Vive-se num novo panorama de transformações que conjuga duas culturas diferentes: a do livro e a da multimédia. Enquanto na primeira se associa o analógico, com os livros impressos. Na segunda fala-se de um conjunto de conceitos como hipermédia, hipertextualidade, imediácia, hipermediácia e remediação que, conjugado com a primeira cultura, resultam nos *e-books*. (Lourenço, 2014, p.16) Atualmente, fala-se do “*Ceci n'est pas un livre*” que levanta as mesmas questões da obra de René Magritte “*Ceci n'est pas une pipe*”, pois até que ponto é que o *e-book* é um livro? Talvez não passe da representação eletrónica do livro, mas haverá algo mais? (Warren, 2010, p.39)

2.3.1 Definição de *e-book*

O conceito de *e-book* resulta da abreviatura de *electronic book* introduzido por Alan Kay com a sua proposta do *Dynabook*, um computador pessoal portátil, em 1968 (Carvalho, 2012, p.6). Este conceito de *e-book* engloba vários sentidos, designando não só textos digitalizados, como versões eletrónicas de livros físicos e até livros eletrónicos que já conjugam o multimédia, combinando texto com animação, interatividade e realidade aumentada (Pinheiro, 2014, p.2).

É, portanto, um objeto digital que contém conteúdo textual e multimédia, resultante da junção da cultura do livro e da cultura multimédia que permitiu integrar no conceito do livro componentes do meio eletrónico e digital. Possuem características de utilização como motores de pesquisa, possibilidade de sublinhar, anotar e marcar, hiperligações e conteúdo multimédia interativo. Estas características vão sendo modificadas acompanhando as transformações digitais, culturais e comerciais que têm influência no desenvolvimento do *e-book* (Carvalho, 2012, p.7).

Os *e-books* são vendidos *online* em diferentes plataformas e podem ser lidos em *e-readers*, que são suportes de leitura dos *e-books*, ou em *tablets*, *smartphones* e computadores (Carvalho, 2012, p.7). Permitiram um acesso mais rápido à informação, indo de encontro às necessidades do consumidor que passa a aceder apenas aos conteúdos do seu interesse, utilizando os motores de pesquisa característicos deste formato e que lhe permitem consultar o fragmento que contém a informação que precisa (Cristóvão, 2013, p.4).

Como é normal, as novas tecnologias herdaram características das que lhes são anteriores e evoluem de forma a superar limitações e proporcionar uma experiência mais completa ao utilizador. Como condição de sobrevivência, estas novas tecnologias estão em constante renovação. Os livros e os *e-books* não são exceção e, inevitavelmente, também passaram por um processo de mediação. Este processo é a representação de um meio noutra, ilustrando o método pelo qual os novos média dão um novo vigor aos meios mais antigos. Isto não significa que o novo meio elimina o anterior, mas sim que o imita, reformula, potencia e intensifica as suas características (Lourenço, 2014, pp-13-14).

De facto, os *e-books* não são mais do que os livros remediados, renovados e aperfeiçoados (Lourenço, 2014, p.14). São arquivos digitais que podem ser lidos através da utilização de diferentes *softwares* e *hardwares*, cujos conteúdos são iguais aos livros impressos. A escrita é a mesma, a formatação semelhante, a organização da narrativa igual. Distinguem-se apenas por exigirem a utilização de um dispositivo eletrónico de leitura e pelas características referidas anteriormente como os motores de pesquisa, hiperligações e conteúdo multimédia interativo (Souza, 2015, p.33). De facto, os *e-books* tornaram possíveis coisas que eram inexecutáveis em papel (Stork, 2000). Os *e-books* transformaram o mercado dos livros, mas também os hábitos de leitura. O modo de ler já não é o mesmo que há 10 anos e certamente não será igual daqui a 10. Será que acabou o “virar a página” e agora se vive na era do *scrolling*? (Stork, 2001)

2.3.2 História do *e-book*

Os livros passam constantemente por processos de evolução, devido à necessidade que o ser humano possui em perpetuar o conhecimento (Cristóvão, 2013, p.3). Os *e-books* possuem um papel de destaque nesta história evolutiva, mesmo que ainda sejam relativamente recentes, comparando com os cerca de 5 séculos do livro impresso (Lebert, 2009, p.3).

O primeiro *e-book* surgiu em 1971 graças ao Projeto Gutenberg, definido como “uma biblioteca digital de livros para domínio público com a visão de criar versões digitais de obras literárias e disponibilizá-las pelo mundo inteiro” (Carvalho, 2012, p.7). Tudo começou com a digitalização da Declaração de Independência dos Estados Unidos, considerada o primeiro livro eletrónico da história (Souza, 2015, p.1). Este projeto foi criado por Michael Stern Hart com o objetivo de disponibilizar o maior número de obras literárias de domínio público, acreditando que os *e-books* poderiam ajudar a superar o fosso do *digital divide* (Lebert, 2009, p.5).

Assim sendo, este projeto tornou-se na biblioteca digital mais antiga do mundo, divulgando milhares de obras de forma gratuita e que podem ser lidos em quase todos os computadores, *smartphones* e *tablets*, permitindo uma transmissão de cultura entre todos os povos, reduzindo o fosso digital, instituindo o conceito de igualdade e a oportunidade de todos adquirirem conhecimento apesar das diferenças económicas, educacionais e culturais (Coutinho, 2014). É, portanto, evidente o contributo que este projeto teve na transformação do mundo editorial como é hoje conhecido (Coutinho e Pestana, 2015, pp.170/171).

A melhoria dos *scanners* de imagem e de *software* de reconhecimento ótico de caracteres tornou a digitalização mais praticável (Coutinho, 2014, p.27). No final dos anos 90, a publicação digital já era algo frequente, visto como um processo mais rápido e barato do que o tradicional. No entanto, o primeiro *e-book* criado com fins comerciais apareceu passados 10 anos após o projeto de Michael Stern Hart, com a editora Random House e o seu dicionário em formato digital (Coutinho e Pestana, 2015, p.171).

Os anos 90 caracterizaram-se pelo aparecimento de vários produtos relacionados com os *e-books*. Em 1993 surge o *The Online Books Page* criado por John Mark Ockerbloom (Lebert, 2009, p.18), contando em janeiro de 2019 com mais de 3 milhões de livros *online* de livre acesso a pessoas de todo o mundo. Nesse ano, é também lançado o Acrobat Reader da Adobe e, em 1995, a Amazon entrou no mercado começando a vender livros eletrónicos. No ano de 1997 a *Conference of European National Librarians* (CENL) criou o Gabriel, acrónimo de *Gateway and Bridge to Europe's National Libraries*, lançado em 3 línguas: inglês, francês e alemão; com o objetivo de criar um portal comum a todas as bibliotecas nacionais sobre os seus projetos e catálogos. Possui uma rede de 49 bibliotecas de 46 países europeus, mas desde 2016 que não tem tido qualquer atualização (Lebert, 2009, p.36).

Entre 1998 e 1999 iniciou-se a comercialização dos *e-readers* com o Rocket eBook e o Softbook, e de páginas de *e-commerce* como o eReader.com. O Rocket eBook criado pela NuvoMedia teve sucesso imediato graças à possibilidade de fazer anotações, sublinhar e definir marcadores (Coutinho e Pestana, 2015, p.172).

Em dezembro de 1998, a Comissão Europeia revelou que 1000 bibliotecas públicas de 26 países europeus possuíam o seu próprio *website*, sendo que o país com mais bibliotecas era a Finlândia, com 247 e, em último lugar, Portugal com apenas 3. É importante referir que no início dos anos 2000, 10% dos documentos na *Internet* estavam disponíveis em pdf e que a Comissão Europeia tentou acompanhar sempre esta evolução dos *e-books* tendo, em março de 2006, lançado a Europeiaana, a biblioteca digital europeia (Lebert, 2009, pp.37-67).

Em 2000, Stephen King lança o romance *Riding Bullet* totalmente em formato digital, sendo o primeiro *e-book* vendido em massa por todo o mundo, contabilizando 400 mil cópias vendidas nas primeiras 24 horas. A partir daí, são várias as editoras que começam a vender as versões digitais dos seus livros. São realizadas parcerias para a digitalização de várias obras e compatibilidade de formatos, anunciadas tecnologias inovadoras como a tinta eletrónica (*e-ink*) com o Sony Reader e aumentada a produção e comercialização de *e-readers*, principalmente em

2007 com o lançamento do Kindle da Amazon, que demonstrou o crescimento do digital na indústria do livro (Souza, 2015, pp. 27-28).

A Amazon teve um impacto tremendo na propagação dos *e-books*, passando a apresentar um catálogo de livros 10 vezes superior às das maiores livrarias. As pessoas começaram a comprar além-fronteiras com a *Internet*, preferindo adquirir os livros através de *e-commerce*. Isto levou a que livrarias e outras lojas começassem a reclamar de uma competição injusta, enquanto outras se adaptaram às mudanças dos hábitos do consumidor. É o caso da Barnes & Nobles que entrou no mundo do comércio eletrónico em 1997 (Lebert, 2009, pp.23-35).

Infelizmente, as livrarias foram fechando sucessivamente, tornando-se cada vez mais difícil competir com a Amazon e outras lojas *online* que juntas criaram um oligopólio. Para sobreviverem, essas livrarias foram criando *sites* e bibliotecas digitais e disponibilizaram gratuitamente milhares de livros, artigos literários e científicos. Os catálogos dessas lojas tornaram-se *online*, assim como os das bibliotecas, e apostaram na ideia de internacionalização, adaptando os seus conteúdos não só em inglês, mas em várias línguas (Lebert, 2009, pp.23-35).

Desde 2007 até ao dia de hoje, foram várias as iniciativas que surgiram e ganharam força, fazendo com que o crescimento de *e-books* seja notável de ano para ano. Mais próximo temporalmente, começaram a surgir os *enhanced ebooks*, *e-books* com elementos multimédia, como áudio, vídeo, animações ou realidade aumentada e que se tornaram o fator diferenciador que garantem a sua sustentabilidade (Pinheiro, 2014, p.3). De facto, o interesse dos consumidores começou a ficar dividido entre as versões digitais e analógicas (Carvalho, 2012, p.8). No entanto, apesar deste crescimento e conquista no mercado, não é ainda possível definir o que será o livro no futuro (Cristóvão, 2013, p.21). A história atual do *e-book* segue caminhos como os “da adaptabilidade, da ficção interativa, do *storytelling*, das narrativas transmediáticas, dos *ebooks* por assinatura, da leitura na *cloud* e de novos dispositivos de leitura e de acesso ao texto” (Pinheiro, 2014, p.3).

Procurando analisar uma pouco da história dos *e-books* em Portugal, verificou-se que, segundo a Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, a editora Centro Atlântico foi a primeira a editar *e-books* em Portugal, no ano de 1999. No entanto, pouco se evoluiu desde essa data e em meados de 2011, as editoras portuguesas tinham poucos exemplares em catálogo. Isto demonstra o grande atraso de Portugal comparativamente com outros países da Europa e da América. Na altura, o grupo Leya liderava o mercado dos *e-books* em Portugal, mas continha apenas 200 obras em catálogo (Coutinho e Pestana, 2015, p.188). Atualmente, continua a verificar-se esse atraso, sendo inegável que o mundo se encontra a atravessar uma fase de rápida transformação, Portugal deve conseguir recuperar e acompanhar o ritmo das novas práticas quotidianas e condições de leitura (Furtado, 2002).

Os *e-books* evoluíram para um texto interativo composto por vários conteúdos multimédia dando forma a obras de *electronic literature*. Atualmente, comenta-se e partilha-se o livro nas redes sociais, os leitores navegam pelo texto, abrem hiperligações para informação complementar, ouvem a banda sonora do livro enquanto o leem e todos estes elementos já se encontram

incorporados no *e-book* (Baldwin, 2014). Têm-se tornado cada vez mais sofisticados e elaborados com os avanços das tecnologias, demonstrando a sua constante mutação para melhorar a experiência de *storytelling* (Miller, 2016).

2.3.3 *E-book* vs. Livro impresso

Em meados dos anos 90 existia a dúvida se os livros impressos e a *Internet* seriam antagónicas ou complementares. As pessoas questionavam-se se seria o fim do analógico, se a *Internet* iria conseguir dominar as preferências dos consumidores, se os livros impressos desapareceriam e os *e-books* prevaleceriam num mundo completamente digital (Faustino, 2012). Hoje, em 2019, as questões mantêm-se, mas são agora abordadas com outra maturidade e consciência, característica de uma sociedade mais informada e conformada com as transformações digitais.

De facto, os livros não foram os primeiros a passar por esta mudança, começou com a música, a imprensa e a pintura. Analisando com atenção percebe-se que são cada vez mais as pessoas que procuram discos em vinil; que o jornalismo, apesar de ser maioritariamente consumido *online*, continua a sustentar os seus custos através do papel; que a rádio não foi substituída pela televisão e que a televisão não foi substituída pelo cinema (Lebert, 2009, p.15). Os livros passam exatamente pelo mesmo processo de transformação. Não significa que um meio elimine o outro, simplesmente o novo arranja espaço para si e o mais antigo ajusta-se, associando-se à ideia de convergência de meios e também de remediação, ou seja, complementam-se um ao outro (Lebert, 2009, p.16). A chegada do *e-book* não fez com as pessoas perdessem gosto pelo livro impresso, porque a verdade é que só mudou o formato e modo de leitura. O conteúdo não sofreu alterações e se há algo que os leitores valorizam é, acima de tudo, o interior do livro, a sua narrativa, história e enredo (Coutinho e Pestana, 2015, p.171). Então qual a diferença entre um livro impresso e um *e-book*?

Jeff Bratt (2010) escreveu um artigo para ajudar os leitores a perceberem qual é o melhor formato de acordo com cada um e admitiu que tudo depende do conhecimento e experiência em tecnologias, sendo que os *e-books* têm mais vantagens que os livros impressos, mas também possuem mais desvantagens. O livro impresso tem como grande vantagem o facto de não precisar de qualquer dispositivo para ser lido, assim como de ser de fácil empréstimo (Furtado, 2002, p.27). É facilmente folheável, consultado e partilhado (Lourenço, 2014, p.13). É preferido pelo prazer de longas leituras, enquanto que os *e-books* são para leituras mais rápidas e diretas. Para além disso, a maioria dos leitores continua a preferir este formato para não perder a sensação física do livro, como o toque e o cheiro (Fornelos, 2013, pp. 27-64).

No entanto, os *e-books* são mais baratos, de fácil acesso e nunca se esgotam, existindo milhares de títulos disponíveis. Para além disso, são mais facilmente armazenados e contribuem para uma poupança de espaço. Possuem características intrínsecas como os conteúdos multimédia, a possibilidade de anotações e de sublinhar sem retirar o valor ao livro, possuem

dicionários integrados e ainda ligação às redes sociais, permitindo, por exemplo, a partilha de comentários. Os *e-books* abriram as portas para a autoedição, que se encontra em constante crescimento, sendo um dos fenómenos mais notórios da transição do analógico para o digital (Pinheiro, 2014, p.2).

Cada um dos formatos possui características próprias e distintivas (Carvalho, 2012, p.61), mas ambos têm o seu lugar no mercado, porque os leitores retiram diferentes benefícios e valores de cada um (Blue, 2018). Destarte, tendo em conta as preferências dos consumidores, percebe-se que os meios são complementares (Fornelos, 2013, pp.63-64) e que a tendência do digital não dita o fim do livro impresso (Souza, 2015, p.35). Esta partilha e convivência setorial entre ambos os meios (Souza, 2015, p.2), estimula o reconhecimento dos livros como objetos híbridos, visto serem usados de diferentes formas em diferentes contextos (Punday, 2010).

2.3.3.1 Conceito de remediação

McLuhan apresentou a expressão “o meio é a mensagem”, demonstrando que o mais importante não é o conteúdo da mensagem, mas o meio através do qual ela é transmitida. Isto resultou na ideia de que o conteúdo de um meio será sempre outro meio e que, portanto, um será incorporado ou representado no outro. É com base neste conceito que Bolter e Grusin (2000) apresentam a ideia de remediação, que é justamente essa representação de um meio noutra, sendo característica chave dos novos média digitais. Expõe uma dupla lógica típica da cultura atual: querer simultaneamente multiplicar os seus média e apagar qualquer traço de mediação que, por outras palavras, significa apagar os média no próprio ato de os multiplicar (Furtado, 2002, p.29).

A conversão do livro para o formato digital constituiu o primeiro momento de remediação e tanto o impresso como o *e-book* se relacionam com os conceitos de imediácia e hipermediácia (Lourenço, 2014, pp.15-16). De facto, o inovador dos novos média é a sua capacidade de adaptação e remodelação dos mais antigos. A imediácia dita que o próprio meio deve desaparecer e deixar apenas o que foi representado, mas o que acontece é que quando um meio parece convencer os utilizadores da sua imediácia, surgem outros que se tentam apropriar dessa convicção. No entanto, apesar da constante promessa de cada meio em reformular os precedentes, procurando oferecer uma experiência mais autêntica e transparente, esses novos meios acabam por ser apenas outros meios. É assim que a imediácia leva a hipermediácia; a tecnologia tornou-se tão presente na sociedade atual que já não há necessidade de transparência, simplesmente porque já não é percebida como uma contradição a uma experiência mais autêntica. A hipermediácia consegue oferecer esse tipo de experiência mostrando aos utilizadores que está a existir uma mediação, expondo o meio pelo qual a mensagem está a ser transmitida. É assim que se opõe à imediácia, que propõe envolver a pessoa numa experiência tão única que nem se apercebe do meio ou da mediação (Bolter e Grusin, 2000, pp.6-42).

Percebe-se, portanto, que o processo de remediação é um constante balanço entre imediácia e hipermediácia. Bolter e Grusin (2000) definem o meio como aquele que remedeia, que se apropria de técnicas, formas e importância social de outros média numa tentativa de se rivalizar com os mesmos, mantendo, ao mesmo tempo, uma relação de equilíbrio. De facto, o próprio ato de remediação garante que o meio mais antigo não pode ser totalmente apagado, pois o mais recente permanece dependente do mesmo, procurando sempre manter-se fiel ao seu precedente (Bolter e Grusin, 2000, pp. 45-65).

“Print stays itself; electronic text replaces itself.” (Bolter e Grusin, 2000, p.44).

A indústria dos livros já passou por vários processos de remediação até ao fenómeno do *e-book*. Recuando um pouco no tempo, percebe-se que Gutenberg e a primeira geração de impressoras já se apropriaram das letras, do *layout*, do papel e das técnicas de encadernação dos manuscritos para criar os livros impressos. Só depois de ganharem a luta com o conceito de remediação e serem aceites na sociedade é que se adaptaram e modificaram os seus processos para algo diferente dos manuscritos, como uma característica própria do novo meio (Bolter e Grusin, 2000, pp. 68-69). Este conceito evolutivo e de mudança aplica-se também aos *e-books*, estando a passar pelo mesmo processo.

Os *e-books* necessitam da aceitação por parte dos leitores dos livros impressos, num sentido de complementariedade e não de exclusão do meio analógico. Considera-se assim que o *e-book* deve ser entendido como uma evolução e não como uma revolução, tendo como objetivo explorar a potencialidade das novas TIC na relação das pessoas com o conhecimento (Lourenço, 2014, p.16). Deve-se apresentar o *e-book* como um produto da mesma família do livro impresso que serve o mesmo propósito que o seu precedente (Silva et al., 2016, p.255).

O potencial do novo formato remete para a existência de uma maior componente de interatividade e de *storytelling*, passando os leitores a serem utilizadores mais ativos. Os *e-books* estimulam uma ligação entre autor e leitor e isso verifica-se pela prática comum de adicionar ao *e-book* os endereços de e-mail ou *links* dos fóruns de discussão. Isto significa que os editores e autores convidam os leitores a comunicar com eles (Warwick, 2003, p.16). Já não se trata de uma melhoria do livro em papel, mas de um novo meio que faz lembrar “aquilo que outrora foi um livro, mas que já não é.” (Lourenço, 2014, pp.16-20). No entanto, há quem diga que os *e-books* não oferecem a mesma experiência que os livros impressos e que no formato digital a informação não é tão estável. De facto, os jovens, apesar de estarem tão familiarizados com o meio digital, são quem mais prefere a versão analógica (Blue, 2018), modificando mesmo a relação que estabelecem com o conhecimento e a maneira como vêm a aprendizagem (Lebert, 2009, p.60).

2.3.3.2 Preferência de formato

A leitura digital tem sido caracterizada como não linear e menos aprofundada do que a leitura em formato impresso, resultando no surgimento de diferentes preferências por parte dos leitores. Enquanto os *e-books* são preferidos para leitura de textos mais curtos ou casuais, os livros tradicionais são escolhidos para textos mais longos, num estilo de leitura mais profunda ou difícil. Mesmo a ideia de posse dos livros tem mudado e já não se dita pela ideia de propriedade (Helm et al., 2018, p.3). De facto, o efeito físico do livro e ter consciência da sua tangibilidade cria uma maior ligação e, apesar de se utilizarem os *e-readers* para criar essa sensação física, não é comparável com as sensações táteis e olfativas proporcionadas pelo livro impresso. Cada vez mais os produtos digitais são vistos como serviços, porque os dispositivos dos leitores não mantêm mais do que uma cópia temporária do ficheiro em questão (IFLA, 2018).

Apesar de alguns estudos comprovarem que a circulação dos documentos impressos está em queda, continuam a ser a preferência dos estudantes para consulta e referência na realização de trabalhos. De facto, os livros impressos continuam a possuir uma maior taxa de utilização do que a versão eletrónica (Fry, 2018, pp.81-82). No entanto, o formato digital nunca é descartado pelos estudantes, sendo que revelam uma postura de aceitação para o uso dos mesmos, pois valorizam a facilidade e rapidez de pesquisa dos *e-books*, indo de encontro ao que foi dito anteriormente sobre esta dicotomia dos dois formatos (Gilbert et al., 2015, p.481). Num panorama geral, observa-se que apenas 6% lê *e-books*, contra 38% que lê em formato impresso e 28% que usufrui de ambos os formatos (Victor, 2016).

Um estudo detalhado desenvolvido por Aaron Shrimplin, Andy Reville, Susan Hurst e Kevin Messner (2011) sobre as opiniões e uso de *e-books* resultou na criação de quatro grupos diferentes: os “*book lovers*” (amantes de livros), “*technophiles*” (tecnófilos), “*pragmatist*” (pragmáticos) e os “*printers*” (tipógrafos).

O primeiro grupo, os amantes de livros, caracteriza-se por gostar de livros impressos, admitindo que há algo de especial em ler um livro físico. Privilegiam a natureza tangível desses livros e quando questionados sobre qual formato optariam entre o *e-book* e o impresso, escolhem sempre a segunda opção. Valorizam muito a leitura por prazer e não imaginam realizar esse tipo de leitura com *e-books*, pois não gostam de ler em ecrãs e consideram que não compreendem a informação da mesma maneira com esse formato. Privilegiam a vantagem de anotações nas margens dos livros impressos, mas não negam que o fácil acesso a conteúdos é um ponto forte dos *e-books*, assim como a possibilidade de pesquisa. Por essa razão, para leituras de um capítulo em específico não se importam de utilizar a versão digital, mas para longas leituras preferem o impresso (Shrimplin et al., 2011, p.184).

O segundo grupo, os tecnófilos, acredita que a acessibilidade e opção de pesquisa superam quaisquer fraquezas de intangibilidade. O facto de realizarem pesquisas sem ser necessária a deslocação até à biblioteca é razão de grande satisfação no grupo. Consideram que os *e-books* permitem poupar muito tempo e valorizam a funcionalidade de pesquisa dos mesmos, uma vez

que é mais rápida e fácil do que num livro impresso. Não têm dificuldade em ler em ecrãs ou navegar nos *e-books*, nem têm problemas em fazer *scroll* em vez de virar as páginas. Não sentem necessidade de imprimir os documentos eletrónicos, pois compreendem bem a informação na leitura digital. Não valorizam tanto as longas leituras, mas mesmo assim consideram que é uma situação em que é preferível o livro impresso (Shrimplin et al., 2011, p.185).

O terceiro, os pragmáticos, usa os livros essencialmente para monografias académicas e não liga muito às leituras por prazer. Nos *e-books* valoriza muito a possibilidade de pesquisar o conteúdo desejado, porque permite filtrar a informação que não lhe interessa, economizando tempo. Tal como os amantes de livros valoriza a possibilidade de anotação nos livros impressos e não se consegue ver a ler um livro inteiro em formato digital. No entanto, quanto à leitura parcial do livro, não encontra qualquer problema em ler *e-books*, verificando efeitos positivos na produtividade e fluxo de trabalho (Shrimplin et al., 2011, p.185).

Por último, os tipógrafos não têm uma opinião muito positiva acerca dos *e-books*, admitindo terem dificuldades em ler nesse formato, pois consideram que absorvem menos informação. Por essa razão, revelam preferência por livros impressos. Por norma, quando utilizam documentos digitais tendem a imprimi-los e consideram as situações de subscrição um problema de usabilidade, principalmente quando é bloqueado o acesso a alguns documentos. No entanto, apreciam a possibilidade de um *e-book* ter mais do que um utilizador ao mesmo tempo e a rápida e fácil acessibilidade a um capítulo específico do documento que lhes interessa. Mesmo assim, não consideram que a facilidade de navegação melhore o seu processo intelectual ou fluxo de trabalho. Apesar de não valorizarem muito a leitura como uma atividade de lazer, quando o fazem preferem livros impressos, tal como os amantes de livros (Shrimplin et al., 2011, pp.185-186).

Aferiu-se assim que os amantes de livros têm uma ligação emocional aos livros impressos e optarão sempre por este formato apesar das vantagens que encontram no digital. Já os tecnófilos apresentam o comportamento oposto, possuindo maior ligação com as tecnologias, pois valorizam as possibilidades de acessibilidade e pesquisa *online* e não revelam qualquer dificuldade em ler *e-books*. Os pragmáticos são o grupo mais prático, identificando prós e contras em ambos os formatos, privilegiando a possibilidade de anotações dos livros impressos e a rápida acessibilidade de pesquisa dos *e-books*. Por essa razão, não possuem uma preferência em concreto, intercalando o uso de ambos os formatos de acordo com as suas necessidades. Por último, os tipógrafos gostam igualmente da facilidade de pesquisa, mas não gostam de ler em formato digital. No entanto, uma melhoria da interface dos *e-books* levaria a que se enquadrassem no grupo dos pragmáticos ou mesmo dos tecnófilos (Shrimplin et al., 2011, p.186).

Destarte, é possível afirmar que ambos os formatos são utilizados, sendo que essa utilização é feita com finalidades distintas e explora as potencialidades que tanto um como outro formato oferecem aos seus leitores. Cada um tem as suas características individualizadoras e isto comprova que um *e-book* pode existir por si só, da mesma maneira que os livros impressos continuarão sempre a ter o seu lugar no mercado (Lourenço, 2014, p.37).

2.3.4 Mercado dos *e-books* e respetiva evolução

Apesar dos jovens estarem mais ligados às tecnologias, verifica-se uma preferência clara por parte dos mesmos em formatos mais tradicionais. Por essa razão, prevê-se que o mercado os *e-books* permaneça como um nicho do mercado, contrariando as previsões iniciais de que o formato começaria a dominar. Esta preferência consolida a ideia de que os *e-books* são vistos como algo mais descartável e com menos valor, limitando o crescimento esperado no mercado. É, por isso, necessária uma ação por parte das editoras de forma a convencer os leitores do valor deste formato. O que se tem feito neste sentido prende-se com o uso do multimédia, incluindo conteúdo extra, áudio e gráficos, mais interatividade e hiperligações, de forma a persuadir o leitor mostrando as desvantagens de não possuir uma edição digital (Mintel, 2017).

Apesar da versão impressa se manter sempre como principal fonte de receitas das editoras e das vendas dos *e-books* representarem uma percentagem muito reduzida dessas mesmas receitas, há quem considere que os *e-books* são o futuro da indústria livreira (Warren, 2010, p.38). Isto levou a uma reformulação do modelo de negócio das editoras, de forma a usufruir das vantagens inerentes a este novo produto (Coutinho e Pestana, 2015, pp.169-190). Apesar de os livros terem chegado tarde a esta revolução digital, verifica-se que têm tido um grande impacto na sociedade e no setor editorial. As livrarias tradicionais e mais antigas têm sido negativamente mais afetados, comprovando-se com a quantidade de alfarrabistas que têm fechado os seus estabelecimentos nos últimos anos e pelo número de editoras que passaram e têm passado por um processo de reestruturação ou que acabaram por ter o mesmo fim (Bonfanti et al., 2010, pp.5-6).

Observando-se o panorama do mercado dos *e-books*, verifica-se que o seu crescimento é maior em países de língua inglesa, nomeadamente Estados Unidos e Reino Unido. Em termos globais, o mercado mais desenvolvido é o americano que apresentou sempre quotas de mercado superiores aos dos restantes países. Já na Europa, a Alemanha e Reino Unido lideram, sendo que no último as vendas de livros e *e-books* estão estimadas em 2.02 mil milhões de libras no ano de 2017, apresentando um crescimento de 4%. No entanto, mesmo os britânicos, apesar de estarem mais desenvolvidos, continuam a revelar preferência pelo livro impresso admitindo que se prevê uma quebra nos *e-books* (Mintel, 2017). Quando se analisa o estado de Portugal é possível concluir que se encontra muito atrasado comparativamente com o resto do continente (Coutinho, 2014, pp.22-23). Este atraso deveu-se à desconfiança em relação aos *e-books* (Coutinho e Pestana, 2015, p.190), não pela falta de informação sobre o mesmo, mas pela mudança de formato que não conquistou de imediato os portugueses (Fornelos, 2013, p.59). No entanto, num momento em que vários estudos têm comprovado que o mercado dos *e-books* está a estagnar, verifica-se uma preocupação por parte do país em integrar os mesmos, com a adaptação de muitas editoras, ações do plano nacional de leitura e o investimento em tecnologias digitais no ensino português. De facto, em Portugal o mercado dos *e-books* revela um crescimento precoce, porém o número de empresas que tem apostado e investido nos mesmos tem aumentado (Carvalho, 2012, p.20).

Cada país tem o seu próprio mercado estabelecido e verifica-se um crescimento dos *e-books* na maior parte deles, mas, como é óbvio, os valores desse crescimento diferem bastante (Coutinho, 2014, p.47). De acordo com um estudo da Aptara do ano de 2011, 62% das editoras mundiais produziam e distribuíam *e-books*, sendo que 38% não o fazia. Desta última percentagem, 22% afirmava que o iria fazer em breve. Em Portugal, no mesmo ano, o mercado retalhista livreiro encontrava-se bastante concentrado, com 70% das vendas a serem realizadas entre as cadeias de hipermercados, as lojas Bertrand e a Fnac. Nessa altura, a compra de livros pela *Internet* era ainda muito reduzida, com uma percentagem inferior a 10%. Atualmente, esse fator encontra-se bastante diferente como foi observado nos capítulos 2.1 e 2.2, sendo que em 2017, 73,20% dos portugueses utilizava *Internet*, sendo 36% compradores *online*, o que revela uma tendência de crescimento (Carvalho, 2012, pp.24-53).

Devido à sua facilidade de acesso, rápida pesquisa e capacidade de armazenamento, existem muitas pessoas a fazer *download* de *e-books* (Faustino, 2012). Como praticam preços inferiores aos livros impressos, há quem considere que o valor de mercado sofra uma quebra. No entanto, um exemplo muito prático que contraria esta tendência prende-se com a Amazon e o lançamento do Kindle que levou a um aumento do número de leitores e de livros lidos, aumentando as receitas globais. Mas, enquanto se prevê que em 2020 os *e-books* terão uma quota do mercado de 20% nos países mais desenvolvidos, noutros países como Itália, Espanha, Grécia, os países de leste e mesmo Portugal só se prevêem quotas de 10% (Bonfanti et al., 2010, pp.1-3).

Os canais de distribuição mais utilizados pelas editoras são os seus próprios *sites* e lojas *online* como a da Amazon e o iTunes da Apple (Carvalho, 2012, pp. 25-26). Em Portugal, a Leya foi bastante inovadora com a criação da plataforma Mediabooks, tendo sido extinta dando lugar à Leya *Online*. A Porto Editora, em 2011, começou a vender *e-books* através da Wook que, atualmente, é uma das plataformas com mais destaque no país. No mesmo ano, a Bertrand também começou a vender *e-books* em português e inglês (Carvalho, 2012, p.59). Já mais recentemente, a Fnac reforçou a sua oferta de *e-books* com cerca de 3 milhões de novas referências, apresentando como justificação deste reforço, considerarem que a livraria digital é uma tendência crescente ao nível europeu, representando 10% do total da faturação do mercado dos livros na Europa (Soares, 2018).

É possível verificar que o aumento dos níveis de leitura digital, assim como das vendas de *e-books*, estão relacionados com a utilização da *Internet* no país que ultrapassa os 70% (Cristóvão, 2013, p.10). Com a evolução dos *e-books*, com conteúdos cada vez mais multimédia e distintivos do impresso, e a melhoria dos *e-readers*, com um aumento na oferta de dispositivos de leitura, verifica-se um crescimento no número de pessoas que lê neste formato (Coutinho e Pestana, 2015, p.169) proporcionando um aumento nas vendas dos mesmos. No entanto, haverá sempre um grupo de pessoas que se manterá fiel ao livro impresso (Cristóvão, 2013, pp.8-26). Para além disso, os sucessivos avanços tecnológicos podem prejudicar a fixação plena dos *e-books* em alguns mercados, apesar das vantagens que possuem (Coutinho e Pestana, 2015, p.190).

2.3.5 Vantagens e desvantagens

Existem características diferenciadoras entre os livros impressos e os *e-books*. Isto faz com que uma pessoa que esteja habituada a ler no formato tradicional possua algumas dificuldades quando experimenta a leitura digital (Cristóvão, 2013, p.24). Sendo os *e-books* um dos produtos mais polémicos e discutidos, torna-se fácil enunciar a quantidade de vantagens e desvantagens associadas aos mesmos para os leitores, editores e autores, assim como para o meio ambiente.

Começando pelas vantagens ao leitor, o motor de pesquisa é uma das mais relevantes e reconhecidas pelos seus utilizadores e não utilizadores (Warren, 2010, p.39). Permitindo a navegação rápida entre páginas e capítulos, facilitando a procura daquilo que se pretende ler e economizando tempo ao seu utilizador (Carvalho, 2012, pp. 30-173). Outro benefício é a facilidade em procurar e encontrar obras mais antigas que fisicamente são complicadas de adquirir (Coutinho e Pestana, 2015, pp.178-179). Existe ainda a possibilidade de customização, podendo alterar-se o tipo de letra em termos de tamanho e fonte, atendendo às necessidades dos leitores com deficiências visuais (Stork, 2001). Também é valorizada a presença de conteúdos cada vez mais multimédia que permitem transformar os *e-books* em *audiobooks* e que criam maior interatividade com os seus utilizadores através do hipertexto e das hiperligações. Relativamente à interatividade, os *e-books* permitem ligação às redes sociais, facilitando a partilha e citação dos livros, tendo ainda os utilizadores a possibilidade de avaliar e comentar o livro (Coutinho, 2014, p.41).

Outra vantagem para o leitor é a incorporação de um dicionário. Assim, quando não souber o significado de uma palavra, o clique sobre a mesma remeterá para a sua definição (Coutinho, 2014, p.41). Possui ainda funcionalidades que permitem tirar notas e colocar marcadores de forma a identificar palavras, capítulos ou parágrafos (Carvalho, 2012, pp. 30-173). A sua leveza também é valorizada, pois comparados com os livros impressos possuem um peso muito inferior, o que permite maior portabilidade (Coutinho e Pestana, 2015, pp.178-179). A capacidade de armazenamento facilita não só o transporte da “biblioteca pessoal” do utilizador, como a economia de espaço, colocando um ponto final nas prateleiras lotadas e na dificuldade de arrumação. A aquisição dos *e-books* é muito mais simples, basta ter acesso à *Internet* e fazer o *download* e obter-se, de forma imediata, o livro eletrónico no dispositivo, não havendo listas de espera ou prazos de entrega das encomendas, nem a necessidade de deslocação aos pontos de venda físicos. Para além disso, uma vez que os *e-books* são vendidos exclusivamente *online*, não possuem rotura de *stocks*, estando sempre disponíveis (Carvalho, 2012, pp. 30-173).

São ainda de fácil atualização (Myrberg, 2017, p.115) e o preço também é um aspeto positivo, visto serem tipicamente mais baratos que os livros impressos. Quando lidos em *e-readers*, possuem uma vantagem associada à tinta eletrónica, a *e-ink*. Esta contribui para uma redução substancial do esforço dos olhos que os utilizadores fazem durante a leitura (Carvalho, 2012, pp.30-173). Outra vantagem com a leitura em *e-readers* é a possibilidade de leitura em ambientes de baixa luminosidade (Coutinho e Pestana, 2015, pp. 178-179).

Relativamente ao meio ambiente, os *e-books* possuem um reduzido impacto ambiental. Uma vez que não é necessário papel, verifica-se uma redução de cortes de árvores, o que permite preservar um recurso que é cada vez mais escasso. Graças à *e-ink*, os *e-readers* possuem uma autonomia bastante prolongada, visto que o consumo de energia só se verifica no “folheamento” do livro eletrónico. Isto significa que durante a leitura em si, o gasto energético é reduzido substancialmente (Carvalho, 2012, pp.32-173).

Para as editoras e autores, destaca-se a economização de espaço, visto que o modelo de vendas dos *e-books* não necessita de armazéns ou plataformas físicas de vendas, e a poupança de custos de produção e distribuição, visto não serem necessárias impressoras ou meios de transportes. Isto leva a um aumento de receitas das editoras e a uma maior retenção dos ganhos de cada venda por parte dos autores. Com os *e-books*, eliminam-se custos relacionados com a existência dos *stocks*, seja por excesso ou rutura dos mesmos (Coutinho e Pestana, 2015, pp.177-178).

Para além disso, os *e-books* e o mercado digital alargaram horizontes, permitindo a venda de capítulos de livros que interessem ao consumidor. Isto verifica-se em livros mais técnicos, que por norma possuem um preço mais elevado. Com esta opção de venda, consumidores que antes não compravam determinados livros pelo seu preço ou por possuírem interesse em apenas alguns capítulos, passaram a comprar mais usufruindo desta possibilidade, o que gera mais receitas às editoras e autores (Carvalho, 2012, p.34). Comparativamente com os livros impressos, os *e-books* são também mais fáceis de editar, principalmente na correção de erros, no lançamento de uma nova edição ou mesmo para atualização de informação (Coutinho, 2014, p.39).

Outro benefício dos *e-books*, e que se relaciona com a sociedade e a cultura, é a preservação das obras. De facto, o armazenamento digital permite preservar os livros durante mais tempo, evitando situações adversas como incêndios ou desgaste físico (Coutinho, 2014, p.43). Resumidamente, as vantagens da publicação de *e-books* podem ser divididas em legibilidade, usabilidade, capacidade de alteração, portabilidade, uso do multimédia e disponibilidade dos mesmos (Stork, 2000).

No entanto, apesar das inúmeras vantagens, existem aspetos negativos associados aos mesmos. Relativamente às desvantagens para os leitores, a que mais se destaca para os utilizadores portugueses é o número reduzido de obras em língua portuguesa. A grande tendência dos *e-books* é serem em inglês, o que também dificulta a expansão do seu mercado em Portugal, visto que a população prefere ler na sua língua materna. Verifica-se também uma tendência por parte dos leitores em manterem a tradição de leitura, associada às sensações físicas, auditivas e olfativas do livro (Carvalho, 2012, p.32). Isto é algo que um *e-book* dificilmente poderá proporcionar, apesar de já utilizarem o multimédia numa tentativa de replicar o estímulo a estes sentidos, por exemplo, com a adição do som de virar as páginas (Stork, 2001).

A dependência de um dispositivo de leitura e as características do mesmo são fatores determinantes para as pessoas não aderirem aos *e-books* (Martins, 2014, p.18). Isto prende-se com a duração da bateria, o limite de memória de armazenamento e os preços elevados dos *e-readers*,

o que exige um investimento inicial por parte do leitor, apesar de, posteriormente, poupar nos custos dos livros. Outra desvantagem relaciona-se com a tecnologia *Digital Right Management* (DRM) que apesar de visar a proteção dos direitos de autor, restringe a utilização do *e-book* comprado (Carvalho, 2012, p.32). A impossibilidade de revenda ou de empréstimo também é uma desvantagem (Martins, 2014, p.18).

Alguns formatos de *e-book* permitem que o texto seja reformatado para se ajustar às dimensões físicas do *e-reader*. No entanto, isto pode levar a uma desformatação do conteúdo ou alterar mesmo a organização da história (Stork, 2001). Há ainda a questão do cansaço associado à utilização dos dispositivos eletrónicos, porque a exposição prolongada aos ecrãs aumenta a debilidade dos olhos, podendo mesmo agravar alguns problemas oftalmológicos já existentes (Coutinho, 2014, p.44). Este facto contribuiu para uma tendência de fadiga por parte dos leitores, o que é um risco para a existência dos *e-books* (Kelly, 2018).

Para além disso, verifica-se também a impossibilidade do leitor, após ter adquirido o *e-book*, de o ler em diferentes dispositivos. Por outras palavras, existe uma limitação na aquisição de obras a formatos compatíveis com o dispositivo de leitura, assim como a atualização de aplicações. (Cristóvão, 2013, p.9) Isto exige que o leitor escolha com cuidado o dispositivo de leitura, uma vez que os *e-books* não são cambiáveis (Stork, 2001), facto que contribui para a frustração de muitas pessoas pela impossibilidade de copiarem o seu *e-book* para outros dispositivos sem terem de realizar a compra novamente (Helm et al., 2018, p.5). No entanto, existem outras situações, como o empréstimo e oferta de um livro a um conhecido e a requisição em bibliotecas, que também não são permitidas com este formato eletrónico (Coutinho, 2014, pp.44-45). Isto afeta o valor que os consumidores atribuem ao produto, sendo que muitas pessoas consideram que o preço dos *e-books* não está alinhado com o valor da experiência de posse e utilização (Helm et al., 2018, p.5).

Uma desvantagem clara em termos do impacto ambiental relaciona-se com o consumo energético. De facto, apesar de haver grandes avanços tecnológicos neste setor, como a *e-ink*, e o facto de cada vez mais os *e-readers* possuírem baterias de longa duração, existe sempre um consumo energético acrescido (Coutinho, 2014, p.43).

Relativamente às editoras e autores, verifica-se que apesar dos editores conseguirem poupar muito em custos de produção, armazenamento e distribuição, existem casos em que a produção de um *e-book* revela ser mais cara do que a sua versão impressa. Isso acontece quando há presença de conteúdo multimédia. Outro fator é que, apesar de haver uma redução quase total dos custos de *stock* é necessário um sistema de armazenamento de dados (Coutinho, 2014, p.39), o que implica que as editoras e os autores tenham de lidar com “servidores, redes, *backups*, problemas de design, códigos de acesso, preservação de conteúdos, *upgrades* e adaptação às mudanças constantes relacionadas com o desenvolvimento da tecnologia” (Carvalho, 2012).

Muitas editoras que trabalhavam com os livros impressos não estavam preparadas para a entrada no digital. Isso exigiu um forte investimento inicial, tendo sido necessária a compra da tecnologia adequada e a aquisição do *know-how* para produção e comercialização de *e-books*

(Coutinho, 2014, p.43). Há ainda um grande problema, já referido nas desvantagens para os leitores, devido à variedade de formatos de leitura que impossibilita a leitura dos *e-books* em determinados dispositivos. De facto, os *e-readers* de maior sucesso de mercado só permitem ler ficheiros em determinados formatos e, apesar da utilização crescente, ainda nenhum formato de *e-books* assumiu o domínio no mercado devido às diferentes preferências das editoras (Carvalho, 2012). Existe ainda a situação das cores e imagens que não são facilmente reproduzíveis nos dispositivos, o que faz com que a reprodução de elementos gráficos sejam um desafio para as editoras, mas isso tem vindo a ser combatido com os avanços da multimédia (Stork, 2001).

Aferiu-se então que os principais obstáculos à publicação de e-books são a resistência a mudanças por parte dos leitores, problemas de fontes, falta de um formato padrão, DRM, reprodução de gráficos e dispositivo de leitura (Stork, 2001).

2.3.6 Questões mais discutidas

Após compreender os múltiplos contextos dos *e-books*, desde a sua história e mercado, à comparação com os livros impressos, surgiram algumas questões necessárias de serem abordadas de forma a complementar a compreensão de todo o universo deste formato.

Uma das primeiras questões prende-se com os preços praticados. Muitas pessoas se questionam de quanto é que um *e-book* deve valer em termos monetários. À exceção da Suécia, todos os países da Europa possuem preços fixos, por isso os editores geralmente definem o preço de retalho. Por essa mesma razão, a concorrência não é influenciada pelos preços praticados. Na Alemanha, França e Itália, os editores defendem que o cálculo dos preços dos *e-books* deve ser baseado no custo do livro impresso, como *benchmark* mais relevante. De acordo com esse conceito, os *e-books* têm então um custo médio inferior entre 10 a 20%, tendencialmente mais próximo dos 20% (Wischenbart, 2011, p.33). No entanto, há quem diga o contrário, afirmando que essa percentagem de redução depende do género a que o livro pertence, bem como do local onde é comprado. Justificam essa diferença através da lei do mercado da oferta e da procura, o qual é reduzido em Portugal. De qualquer forma, é possível concluir que o *e-book* é, por norma, mais barato do que a versão impressa, existindo ainda casos em que é mesmo gratuito (Coutinho, 2014, p.40). Em Portugal, o IVA dos *e-books* é de 23%, enquanto que o dos livros impressos encontra-se nos 6%, constituindo assim uma barreira significativa no crescimento do mercado livreiro digital em Portugal (Carvalho, 2012, p.60).

Outra questão relaciona-se com a globalização da língua inglesa. A maioria dos *e-books* encontra-se em inglês, isto porque é uma língua internacional e que serve de ligação entre várias culturas. De facto, o seu uso permite que os *e-books* ultrapassem fronteiras linguísticas e tenham um maior crescimento em múltiplos mercados (Wischenbart, 2011, pp.34-36).

No entanto, nem toda a gente depreende este aspeto de forma positiva, alegando que a leitura dos *e-books* se torna bastante facilitada em termos de oferta quando o que se pretende ler se encontra em inglês. No entanto, quando se procura ler em língua portuguesa as coisas complicam-

se devido à escassa oferta. A aplicação Google Play Livros tem trabalhado para resolver esta situação, melhorando o seu catálogo através da venda de *e-books* em português que não estão disponíveis em lojas concorrentes como a Amazon ou a Kobo. Como é óbvio, as livrarias virtuais das editoras portuguesas têm uma oferta superior às internacionais quando se trata de exemplares em língua portuguesa (Coutinho, 2018).

Uma das questões mais polémicas prende-se com os direitos de autor, a pirataria e a DRM. As novas tecnologias digitais estimularam uma ideia de *prosumers*, de pessoas que são simultaneamente produtores e consumidores, e esta liberdade e globalização associadas à *Internet* facilitaram a proliferação da pirataria, acabando por banalizar a difusão de cópias ilegais de livros, que não respeitam os devidos direitos de autor inerentes à obra. Esta pirataria é responsável por perdas económicas significativas no setor editorial, levando à procura constante de uma regulação que vise combater essa prática e reduzir os seus efeitos. Só assim é que se torna rentável e viável a publicação em formato digital (Cristóvão, 2013, p.7).

A publicação de milhares de *e-books* e outros documentos tem sido um problema para as organizações encarregadas de aplicar a regulamentação relativa à propriedade intelectual. Todo o conceito de direitos de autor significa que o uso de um trabalho protegido por esses direitos só é lícito se houver uma autorização por parte do proprietário desses mesmos direitos. Acontece que o contexto tradicional deste conceito perdeu relevância, pois, devido à *Internet*, a sociedade contemporânea prima pela superabundância e liberdade do fluxo de informação. Agora prevalece mais o conceito de *copyleft* criado por Richard Stallman, que visa a legislação da proteção dos direitos de autor, retirando todas as barreiras de utilização e difusão do trabalho. Basicamente, pretende tornar livre qualquer trabalho, garantindo também a liberdade do utilizador. É resultante disto que surge o *Creative Commons*, em 2001, com o objetivo de tornar mais fácil a partilha e adaptações dos trabalhos de outros criadores, respeitando as regras dos direitos de autor. Para isso, fornecem licenças e outras ferramentas para atribuir ao trabalho criativo a liberdade que o criador do mesmo deseja que seja concedida (Lebert, 2009, pp.55-59).

Relacionado com o combate à pirataria informática surge o DRM, cuja tradução é Gestão dos Direitos Digitais, e que consiste em limitar o uso do produto depois da sua compra, ou seja, restringe qualquer cópia ou manipulação dos conteúdos digitais por parte dos utilizadores (Helm et al., 2018, p.3). O DRM impossibilita a cópia do ficheiro para um CD, *pen drive* ou outro dispositivo, restringe o número de dispositivos para visualização do conteúdo e bloqueia o ficheiro após um determinado número de visualizações, assim como bloqueia a leitura em dispositivos com que a editora/distribuidora não trabalha. É por isto que este sistema anticópia é muito discutido nos *e-books*, havendo a queixa por parte de muitos leitores sobre o mesmo. No entanto, faz todo o sentido a sua existência, pois sem o DRM e com a possibilidade de os utilizadores copiarem o conteúdo ilegalmente, quem publicasse o *e-book* receberia apenas o lucro do primeiro exemplar, visto que depois de copiado se encontraria disponível para toda a comunidade na *Internet*. Assim sendo, o DRM é uma forma de proteger os autores e as editoras de possíveis prejuízos (Coutinho, 2014, p.93).

Para além da DRM, existe uma empresa designada de Digimarc que visa controlar a cópia e partilha ilegal. Para isso criaram marcas d'água digitais impercetíveis e rastreáveis em muitos *e-books*, de forma a que os distribuidores e editores dos mesmos possam acompanhar o percurso *online* do produto e identificar quais são os responsáveis por certas ilegalidades. Foi desenhado para os formatos mais populares, nomeadamente EPub, PDF e MOBI, e as marcas d'água estão incorporadas em todo o documento, dificultando a sua remoção por parte dos piratas informáticos (Gokey, 2014).

Porém, nem todas as suas restrições são vantajosas, principalmente para o leitor, nomeadamente, a limitação do número de dispositivos para leitura (Stork, 2001). Muitos consumidores não entendem porque é que ao alterar o *e-reader* que utilizavam, ficam impossibilitados de aceder aos seus *e-books* comprados anteriormente. Isto contribui para uma desvalorização do produto, uma vez que os seus utilizadores não conseguem ter a ideia de posse associada aos *e-books*. Esta situação leva à associação de que se trata apenas de um livro digitalizado que acrescenta pouco valor além de portabilidade, pesquisa aprimorada e fácil acesso (Warren, 2010, p.39).

Relativamente à questão da posse, o primeiro aspeto a realçar é a diferença da sensação de leitura entre um ecrã de computador e um livro impresso, (Cristóvão, 2013, p.12) onde muitos consumidores consideram que a leitura *online* provoca muitas distrações (Myrberg, 2017, p.121). Esta situação faz com que se criem diferentes valores associados a cada formato. Os leitores de *e-books* têm uma certa dificuldade em considerar o produto como próprio e isso influencia o modo como valorizam esse mesmo produto. Contrariamente, com os livros impressos as pessoas sentem rapidamente que possuem o produto e que é automaticamente uma propriedade das mesmas a partir do momento que o compram. Isto deve-se ao facto dos produtos digitais não possuírem as características de tangibilidade e singularidade, nem marcadores de memória (Helm et al., 2018, p.3).

Muitas pessoas não possuem este sentimento de posse perante os *e-books* precisamente por considerarem que não têm controlo sobre esse formato, revelando uma maior ligação emocional com os livros impressos (Blue, 2018). Para além disso, os livros físicos oferecem maior personalização e os leitores valorizam a possibilidade de sublinhar ou tirar anotações no próprio livro. O que permite aferir que, apesar dos *e-books* já oferecerem estas opções, a preferência e sensação de posse é definida por meio de outros fatores (Helm et al., 2018, p.6).

A experiência do utilizador envolve a perceção, atitude, emoção e interação que essa pessoa tem com o produto (Zhang et al., 2017, pp.579/580). Muitas pessoas valorizam o objeto físico tanto quanto o seu conteúdo. Por essa razão, gostam de sentir o papel conforme folheiam o livro e de o colocar nas estantes, porque são sinónimo da identidade do leitor. Este tipo de ligação emocional com livros impressos afeta negativamente as atitudes dos utilizadores em relação aos *e-books* (Myrberg, 2017, p.115).

“People are buying books because a book engages nearly all of their senses, from the smell of the paper and glue to the sight of the cover design and weight of the pages read, the sound of those sheets turning, and even the subtle taste of the ink on your fingertips. A book can be bought and sold, given and received, and displayed on a shelf for anyone to see. It can start conversations and cultivate romances.” (Sax, 2017)

A preferência pelo formato do livro é influenciada pelo contexto das necessidades de informação e diferenças individuais dos seus utilizadores (Zhang et al., 2017, pp.579-580). Diferentes gerações têm preferências distintas. Quando pedido aos leitores que associassem memórias a experiências que tivessem tido com certos produtos, a maioria dos participantes pensou automaticamente em objetos físicos, com especial referência a livros impressos como os infantis, de receitas ou dos romances preferidos, classificando-os como essenciais para a construção da identidade pessoal. Isto indica que os produtos digitais são menos adequados para a criação de memórias nas mentes dos consumidores, o que se encontra inevitavelmente associado à ausência da sensação de posse que os leitores possuem relativamente aos *e-books* (Helm et al., 2018, pp.1-9).

O facto de as pessoas não gostarem da impossibilidade de emprestar ou oferecer um *e-book* contribui para que classifiquem a experiência com este formato mais como um aluguer do que uma compra (Blue, 2018). Os empréstimos fazem parte da experiência de posse referida anteriormente. Para combater esta insatisfação dos consumidores, a Amazon começou a permitir o empréstimo dos *e-books* com a autorização do editor do livro, só podendo ser requisitado uma vez por um período de 14 dias, sendo os empréstimos apenas autorizados dentro dos Estados Unidos (Helm et al., 2018, p.9).

Em Portugal, o empréstimo de *e-books* é praticamente inexistente. Existem algumas experiências ao nível de bibliotecas universitárias e escolares, mas este tipo de serviços ainda é muito incipiente (Pinheiro, 2014, p.9). Existe um projeto inovador que visa a criação de uma plataforma nacional de empréstimo de *e-books* e que se designa de Elivro. Esta nova plataforma tem como principal objetivo apelar à leitura, num ambiente confortável e ilimitado a espaços físicos. Ainda não existe oficialmente em Portugal, mas seria gratuito, possibilitando ao leitor o acesso de uma forma fácil, rápida e prática aos conteúdos existentes na plataforma, a partir de um aparelho ligado a uma rede de *Internet* sem fios em qualquer lugar do território nacional. As bibliotecas disponibilizariam de um conjunto de *tablets* ou de *e-readers* para empréstimo ao domicílio, por requisição prévia. Este projeto pretende promover e aumentar os níveis de leitura em Portugal, num acesso mais democrático à leitura digital (Lourenço, 2018).

Existem ainda muitas barreiras por superar, sendo que a maior se relaciona com o consumidor e as ligações emocionais que estabelece com os produtos. É um obstáculo que provavelmente vai diminuir com o passar do tempo, acompanhando o aumento da propagação da *Internet* e das tecnologias digitais.

2.4 *E-readers* – os suportes de leitura de *e-books*

Apesar de todos os aspetos negativos e positivos dos *e-books*, os *e-readers* têm conquistado os consumidores. Este é o dispositivo desenhado exclusivamente para a leitura de *e-books*, combinando a fisicalidade de um livro impresso com as eficiências do *software*. Com o passar do tempo, os *e-readers* têm surgido com tecnologia mais apelativa e preços cada vez mais acessíveis, oferecendo um vasto e diversificado catálogo com inúmeras obras. Uma característica inovadora deste leitor eletrónico é a *e-ink*, uma tinta eletrónica que visa oferecer uma experiência semelhante à leitura do livro tradicional (Carvalho, 2012, pp.11-61). Existe também a possibilidade de o leitor ouvir a narração da história, bem como ampliar o tamanho do texto e do tipo de letra (Kelly, 2018).

“The way e-readers have increased accessibility to books is not an enhancement, it’s a godsend.” (Kelly, 2018)

De forma a aumentar o valor percebido dos *e-books*, os *e-readers* tornaram-se protagonistas, garantindo um processo de compra mais simples, uma vez que a leitura e compra estão integradas numa única plataforma, eliminando assim um dos maiores entraves: a falta de familiarização com o processo de venda de *e-books* (Silva et al., 2016, p.255).

O mais famoso *e-reader* lançado até à data foi o Kindle da Amazon (Carvalho, 2012, p.12), mas existe uma grande diversidade de oferta que procura ir ao encontro das necessidades dos consumidores (Souza, 2015, p.38). No entanto, apesar da grande propagação, a utilização de *e-readers* está em declínio, uma vez que as pessoas revelam preferência por outros dispositivos para leitura (Souza, 2015, p.39).

Atualmente, existem dezenas de formatos de *e-books*, sendo que os *e-readers* não são compatíveis com todos eles (Aptara Corp, 2016), como já foi referido no capítulo 2.3. Por essa razão foram produzidos vários modelos para garantir a satisfação dos leitores (Carvalho, 2012, p.14).

A partir de 1993 começaram a surgir os primeiros modelos de *e-readers* (Lebert, 2009, pp. 66-79). Atualmente, existem três que se destacam no mercado: o Kindle, o Kobo e o Nook. No entanto, os *e-readers* estão sujeitos a uma rápida desatualização, associada às constantes transformações inerentes às tecnologias (Cristóvão, 2013, p.24). Esta é uma das razões pelas quais são cada vez mais as pessoas que utilizam outros dispositivos para leitura de *e-books*.

O número de pessoas que utilizam outros dispositivos tem aumentado ano após ano (Lebert, 2009, pp.79-80). No entanto, de todos, importa realçar os *tablets* (Victor, 2016), dispositivos semelhantes aos *e-readers* em termos de tamanho, que possuem acesso à *Internet* e ainda um ecrã tátil a cores. A principal desvantagem que se encontra relativamente aos *e-readers* é a ausência da tecnologia da *e-ink* (Souza, 2015, p.42).

Apesar de o *tablet* não ser um *e-reader*, permite ler *e-books* e conter aplicações associadas aos mesmos. Por esta razão tornou-se um dos principais concorrentes, sendo o principal responsável pela redução significativa do preço dos *e-readers*. Porém há importantes razões para os leitores escolherem um *e-reader*, pois com a sua tecnologia *e-ink* proporciona melhores condições de leitura, é também mais leve, a sua bateria dura mais tempo, a um preço mais acessível. É importante também perceber que, apesar dos *tablets* e *e-readers* serem considerados concorrentes diretos, estes dirigem-se a grupos muito distintos. Para os *e-readers*, o público-alvo são ávidos leitores, que leem várias vezes ao dia e compram bastantes livros durante o ano. Já os *tablets* direcionam-se a amantes de tecnologia que leem mais documentos com conteúdo multimédia, estando mais direcionado para breves leituras (Carvalho, 2012, pp.17-19). Verifica-se que após as várias mudanças de formatos e das evoluções dos modelos dos *e-readers*, estes continuam a ser a melhor opção para quem procura ler *e-books*.

2.5 Transformações editoriais com o aparecimento do *e-book*

O setor dos livros apresenta características partilhadas por vários países, baseando-se “numa produção, distribuição e cadeia de vendas tradicionais, com um grande número de empresas e concorrência considerável em todas as etapas da cadeia de valor” apresentando constantes “flutuações na estrutura de mercado” (Faustino, 2011, p. 138). No entanto, o impacto dos *e-books* é diferente de país para país (Wilson and Maceviciute, 2016). Nos últimos anos, verificou-se um aumento da oferta de dispositivos de leitura e do número de leitores de *e-books* (Cristóvão, 2013, p.5) e isso levou a grandes mudanças no setor editorial (Coutinho e Pestana, 2015, p.169). Os *e-books* revelaram-se um mercado disruptivo para o modelo de negócio das editoras, tanto nacionais como internacionais, implicando a adaptação e criação de novos modelos (Carvalho, 2012, p. VI), alterando a sua cadeia de valores e o papel dos seus agentes, desde editores, gráficas, distribuidores e retalhistas (Bonfanti et al., 2010, p.4).

Estas rápidas mudanças no setor devem-se à proliferação das novas TIC e ao crescimento da *Internet* com a fragmentação do mercado, tanto em oferta como em procura (Faustino, 2012). Levantaram-se várias questões sobre o impacto deste novo produto na continuidade do livro impresso, de quanto vale efetivamente e de como as editoras irão garantir a proteção dos direitos de autor. Estas têm de acompanhar as evoluções do mercado de forma a estimular a leitura nos seus públicos e de satisfazer as necessidades dos mesmos (Souza, 2015, p.vi). Isto demonstra que o mercado do livro é dinâmico, que se reinventa e se aproxima do seu público, através da disponibilização de mais títulos em vários formatos (Faustino, 2012).

O setor editorial detém um modelo de negócio bastante consolidado em torno da impressão (Martins, 2014, p.12), mas esta necessidade de mudança impõe um grande desafio que consiste no aproveitamento das vantagens dos sistemas digitais. Estas devem conseguir tirar proveito da facilidade no acesso à informação, de forma a melhorarem a oferta dos seus conteúdos, sem nunca

descurar a qualidade dos mesmos, nem as preferências do seu público (Cristóvão, 2013, pp.6-7). Estas alterações têm-se revelado desafiantes, sendo que as editoras se encontram a passar por uma reestruturação profunda, desde uma nova cadeia de valores e canais de distribuição, reconsideração dos preços a praticar e dos formatos *e-book* a utilizar, até preocupações relacionadas com segurança informática, tal como já foi referido nas secções anteriores (Carvalho, 2012, p.1).

A estrutura de participantes do setor editorial encontrava-se bem definida, porém, atualmente, há uma rede flexível de entidades que podem ou não colaborar no processo de edição (Coutinho, 2014, p.21). É importante compreender que sem autores que escrevam livros e sem leitores que os leiam, toda a cadeia de valores das editoras não existe. Esta cadeia envolve os vários agentes referidos, juntando-se agora a cadeia de distribuição digital (Bide, 2011, p.25).

Continuarão a existir livrarias que vendem os livros impressos e, por outro lado, estima-se que as vendas dos *e-books* aumentem, principalmente vendas diretas entre editoras e leitores, como é com o caso da Wook, detida pela Porto Editora. No entanto, receiam que este crescimento dos *e-books* coloque em risco várias profissões (Wilson and Maceviciute, 2016). De facto, a profissão de livreiro pode estar em risco, mas o desaparecimento dos editores é imediatamente negado. Apesar de ter havido uma grande mudança nos seus papéis, visto que antes, na tomada de decisão, o editor devia decidir que produto lançar no mercado e qual o catálogo a construir, hoje a sua decisão é determinada por aquilo que o mercado quer. Neste sentido, percebe-se o produto será relevante ou não para esse mercado e o quanto o leitor estará disposto a pagar por ele, demonstrando que os editores continuam a ser de grande importância (Coutinho, 2014, p.96); isto porque eles não se limitam apenas à mediação de conteúdos. São também responsáveis pela apresentação do livro, a sua definição e alargamento dos canais de transmissão do mesmo, criando estratégias capazes de responder às necessidades dos leitores. Os editores são capazes de gerar valor, antecipando os conteúdos e a forma como serão usados (Cristóvão, 2013, pp.5-32).

A transição para o paradigma digital tem grandes implicações em toda a cadeia de valores associada ao livro tradicional (Lourenço, 2014). Agora coexistem duas cadeias de distribuição: a física e a digital (Martins, 2014, p.65) que se tornaram complementares, atenuando a fronteira entre os formatos físico e digital, através da tecnologia utilizada para fabricar ambos os formatos (Lebert, 2009, p.21). A abundância de informação característica da sociedade contemporânea reflete-se nas múltiplas possibilidades que os leitores possuem para adquirir livros, o que leva a uma mudança no perfil e comportamento dos compradores de livros. Destarte, é essencial que as editoras se adaptem, passando a promover novas sinergias no mercado e não ficar apenas pela replicação digital dos livros impressos (Faustino, 2017).

Em Portugal, como o mercado dos *e-books* se encontra atrasado comparativamente com o panorama global, as editoras guiam-se pelos indicadores dos mercados estrangeiros. Isto permite que ajam com precaução, dando apenas os passos necessários para garantirem a visibilidade no mercado digital (Souza, 2015, p. 97). Para garantirem o sucesso do livro que vão comercializar, as editoras procedem a uma análise e adoção de estratégias caso a caso, considerando o tipo de

edição, de formato, o conteúdo escrito e o multimédia. Só assim é possível criar um produto que responda às necessidades dos consumidores, seja com livros impressos ou com *e-books* (Cristóvão, 2013, pp.22-32).

Quando analisado o volume de negócio das editoras portuguesas, entre 2004 e 2012, verifica-se que o ano mais rentável foi 2008 com um volume correspondente aos 403,9 milhões de euros, tendo os valores decrescido desde então, alcançando em 2012 um volume de 356,3 milhões (Carita, 2017). Analisando as estatísticas da cultura de 2016 verifica-se um decréscimo de 35,8% (-8 milhões de euros) nas exportações de livros, brochuras e impressos semelhantes. Os principais países de destino deste setor continuaram a ser os países africanos de língua portuguesa (57,9%), a União Europeia (22,2%) e o Brasil (8,6%), que em conjunto concentraram 88,6% do valor das exportações daqueles bens. Face ao ano anterior, os materiais impressos registaram diminuições no número de publicações (2,7%), edições (3,4%), tiragem (18,2%), circulação total (21,9%), exemplares vendidos (17,6%) e exemplares oferecidos (27,5%). Verifica-se que 61,1% tinham como suporte de difusão o papel, enquanto 38,9% eram difundidas utilizando ambos os formatos. Isto comprova a tendência de crescimento no uso das plataformas digitais (INE, 2017, pp.23-24).

Um estudo da GfK de 2015 revelou que nesse ano foram vendidos 12,5 milhões de unidades de livros em Portugal. Eduardo Boavida da APEL (Associação Portuguesa de Editores e Livreiros) afirmou que na Feira do Livro de Lisboa de 2016 foram vendidos cerca de 400 mil livros. No entanto, tem havido um decréscimo das tiragens e aquilo que antes era considerado como um *bestseller* em Portugal, com um volume de vendas acima das 30 mil unidades, é hoje considerado como tal com apenas 10 mil (Soares, 2018). Esta quebra nas tiragens é interpretada de forma negativa, resultado de uma evolução desfavorável a este setor. No entanto, há quem afirme que se trata de um sinal de redefinição das estratégias editoriais, garantindo uma melhor adequação entre a oferta e a procura das diferentes edições (Santos et al., 2007, p.32).

Mas então quais foram as principais mudanças neste ciclo e o que é se manteve? As mudanças verificam-se não só no produto final, mas também nas técnicas de construção desse mesmo produto. A principal prende-se mesmo com a impressão, correspondendo a cerca de 30% do total dos custos de produção de um livro em papel. Já com os *e-books* esta etapa não existe, o que leva a uma redução de custos à editora e do preço final do produto. No entanto, esses preços geram alguma discordância, visto que há quem defenda que o preço final deveria refletir a complexidade e duração da produção do *e-book* (Coutinho, 2014, pp.70-73). Mesmo assim, o preço tenderá a ser inferior ao dos livros impressos, porque há essa redução de custos.

Outra mudança refere-se ao contacto com os distribuidores e retalhistas. Se, com os livros impressos são necessárias transportadoras para levar o produto até às livrarias, com os *e-books* isso já não é necessário visto que o conteúdo é disponibilizado *online*. Isto leva, mais uma vez, a redução de custos, mas também de tempo. Com os *e-books* as editoras passam também a não se preocupar com a falta de espaço para inventários ou revista aos mesmos, porque se encontra tudo num ficheiro armazenado no servidor ao qual os clientes podem aceder. Sobre o que se manteve,

verifica-se que os contactos com o autor, toda a fase de revisão textual e de paginação se mantêm iguais (Coutinho, 2014, pp.70-73).

No início dos *e-books* surgiu um problema relacionado com o *International Standard Book Number* (ISBN), porque não se sabia como se distinguiriam os *e-books* uns dos outros (Bide, 2011, p.27). Esta situação foi solucionada, sendo possível encontrar os procedimentos para identificar *e-books* na página da ISBN. Nas diretrizes, a instituição afirma que não tem relevância em que meio a publicação é disponibilizada, desde que seja baseada em texto, esteja disponível ao público e seja uma publicação *one-off* (International ISBN Agency, 2014).

Os avanços tecnológicos e os conceitos de superabundância, digital e *prosumer*, contribuíram para o aparecimento de novos escritores, assim como para a publicação de novos textos em múltiplas plataformas, levando à massificação do consumo e da produção de informação característica da sociedade contemporânea (Cristóvão, 2013, p.27). Visando o reforço da proximidade com os consumidores, os editores e empresas do setor livreiro devem encorajar o desenvolvimento desses novos autores, continuando a apostar na exploração de tecnologias. Esta capacidade de adaptação é relevante para garantir a subsistência da indústria do livro, numa sociedade em constante transformação e cada vez mais digital. Portanto, investir nos conteúdos multimédia será uma vantagem para a indústria, porque permitirá atrair um maior número de leitores, pelo facto das suas características estimularem uma maior interação entre o leitor e a história, emergindo-o numa realidade que vai muito além das palavras (Warren, 2010, p.50). Incluir gráficos, animações e interatividade é o futuro dos *e-books*, sendo que as empresas começaram a utilizar HTML 5 para esse efeito, usufruindo dos seus recursos para produzir livros mais apelativos, principalmente manuais escolares e livros educacionais (Aptara Corp, 2016).

Determina-se assim que o setor editorial se caracteriza por um número reduzido de agentes, onde os autores apostam cada vez mais na auto-publicação, utilizando plataformas disponibilizadas para tal, onde a preocupação com a segurança informática levou à criação de mecanismos anti-pirataria e onde os leitores começaram a ler mais em língua inglesa (Martins, 2014, p.14). No entanto, apesar de todas as modificações na cadeia de valores e modelo de negócio, as editoras continuarão a precisar de autores que escrevam livros e de leitores que os leiam. Peças chave que garantem a existência desta indústria e que a incentiva a evoluir e melhorar os seus processos. De facto, as editoras revelam-se dinâmicas e predispostas a garantir a satisfação dos seus leitores.

3. Implementação da metodologia

Existe uma grande incerteza relativamente ao sucesso dos *e-books* em Portugal. No entanto, é importante distinguir dois elementos centrais que contribuem para o futuro deste formato: as editoras e os leitores. Ambos desempenham papéis de grande relevância, contribuindo para a decisão de utilizar duas componentes de investigação diferentes nesta dissertação: quantitativa e qualitativa; com instrumentos distintos, mas cujos dados se conjugam no objetivo de compreender se os *e-books* tiveram impacto nos hábitos de leitura dos estudantes portugueses e nas editoras nacionais, e se efetivamente são uma boa aposta para o mercado livreiro do país.

Enquanto o estudo quantitativo assenta em técnicas de análise estatística, permitindo realizar um tratamento de dados mais geral, o estudo qualitativo foca-se numa análise mais profunda e detalhada. A combinação de ambos os métodos é, segundo Sandelowski (2000), uma opção a ter em conta para aumentar o poder analítico e abrangência do estudo, uma vez que permite combinar dados quantitativos e qualitativos ao nível interpretativo da pesquisa, preservando sempre a individualização de cada um.

Esta utilização mista de métodos insere-se no paradigma pragmático de investigação que consiste em compreender o problema a ser estudado, através do uso de múltiplas abordagens que sejam consideradas como úteis para fornecer os conhecimentos necessários para a conclusão do estudo (Mackenzie e Knipe, 2006). Isto revela que os instrumentos utilizados para a recolha de dados devem ser bem ponderados de forma a escolher os que melhor se adequam aos objetivos da investigação. Para esta dissertação foram selecionados o inquérito e a entrevista. Apesar de serem das técnicas mais simples para a recolha de dados, são das mais eficientes (Marczyk, DeMatteo e Festinger, 2005).

O inquérito é considerado o primeiro grande método de recolha de dados, sendo que existem 3 tipos: os quantitativos, os qualitativos e os mistos (Tashakkori e Teddlie, 2003). Nesta dissertação é utilizado o terceiro tipo, uma vez que resulta da combinação dos dois anteriores, com questões diversificadas, tanto de escolha múltipla como de desenvolvimento. É um método vantajoso, pois permite obter uma boa quantidade de informação, com a possibilidade de abranger

um grande grupo de pessoas e avaliar uma variedade mais ampla de comportamentos e atitudes (Marczyk, DeMatteo e Festinger, 2005).

Já a entrevista é classificada como o segundo grande método (Tashakkori e Teddlie, 2003), sendo um componente essencial nas investigações do tipo qualitativo, pois, apesar de simples, tem a capacidade de abranger diversos assuntos e conteúdos de um certo tema, de uma forma acessível. Isto permite adquirir uma grande variedade de dados, ricos em informações úteis para o estudo. No entanto, a eficácia desta técnica depende sempre de uma preparação prévia e questões minimamente padronizadas (Marczyk, DeMatteo e Festinger, 2005).

Após alguma ponderação, ambos os instrumentos foram selecionados para este estudo, uma vez que permitem identificar, de forma prática e clara, os hábitos de consumo de livros entre os estudantes portugueses e a postura das editoras perante o *e-book*, cujos dados permitem obter conclusões sobre o panorama nacional de aceitação deste formato.

Assim sendo, foi realizado um inquérito para os estudantes de 14 faculdades da Universidade do Porto, nomeadamente Faculdade de Arquitetura (FAUP), Faculdade de Belas Artes (FBAUP), Faculdade de Ciências (FCUP), Faculdade de Ciências da Nutrição e da Alimentação (FCNAUP), Faculdade de Desporto (FADEUP), Faculdade de Direito (FDUP), Faculdade de Economia (FEP), Faculdade de Engenharia (FEUP), Faculdade de Farmácia (FFUP), Faculdade de Letras (FLUP), Faculdade de Medicina (FMUP), Faculdade de Medicina Dentária (FMDUP), Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (FPCEUP), e Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS). Isto permitirá obter conclusões sobre os padrões de hábitos de leitura dos estudantes do Porto, de uma forma generalizada, mas também detalhada, de acordo com cada faculdade e respetiva área de estudo.

A escolha da amostra deveu-se ao reconhecimento, por parte de diversos estudos, de que os jovens entre os 14 e os 24 anos são a percentagem mais representativa de leitores em Portugal, o que corresponde maioritariamente a estudantes. Foram também ponderadas questões de tempo e de definição do tamanho da amostra, com o objetivo de evitar erros e falhas no controlo dos dados, garantindo qualidade e transparência dos resultados a apresentar. Tendo isto em conta foi então definida como amostra os estudantes da Universidade do Porto.

Antes do inquérito ser divulgado, foi definido um pequeno *focus* grupo de 5 pessoas. O objetivo deste método é adquirir informações sobre as perceções e opiniões dos participantes, num ambiente descontraído e propenso a abertura total dos participantes (Gibson, 2007). Foi-lhes pedido que respondessem ao questionário, com o objetivo de gerar uma discussão que permitisse identificar pontos de falha e de melhoria, assim como compreender o grau de clareza das questões apresentadas. De todas as sugestões, apenas uma não foi colocada totalmente em prática: a possibilidade de selecionar várias respostas na maioria das questões de escolha múltipla. Esta decisão deveu-se à necessidade de garantir a precisão das respostas, de forma a facilitar a análise e compreensão para a investigação. Em alternativa, foi decidido acrescentar a opção “Outro/a” caso o participante considerasse necessário adicionar mais informação do que a disponível ou conjugar as opções de resposta já fornecidas.

Já para as editoras, foram feitas entrevistas, das quais existem 3 tipos: estruturada, semi-estruturada e aberta. Na entrevista estruturada, o investigador não precisa necessariamente de estar presente, uma vez que as questões são previamente formuladas, como um questionário de apenas respostas de desenvolvimento, tendo como objetivo comparar o conjunto de respostas de cada participante. As entrevistas abertas necessitam da presença do investigador, visto que não existem questões muito bem definidas, sendo dada ao entrevistado a total liberdade sobre o tema, acabando por gerar uma conversa informal. As entrevistas semi-estruturadas resultam da combinação das anteriores (Miranda, 2009).

Para este estudo foram realizadas entrevistas estruturadas e semi-estruturadas a um total de 5 editoras. Esta investigação foca-se numa grande entrevista semi-estruturada com a Porto Editora e em quatro estruturadas a editoras de menor dimensão.

3.1 Inquérito aos estudantes

O inquérito possui o total de 31 perguntas. Dessas, 5 são de desenvolvimento, onde os participantes têm de escrever de forma sucinta a sua resposta, enquanto as restantes são de escolha múltipla. Nas últimas, o inquérito foi desenvolvido de forma a que o participante selecione apenas uma das opções de resposta, exceptuando 3 questões em que o participante tem várias opções de resposta. No entanto, mesmo neste tipo de perguntas existe a opção “Outra”, permitindo ao inquirido adicionar uma resposta não definida na estrutura, de forma a que este não se sentisse obrigado a seleccionar opções com as quais não estaria totalmente de acordo. Isto contribui para a compreensão por parte do estudante de que a sua opinião é valorizada e de grande importância para o estudo. Para além destas, existe ainda uma questão direccionada a *ratings*, onde o inquirido tem de seleccionar o número, numa escala de 1 a 5, que melhor reflita a sua opinião e atitude perante a afirmação apresentada.

Analisando a estrutura mais detalhadamente, as quatro primeiras questões são demográficas, permitindo obter informações sobre o sexo, idade, faculdade e curso do participante. Pela heterogeneidade das respostas relativas ao curso, esses dados não serão utilizados neste estudo, tendo servido apenas de guia inicial para a estruturação do inquérito. Da quinta à trigésima primeira questões, estas visam compreender comportamentos, atitudes e gostos, sempre relacionados com os hábitos de leitura e preferência de formato (livro impresso ou *e-book*).

Tendo em conta essa preferência de formato, este estudo estruturou-se em duas partes. A primeira dedica-se à obtenção de dados, unicamente, sobre os hábitos relativos ao livro impresso, bem como das informações demográficas necessárias para facilitar a análise individual de cada faculdade. A segunda acaba por apresentar uma amostra mais reduzida, visto que apenas os estudantes que sabiam o que é um *e-book* poderiam avançar no inquérito. Destarte, esta última parte destina-se a compreender os hábitos relativos ao formato eletrónico, visando obter informações sobre possíveis mudanças e razões para essas terem acontecido ou não.

Este inquérito resultou de uma adaptação de um estudo levado a cabo por Catarina Fornelos (2013) sobre o impacto do *e-book* no mercado livreiro, composto por 23 questões que serviram de base para a estruturação do presente questionário. Foi colocado nos formulários Google e divulgado através dos *e-mails* institucionais, via *e-mail* dinâmico, associação de estudantes e secretaria, para os estudantes das diversas faculdades de 18 de fevereiro até 26 de abril. Os dados obtidos passaram por um tratamento estatístico, tendo sido utilizado o *software* SOFA (*Statistics Open For All*), um programa *open-source* que permitiu importar as tabelas criadas em excel com os dados do presente estudo e combinar a informação automaticamente.

A análise estatística é a mais adequada quando utilizado um inquérito para a recolha de dados, visto distinguir-se pela precisão, permitindo manipular rapidamente as múltiplas variáveis do estudo, o que facilita os leitores na compreensão dos resultados, graças à sua clareza e capacidade de síntese (Quivy e Campenhoudt, 2008).

Deste modo, a análise dos dados obtidos começará com uma descrição demográfica, descrevendo a amostra em termos de sexo, idade e área de estudo. Posteriormente, será realizada uma análise descritiva da totalidade da informação recolhida, ou seja, direcionada a todos os estudantes da Universidade do Porto. Ao longo dessa etapa serão analisadas as respostas obtidas de cada faculdade e no final será apresentada uma conclusão dos estudantes de cada uma das instituições, de forma a compreender se existe alguma relação entre a área de estudo e os hábitos de leitura.

3.2 Entrevistas às editoras

Uma vez que as entrevistas seguem uma abordagem qualitativa, a sua análise possui um nível de complexidade e profundidade superiores à quantitativa, visto que implica um tratamento mais delicado por apresentar informações mais detalhadas e pormenorizadas (Quivy e Campenhoudt, 2008).

As entrevistas realizadas dividem-se em estruturadas e semi-estruturadas, sendo que as segundas se guiaram pelo conjunto de questões presentes nas primeiras. Dependendo se as editoras comercializam ou não *e-books*, o guião da entrevista é composto por 18 ou 15 perguntas respetivamente (apêndice B).

Foram contactadas cerca de 60 editoras do norte e centro do país, via *e-mail*, pedindo a colaboração para este estudo. Do total, foram obtidas 12 respostas, das quais 2 informaram não querer participar, enquanto as restantes mostraram uma atitude proativa. Das 10 que aceitaram, apenas 5 é que efetivamente colaboraram no estudo.

Assim sendo, foi realizada uma grande entrevista semi-estruturada com a Porto Editora que servirá como ponto principal nesta parte da investigação, visto que o mercado editorial português se encontra dominado por duas grandes empresas, sendo, uma delas, a editora em questão. A esta,

juntam-se 4 entrevistas estruturadas com a Livros de Bordo, Alfarroba, Eu Edito e Livros Horizonte.

Na análise das entrevistas a identificação do sujeito entrevistado é mantida em anonimato, sendo que as suas respostas são apresentadas como representantes das editoras.

O guião desenvolvido (apêndice B) teve como objetivo apresentar exatamente as mesmas questões aos entrevistados, de forma a se obterem dados comparáveis para análise. Desta forma, esta parte da investigação será estruturada tendo em conta a ordem das perguntas desenvolvidas, sendo que as respostas de cada uma das editoras serão expostas após identificação da pergunta. Cada questão apresentará as respostas em sínteses que permitem elucidar da principal conclusão que se retira da combinação das entrevistas. Após sumarizadas as respostas à questão indicada, é apresentada uma tabela que permite agregar e categorizar fragmentos das entrevistas, de forma a salientar os aspetos mais importantes. A mesma estará dividida em 4 colunas: a primeira será a categoria da questão; a segunda a sub-categoria composta por sub-questões que devem ser respondidas e que correspondem à questão principal; a terceira é a unidade de registo onde são colocadas as conclusões obtidas através das sub-categorias e por último, a unidade de contexto onde são colocados os fragmentos de texto que respondem à questão em causa.

4. Apresentação e análise dos resultados

Neste capítulo apresentam-se os resultados obtidos através dos instrumentos destinados à recolha de dados: o inquérito e as entrevistas.

Para os resultados obtidos através do inquérito será realizada uma análise estatística, estando dividida em três partes: inicialmente será feita uma caracterização sócio-demográfica, posteriormente uma descrição detalhada dos dados obtidos de todos os estudantes da Universidade do Porto e, por último, uma análise mais individualista dividida por faculdade. Esta estrutura permitirá obter conclusões sobre os hábitos de leitura dos estudantes, bem como das mudanças que estes hábitos sofreram, ou não, com o aparecimento dos *e-books*, compreendendo o porquê dessas alterações se verificarem ou não, avaliando as variáveis que influenciam a escolha de formato por parte dos inquiridos.

Relativamente aos resultados obtidos através das entrevistas, será realizada uma análise qualitativa, onde as respostas de cada editora serão avaliadas individualmente. No final, essas respostas serão comparadas de forma a identificar um padrão ou uma posição comum caracterizadora do mercado editorial português e da postura adotada perante o aparecimento dos *e-books*.

4.1 Inquérito aos estudantes

Este estudo contou com a participação de 14 instituições pertencentes à Universidade do Porto, tendo sido obtidas o total de 1540 respostas. A amostra caracteriza-se unicamente por estudantes, sendo bastante heterogénea em termos de idade, sexo e área de estudo, como se pode observar pelas tabelas seguintes:

Tabela 5. Sexo

Sexo	Frequência	Percentagem
Feminino	1055	68,5%
Masculino	485	31,5%

Dos 1540 estudantes participantes, mais de metade são do sexo feminino (68,5%), facto que se revela comum a todas as faculdades abrangidas no estudo, excepto na FEUP e FADEUP, onde a percentagem de estudantes do sexo masculino é superior (apêndice J e G). Estes dados são referidos no estudo apresentado por Alexandra Carita (2017) para o jornal Expresso que comprova que o perfil dos leitores portugueses é maioritariamente do sexo feminino, jovem e escolarizado, com principal destaque entre os 14 e 24 anos.

Tabela 6. Idades

Idades	Frequência	Percentagem
17 aos 27	1321	85,8%
28 aos 38	160	10,4%
39 aos 49	49	3,2%
50 aos 60	10	0,6%

De facto, apesar do inquérito ter sido divulgado para estudantes de licenciatura, mestrado e doutoramento, quando dividido por faixas etárias, verifica-se uma predominância dos jovens dos 17 aos 27 anos. Desses, foram obtidas mais respostas dos que possuíam 22 anos, com um total de 232 respostas (apêndice Q). O fosso geracional que se observa na tabela 6, pode ser justificado pelo facto de o ensino superior ser fortemente caracterizado por jovens até aos 30 anos, com maior número de inscritos em mestrados e licenciaturas (apêndice R). Por essa mesma razão, é que a partir dos 33 anos se verifica uma grande diminuição no número de respostas (apêndice Q), sendo que do total da amostra, apenas 3,8% representam uma idade superior aos 39 anos.

Na tabela 6 os valores são apresentados na forma de intervalo, de forma a sintetizar a análise e simplificar a compreensão, no entanto, no apêndice Q é possível analisar os valores exatos.

Tabela 7. Áreas de estudo das faculdades envolvidas no estudo

Áreas de estudo	Frequência	Percentagem
Arquitetura	57	3,7%
Artes	47	3%
Ciências	171	11,1%
Ciências biomédicas	106	6,9%
Desporto	48	3,1%
Direito	65	4,2%
Economia	117	7,6%

Engenharia	397	25,8%
Farmácia	51	3,3%
Letras	261	17%
Medicina	87	5,7%
Medicina dentária	13	0,8%
Nutrição	36	2,3%
Psicologia e ciências da educação	85	5,5%

As áreas de estudo apresentadas na tabela 7, representam as 14 faculdades participantes neste estudo. Assim sendo, cada área corresponde à instituição que a leciona, sendo que arquitetura corresponde à FAUP, artes à FBAUP, ciências à FCUP, ciências biomédicas ao ICBAS, desporto à FADEUP, direito à FDUP, economia à FEP, engenharia à FEUP, farmácia à FFUP, letras à FLUP, medicina à FMUP, medicina dentária à FMDUP, nutrição à FCNAUP e psicologia e ciências da educação à FPCEUP.

Foram obtidas mais respostas dos estudantes das áreas de engenharia, letras e ciências, representando mais de metade da totalidade com 53,9%. Isto pode ser justificado pelo facto de entre as 14 instituições da Universidade do Porto envolvidas neste estudo, estas três serem das que possuem mais estudantes inscritos.

Relativamente à quantidade de livros lidos por ano (tabela 8), a maioria dos inquiridos lê até 5 livros (50,7%), sendo que a percentagem de leitores que leem até 10 livros (24,7%) e mais de 11 livros (24,6%) é muito próxima. Esta tendência verifica-se também na compra de livros (tabela 9), sendo que 70,1% compra até 5 livros por ano, sendo que a maior percentagem de gastos anuais (tabela 10) é até 50€. Isto demonstra que os estudantes leem mais do que aquilo que compram, o que sugere que existe uma tendência de empréstimo de livros.

Apesar de, segundo Alexandra Carita (2017), os estudantes serem a parte mais representativa de leitores em Portugal, os dados obtidos demonstram que não gastam muito dinheiro em livros, sendo que se for definido um perfil de estudante leitor, tendo em conta os valores médios, este seria caracterizado por ler 8 livros por ano e comprar 6, com um gasto anual de até 84€.

Ao analisar os dados de cada faculdade, observa-se que são valores comuns, principalmente em termos de gastos e livros comprados por ano que se situam sempre nos 0 a 50€ e 0 a 5, respetivamente. Relativamente aos livros lidos por ano, identifica-se um padrão comum com predominância de 0 a 5, no entanto a FLUP é exceção, sendo que a maioria lê 11 ou mais livros (39%) (apêndice L).

Tabela 8. Questão 5: Média de livros lidos por ano

Livros lidos por ano	Frequência	Percentagem
0 a 5	781	50,7%
6 a 10	381	24,7%
11 ou mais	378	24,6%

Tabela 9. Questão 13: Média de livros comprados por ano

Livros comprados por ano	Frequência	Percentagem
0 a 5	1079	70,1%
6 a 10	301	19,5%
11 ou mais	160	10,4%

Tabela 10. Questão 14: Gasto anual em livros

Gasto anual em livros	Frequência	Percentagem
0 a 50€	893	58%
51€ a 100€	392	25,5%
101€ a 150€	120	7,8%
151€ a 200€	68	4,4%
Mais de 201€	67	4,3%

O romance continua a ser o género preferido dos estudantes leitores, com 550 respostas, o que corresponde a 35,7%, seguido de fantasia com 227 (14,7%) e policial com 195 (12,7%). Quando questionados sobre o género mais lido, apesar de romance continuar em primeiro lugar com 522 respostas (33,9%), observa-se um forte crescimento dos livros técnicos, com 401 (26%), ultrapassando assim os livros de fantasia e policiais. Isto justifica-se pela necessidade de leitura durante o período escolar para estudo e acompanhamento das matérias lecionadas nas aulas.

Na categoria dos “Outros” destacam-se as biografias, as histórias verídicas, os livros de não-ficção, drama, história e suspense.

No caso individual de cada faculdade, 10 preferem e leem mais romances, nomeadamente FCNAUP, FDUP, FEP, FEUP, FFUP, FLUP, FMDUP, FMUP, FPCEUP e ICBAS, sendo por isso normal que os dados gerais representados na figura 12 e 13 demonstrem que o romance é o género preferido e mais lido. Nas 4 exceções encontram-se a FAUP, FBAUP e FADEUP, que apesar de preferirem romances, leem mais livros técnicos, e a FCUP cuja preferência e maior leitura recai sobre o género fantasia.

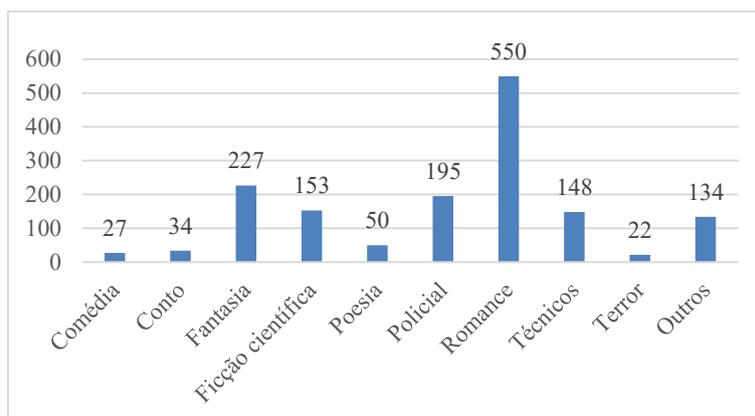


Figura 8. Questão 6: Gêneros mais apreciados

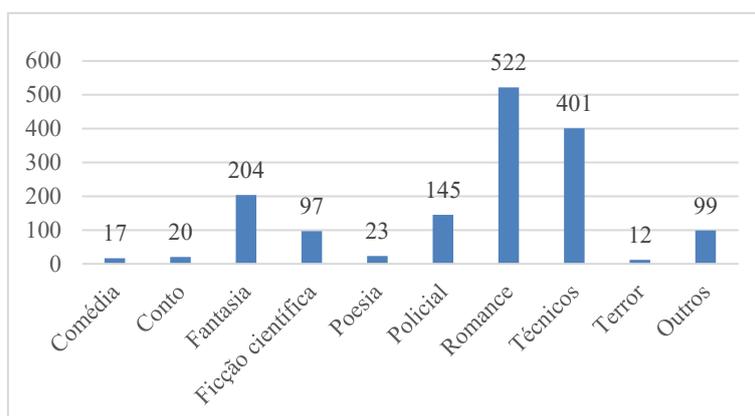


Figura 9. Questão 7: Gêneros mais lidos

Os dados da tabela 11 revelam que mais de metade dos inquiridos encontra-se a ler um livro (70,7%), sendo que é a resposta comum quando analisada cada faculdade individualmente. No entanto, quando questionados sobre a quantidade de livros lida no último mês, apesar de 54,9% ter afirmado ler entre 1 a 3 livros, existe uma elevada percentagem que afirmou não ter lido (36,5%). De facto, em 4 faculdades os estudantes responderam não ter lido nenhum livro no mês anterior, nomeadamente a FCNAUP, FADEUP, FEP e FFUP.

Tabela 11. Questão 8: Encontra-se a ler um livro atualmente

Está a ler um livro	Frequência	Percentagem
Sim	1089	70,7%
Não	451	29,3%

Tabela 12. Questão 9: Livros lidos no último mês

Livros lidos no último mês	Frequência	Percentagem
Nenhum	562	36,5%
1 a 3	846	54,9%
3 a 6	92	6%
6 ou mais	40	2,6%

Os inquiridos demonstraram dedicar sempre algum tempo durante a semana à leitura, sendo o mais comum entre 1 a 4 horas, com 682 respostas. Pelos dados apresentados na tabela 13, pode-se assumir que a leitura faz parte da rotina dos estudantes, sendo que quem lê menos de 1 hora o deverá fazer por relação ao estudo e realização de trabalhos e projetos académicos, enquanto que quem lê mais de 4h poderá fazê-lo resultante da combinação entre estudo e lazer.

Tendo em conta cada faculdade, em 5 delas os seus estudantes referiram ler menos de 1 hora. Curiosamente, essas faculdades são as que se encontram mais relacionadas com saúde e bem-estar, nomeadamente FCNAUP, FADEUP, FFUP, FMUP e ICBAS.

Tabela 13. Questão 10: Tempo médio dispendido durante a semana para ler

Tempo médio de leitura semanal	Frequência	Percentagem
Menos de 1h	523	34%
Entre 1h a 4h	682	44,3%
Mais de 4h	335	21,7%

As férias são o período em que os estudantes mais leem durante o ano (71,7%), sendo unânime a todas as faculdades. Isto deve-se ao facto de terem mais tempo livre, de se sentirem com menos responsabilidades e menos cansados, lendo mais por gosto e lazer.

Já os estudantes que responderam ler mais em tempo de aulas, justificam-no por necessidade e obrigatoriedade ao estudo e trabalhos académicos, visitando frequentemente a biblioteca, mas também porque é a altura do ano em que passam mais tempo em transportes públicos devido às deslocações à faculdade, aproveitando assim a duração da viagem para colocar a leitura em dia. No entanto, há quem leia mais nesta altura para relaxar e descontraír da rotina académica e até quem admita que prefere ocupar o tempo de férias com outras atividades e *hobbies*.

Relativamente aos estudantes que leem todo o ano, a maioria das respostas relacionam-se com questões de gosto e rotina diária, sendo que os inquiridos fazem questão de arranjar sempre algum tempo para ler durante a semana, com especial destaque para os fins-de-semana e antes de ir dormir. Muitos referem ainda que optam por leituras mais científicas e técnicas em período de aulas e mais recreativas nas férias.

Os que não leem, admitem não gostar, nem possuírem tempo suficiente para o fazer, sendo que preferem filmes, séries e documentários.

Tabela 14. Questão 11: Altura do ano em que mais lê

Quando mais lê	Frequência	Percentagem
Aulas	300	19,5%
Férias	1105	71,7%
Não lê	7	0,5%
Todo o ano	128	8,3%

Quanto ao propósito de leitura, 70,4% admite ler por lazer. Esta é outra resposta partilhada pelas 14 faculdades envolvidas no estudo, revelando uma postura positiva, por parte dos estudantes, relativamente à leitura, demonstrando que a consideram mais como um *hobbie* e atividade relacionada com o entretenimento e o lazer, e não como uma obrigação.

Na categoria “Outros” da tabela 15 predomina o uso das 3 primeiras opções, ou seja, leem por uma combinação entre pesquisa, lazer e estudo, mas alguns inquiridos referem ser por lazer e pesquisa ou ainda por lazer e estudo. Há ainda quem refira que lê para adquirir mais cultura e conhecimento, por interesse no tema e curiosidade.

Tabela 15. Questão 15: Propósito de leitura

Propósito de leitura	Frequência	Percentagem
Estudo	254	16,5%
Lazer	1084	70,4%
Pesquisa	103	6,7%
Outros	99	6,4%

Visto que esta investigação se direciona a estudantes portugueses, verifica-se que o idioma é um dos principais influenciadores na escolha de leitura, uma vez que, habitualmente, leem em português (65,8%). Ao analisar os dados de cada faculdade observa-se que é resposta predominante a todas.

Das 105 respostas pertencentes ao grupo “Outra” destaca-se a combinação entre português e inglês, sendo que os estudantes leem numa ou outra de igual forma. Há também quem responda a combinação entre português e francês e até mesmo entre as três, apesar de não ser com a mesma frequência da primeira. É ainda referido o espanhol, o italiano e o alemão e ainda quem mencione búlgaro e romeno, justificando serem as suas línguas maternas.

Tabela 16. Questão 16: Língua escolhida para leitura

Língua escolhida para leitura	Frequência	Percentagem
Português	1013	65,8%
Inglês	415	26,9%
Francês	7	0,4%
Outra	105	6,9%

Para seleccionar a amostra representante da segunda parte do estudo, foi analisado o conhecimento dos leitores acerca dos livros eletrónicos, verificando-se que quase a totalidade dos inquiridos sabe o que é um *e-book* (97,7%). Tendo em conta a análise individual a cada faculdade, as percentagens de quem tem conhecimento do que é um livro eletrónico oscilam entre os 83% e 100%. O primeiro valor pertence à FADEUP e o segundo à FAUP, FCNAUP e FMDUP.

A questão representada na tabela 17 corresponde à última pergunta da primeira parte do questionário, tendo sido seriados os estudantes que admitiram ter conhecimento sobre esta tecnologia. Por essa razão, a amostra da segunda parte encontra-se totalizada no valor de 1505 respostas.

Tabela 17. Questão 17: Tem conhecimento do que é um livro eletrónico (*e-book*)

Sabe o que é um <i>e-book</i>	Frequência	Percentagem
Sim	1505	97,7%
Não	35	2,3%

Apesar de 1505 estudantes saberem o que é um *e-book*, apenas 842 (55,9%) é que efetivamente já leram um (tabela 18). Observando cada faculdade, apenas em 4 é que as percentagens foram superiores para aqueles que nunca leram um *e-book*. As instituições em questão são a FAUP, a FBAUP, a FDUP e a FMDUP.

Dos 44,1% que responderam “Não”, a grande maioria admite que não o fez porque prefere os livros impressos (28,2%) ou porque não gosta de ler em ecrãs (9,8%), tal como se pode observar na tabela 19. De facto, observando novamente as respostas de cada faculdade, verifica-se uma concordância entre todas através da preferência por livros impressos.

Na categoria “Outro” da tabela 19 surgem como respostas o facto de não terem encontrado até à data um livro que quisessem ler em formato digital, de existir pouca informação acerca dos *e-books* e dos livros impressos serem mais abundantes.

Tabela 18. Questão 18: Já leu um *e-book*

Já leu um <i>e-book</i>	Frequência	Percentagem
Sim	842	55,9%
Não	663	44,1%

Tabela 19. Questão 19: Justificações por nunca ter lido um *e-book*

Porque é que nunca leu um <i>e-book</i>	Frequência	Percentagem
Respondi sim na questão 18	842	55,9%
Existe pouca informação acerca dos <i>e-books</i>	16	1,1%
Não gosto de ler em ecrãs	147	9,8%
Não tenho um dispositivo de leitura	66	4,4%
Pouca diversidade de títulos	6	0,4%
Prefiro livros impressos	425	28,2%
Outro	3	0,2%

Já dos 55,9% que responderam “Sim”, é possível observar, na tabela 20, que leram maioritariamente livros técnicos, seguidos dos géneros romance e fantasia. Isto revela que os estudantes utilizam os *e-books* para fins mais pedagógicos e educacionais. No entanto, não se encontra unanimidade entre faculdades, sendo que nas FDUP, FFUP, FLUP e FPCEUP a resposta mais comum é romance e na FMDUP técnicos, romances e policiais partilham a mesma preferência por parte dos estudantes.

Na opção “Outro” dessa tabela, a maioria dos estudantes refere que depende do conteúdo, lendo vários estilos. Alguns destacam as biografias, mangá, livros de história e de divulgação científica.

Tabela 20. Questão 20: Género literário lido em *e-book*

Que género literário leu em <i>e-book</i> ?	Frequência	Percentagem
Respondi não	663	44,1%
Comédia	11	0,7%
Conto	18	1,2%
Fantasia	113	7,5%
Ficção científica	78	5,2%
Poesia	16	1,1%
Policial	30	2%
Romance	211	14%
Técnicos	311	20,7%
Terror	8	0,5%
Outro	46	3%

Relativamente aos dispositivos de leitura (tabela 21), apesar dos *e-readers* terem sido criados especificamente para a leitura de *e-books*, os estudantes optam pelo uso do computador para o mesmo fim (18,6%), seguido do telemóvel (16%) e do *tablet* (13%), sendo que os *e-readers* são a opção menos referida (7,6%). Exceptuando a FBAUP, cujos estudantes usam computador e

tablet na mesma percentagem, a FEP e a FMDUP, onde preferem *tablet* e a FFUP com a maioria das respostas a incidirem no telemóvel, os estudantes preferem, de facto, o computador.

Na categoria “Outro”, os inquiridos apresentaram combinações nas respostas, revelando o uso simultâneo do computador e telemóvel; do computador e *tablet*; do *e-reader* e computador; do *e-reader* e *tablet*; do *tablet* e telemóvel; do *tablet*, computador e telemóvel; e ainda do *e-reader*, computador e telemóvel.

Na revisão bibliográfica, *tablets* e *e-readers* foram considerados concorrentes diretos, uma vez que ambos primam pela portabilidade. No entanto, verifica-se que é o computador o dispositivo mais utilizado, o que revela uma tendência de leitura em locais fechados, como casa, universidade ou cafés, ou seja, locais mais adequados para a utilização do computador. Esta preferência também pode ser justificada pelo facto de este dispositivo ser o mais utilizado pelos jovens para aceder à *Internet*.

Tabela 21. Questão 21: Dispositivo utilizado para leitura do *e-book*

Dispositivo utilizado para a leitura do <i>e-book</i>	Frequência	Percentagem
Não utilizei, porque não li	663	44,1%
Computador	280	18,6%
<i>E-reader</i>	114	7,6%
<i>Tablet</i>	196	13%
Telemóvel	241	16%
Outro	11	0,7%

Anteriormente verificou-se que o género mais lido em formato digital é o técnico (tabela 20). No entanto, na tabela 22, o propósito de leitura dos *e-books* por parte dos estudantes é caracterizado por ser, principalmente, uma leitura por lazer (27,8%). Isto pode ser justificado pela mesma razão associada aos dados da tabela 15, de que os estudantes consideram a leitura uma atividade de lazer e entretenimento, apesar de a utilizarem recorrentemente para tarefas académicas.

Analisando cada faculdade, apesar de haver unanimidade quanto ao lazer como propósito principal, os estudantes da FAUP igualam esse propósito com a pesquisa e os estudantes da FBAUP, FCNAUP e FADEUP destacam o estudo.

Indisponibilidade em papel, aprendizagem, desenvolvimento pessoal, poupança monetária e uso tanto para pesquisa, como para lazer e estudo, são outras respostas que se inserem na última opção da tabela 22, designada de “Outro”.

Tabela 22. Questão 22: Propósito de leitura de *e-book*

Propósito de leitura de <i>e-book</i>	Frequência	Porcentagem
Não utilizo	663	44,1%
Estudo	259	17,2%
Lazer	418	27,8%
Pesquisa	149	9,9%
Outro	16	1%

Através da tabela 18, foi possível afirmar que 663 de 1505 estudantes nunca leu um *e-book*. Quando a totalidade da amostra foi questionada sobre quantos livros tinham lido nesse formato foram obtidas 778 respostas de estudantes que não leram nenhum, o que corresponde a uma percentagem de 51,7%, ou seja, a mais de metade dos inquiridos (tabela 23). Isto significa que dos 842 que já leram um *e-book*, 115 não lê um há cerca de um ano, o que sugere insatisfação da leitura por este formato. De facto, tendo em conta cada uma das faculdades, as percentagens de estudantes que não leu nenhum *e-book* no último ano, oscilam entre os 44% e os 85%. Sendo a FEUP a detentora do primeiro valor e a FMDUP do segundo.

Dos 727 que leram neste formato no último ano, 538 (35,7%) leram entre 0 a 5 *e-books*, 89 (6%) entre 6 a 10 e 100 (6,6%) leram 11 ou mais. A FLUP é a faculdade que apresenta uma maior percentagem de estudantes a lerem 11 ou mais *e-books* com 10% (apêndice L).

Tabela 23. Questão 23: *E-books* lidos no último ano

<i>E-books</i> lidos no último ano	Frequência	Porcentagem
Nenhum	778	51,7%
0 a 5	538	35,7%
6 a 10	89	6%
11 ou mais	100	6,6%

Apesar da sociedade contemporânea se caracterizar por constantes avanços tecnológicos, contribuindo para o aparecimento do *e-book*, o livro impresso continua a ser o formato mais utilizado e preferido por parte dos estudantes, sendo uma opinião unânime a todas as faculdades (tabela 24). Isto vai de encontro ao estudo de Amy Fry (2018) e à notícia do *New York Times* por parte de Daniel Victor (2016), que comprovam que os *e-books* têm uma menor taxa de uso.

Tabela 24. Questão 24: Formato de leitura mais utilizado

Formato de leitura mais utilizado	Frequência	Porcentagem
Livro impresso	1130	75,1%
<i>E-book</i>	185	12,3%
Ambos	190	12,6%

A pergunta 25 do questionário destina-se a compreender o porquê dessas preferências de formato, tendo sido a primeira questão em que os inquiridos puderam selecionar mais do que uma opção. Destarte, a totalidade de respostas a esta pergunta varia de formato para formato. Realçar também que na análise a esta questão serão aplicados os quatro grupos desenvolvidos no estudo de Aaron Shrimplin, Andy Reville, Susan Hurst e Kevin Messner (2011): os “*book lovers*” (amantes de livros), “*technophiles*” (tecnófilos), “*pragmatist*” (pragmáticos) e os “*printers*” (tipógrafos), de forma a traçar um perfil dos estudantes da Universidade do Porto.

Assim sendo, dos 1130 que preferem livro impresso, obteve-se o total de 2817 justificações. A principal para utilizarem este formato é o gosto pela sensação física do livro (34,4%), valorizando o toque e cheiro característico do mesmo, bem como a opção de sublinhar e tirar notas, o que o torna mais personalizável (2%). A possibilidade de revenda ou empréstimo (6,3%) também se destaca como uma singularidade do formato impresso, visto que ainda não é possível fazê-lo com os *e-books*. O facto de não serem necessários dispositivos de leitura também é um fator muito valorizado, contando com 9,5% das respostas. Para além disso, 26,6% afirma não gostar de ler em ecrãs, pelo cansaço visual e por sentir maior dificuldade de concentração. Por outro lado, 2,9% utiliza um ou outro formato dependendo das situações, sendo que 4,3% utiliza os livros impressos para leituras mais longas e os *e-books* para mais curtas.

Os 1,4% da opção “Outro” caracterizam-se por questões de colecionismo e criação de bibliotecas pessoais, de posse, de tradição e antiguidade, de menor cansaço visual, menores distrações e maior capacidade de retenção da informação. É ainda referido o gosto de visualizar o progresso no livro, da experiência da compra física, da apreciação da capa e do facto de o livro impresso ser independente das limitações dos dispositivos eletrónicos, como a necessidade de carregamento da bateria ou o tamanho reduzido do ecrã.

Neste caso é possível então aplicar dois dos grupos: os amantes de livros, uma vez que privilegiam os livros impressos e as suas características, optando pelos mesmos sempre que possível, mas não se recusando a ler *e-books*, utilizando-os para leituras mais curtas e específicas; e os tipógrafos, devido aos 26,6% que admitem ter dificuldades em ler no formato digital, pois consideram que absorvem menos informação.

Tabela 25. Questão 25: Justificações da preferência por livro impresso

Livro impresso	Frequência	Percentagem
Conteúdo multimédia	0	0%
Disponibilidade de títulos	125	4,4%
Facilidade de pesquisa	37	1,31%
Impressos para leituras mais longas e <i>e-books</i> para mais curtas	120	4,3%
Impressos para leituras mais curtas e <i>e-books</i> para mais longas	1	0,04%
Ler em ecrãs não me incomoda	38	1,35%

Leveza e portabilidade	50	1,8%
Maior armazenamento de livros	20	0,7%
Mais interativo	39	1,4%
Não são necessários dispositivos de leitura	269	9,5%
Não gosto de ler em ecrãs	750	26,6%
Personalizável	56	2%
Possibilidade de revenda ou empréstimo	177	6,3%
Preço mais acessível	46	1,6%
Sensação física do livro	968	34,4%
Utilizo um ou outro dependendo das situações	81	2,9%
Outro	40	1,4%

Dos 185 que selecionaram o *e-book* como a sua preferência, houve um total de 707 respostas. Das justificações, a mais referida pelos estudantes é a leveza e portabilidade (16,9%) dos dispositivos de leitura, sendo que um *e-reader*, um *tablet* ou um telemóvel conseguem ser mais leves que alguns livros em formato impresso e mais fáceis de transportar por não ocuparem tanto espaço ou fazerem tanto peso. Para além disso, estes dispositivos permitem armazenar mais livros (14,4%), algo que os estudantes valorizam, pela possibilidade de terem acesso a qualquer livro a qualquer altura, sempre à distância de um clique e sem peso adicional. O preço mais acessível também é um fator muito apreciado pelos inquiridos (14%), sendo que a maioria realça a questão da gratuitidade associada a alguns *e-books*. Não se importam de ler em ecrãs (9,8%), mas utilizam ambos os formatos dependendo das situações (4,4%). Dos 1,3% que mencionaram outras justificações, destaca-se a preocupação com a sustentabilidade ambiental e poupança de papel. Inserem-se assim no grupo dos pragmáticos, uma vez que valorizam as funcionalidades dos *e-books* e não identificam efeitos negativos na produtividade e fluxo de trabalho resultantes da leitura neste formato.

No entanto, 1,4% prefere os *e-books* para leituras mais longas e os impressos para mais curtas. Assim sendo, faz mais sentido que se insiram no grupo dos tecnófilos, uma vez que se sentem confortáveis com a leitura neste formato, considerando que a acessibilidade e opção de pesquisa superam quaisquer desvantagens associadas ao mesmo.

Tabela 26. Questão 25: Justificações da preferência por *e-book*

<i>E-book</i>	Frequência	Porcentagem
Conteúdo multimédia	21	3%
Disponibilidade de títulos	89	12,6%
Facilidade de pesquisa	90	12,7%
Impressos para leituras mais longas e <i>e-books</i> para mais curtas	12	1,7%
Impressos para leituras mais curtas e <i>e-books</i> para mais longas	10	1,4%
Ler em ecrãs não me incomoda	69	9,8%
Leveza e portabilidade	120	16,9%
Maior armazenamento de livros	102	14,4%
Mais interativo	31	4,4%
Não são necessários dispositivos de leitura	0	0%
Não gosto de ler em ecrãs	0	0%
Sensação física do livro	0	0%
Personalizável	24	3,4%
Possibilidade de revenda ou empréstimo	0	0%
Preço mais acessível	99	14%
Utilizo um ou outro dependendo das situações	31	4,4%
Outro	9	1,3%

Por fim, dos 190 que usam ambos os formatos, o valor total foi de 873 respostas. A justificação predominante é que utilizam um ou outro dependendo das situações (13,9%), isto porque tanto valorizam a sensação física do livro impresso (12%), como a facilidade de pesquisa dos *e-books* (10,9%). Como não têm grandes problemas a ler em ecrãs (7,3%), acabam por possuir uma maior liberdade de escolha e uma grande variedade de títulos disponíveis (8,8%), podendo sempre optar pela opção mais económica (9,5%). De facto, a possibilidade de poder comprar o livro *online*, caso não o encontre em formato físico ou vice-versa é uma das respostas pertencentes aos 0,6% da opção “Outro”. A esta, junta-se a preferência de ler livros impressos em casa e *e-books* em viagens, bem como a opção de utilizar impressos para estudo e *e-books* para lazer.

Pelo conjunto de justificações referidas, estes estudantes inserem-se no grupo dos pragmáticos, visto não abdicarem do livro impresso, mas valorizarem as funcionalidades dos *e-books*, usufruindo das vantagens que ambos os formatos oferecem.

Tabela 27. Questão 25: Justificações da preferência por ambos

Ambos	Frequência	Porcentagem
Conteúdo multimédia	19	2,2%
Disponibilidade de títulos	77	8,8%
Facilidade de pesquisa	95	10,9%
Impressos para leituras mais longas e <i>e-books</i> para mais curtas	48	5,5%
Impressos para leituras mais curtas e <i>e-books</i> para mais longas	10	1,1%
Ler em ecrãs não me incomoda	64	7,3%
Leveza e portabilidade	96	11%
Maior armazenamento de livros	79	9%
Mais interativo	27	3,1%
Não são necessários dispositivos de leitura	3	0,3%
Não gosto de ler em ecrãs	13	1,5%
Personalizável	21	2,4%
Possibilidade de revenda ou empréstimo	8	0,9%
Preço mais acessível	83	9,5%
Sensação física do livro	104	12%
Utilizo um ou outro dependendo das situações	121	13,9%
Outro	5	0,6%

Identificadas as preferências dos estudantes e as suas justificações, foi pedido, oferecendo novamente a possibilidade de selecionar mais do que uma opção, que identificassem quais as desvantagens (tabela 28) e vantagens (tabela 29) do *e-book*.

Nas desvantagens foram obtidas 4551 respostas, das quais se destacam a perda da sensação física do livro (25,7%), a dificuldade de leitura em ecrã (16,8%) e a dependência de dispositivos de leitura (12,8%). Outras desvantagens (1%) referidas são a necessidade de carregamento do dispositivo eletrónico, o cansaço visual, a fraca disponibilidade e variedade de *e-readers* em Portugal. Há quem defenda que a leitura é uma alternativa à dependência das novas tecnologias, pelo que o formato digital só contribui para prejudicar essa situação e ainda quem considere que andar com um livro é mais seguro do que com um *tablet* ou *e-reader*, pois em caso de roubo, os prejuízos são menores. No entanto, alguns estudantes responderam não identificar quaisquer desvantagens neste formato. No geral, estas questões já tinham sido referidas nos estudantes que mostraram preferência pelos livros impressos na tabela 25.

Tabela 28. Questão 27: Desvantagens do *e-book*

Desvantagens do <i>e-book</i>	Frequência	Percentagem
Dependência de dispositivos de leitura	581	12,8%
Dificuldade de ler em ecrãs	766	16,8%
Dificuldade de uso	148	3,3%
Escassez de <i>e-books</i> em língua portuguesa	229	5%
Intangibilidade	293	6,4%
Limitações de partilha e cópia	236	5,2%
Menor nível de concentração	774	17%
Perda da sensação física do livro	1169	25,7%
Pouca diversidade de títulos	159	3,5%
Preço	148	3,3%
Outro	48	1%

Já nas vantagens, o número total de respostas foi de 5681, um valor superior ao obtido nas desvantagens, o que demonstra que os estudantes encontram mais pontos a favor do que contra relativamente ao *e-book*. A portabilidade (19,6%), a leveza (14,4%) e o armazenamento de diversos títulos (12,7%) foram as vantagens mais escolhidas pelos inquiridos. Nas funcionalidades extra dos dispositivos de leitura (6,8%) alguns estudantes realçaram o dicionário pronto a usar, os menus de *highlights* que tornam a revisão de certos tópicos mais fácil, a sincronização com a aplicação *Goodreads* e a facilidade de controlo e ajuste do brilho de ecrã caso se queira ler à noite. A sustentabilidade ambiental, o facto de ser mais ecológico e contribuir para uma redução do gasto de papel, são as principais vantagens referidas nos 0,6% da categoria “Outro”. Estas opiniões também já tinham sido mencionadas por parte dos estudantes que preferem *e-books* na tabela 26.

Tabela 29. Questão 28: Vantagens do *e-book*

Vantagens do <i>e-book</i>	Frequência	Percentagem
Armazenamento de diversos títulos	720	12,7%
Compra mais rápida e fácil	448	7,9%
Conteúdo multimédia	286	5%
Conveniência	567	10%
Facilidade de pesquisa	503	8,9%
Funcionalidades extra	389	6,8%
Interatividade	350	6,2%
Leveza	817	14,4%
Portabilidade	1114	19,6%
Preço	449	7,9%
Outro	38	0,6%

Na questão 29, representada nas tabelas seguintes, foi pedido aos inquiridos que, numa escala de 1 a 5, selecionassem a opção que melhor refletisse as suas opiniões perante as 12 afirmações apresentadas. Nessa escala, 1 corresponde a “livros impressos são melhores” e 5 a “*e-books* são melhores”.

Na afirmação “Ecológico”, os estudantes consideram que os *e-books* são melhores, sendo que os valores mais elevados se encontram no 4 e no 5, com predominância neste último, com o total de 896 respostas (59,5%). Verifica-se que este é uma opinião unânime a todas as faculdades.

Tabela 30. Questão 29: Ecológico

Ecológico	Frequência	Percentagem
1	35	2,4%
2	30	2%
3	154	10,2%
4	390	25,9%
5	896	59,5%

O mesmo se verifica na “Acessibilidade em qualquer lado”, onde a maioria classifica os *e-books* como os melhores (39,2%). Apesar de predominar entre as faculdades, a FAUP, FDUP e FMDUP atribuem um 3, considerando que ambos os formatos podem ser facilmente acedidos em qualquer situação.

Tabela 31. Questão 29: Acessibilidade em qualquer lado

Acessibilidade em qualquer lado	Frequência	Percentagem
1	93	6,2%
2	88	5,8%
3	349	23,2%
4	385	25,6%
5	590	39,2%

Apesar de 33% dos estudantes considerarem que os *e-books* permitem uma maior facilidade de acesso à informação, não é uma opinião geral, pois FAUP e FBAUP atribuem o valor 3, considerando que ambos os formatos estimulam essa facilidade e FCNAUP, FDUP e ICBAS atribuem 4, demonstrando uma tendência para os *e-books*.

Tabela 32. Questão 29: Rápido e fácil acesso à informação

Rápido e fácil acesso à informação	Frequência	Porcentagem
1	53	3,5%
2	69	4,6%
3	429	28,5%
4	457	30,4%
5	497	33%

Os *e-books* são considerados os melhores no que diz respeito ao seu armazenamento (53,6%), isto deve-se às características dos dispositivos de leitura que permitem a leitura deste formato. Apenas os estudantes da FCNAUP apresentam uma postura diferente, sendo atribuído 4.

Tabela 33. Questão 29: Facilidade de armazenamento

Facilidade de armazenamento	Frequência	Porcentagem
1	30	2%
2	20	1,3%
3	202	13,4%
4	446	29,7%
5	807	53,6%

Quanto à facilidade de partilha e cópia, 23,6% consideram que existe equidade entre os formatos. Existe alguma divergência de opiniões nesta questão, sendo que os estudantes da FCNAUP atribuíram o valor 4, da FADEUP o valor 5, da FLUP, FMDUP, FMUP e FPCEUP o 1.

Tabela 34. Questão 29: Facilidade de partilha e cópia

Facilidade de partilha e cópia	Frequência	Porcentagem
1	335	22,3%
2	223	14,8%
3	355	23,6%
4	269	17,9%
5	323	21,4%

Ambos os formatos são confiáveis (38,5%), mas existe uma tendência para o livro impresso, visto que na FADEUP, FDUP, FLUP E FMDUP atribuíram o valor 1 a esta afirmação e na FFUP

o 2. Isto pode ser justificado pela história e tradição associadas ao formato impresso, sendo que a grande diferença temporal do *e-book* contribui para uma sensação de desconfiança relativamente ao mesmo.

Tabela 35. Questão 29: Confiável

Confiável	Frequência	Percentagem
1	381	25,3%
2	258	17,1%
3	579	38,5%
4	138	9,2%
5	149	9,9%

Em termos de conveniência, tanto o livro impresso como o *e-book* são adequados, sendo o 3 a resposta mais comum (38,8%). No entanto, a FCNAUP e a FMDUP atribuem o valor 5 e a FEP o 4, considerando o formato digital mais conveniente.

Tabela 36. Questão 29: Conveniente

Conveniente	Frequência	Percentagem
1	149	9,9%
2	137	9,1%
3	584	38,8%
4	359	23,9%
5	276	18,3%

Os *e-books* são mais portáteis do que os livros impressos, com uma percentagem de 38,5%, mas algumas faculdades consideram que ambos partilham esta característica. FAUP, FBAUP, FCNAUP e ICBAS representam os estudantes que atribuíram 3 entre os valores da escala.

Tabela 37. Questão 29: Portátil

Portátil	Frequência	Percentagem
1	61	4,1%
2	48	3,2%
3	421	27,9%
4	396	26,3%
5	579	38,5%

A maioria considera que ambos os formatos são fáceis de usar (40,3%), opinião comum a todas as faculdades da Universidade do Porto.

Tabela 38. Questão 29: Usabilidade

Usabilidade	Frequência	Porcentagem
1	250	16,6%
2	176	11,7%
3	606	40,3%
4	226	15%
5	247	16,4%

Relativamente às longas leituras, os livros impressos são eleitos como a melhor opção (49,4%), sendo uma opinião unânime nos valores majoritários de cada faculdade.

Tabela 39. Questão 29: Prático para longas leituras

Prático para longas leituras	Frequência	Porcentagem
1	742	49,3%
2	279	18,5%
3	278	18,5%
4	90	6%
5	116	7,7%

Por outro lado, para pesquisas já são os *e-books* que ocupam a posição de mais adequados (35,2%). No entanto, neste caso já não se verifica tanta unanimidade de opiniões, pois a FAUP, FCNAUP, FDUP, FFUP e FPCEUP atribuíram o valor 4, enquanto a FBAUP atribuiu o 3.

Tabela 40. Questão 29: Prático para pesquisas

Prático para pesquisas	Frequência	Porcentagem
1	116	7,7%
2	93	6,2%
3	290	19,3%
4	475	31,6%
5	531	35,2%

Em último, os livros impressos voltam a ser preferidos para a leitura por lazer (46,2%), sendo, mais uma vez, opinião geral a todas as faculdades.

Tabela 41. Questão 29: Leitura por lazer

Leitura por lazer	Frequência	Percentagem
1	695	46,2%
2	211	14%
3	366	24,3%
4	106	7%
5	127	8,5%

Substituir o livro impresso pelo *e-book* no futuro não é uma opção ponderada por 82,5% dos estudantes (tabela 42). Isto relaciona-se com a predominância de preferência pelo formato impresso. De facto, quando questionados sobre a possível mudança de hábitos de leitura, 81,5% afirmou não ter mudado, nem pretender mudar (tabela 43), principalmente por essa preferência.

Tabela 42. Questão 26: Substituição do impresso por *e-book*

Substituir impresso por <i>e-book</i>	Frequência	Percentagem
Sim	264	17,5%
Não	1241	82,5%

Tabela 43. Questão 30: Mudança do hábito de leitura

Os <i>e-books</i> alteraram os hábitos de leitura	Frequência	Percentagem
Sim	279	18,5%
Não	1226	81,5%

No entanto, existem outras justificações para que não se verifiquem mudanças nos hábitos. Muitos dos estudantes admitem não ter gostado da experiência de utilização, optando sempre pelo formato impresso. Grande parte também refere que a mudança de formato não alterou os hábitos de leitura, não só porque o que valorizam mais no livro é o conteúdo, mas também por continuarem a ler na mesma quantidade e ritmo, optando apenas por um ou outro dependendo das situações.

Há quem refira utilizar o *e-book* quando não tem possibilidade de comprar o livro impresso, mas que não é uma situação recorrente. Utilizam o formato digital para leituras obrigatórias do ensino, estudo e pesquisas, pelo facto de serem mais convenientes, terem um preço mais acessível e possibilitarem um acesso mais rápido e variado à informação. No entanto, o impresso prevalece, sendo sempre a primeira opção, utilizando os *e-books* apenas quando estritamente necessário.

Também foram mencionados a requisição de livros na biblioteca e impossibilidade de empréstimo ou oferta dos *e-books*, a falta de títulos disponíveis em português e o investimento

inicial com a compra do dispositivo como outras explicações para não terem alterado os seus hábitos, nem pretenderem substituir o livro impresso.

Por outro lado, 279 estudantes (18,5%) afirmam que os *e-books* mudaram os seus hábitos de leitura (tabela 43), sendo que 264 (17,5%) pretendem substituir o livro impresso pelo formato digital (tabela 42). As principais razões prendem-se com a leveza e portabilidade do mesmo, visto que muitos estudantes admitiram que agora leem em qualquer lado sem terem de se preocupar com a questão do peso. Para além de que passam a ter vários livros disponíveis num dispositivo de fácil portabilidade e que permite ler em ambientes de pouca luminosidade. Os estudantes que mais partilham destas opiniões são os que utilizam frequentemente transportes públicos, principalmente nas deslocações de casa à faculdade e vice-versa, sendo que foi comum a justificação de que passaram a ler sempre que tinham tempos de espera.

Outros estudantes nunca gostaram de ler em papel, sendo que encontram nas tecnologias e neste formato o gosto pela leitura. Revelam que a otimização de tempo também é um fator importante, visto não terem de se deslocar a uma loja à procura dos livros, tendo agora uma experiência de compra muito mais rápida. A praticidade e facilidade de pesquisa também contribuem para uma redução de tempo, particularmente na realização de trabalhos académicos. Por último, o livre acesso e gratuidade também são várias vezes mencionados como razões da mudança.

4.1.1 Análise aos estudantes de cada faculdade

Após uma análise geral dos dados obtidos através do inquérito e obtenção de resultados dos estudantes da Universidade do Porto, proceder-se-á a uma análise individual a cada faculdade de forma a identificar um padrão entre os hábitos de leitura e a área de estudo.

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Do inquérito foram obtidas 56 respostas da FAUP (apêndice C). Os estudantes de arquitetura são maioritariamente do sexo feminino (82%), com uma idade média de 22 anos. Por ano, 55% lê até 5 livros, lendo sobretudo livros técnicos, apesar de apreciarem romances. No último mês 69,6% leu entre 1 a 3 livros, sendo que, atualmente, 73% se encontra a ler. Por semana, dispõem maioritariamente entre 1 a 4 horas de leitura, mas aumentam a frequência de leitura no período de férias, por possuírem mais tempo livre. 64% compra até 5 livros por ano e apesar de apresentar um gasto médio anual de 103€, verifica-se maior preponderância de gastarem até 50€. Gostam de ler livros em português e por lazer, sendo que a totalidade da amostra tinha conhecimento do que é um *e-book*.

No entanto, apenas 32% já tinha lido um, principalmente livros técnicos, usando, sobretudo, o computador. A leitura neste formato é feita tanto por pesquisa como por lazer, sendo que no último ano apenas 28% leu um *e-book*. Os 68% que nunca leram, admitem que isso se deve à

preferência por livros impressos, sendo mesmo o formato mais utilizado (96%) por estes estudantes. Esta predileção é justificada pelo gosto da sensação física do livro e pela antipatia para com a leitura em ecrãs, estando relacionadas com as desvantagens atribuídas aos *e-books*. Já os 4% que preferem o formato digital, valorizam a sua facilidade de pesquisa, leveza, portabilidade e capacidade dos dispositivos armazenarem mais livros, identificando-as como as principais vantagens.

Nas questões de escala, os estudantes de arquitetura consideram que os *e-books* são mais amigos do ambiente e que facilitam o armazenamento, sendo, tendencialmente, mais práticos para pesquisas. Já os livros impressos são melhores para longas leituras por lazer. Nas restantes afirmações consideraram que ambos os formatos se adequam da mesma forma.

Por fim, 95% não pretende substituir o livro impresso, sendo que 91% não alterou os hábitos de leitura com o aparecimento dos *e-books*.

Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

Das 47 respostas obtidas por parte dos estudantes de belas artes (apêndice D), 83% são mulheres, com uma idade média de 24 anos. Gostam de romances, mas leem mais livros técnicos. 87% encontra-se a ler um livro, sendo que 70,2% leu entre 1 a 3 livros no último mês, com mais de metade (51%) a ler em média até 5 livros por ano. A maioria dedica entre 1 a 4h à leitura durante a semana, principalmente por lazer e em português, sendo que em alturas de mais tempo livre, como as férias, leem mais. 68% compra até 5 livros por ano, gastando maioritariamente até 50€.

Apenas 2% é que não sabem o que é um *e-book*, sendo que, dos restantes, 48% já leu um, principalmente técnicos, e por estudo, usando um *tablet* ou computador. No entanto, no último ano 65% não leu nenhum *e-book*, sendo que a maioria continua a preferir os livros impressos pela sua sensação física. Por outro lado, 15% utiliza ambos, usufruindo dos benefícios que cada um oferece, considerando que os dois facilitam o acesso à informação, a partilha, o uso e a pesquisa e que são confiáveis, convenientes e portáteis.

Não pretendem substituir o livro impresso (91%) e uma grande percentagem não mudou os seus hábitos de leitura (89%). Os 11% que alteraram fizeram-no pela portabilidade e leveza dos *e-books* que permitem que o estudante leia em qualquer momento e local.

Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação da Universidade do Porto

Na FCNAUP (apêndice E), a amostra de 36 respostas caracteriza-se por ser maioritariamente do sexo feminino, com uma idade média de 23 anos. O género que mais leem e apreciam é o romance. Apesar de no último mês não terem lido nenhum livro, 56% encontra-se a ler um agora, sendo que por ano leem normalmente até 5 livros. Dedicam pouco tempo à leitura por semana, com menos de 1 hora, aproveitando as férias para ler mais um pouco. Têm um gasto médio anual

de aproximadamente 80€ e compram até 5 livros por ano. Habitualmente leem em português e por lazer.

Todos sabem o que é um *e-book*, sendo que 50% já leu um, através do computador e por motivos de estudo, tendo lido maioritariamente livros técnicos. No último ano, a percentagem de estudantes de nutrição que leu um *e-book* é de 47%, mas mesmo assim continuam a preferir o livro impresso, sendo que 81% não o pretende substituir e 86% não mudou os seus hábitos de leitura. No entanto, consideram que o formato digital é o mais indicado em 6 das 12 afirmações indicadas na questão de escala.

Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

171 estudantes de ciências responderam ao inquérito (apêndice F), com mais mulheres (58%) e uma idade média de 21 anos. Cerca de 53% lê mais de 6 livros por ano, tendo lido entre 1 a 3 no último mês. Atualmente, 74% encontra-se a ler a um livro e dão primazia ao género de fantasia, sendo o mais lido e apreciado. Dispendem entre 1 a 4 horas para leitura durante a semana, mas aproveitam quando têm mais tempo livre para ler mais. 70% compra até 5 livros por ano, gastando aproximadamente 86€ por ano. Leem maioritariamente em português e por lazer, sendo que 98% sabe o que é um *e-book* e 60% já leu um. De facto, só no último ano, 55% dos estudantes de ciências leram um ou mais *e-books*, maioritariamente por lazer e através do computador. Os géneros mais lidos são técnicos e fantasia.

Apesar de uma grande percentagem estar familiarizado com este formato, 68% continua a preferir o livro impresso, pela sua sensação física, considerando a sua perda como a principal desvantagem do formato digital. Mesmo assim, consideram que o *e-book* é o formato mais amigo do ambiente, que permite aceder rapidamente à informação, através das opções de pesquisa que oferecem, e em qualquer lado, sendo portátil e leve. Para além disso, facilita o armazenamento dos livros. Assim sendo, 22% pretende substituir o livro impresso e 20% mudou mesmo os seus hábitos.

Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Os estudantes de desporto (apêndice G) representam 3% da amostra total com 48 respostas. São mais representados por homens (52%), cuja idade média é de 25 anos. Leem em português e por lazer e apesar de gostarem mais de romances, acabam por ler mais livros técnicos. 58% encontra-se a ler um livro, tendo lido até 5 durante o último ano (71%). No entanto, leem menos de 1 hora por semana e preferem ler durante as férias. A maioria gasta até 50€ por ano, comprando até 5 livros.

83% tem conhecimento do que é um *e-book* e 55% já leu neste formato, maioritariamente livros técnicos para estudo. Utilizaram o computador para essa leitura. Mais de metade dos estudantes leram no mínimo um *e-book* no último ano (53%) e destacam várias vantagens deste

formato, mas continuam a preferir o livro impresso, porque o consideram mais confiável e prático para longas leituras, principalmente quando são por lazer. Por esta razão, 80% não pretende substituir o livro impresso, nem alterou os seus hábitos.

Faculdade de Direito da Universidade do Porto

Com um total de 65 inquiridos (apêndice H), estes caracterizam-se por serem compostos por mais mulheres (86%), com uma idade média de 22 anos. A quantidade de livros lidos por ano encontra-se bem repartida com 37% a ler até 5 livros, 29% entre 6 a 10 e 34% 11 ou mais. Mais de metade encontra-se a ler um livro e leu entre 1 a 3 no último mês. A leitura dos estudantes de direito é principalmente por lazer e em língua portuguesa, com um tempo médio de leitura semanal entre 1 a 4 horas. O romance é o género que mais se destaca e aproveitam as férias para ler mais, graças a uma maior disponibilidade de tempo. A percentagem mais representativa compra até 5 livros por ano (65%), com muitos estudantes a referirem que não gastam mais de 50€ por ano.

Apesar da totalidade da amostra saber o que é um *e-book* (97%), a quantidade de estudantes que nunca leu um é superior aos que leram, devido à preferência pelo formato impresso. No entanto, quem leu, utilizou o computador, optando maioritariamente por ler romances. Não pretendem trocar para o *e-book* (94%), nem alteraram os seus hábitos (89%), visto não gostarem muito desse formato.

Faculdade de Economia da Universidade do Porto

Com maior percentagem do sexo feminino (65%) e com uma idade média de 24 anos, os 117 estudantes de economia (apêndice I) leem em português e por lazer, distinguindo os romances. Apesar de, no último mês, a maioria não ter lido nenhum livro, 68% encontra-se a ler um, sendo que, por ano, o habitual é lerem até 5 livros. Verifica-se que leem mais durante as férias, sendo que, por semana, dedicam até 4 horas. Não costumam gastar muito em livros, sendo que a maioria compra até 5 livros por ano.

Apenas 2 % não sabe o que é um *e-book*, sendo que 52% já leu um, com predominância de livros técnicos, usando maioritariamente o *tablet* como dispositivo de leitura. No último ano, 42% leram nesse formato, principalmente por lazer, mas valorizam muito a sensação física do livro, o que leva a que 78% o continue a preferir. Na questão de escala atribuem o valor máximo aos *e-books* em várias afirmações, reconhecendo diversas vantagens. Apesar de 22% ter alterado os seus hábitos de leitura graças à leveza, portabilidade e fácil acessibilidade, 77% não pretende substituir o livro impresso.

Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto

Os estudantes de engenharia representam a maior percentagem de participantes no estudo, com 397 respostas (apêndice J). A maioria das respostas foi por parte dos jovens com 22 anos, com maior percentagem de homens (51%). Por ano leem e compram até 5 livros por ano, gastando até 50€. Gostam de romances, sendo também o género mais lido, seguido dos livros técnicos. 70% encontra-se a ler um livro, tendo lido entre 1 a 3 no último mês. A leitura é maioritariamente por lazer e em língua portuguesa, aproveitando a maior disponibilidade de tempo durante o período de férias para lerem mais.

Praticamente todos os inquiridos sabem o que é um *e-book*, sendo que 60% já leu um, através do computador. Aliás, no último ano, a percentagem de estudantes que leu nesse formato foi de 56%, lendo maioritariamente livros técnicos, apesar do propósito de leitura ser por lazer. Os estudantes de engenharia que preferem o *e-book* afirmam que este é mais vantajoso em termos de leveza e portabilidade, de armazenamento e disponibilidade de títulos, sendo que 25% alterou os seus hábitos de leitura. A totalidade da amostra atribui o valor máximo da escala a metade das afirmações pertencentes à questão 29 (apêndice B), o que significa que consideram que o formato digital se adequa mais às mesmas. No entanto, continuam a ser mais os que preferem o livro impresso (68%), admitindo não o querem substituir (77%).

Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto

As mulheres voltam a predominar (90%) entre os 51 estudantes de farmácia que colaboraram neste estudo (apêndice K), apresentando uma idade média de 21 anos. Romance é o género mais lido e apreciado, sendo que por ano leem e compram até 5 livros, não dispensando mais de 1 hora por semana para a leitura. Apesar de lerem mais nas férias, 55% afirma estar a ler um livro, predominantemente por lazer e em português. O normal é não gastarem mais de 50€ por ano em livros.

Praticamente a totalidade da amostra sabe o que é um *e-book* (98%), tendo lido um (58%), habitualmente do género romance e por lazer, dando primazia ao telemóvel. Mesmo assim, o livro impresso continua a ser o formato mais utilizado (74%), sendo que 58% não leu nenhum *e-book* durante o último ano. A sensação física do formato impresso tem um grande impacto na decisão dos estudantes de farmácia, fazendo com que a leveza e a portabilidade dos *e-books* não sejam suficientes para os tornarem na primeira opção de leitura. Destarte, 82% pretendem continuar a usar o formato impresso e 78% mantêm os seus hábitos, considerando que ambos os formatos são convenientes, fáceis de usar e de partilhar.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

São 212 as mulheres pertencentes à amostra de 261 estudantes de letras (apêndice L), com predominância de respostas por parte jovens com 20 anos. São os que mais leem de todas as faculdades da Universidade do Porto, com 39% a ler mais de 11 livros por ano e na sua língua materna, o português. Só no último mês, 164 leram entre 1 a 3 livros, com 83% a ler um atualmente, dedicando entre 1 a 4 horas por semana à leitura. O tempo livre contribui para que nas férias se dediquem mais a esta atividade. Em termos de compra e gasto, a maioria indica um gasto típico de até 50€, não sendo muito habitual comprarem mais de 5 livros por ano.

99% tem conhecimento do que é um *e-book*, já tendo lido um (61%). Desses, 52% leu nesse formato durante o último ano, sendo o computador o dispositivo mais utilizado para a leitura do mesmo. Apesar de 16% utilizar tanto o impresso como o *e-book*, o primeiro continua a ser o preferido (76%), com 88% a não o querer substituir pela versão mais eletrónica. Estas decisões são justificadas pela dificuldade de leitura em ecrã e menor nível de concentração, assim como a perda da sensação física do livro.

Apesar de considerarem os *e-books* mais ecológicos, de fácil acesso em qualquer lado e a qualquer informação, sendo simples de usar e fácil de armazenar num dispositivo, 85% não mudou os seus hábitos de leitura, com muitas respostas a mencionar a preferência pelo livro impresso.

Em ambos os formatos os romances se destacam como os preferidos e mais lidos, e consideram a leitura como uma atividade de lazer.

Faculdade de Medicina Dentária da Universidade do Porto

Esta é a amostra mais pequena de todo o estudo, com apenas 13 respostas por parte dos estudantes de medicina dentária (apêndice M). Composto maioritariamente por jovens do sexo feminino e com 19 anos. Mais de metade encontra-se a ler um livro (62%), referindo o romance como género preferido e mais lido. Por ano leem e compram até 5 livros, não gastando mais de 50€. No último mês leram entre 1 a 3 livros, com um tempo médio de leitura semanal entre 1 a 4 horas. O tempo livre contribui para um aumento na frequência de leitura, sendo as férias a altura do ano que propicia essa situação. Leem maioritariamente em português e por lazer.

Todos sabem o que é um *e-book*, com 77% a admitir que já leu um, com um empate entre os livros técnicos, policiais e romances como o género lido. O *tablet* é o dispositivo mais utilizado e, tal como nos livros impressos, leem por lazer. No entanto, no último ano 85% não leu um único *e-book*, com 92% a preferirem o livro impresso e a sua sensação física. Apesar disso, 23% ponderam vir a substituir o formato impresso, principalmente pela portabilidade dos *e-books*.

Ainda que classifiquem o *e-book* como melhor em metade das afirmações da questão de escala, é a amostra que possui mais estudantes a considerarem o livro impresso como melhor. Consideram-no mais confiável, fácil de partilhar e copiar, e mais apropriado para longas leituras,

principalmente por lazer. Isto reflete-se nos hábitos de leitura, com 77% dos estudantes a admitirem manterem-se isentos a qualquer mudança com o aparecimento do formato eletrónico.

Faculdade de Medicina da Universidade do Porto

Com uma média de idades nos 23 anos, os 87 estudantes de medicina (apêndice N) são maioritariamente mulheres, que leem até 5 livros por ano, comprando a mesma quantidade com um gasto não superior aos 50€. Leem em português e por lazer, com 61% a ler um livro atualmente, com destaque para os romances. Leem menos de 1 hora por semana, sendo que nos resultados dos livros lidos no último mês a diferença entre os estudantes que não leram nenhum livro e aqueles leram entre 1 a 3 é praticamente nula. As férias são o período em que conseguem ler mais.

Dos 99% que afirmou saber o que é um *e-book*, metade já leu um, através de um computador e por lazer, apesar do género mais lido ter sido o técnico. No entanto, nota-se que não é um formato que conquistou os estudantes de medicina, com 60% a referir não ter lido nenhum *e-book* no último ano, preferindo o livro impresso (79%) pela sua sensação física. Assim sendo, 80% pretende continuar a usar o formato impresso, não tendo mudado os seus hábitos de leitura (88%).

Apesar disso, consideram que ambos os formatos são de confiança, fáceis de usar e convenientes. No entanto, o livro impresso é mais fácil para partilhar e tirar cópias, sendo mais adequado para longas leituras, visto não cansar tanto visualmente.

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

Os 85 estudantes da FPCEUP (apêndice O) são compostos em grande maioria por mulheres, com uma idade média de 25 anos, apesar de terem sido obtidas mais respostas por parte dos estudantes com 18 anos. 80% encontra-se a ler um livro, tendo lido entre 1 a 3 no último mês. Leem em português, por lazer e principalmente romances. Por ano, 53% lê mais de 6 livros, dedicando à leitura entre 1 a 4 horas todas as semanas. A disponibilidade de tempo contribui para que leiam mais durante as férias. A maioria compra até 5 livros por ano, com um gasto médio de 82€, apesar da generalidade da amostra gastar até 50€.

Praticamente todos os estudantes sabem o que é um *e-book*, com 56% a mencionar ter lido um. A experiência revelou-se ter sido satisfatória, sendo que no último 51% leu pelo menos 1 *e-book*, novamente com destaque para os romances. Essa leitura realizou-se maioritariamente através do computador. Neste formato valorizam a facilidade de pesquisa, a maior disponibilidade de títulos, a portabilidade e a leveza. No entanto, a perda da sensação física destaca-se como a principal desvantagem, contribuindo para uma preferência geral pelo formato impresso (79%). Por essa razão, 89% não pretende mudar para o *e-book* e 81% não mudou os seus hábitos de leitura, classificando o livro impresso como o melhor para partilhar e copiar e como o mais prático para longas leituras, principalmente quando estas são feitas por lazer.

Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar

Os 106 estudantes de ciências biomédicas (apêndice P) são caracterizados por mulheres, com predominância de respostas por parte dos jovens com 18 anos (idade média de 22 anos). Mais de metade lê até 5 livros por ano e compra a mesma quantidade, com um gasto que vai, habitualmente, até os 50€. Leem por lazer, principalmente romances, sendo que 62% se encontra a ler um livro. No último mês leram entre 1 a 3 livros, sendo que dedicam entre menos de 1 a 4 horas à leitura durante a semana e aproveitam as férias para ler mais.

Praticamente todos sabem o que é um *e-book*, mas 53% nunca leu um, muito menos durante o último ano (60%). Consideram que devem ser lidos por lazer, mas muitos leem para estudo, sendo que os livros técnicos são os mais lidos neste formato. Utilizam muito o telemóvel para leitura e reconhecem que a portabilidade e armazenamento dos dispositivos se caracterizam como as principais vantagens dos *e-books*, mas os livros impressos continuam a ser mais utilizados (80%) pela sua sensação física, por serem práticos para longas leituras e os mais indicados para leituras por lazer. Por isso, 87% dos estudantes não mudaram os seus hábitos de leitura, com 85% a recusarem-se a substituir o livro impresso pelo formato eletrónico.

4.2 Entrevistas às editoras

Foram realizadas um total de 5 entrevistas a diferentes editoras. Uma grande entrevista semi-estruturada à Porto Editora que será a principal, sendo as restantes 4 estruturadas às editoras Livros de Bordo, Alfarroba, Eu Edito e Livros Horizonte, que serão um complemento a essa entrevista.

Para identificar cada uma das editoras nas tabelas foi decidido adotar algumas siglas que as representem. Assim sendo, Porto Editora corresponde a PE, Livros de Bordo a LB, Alfarroba a A, Eu Edito a EE e Livros Horizonte a LH.

Questão 1. O mundo digital pode ser uma ameaça para os livros impressos ou é uma nova oportunidade de criar e explorar novas experiências?

A Porto Editora considera que se verificam ambas as situações, sendo que em termos de ameaça se encontra a “ameaça da cópia, da pirataria”, porque a sociedade contemporânea passou “do problema das fotocópias para os problemas da pirataria dos ficheiros digitais”. Relativamente à oportunidade, refere a “possibilidade de disponibilizar em formato digital” muitos dos livros impressos.

A Livros de Bordo afirma que a “a palavra ameaça não se coloca, porque os livros não são ameaçados por nenhum formato digital como se tem visto nos últimos anos”, garantindo que “a maior parte continua a preferir ler livros impressos tal como os dados demonstram”.

A Alfarroba, Eu Edito e Livros Horizonte concordam com o facto de ser uma oportunidade, mas não o consideram uma ameaça.

Tabela 44. Análise da questão 1 da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Perceção sobre a introdução do mundo digital na indústria livreira	É uma oportunidade ou ameaça?	É sinónimo de oportunidade.	“A palavra ameaça não se coloca porque os livros não são ameaçados por nenhum formato digital como se tem visto nos últimos anos” LB. “É uma oportunidade e não uma ameaça” A.
		Não é uma ameaça.	“Uma oportunidade (uma realidade)” EE. “Não acreditamos que seja uma ameaça, mas sim uma nova oportunidade” LH.
	Que oportunidades?	Possibilita a disponibilização em formato digital de muitos livros impressos.	“Em termos de oportunidade é a possibilidade de disponibilizar em formato digital aquilo que nós já fazemos em livro e isto agora depende também muito do tipo de livro que nós estamos a falar.” PE.
	Que ameaças?	Cópia e pirataria.	“A grande ameaça que existe com os livros impressos e com o mundo digital é o que já existe. Isto em termos conjeturais que é a ameaça da cópia, da pirataria, em que nós passamos do problema das fotocópias para os problemas da pirataria dos ficheiros digitais.” PE.

Questão 2. A versão digital é vista como um complemento ou substituição do papel?

Todas as editoras consideram que é um complemento, “não só pelos suportes, mas pela forma como o cérebro humano funciona” tal como a Porto Editora justifica.

Tabela 45. Análise da questão 2 da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Perceção sobre a introdução do mundo digital na indústria livreira	É um complemento do papel?	É um complemento.	“Acho que na melhor das hipóteses pode ser vista como um complemento” LB. “Um complemento” A.
	É uma substituição do papel?	Não é vista como uma substituição.	“Complemento” EE. e LH. “Não só pelos suportes, mas pela forma como o cérebro humano funciona, é um complemento” PE.
	O que é a versão digital?	<i>E-book</i>	“Não confundir digital (formato <i>e-book</i>) com produção digital” EE.

Questão 3. Consideram que o livro em formato impresso poderá vir a desaparecer?

É uma opinião partilhada entre todas as editoras que o livro em formato impresso não vai desaparecer. Isto porque o aparecimento dos *e-books* é, como já foi visto, considerado como um complemento do formato impresso, sendo que os leitores ainda revelam uma forte preferência pelo mesmo.

A Porto Editora refere mesmo que estar a afirmar que “algum dia o livro em suporte físico como o conhecemos neste momento irá desaparecer é futurologia”, mas que, eventualmente, o próprio suporte físico poderá evoluir e substituir o papel por um “papel digital”.

Tabela 46. Análise da questão 3 da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Perceção sobre a introdução do mundo digital na indústria livreira	O formato impresso vai desaparecer?	Não.	“O livro nunca vai desaparecer. Tal como a rádio não desapareceu. São coexistentes com outros formatos” LB. “Não. Pode é sofrer adaptações na sua mecânica (que já vem acontecendo)” A. “Não. Quem procura e gosta do livro impresso não irá substituí-lo com o digital. O digital é útil e prático, mas o livro não irá desaparecer” LH.

			<p>“Não. Podia citar Bill Gates que em 1992/93 foi algures em meados da década de 90 que disse que no final da década de 90, na viragem do milénio, o papel deixaria de existir, acho que essa é a primeira parte da resposta, pois estamos em 2019 e continuamos a questionar se o papel algum dia deixará de existir.” PE.</p>
	Porquê?	Preferência pelo livro impresso.	<p>“Os leitores, e autores, continuam a preferir o papel (o toque, cheiro, etc). Assim como, é mais prático para correções e/ou apontamentos.” EE.</p>
		Evolução do papel.	<p>“Poderá, eventualmente, o próprio suporte físico evoluir, ou seja, nós deixarmos de usar papel, esta derivação daquilo que as árvores nos permitem produzir, para outro tipo de suporte físico que é um papel, mas é um papel digital, ou seja, estar a dizer que algum dia o livro em suporte físico como o conhecemos neste momento irá desaparecer é futurologia.”</p>

Questão 4. Comercializam *e-books*?

Nesta questão há uma divisão entre as editoras. A Livros de Bordo, a Alfarroba e Livros Horizonte não comercializam neste formato, sendo que a Porto Editora e a Eu Edito já estão inseridos nesse mercado.

Tabela 47. Análise da questão 4 da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Comercialização de <i>e-books</i>	Comercializam neste formato?	Sim.	“Sim, apenas em formato PDF” EE. “Sim” PE.
		Não.	“Não” LB., A. “Estamos em processo de criar os nossos primeiros <i>e-books</i> ” LH.

Questão 4.1 - Se sim, que características tiveram em conta no lançamento dos *e-books*?

Esta questão só se aplica à Porto Editora e Eu Edito, visto serem as que comercializam *e-books*.

A Eu Edito admite não terem tido em conta nenhuma característica “em particular”, visto serem uma “editora de edição de autor que funciona exclusivamente *online*”.

Por outro lado, a Porto Editora preocupou-se em “proporcionar a melhor experiência de leitura para quem quer ler em *e-book*”, porque existe “um conjunto de hábitos que um leitor tem que foi necessário transpor para o formato digital”. Esses hábitos caracterizam-se pela necessidade de anotações, de sublinhar e de fazer marcações, sendo que uma das preocupações da Porto Editora quando lança um livro em formato impresso é estudar a mancha, perceber “como é que a mancha estará colocada no papel, que margens é que deixamos, que entrelinhamento é que colocamos, qual é a fonte que dá melhor leitura, qual é o tamanho que nós vamos usar”. Este conjunto de questões gráficas tiveram de ser estudadas de forma a transpô-las para o digital, de forma a garantir que o leitor terá “uma boa experiência de leitura e poder, por exemplo, fazer a tal marcação da página, poder tomar notas e poder fazer a pesquisa”.

Tabela 48. Análise da questão 4.1 da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Comercialização de <i>e-books</i>	Características ponderadas antes do lançamento dos <i>e-books</i>	Nenhuma.	“Nada em particular, atendendo que somos uma editora de edição de autor que funciona exclusivamente <i>online</i> .” EE.
		Hábitos do leitor.	“há todo um conjunto de hábitos que um leitor tem que

			<p>foi necessário transpor para o formato digital” PE.</p> <p>“nós temos essa necessidade de tomar notas, nós temos a necessidade de fazer marcações” PE.</p>
		Questões gráficas.	<p>“quando fazemos um livro em papel nós estudamos a mancha, como é que a mancha estará colocada no papel, que margens é que deixamos, que entrelinhamento é que colocamos, qual é a fonte que dá melhor leitura, qual é o tamanho que nós vamos usar, ou seja, há todo um conjunto de questões gráficas que nós contemplamos no papel e que nós tivemos de estudar e transpor para o digital para quem for ler poder ter uma boa experiência de leitura e poder, por exemplo, fazer a tal marcação da página, poder tomar notas e poder fazer a pesquisa. Tudo isso nós contemplamos quando decidimos avançar para o digital.” PE.</p>
		Preocupações	<p>“Foi proporcionar a melhor experiência de leitura para quem quer ler em <i>e-book</i>” PE.</p>

Questão 4.1.1 - Como se processou a adaptação para o digital?

Novamente, esta questão só se aplica à Porto Editora e Eu Edito.

Ambas admitem ter sido uma transição sem grandes problemas, sendo que o objetivo, como menciona a Porto Editora, era fazer de tudo “para assegurar uma boa experiência de leitura”.

A Eu Edito não teve grandes problemas, visto já trabalharem “*online* sob impressão a pedido (*print on demand*)” e a Porto Editora também teve um processo de adaptação tranquilo, porque já o começaram a fazer “no início da década de 90”, sendo que a principal mudança foi a transformação interna dos seus métodos de trabalho.

Tabela 49. Análise da questão 4.1.1. da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Comercialização de <i>e-books</i>	Adaptação para o formato digital	Sem quaisquer problemas.	“Facilmente, por trabalharmos <i>online</i> sob impressão a pedido (<i>print on demand</i>).” EE. “No nosso caso não foi nada de extraordinário, porque nós começamos a fazer a transposição para o digital no início da década de 90.” PE.
	Com que objetivo?	Garantir uma boa experiência ao leitor.	“Tudo fazer para assegurar uma boa experiência de leitura” PE.
	Como se procedeu?	Transformação dos métodos de trabalho.	“Isso começou a montante, ou seja, quando nós falamos do <i>e-book</i> estamos a olhar para a transformação digital a jusante, mas para chegarmos aí nós tivemos de fazer uma transformação interna dos nossos métodos de trabalho.” PE.

Questão 4.1.2 - Quais foram as principais mudanças efetuadas?

Questão só aplicável à Porto Editora e Eu Edito.

Como a Eu Edito é uma editora que funciona exclusivamente *online*, não realizaram qualquer mudança. Por outro lado, a Porto Editora, visto que a sua génese é o livro impresso, sofreu algumas mudanças, principalmente nos inícios da década de 90, “com as primeiras máquinas gráficas de impressão digital”, nunca esquecendo as preocupações “ao nível de paginação, tratamento de imagem” e as múltiplas questões gráficas associadas. Foi a partir daí que começaram a integrar o digital no processo de desenvolvimento editorial, graças aos

computadores que “permitiram fazer outro tipo de trabalho de paginação, de integração e tratamento de imagem”. Nos finais da década de 90, a Porto Editora já possuía em formato *e-book* os clássicos da literatura portuguesa, disponíveis através do site da editora. Depois, o objetivo foi acompanhar os avanços tecnológicos, acompanhando a introdução de novos *softwares* e tecnologias.

Tabela 50. Análise da questão 4.1.2. da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Comercialização de <i>e-books</i>	O que mudou?	Nada.	“Nenhuma, pela mesma razão” EE.
		Introdução de máquinas gráficas. Paginação e tratamento de imagem.	“Essa transformação começou nos inícios da década de 90 com as primeiras máquinas gráficas de impressão digital e mesmo ao nível de paginação, tratamento de imagem e tudo isso, foi aí que nós começamos a integrar o digital no processo de desenvolvimento editorial. Quando começamos a ter computadores que nos permitiram fazer outro tipo de trabalho de paginação, de integração e tratamento de imagem, tudo isso.” PE.
	Primeiros <i>e-books</i> .	Clássicos de literatura portuguesa.	“Nos finais da década de 90 nós já tínhamos em formato <i>e-book</i> os clássicos da literatura portuguesa. Na altura nós chamamos-lhe a biblioteca de clássicos de literatura portuguesa que estava disponível através do site da Porto Editora e onde estavam os clássicos de Eça de Queiros, Camilo Castelo Branco, Júlio Dinis, etc, portanto já nessa altura nós dominávamos as técnicas” PE.

	O que aconteceu após as primeiras mudanças.	Acompanhamento constante dos avanços tecnológicos.	“Depois, à medida que a tecnologia foi evoluindo, nós fomos acompanhando: novos <i>softwares</i> , novas tecnologias. A tecnologia foi-nos dando outro tipo de possibilidades que nós fomos integrando no nosso trabalho.” PE.
--	---	--	--

Questão 4.1.3 - Que variáveis influenciam o processo de tomada de decisão do formato (papel vs. *e-book*)?

Respostas da Porto Editora e Eu Editó.

No caso da Eu Editó, sendo uma editora mais pequena e que se dedica à edição de autor, é, precisamente, o autor que tem o poder de decidir qual dos formatos irá usar, sendo que a principal variável que ponderam é o preço.

Já a Porto Editora adota uma postura bastante diferente, uma vez que é uma editora de grande dimensão, opta sempre por trabalhar nos dois formatos. Esta decisão deve-se à preocupação pelo leitor, querendo que o mesmo possa ter disponível “todos os formatos possíveis”, escolhendo aquele que mais prefere no momento. Garantir que oferecem ambos os formatos é uma forma de garantirem a satisfação de um maior número de leitores.

Tabela 51. Análise da questão 4.1.3. da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Comercialização de <i>e-books</i>	Há alguma influência?	Sim.	Sem excerto da entrevista, resposta implícita. EE e PE.
	Que variáveis influenciam?	Preço.	“o preço” EE.
		Garantia de disponibilidade.	“O que nós queremos é que um determinado livro esteja disponível em todos os formatos possíveis” PE.
	Quem tem mais impacto na decisão?	Autor.	“o autor, no nosso caso é quem decide a publicação” EE.
Leitor.		“para que o leitor decida se quer ler em papel ou se quer ler em digital” PE.	
	Que formato escolhem?	Depende.	Sem excerto de entrevista, resposta implícita. EE.
		Ambos.	“Fazemos sempre os dois” PE.

Questão 4.1.4 - Como funciona o modo de produção da edição electrónica?

Última questão válida para a Porto Editora e Eu Edito.

Para esta questão, não foram obtidas respostas muito concretas. A Eu Edito, como apenas trabalha com a “versão *e-book* em PDF” não revela quais os processos pelos quais passa todo o documento. Já a Porto Editora, apesar de mais completa, também deu uma resposta vaga, explicando que o autor “envia o texto original” que vem num ficheiro “Word”, editam o mesmo em *software* de paginação e depois “segue dois caminhos”. Um deles é para a unidade gráfica para impressão e segue o caminho dos servidores “para aparecer disponível em *e-books* e nas páginas das livrarias virtuais”.

Tabela 52. Análise da questão 4.1.4 da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Comercialização de <i>e-books</i>	Como funciona a edição electrónica?	Sem informação	“Como apenas disponibilizamos a versão <i>e-book</i> em PDF, não há processos adicionais”. EE
		Edição através de um <i>software</i> adequado.	“Quando o escritor nos envia o texto original e vem num word, nós iniciamos o trabalho de edição, trabalhamos o livro e isso é feito sempre em <i>software</i> de paginação. Quando o livro está pronto ele segue dois caminhos. Segue o caminho para a nossa unidade gráfica para imprimir e segue o caminho dos servidores para aparecer disponível em <i>e-books</i> e nas páginas das livrarias virtuais” PE.

Questão 4.2 - Se não, por que razão ainda não comercializam?

Respostas por parte da Livros de Bordo, Alfarroba e Livros Horizonte.

Das 3 editoras que ainda não comercializam, apenas uma se encontra interessada em introduzir o formato digital no seu mercado, que é a Livros Horizonte. As duas restantes não pretendem iniciar a produção de *e-books* por razões distintas. A Alfarroba porque considera que não é interessante “do ponto de vista de retorno comercial”, visto dedicarem-se principalmente aos livros infantis. A Livros de Bordo porque trabalha com livros antigos “que vêm do século XIII ao XXI”, valorizando o formato impresso.

Tabela 53. Análise da questão 4.2. da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Comercialização de <i>e-books</i>	Porque não comercializam?	Trabalham com livros antigos.	“Trabalhamos sobre História Antiga e livros que vêm do século XIII ao XXI, por isso a consulta da fonte em papel para nós é fundamental.” LB
		Retorno comercial.	“Não nos é interessante do ponto de vista de retorno comercial, sobretudo porque publicamos muitos títulos na área infantil.” A.
	Pretendem comercializar?	Não.	Sem excerto da entrevista, resposta implícita. LB e A.
		Sim.	“Estamos a iniciar este processo” LH.

Questão 4.2.1 - Pretendem apostar neste novo formato?

Última questão direcionada apenas à Livros de Bordo, Alfarroba e Livros Horizonte.

Dando seguimento à questão 4.2., apenas a Livros Horizonte é que demonstra interesse em apostar nos *e-books*. As restantes já deixaram claro que não têm qualquer interesse, nem possuem previsão para introduzir este formato.

Tabela 54. Análise da questão 4.2.1. da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Comercialização de <i>e-books</i>	Vão apostar nos <i>e-books</i> ?	Sim.	“Estamos em processo de criar os nossos primeiros <i>e-books</i> .” LH
		Não.	“Não estamos interessados em comercializar ebooks” LB. “Não temos nada previsto.” A.

Questão 5 - Que desafios ainda se colocam à indústria do livro?

Esta questão gerou um conjunto de opiniões diferentes, mas que retratam de forma diversificada o panorama da indústria do livro. Ainda se colocam muitos desafios às editoras, alguns são comuns, outros variam dependendo da dimensão da editora. Isto porque as mais

pequenas, como a Livros de Bordo, consideram que é uma indústria que funciona como um monopólio com “grandes grupos que ofuscam os pequenos e que tornam difícil encontrar a diversidade, porque as livrarias pequenas são também ameaçadas por descontos de supermercados que vendem livros de grandes cadeias livreiras”. Esta opinião é partilhada pela Alfarroba que destaca “a distribuição e o elitismo editorial”.

No entanto, estes não são os únicos desafios a serem mencionados. O preço e a colocação no mercado são grandes desafios a qualquer editora, mas a Eu Edito indica principalmente o caso “de editoras convencionais” que se debatem com “preços de custo de produção e distribuição”. A Livros Horizonte refere ainda a dificuldade de “conseguir boas colocações no mercado e boas vendas”.

A Porto Editora, com a sua dimensão e anos de experiência, alude à inexistência do mercado de *e-books* em Portugal, bem como ao número reduzido de leitores no país.

Tabela 55. Análise da questão 5 da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Contextualização do mercado editorial	Desafios atuais.	Monopólio.	“Um dos principais desafios da indústria do livro em Portugal é o problema dos monopólios. Grandes grupos que ofuscam os pequenos e que tornam difícil encontrar a diversidade porque as livrarias pequenas são também ameaçadas por descontos de supermercados que vendem livros de grandes cadeias livreiras.” LB “elitismo editorial.” A.
		Distribuição e preço.	“A distribuição” A. “Preços de custo de produção e distribuição, no caso de editoras convencionais” EE.
		Vendas e colocação no mercado.	“O desafio maior continua a ser conseguir boas colocações no mercado e boas vendas.” LH.
		Inexistência de mercado de <i>e-books</i> .	“É bom que sejamos claros: não existe mercado dos <i>e-books</i> em Portugal.” PE.

		Poucos leitores.	“O grande desafio de quem trabalha no livro é haver leitores. As pessoas não leem (...) continuamos a ter índices de leitura e hábitos de leitura fracos.” PE.
--	--	------------------	--

Questão 6 - Que implicações tiveram os *e-books* na indústria editorial?

Enquanto algumas editoras identificam implicações negativas, outras reforçam aspetos mais positivos. Apesar disso, a Livros de Bordo considerou não ter conhecimento para responder à questão. A Eu Edito, apesar de, inicialmente, afirmar o mesmo, considera que um dos impactos “poderá estar relacionado com os direitos de autor”, bem como com a facilidade de cópia e distribuição dos *e-books*.

A Alfarroba refere que no início houve um impacto muito mais entusiasta e considera que com o passar do tempo o mesmo começou a ser mais residual. Como foi dito anteriormente, os leitores continuam a preferir livros impressos e isso contribui para que algumas editoras não identifiquem muitas implicações da introdução deste formato na indústria editorial.

Por outro lado, num ponto de vista mais positivista, a Livros Horizonte considera que os *e-books* “favoreceram um maior acesso aos livros” de diferentes países e a Porto Editora afirma que deu mais “incentivo aos editores para evoluírem tecnologicamente”, contribuindo para um desenvolvimento da própria indústria, permitindo que esta “se tornasse ainda mais profissional, completamente adaptada às novas possibilidades e desafios, a pensar o funcionamento do mercado, a não cometer erros” como outras indústrias já cometeram. Apesar dos aspetos positivos, a Porto Editora menciona ainda que existiram implicações em termos de custos, com “investimentos em meios tecnológicos” e “em recursos humanos”.

Tabela 56. Análise da questão 6 da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Perceção sobre a introdução do mundo digital na indústria livreira	Implicações.	Sem resposta.	“Não conseguimos responder a esta pergunta por não sabermos.” LB “Não temos elementos para responder. Por não haver muita adesão, no nosso caso, não nos dedicamos aos <i>e-books</i> .” EE.

		Não tem grandes implicações por ser residual.	“Começou com um impacto entusiasta, mas agora sentimos que é residual.” A.
		Direitos de autor, facilidade de cópia e distribuição.	“No entanto, um dos impactos poderá estar relacionado com os direitos de autor e a facilidade de "copiar" e distribuir um <i>e-book</i> .” EE.
		Promoveram um maior acesso aos livros.	“Favoreceram um maior acesso aos livros desde o Brasil por exemplo.” LH.
		Incentivar os editores e a indústria a evoluir e se adaptar aos avanços tecnológicos.	“Há uma coisa boa que foi dar mais um incentivo aos editores para evoluírem tecnologicamente e isso permitiu que a própria indústria do livro evoluísse, se tornasse ainda mais profissional, completamente adaptada às novas possibilidades e desafios, a pensar o funcionamento do mercado, a não cometer erros como a indústria da música cometeu, como a própria indústria dos média cometeu.” PE
		Custos e investimentos.	“Houve implicações em termos de custos, investimentos em meios tecnológicos, em recursos humanos e tudo mais, de resto é isso.” PE

Questão 7 - Como pensa que irá evoluir a cadeia de valores da indústria livreira?

Duas editoras, Eu Edito e Livros Horizonte, admitem não saber responder a esta questão, talvez por ser, como a Porto Editora afirma, futurologia. A Livros de Bordo, apesar de não compreender bem a questão, considera que “há pequenos editores independentes com cada vez maior expressão em Portugal.” Já a Alfarroba considera que não haverá nenhuma evolução da cadeia de valores, afirmando que a mesma “manter-se-á”. Por outro lado, a Porto Editora, apesar de trabalhar com as tecnologias mais recentes e acompanhar os avanços tecnológicos, admite ser difícil prever como vai evoluir e até se vai continuar a existir ou não, mas considera que “vai demorar muitos anos até deixar de existir”, isto porque a indústria gráfica “tem evoluído de uma forma extraordinária” contribuindo para um notável desenvolvimento tecnológico do livro.

Tabela 57. Análise da questão 7 da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Contextualização do mercado editorial	Evolução da cadeia de valores.	Sem resposta.	“Não temos elementos para ajudar” EE. “Não sei responder.” LH.
		Aumento do reconhecimento de editores independentes.	“Há mega grupos editoriais e há pequenos editores independentes com cada vez maior expressão em Portugal.” LB
		Difícil de responder, pois o desenvolvimento tecnológico nesta indústria tem sido enorme.	“Mais uma vez, futurologia. É assim nós já fazemos tudo isso desde há muitos anos e no caso da Porto Editora, pelo menos, nós trabalhamos já nessa realidade, ou seja, vamos supor um romance, o trabalho editorial é o mesmo e porquê? Porque nós usamos tecnologia no desenvolvimento do trabalho, a única coisa aqui que não é tecnológica é a criação literária. Nesse aspeto, já trabalhamos nessa realidade, agora se isto vai

			continuar a existir ou não... é futurologia. Eu acho que vai demorar muitos anos até deixar de existir. Até porque a própria indústria gráfica tem evoluído de uma forma extraordinária, até ao nível da proteção do ambiente. A nossa gráfica, neste momento não, porque foi destruída com a tempestade do ano passado e está a ser reconstruída, mas está certificada ambientalmente. Nós temos uma mini ETAR a funcionar em exclusivo para aquela unidade. O desenvolvimento tecnológico do livro tem sido uma coisa notável.” PE
		Sem evolução.	“Manter-se-á” A.

Questão 8 – Como é que o mercado livreiro se adaptou e deve adaptar à disseminação digital?

A Livros de Bordo considerou que não há “grande mercado de *e-books* em Portugal”, tal como a Porto Editora já tinha referido na questão 5, o que revela uma postura de que não existe necessidade de adaptação do mercado livreiro, tal como a Livros Horizonte admitiu, referindo que são “dois mercados que podem ir *pari passu*”. O digital é, portanto, um complemento, indo de encontro às palavras da Alfarroba.

Esta questão acabou por ser colocada de uma forma um pouco diferente à Porto Editora, questionando se o mercado livreiro se consegue adaptar à disseminação digital, ao que a mesma referiu que a “indústria do livro em Portugal é uma indústria muito dinâmica”, que é competitiva e que se adapta facilmente aos desafios que aparecem.

Apenas a Eu Edito referiu não ter elementos suficientes para responder a esta questão.

Tabela 58. Análise da questão 8 da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Perceção sobre a introdução do mundo digital na indústria livreira	Existência de mercado livreiro	Não existe.	“Não me parece que haja grande mercado de ebooks em Portugal. Talvez por estar desligada dessa realidade.” LB.
		Existe	Sem excerto da entrevista, resposta implícita. A., EE., LH. e PE.
	Como se adaptou?	Sem resposta.	“Não temos elementos para ajudar” EE.
		Tornando-se um complemento do livro impresso.	“Sendo um complemento” A.
		Não necessita de se adaptar.	“Não creio que haja necessidade de adaptação. Parecem-me dois mercados que podem ir <i>pari passu</i> ” LH.
		Através do dinamismo da indústria, adapta-se facilmente a qualquer situação.	“A indústria do livro em Portugal é uma indústria muito dinâmica e é curioso, porque não somos um país com muitos leitores, mas temos um setor editorial dinâmico e que é competitivo e que se adapta. Consegue-se adaptar aos desafios de uma forma muito dinâmica e muito facilmente. Mesmo comparados com outros países, nós não devemos nada a ninguém.” PE.

Questão 9 - Enquanto editora portuguesa como descreve a situação atual da edição e publicação de livros em Portugal?

A Eu Edito volta a considerar não ter elementos suficientes para responder à questão. A Livros de Bordo remete para a resposta 5, referindo novamente a situação de grandes grupos que dominam os pequenos. A Alfarroba também reforça a sua resposta da questão 5, classificando a situação atual de edição e publicação de livros como “elitista”.

A Livros Horizonte refere um fenómeno de abundância, onde todos os meses é publicada uma grande quantidade de livros, levando a que muitos não sejam reconhecidos.

A Porto Editora considera que em Portugal existe uma fraca política de livros, com poucos leitores, como já foi referido anteriormente. Para evitar alguns dos problemas que caracterizam a situação atual, acham necessário apostar mais nos incentivos à leitura.

Tabela 59. Análise da questão 9 da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Contextualização do mercado editorial	Situação atual.	Indústria monopolizada.	“Remeto para a resposta 5.” LB “Elitista.” A.
		Abundância de publicação.	“Existe uma quantidade gigantesca de novidades a saírem para a rua todos os meses e muitos dos livros ficam despercebidos.” LH.
		Fraca política do livro. Necessidade de apostar no incentivo à leitura.	“Por muito bons que os editores sejam, por muito bons escritores que tenhamos em Portugal, se não houver uma politica do livro, se não houver um incentivo à leitura, se não houver um discurso desempoleirado e transparente e rigoroso sobre aquilo deve ser feito e deve ser passado e deve ser inculido nas novas gerações, os problemas vão continuar a existir.” PE
		Sem resposta	“Não temos elementos para ajudar” EE.

Questão 10 - Há futuro para edições eletrónicas no nosso país?

Todas as editoras concordam que os *e-books* terão futuro em Portugal, no entanto existem algumas considerações a serem referidas, como a preferência pelo livro impresso, mencionado

pela Eu Editó, e a necessidade de criar hábitos de leitura no povo português, dito pela Livros Horizonte. Já a Alfarroba considera que as edições eletrônicas se vão destacar na área técnica. No entanto, a Porto Editora reforça a importância de a indústria livreira ter de estar preparada para o que possa surgir, sendo que “se de hoje para amanhã disserem que acabou o livro em papel” as editoras têm de ser capazes de subsistir.

Tabela 60. Análise da questão 10 da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Perceção sobre a introdução do mundo digital na indústria livreira	Há futuro para os <i>e-books</i> ?	Sim.	“Creio que sim, que haverá.” LB. “Sim,” A., EE. e LH Sem excerto da entrevista, resposta implícita. PE.
	Em que áreas?	Livros técnicos.	“especialmente na área técnica” A.
	Outras considerações.	Preferência pelo mercado tradicional.	“o mercado português ainda prefere o comércio tradicional” EE.
		Incentivar à leitura.	“é preciso de criar o hábito.” LH.
	A indústria editorial tem de estar preparada.	“A nossa mentalidade é esta: seja qual for o dia da amanhã, nós temos de estar preparados. Se de hoje para amanhã disserem que acabou o livro em papel, nós já estamos lá, estamos preparados.” PE.	

Questão 11 – Considera que o mercado editorial nacional continuará a sofrer transformações durante os próximos anos?

Resposta unânime a todas as editoras que consideram que o mercado editorial continuará a sofrer transformações nos próximos anos. A Porto Editora justifica essa situação pela necessidade de garantir que os leitores têm “acesso às opções que melhor servem os seus interesses e as suas necessidades”.

Tabela 61. Análise da questão 11 da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Contextualização do mercado editorial	Continuará a sofrer transformações?	Sim	“Sim.” LB., A., LH., PE. “Claro que sim.” EE.
	Porquê?	Para garantir a satisfação das necessidades dos leitores.	“Eu acho que nós devemos trabalhar para que as pessoas tenham acesso às opções que melhor servem os seus interesses e as suas necessidades. Eu posso querer estar num transporte público, ir num avião e em vez de levar 2 ou 3 livros levo o meu kobo. É nesse caminho que nós devemos trabalhar, ou seja, garantir que damos as possibilidades de acordo com as mais diferentes procuras.” PE.

Questão 12 - Comparativamente com o mercado editorial estrangeiro como classifica o mercado editorial nacional?

Existe uma tendência para considerar o mercado editorial estrangeiro mais avançado que o português. A Alfarroba considera-o mesmo “tradicional, pouco experimental, de pequena escala e de horizontes reduzidos”, mas a Livros de Bordo remete para uma ideia bastante interessante de que os “problemas das editoras são normalmente as mesmas”, mas que lamenta a falta de incentivos em Portugal e cobrança por emissão de ISBN.

Por outro lado, a Livros Horizonte e a Porto Editora voltam-se a focar no número reduzido de leitores e da falta de hábitos de leitura nos portugueses. Este problema deve-se à ausência de uma política de cultura e das constantes mudanças na educação. De facto, há uma grande instabilidade política e educacional em Portugal e isso é visto como um fator determinante para o atraso no mercado editorial português.

A Eu Edito admitiu não conseguir comparar ambos os mercados.

Tabela 62. Análise da questão 12 da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Contextualização do mercado editorial	Comparação com o mercado estrangeiro.	Mais incentivos no estrangeiro.	“Os problemas das editoras são normalmente as mesmas. Há um livro interessante chamado "O Negócio dos Livros" de André Schiffrin que mostra como os problemas são transversais ao tipo de negócio que são os livros. Embora noutros países - alguns - haja mais incentivos que em Portugal onde por exemplo se cobra por emissão de ISBN” LB.
		O português é mais tradicional e fechado.	“Tradicional, pouco experimental, de pequena escala e de horizontes reduzidos.” A.
		Poucos leitores portugueses.	“Creio que se trate de uma questão de hábitos e Portugal é um país de leitores fracos” LH. “O único problema é a falta de leitores e tudo em que isso se enquadra” PE.
		Instabilidade política e educacional.	“não haver uma política de cultura, ainda termos muito caminho para andar ao nível da literacia e olharmos a educação como ela deve ser e não com constantes mudanças, vem um governo e muda, vem outro governa e muda o que outro mudou. Não há estabilidade e depois há esta forma de dar um carácter demasiado lúdico à educação porque a educação é chata.” PE
		Sem resposta.	“Não temos elementos para ajudar.” EE.

Questão 13 – Considera que as editoras portuguesas possuem potencial de internacionalização? De que forma?

Foi resposta comum a todas, visto considerarem que as editoras portuguesas têm potencial de internacionalização. A Livros de Bordo refere a participação em inúmeras feiras do livro pela Europa e América Latina, onde Portugal é várias vezes convidado, tendo, inclusive, estando em destaque na última feira que se realizou. A Livros Horizonte refere que existem muitos autores “portugueses traduzidos para outras línguas”. A Porto Editora responde pelo exemplo, possuindo editoras em Angola, Moçambique e Timor Leste. Sempre países em língua portuguesa, por opção própria.

A Alfarroba considera que só alguns autores e editoras têm esse privilégio e a Eu Editó sugere que se aposte na distribuição e venda “em plataformas internacionais como a Amazon”.

Tabela 63. Análise da questão 13 da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Contextualização do mercado editorial	Potencial de internacionalização?	Sim	Sem excerto da entrevista, resposta implícita. LB. “Sim, mas tem-se privilegiado apenas algumas editoras (e autores)”. A. “Sim” EE. e LH. “acho que sim, que têm potencial.” PE
	De que forma?	Participações em feiras do livro internacionais.	“As editoras portuguesas são internacionais já como pode ver pelo país convidado de inúmeras feiras do livro na Europa e na América Latina. A última foi na América Latina com Portugal em destaque.” LB
		E-distribuição.	“Uma das formas é a e-distribuição (distribuição/venda <i>online</i> , em plataformas internacionais como a Amazon)” EE.”
		Tradução de autores portugueses para outras línguas.	“existem muitos livros portugueses traduzidos para outras línguas” LH.”

Serão seguidamente enumeradas as questões resultantes da entrevista semi-estruturada com a Porto Editora.

Questão 14. Qual tem sido o vosso principal desafio em disponibilizar conteúdo no formato digital?

Se forem conteúdos em texto, não existem grandes dificuldades em disponibilizar no formato digital. No entanto, se incluírem mais elementos, apostam nas tecnologias e técnicas editoriais em contexto multimédia, onde combinam o texto com “imagens, vídeos, animações, interatividades”, utilizando um conjunto de “recursos que só o multimédia pode disponibilizar”.

Tabela 64. Análise da questão 14 da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Comercialização de <i>e-books</i> .	Desafios de disponibilização em formato digital	Sem grandes problemas em texto corrido.	“for um romance, por exemplo, em que é texto corrido, sem imagens e tudo o mais, a disponibilização em formato digital é razoavelmente pacífica.”
		Explorar novas técnicas e tecnologias com o uso do multimédia.	“O desafio tem sido o de fazer do mundo digital outro tipo de trabalho que nós desenvolvemos em suporte de papel e aqui refiro-me, por exemplo, à área da educação. Aí tem-nos sido dada a oportunidade de nós desbravarmos caminho não só em termos de desenvolvimento tecnológico, como no desenvolvimento de técnicas editoriais para contexto multimédia e aí já falamos de texto que combinamos com imagens, vídeos, animações, interatividades, portanto há toda uma riqueza de recursos que só o multimédia pode disponibilizar.”

Questão 15. É um investimento sem retorno?

Verifica-se que é um investimento sem retorno, porque existem muitos custos de manutenção. Um livro impresso, quando sai das gráficas e segue para as livrarias, só precisa da manutenção do próprio leitor. Um *e-book* não. É necessário um investimento constante em redes, servidores e *software*. Para além disto, enquanto os livros impressos só necessitam de uma equipa de editores, os *e-books* necessitam de gestores de conteúdos, “programadores, especialistas em redes, técnicos de vídeo, de áudio e *designers* multimédia”. O investimento inicial também é bastante elevado, visto que, no caso da Porto Editora, tiveram de “construir um estúdio de televisão e um estúdio de rádio para fazer os recursos para incorporar nos manuais multimédia”. Assim sendo, comprova-se que o digital não é mais barato que o papel.

Tabela 65. Análise da questão 15 da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Comercialização de <i>e-books</i> .	Investimento com retorno?	Não.	“Não compensa. É um investimento que não tem muito retorno (...) Por isso é que não tem retorno, porque repare o investimento que temos de fazer. É que o livro sai da gráfica, vai para as livrarias, vai para as suas mãos e nós não vamos ter que lhe dar qualquer tipo de manutenção. Agora, se pegar no seu telemóvel, entrar na wook e for ver para comprar, o ficheiro tem de estar lá disponível e, para que isso aconteça, há um investimento constante que nós temos de fazer em redes, em servidores, em <i>software</i> . Porque há sempre novas versões e depois como há mais informação os servidores têm de ser mais capazes e é um investimento constante. A manutenção de um <i>e-book</i> tem custo, um livro em papel não.”

Questão 16. Porque é que as pessoas não leem?

A Porto Editora refere que já é uma situação antiga, que se arrasta desde os anos 70 com os fracos níveis de literacia. Apesar de se verificarem grandes avanços nessa questão, outras situações, relacionadas com “o próprio desenvolvimento da sociedade e do aumento de oferta cultural” fazem com os níveis de hábitos de leitura continuem baixos. A esta situação ainda se junta a “depressão demográfica” que o país enfrenta, com uma acentuada descida dos níveis de natalidade e um aumento do “fluxo migratório” com quase um “quarto de milhão de portugueses” que se foi embora com a crise financeira.

A Porto Editora menciona ainda a ausência de uma “política do livro” e que, apesar do plano nacional de leitura ter “conseguido alguma coisa de positivo na promoção dos livros, de dar a conhecer o trabalho editorial sobretudo de autores portugueses”, ainda é insuficiente para alcançar os níveis desejáveis pelo gosto e hábito de leitura.

Tabela 66. Análise da questão 16 da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Contextualização do mercado editorial	Porque existem poucos leitores.	Aumento da restante oferta cultural.	“nós continuamos a ter índices de leitura e hábitos de leitura fracos. Porque depois entram aqui outras conjugações, tem haver com o próprio desenvolvimento da sociedade e do aumento de oferta cultural, de acesso a vários tipos de artes, o acesso à cultura tornou-se mais amplo, o cinema evoluiu, a televisão evoluiu, a tecnologia evoluiu. Há muitos mais apelos do que havia antigamente (...)”
		Fracos índices de escolaridade e literacia	“e depois é assim, enquanto nós não tivermos índices de escolaridade e sobretudo de literacia aceitáveis, não vamos ter hábitos de leitura”

		<p>Depressão demográfica, descida dos níveis de natalidade e emigração.</p>	<p>“e neste preciso momento, nestes anos em que estamos a enfrentar um depressão demográfica tremenda, isto porque nós nas últimas duas décadas vimos o nível de natalidade descer de forma assustadora e depois ainda tivemos, na segunda metade da primeira década deste século, um fluxo migratório de imigração que de alguma forma rejuvenesceu a nossa sociedade, mas depois com a crise em 2010/2011 o que nós tínhamos recebido de pessoas perdemos e depois ainda perdemos muito mais com o quase de quarto de milhão de portugueses que foi-se embora a partir daí com a crise.”</p>
		<p>Não existe uma política do livro.</p>	<p>“Depois, se pensarmos bem, não há uma política do livro. O plano nacional de leitura tem conseguido alguma coisa de positivo na promoção dos livros, de dar a conhecer o trabalho editorial sobretudo de autores portugueses e isso é muito relevante, porque permite que as escolas façam um trabalho de promoção de leitura que são verdadeiramente fundamentais e valiosos, mas isso não chega.”</p>

Questão 17. Considera que os estudantes vêem o plano nacional de leitura como uma obrigação, acha que eles pensam “estão-me a obrigar a ler”?

A Porto Editora considera que isso, infelizmente, é uma opinião comum aos estudantes, sendo uma questão muito transversal e cultural. Comparando com países mais desenvolvidos, Portugal não olha para “a educação e para a cultura da mesma forma”, identificando esta situação como o ponto de melhoria.

É referida a tentativa constante do plano nacional de leitura em passar a ideia de que ler não é uma obrigação. Na apresentação do novo plano de 2017-2027, os convidados “fizeram leitura de livros preferidos, de passagens, em *smartphones*”, numa tentativa de passar a “mensagem de que esses *smartphones* permitem a leitura”, uma vez que na sociedade contemporânea estes dispositivos são “uma extensão dos braços” dos mais jovens. No entanto, a Porto Editora considera que “estes *smartphones* dão-nos tanta outra coisa que mata a leitura”.

Tabela 67. Análise da questão 17 da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Contextualização do mercado editorial	Obrigação de leitura.	Os estudantes vêm a leitura como uma obrigação.	“Mas isso é sempre. Eu lembro-me quando andava na escola e tínhamos de ler um livro em específico e às vezes não me apetecia. Mas esta questão é muito mais transversal e sobretudo é muito cultural. Nós ainda não olhamos para a educação e para a cultura da mesma forma que países mais evoluídos olham.”
		Devido a uma opinião geral que desvaloriza o papel da escola e do ensino.	“Quando nós ouvimos falar de polémicas, sobretudo nas redes sociais, sobre pessoas a criticarem o que se dá nas escolas, de a escola matar a criatividade, de prender e que se devia era investir nas soft skills e tudo isso, eu confesso que me dá arrepios e que é assustador, porque a mensagem que se passa é de um profundo facilitismo e que só vai prejudicar os miúdos mais à frente.”

		Tentativas do Plano Nacional de Leitura a evitar esta opinião.	“apresentou o novo plano de 2017-2027 na biblioteca Almeida Garrett em que esteve o governo em peso e eles apresentaram o plano nacional de leitura, em que fizeram leitura de livros preferidos, de passagens, em smartphones. Só duas pessoas leram em livro. Eu percebo, de alguma forma, que eles queiram passar a mensagem de que esses smartphones permitem a leitura. Os miúdos só usam isso, é uma extensão dos braços deles, isso é verdade, mas agora esperar que usem isso para ler... é demasiada boa vontade. E a situação é que estes smartphones dão-nos tanta outra coisa que mata a leitura.”
--	--	--	--

Questão 18. O meu estudo tem mostrado que os estudantes que leem em dispositivos eletrónicos o fazem porque dá mais jeito nos transportes públicos, porque preferem livros impressos. Como se justifica esta situação?

A Porto Editora considera que “aquilo que as pessoas leem, inclusivamente nos transportes públicos, são os *leads*, o que justifica muito a transleitura que existe”. No entanto, existem os estudantes classificados com os “*heavy readers*”, que são “aqueles que leem mesmo”, lendo em qualquer altura e em qualquer lugar, optando pelo formato que lhes dá mais jeito.

Justifica ainda que a razão pela qual os estudantes continuam a preferir o papel é devido ao cérebro e à capacidade de mapeamento geográfico, que é quando se “está a falar com alguém e refere uma parte do livro (...) e até pode não ter decorado o número da página, mas tem a noção que fica mais ou menos antes do meio do livro, na página da esquerda, a meio da página”. No caso dos livros digitais isto não acontece, visto que “do início ao fim, o livro em formato digital está sempre igual” não permitindo ter noção “se estamos no início, no meio, no fim da página”.

Tabela 68. Análise da questão 18 da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Contextualização do mercado editorial	Preferência por livros impressos.	Mapeamento geográfico.	“Eu tenho a certeza que quando acaba de ler um livro, em papel, já se deu conta que a dada altura que está a falar com alguém e refere uma parte do livro que acha espetacular e até pode não ter decorado o número da página, mas tem a noção que fica mais ou menos antes do meio do livro, na página da esquerda, a meio da página. Isso chama-se mapeamento geográfico. (...) Se ler em digital, o seu cérebro provavelmente não consegue fazer isso, porque lê num scroll, sem mexer a cabeça e o seu cérebro não se vai lembrar porque aqui não conseguimos perceber se a página é par ou ímpar, nem a noção se o livro está no início, meio ou fim. Do início ao fim, o livro em formato digital está sempre igual (...)”
	Leitura nos transportes públicos.	Leitura dos leads.	“Porque aquilo que as pessoas leem, inclusivamente nos transportes públicos, são os leads, o que justifica muito a transleitura que existe, quer dizer aparece-lhes uma coisa e o que lhes entra é uma coisa diferente. Consideram-se informadas e não estão.”
	Leitura em qualquer lado.	<i>Heavy readers.</i>	“Esses são os Heavy readers, são aqueles que leem mesmo e que até podem ler em transportes públicos em dispositivos eletrónicos, mas se for em casa

			estão a ler em papel. Há desses que agora vão de férias e em vez de levarem 5 ou 6 livros levam um Kobo que são dispositivos feitos única e exclusivamente para ler. E é isso que distingue mesmo os leitores.”
--	--	--	---

Questão 19. Considera que a indústria do livro tem evitado os erros que a dos média cometeu?

A indústria dos média continua a cometer muitos erros, pelo facto de ter desvalorizado o conteúdo, tornando-o “totalmente livre e ao pensar que a publicidade ia salvar”. A Porto Editora acredita que a indústria editorial tem conseguido evitar esses erros, principalmente na Europa, através das várias medidas da União Europeia para combater “os grandes grupos americanos da Amazon e da Apple” e preservar o conteúdo e o trabalho intelectual.

Tabela 69. Análise da questão 19 da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Contextualização do mercado editorial	Erros da indústria média.	Desvalorização do conteúdo.	“o jornalismo desvalorizou aquilo que mais valioso tinha, que é o conteúdo. E ao desvalorizar conteúdo e ao torná-lo totalmente livre e ao pensar que a publicidade ia salvar, cometeram um erro tremendo”
	Como as editoras têm evitado esses erros.	Medidas para combater os grandes grupos americanos e preservar o conteúdo e trabalho intelectual.	“União Europeia foi fundamental porque permitiu combater e permite combater os grandes grupos americanos da Amazon e da Apple (...) A indústria livro soube proteger e tem sabido proteger aquilo que é a essência do seu trabalho que é trabalhar conteúdo e o conteúdo resulta da criatividade das pessoas e do trabalho intelectual. O trabalho intelectual tem de ter valor. Nós produzimos valor.”

Questão 20. E a situação dos manuais digitais para as escolas?

A editora relembra a polémica por causa do peso dos livros nas mochilas escolares, onde muitos pais exigiram que se passassem a produzir manuais em formato digital. Nessa altura, a Porto Editora já produzia “manuais escolares em formato digital há 10 anos” que se encontravam disponíveis na livraria virtual. Este é um tema muito delicado e que necessita de grande ponderação, visto que os custos do digital são superiores àquilo que a opinião pública considera. É preciso ter em conta os dispositivos de leitura e o investimento inicial para adquirir os mesmos, para além de que é preciso pensar quantos desses dispositivos vão chegar ao fim do ano letivo intactos ou sem avarias.

A editora participou num projeto piloto em Cuba, no Alentejo, com estudantes entre o 5º e 8º ano, onde observou que os estudantes gostavam bastante da interatividade que os manuais digitais proporcionavam, mas para estudo continuavam a preferir os livros impressos.

Tabela 70. Análise da questão 20 da entrevista

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Contextualização do mercado editorial	Manuais digitais nas escolas.	Polémica do peso dos livros e exigência para manuais em formato digital.	“Há 2 anos, na área do escolar, houve um movimento por causa do peso das mochilas escolares, porque os livros são muito pesados (...) Nós temos os manuais digitais disponíveis para compra de quem quer que seja há 10 anos na nossa livraria virtual. E a questão é esta, nós sentimos que estamos pelo menos 10 anos à frente do resto, da perceção pública sobre as coisas.”
		Investimento em dispositivos de leitura	“E estamos só a falar dos conteúdos, mas pensemos: e onde é que os miúdos vão arranjar uns <i>tablets</i> ? Não têm custos? Quantos <i>tablets</i> vão chegar ao fim do ano letivo intactos? Quantos <i>tablets</i> vão durar durante o ano letivo sem avarias? Quem é que vai pagar a manutenção desses dispositivos? E já agora quais são as empresas

			portuguesas às quais nós vamos dar esse incentivo de produção industrial?”
		Os estudantes continuam a preferir o formato impresso para estudar.	“eu estava a conversar com os miúdos e eles diziam: “isto é giro, porque chegamos à sala de aula e temos quadros interativos”. E, de facto, dentro da sala de aula, aquilo tem um potencial enorme porque é interativo e é como se nós tivéssemos uma grande televisão cheia de vídeos e animações, mas e para estudar para os testes? “Para os testes é papel, para tirar notas e sublinhar”.”

5. Conclusões e Trabalho Futuro

O principal objetivo desta dissertação consistiu em analisar o impacto do *e-book* nos hábitos de leitura dos estudantes e na indústria editorial portuguesa, contribuindo para reduzir a escassez de informação disponível sobre o assunto, bem como atualizar os dados existentes. Permitiu ainda compreender a relevância e preferência do formato tanto para o editor como para o leitor, as diferenças para com o livro impresso, qual o género literário de eleição e identificar hábitos de leitura entre os estudantes e os processos de adaptação das editoras com o aparecimento dos *e-books*.

Foi levada a cabo uma investigação empírica com uma abordagem simultaneamente quantitativa e qualitativa, onde foram utilizados dois métodos diferentes na recolha dos dados: questionários e entrevistas.

Do trabalho realizado relativamente ao primeiro método, os questionários, foi possível concluir que os estudantes leitores são maioritariamente do sexo feminino, entre os 17 e os 27 anos. Relativamente aos seus hábitos de leitura, os estudantes leem e compram, em média, até 5 livros por anos, com gastos até os 50€. Cerca de 71% dos estudantes encontra-se a ler um livro atualmente, tendo lido entre 1 a 3 no último mês. Semanalmente, dedicam entre 1 a 4 horas à leitura, mas é nas férias que mais leem, devido à maior disponibilidade de tempo. Preferem ler por lazer e principalmente em português, sendo o romance o género predileto, sendo o mais lido e mais apreciado.

Resumidamente, apesar dos estudantes revelarem alguns hábitos rotineiros de leitura, compram poucos livros por ano, o que permite concluir que existe uma tendência de empréstimos e requisições em bibliotecas.

Compreendidos os hábitos de leitura em livros impressos, os estudantes foram questionados sobre o seu conhecimento sobre o que é um *e-book*. Praticamente a totalidade dos inquiridos mostraram saber o que é, com 55,9% a admitir que já leu um, predominantemente leitura de livros técnicos e através do computador. Mesmo neste formato continuam a considerar que a leitura é uma atividade de lazer. Apesar disso, metade não leu nenhum *e-book* durante o último ano, o que

significa que os estudantes não gostaram da experiência de leitura que este formato oferece. Isto justifica-se pelo facto de a grande maioria não gostar de ler em ecrãs e revelar preferência pelo livro impresso, continuando a ser o formato mais utilizado, devido à sua sensação física. No entanto, quem prefere os *e-books*, justifica a sua preferência pela leveza e portabilidade, bem como pela facilidade de armazenar um maior número de títulos. Estas foram consideradas as principais vantagens desse formato, sendo que as desvantagens se relacionam com a ausência da sensação física e a dificuldade de ler em ecrãs.

Os estudantes não pretendem substituir o livro impresso, nem mudaram os seus hábitos de leitura, sendo que a percentagem de estudantes que revelam o contrário varia entre os 17,5% e os 18,5%. As principais justificações para esta resistência à mudança relacionam-se com o facto de não terem utilizado ou não terem gostado da experiência de leitura nesse formato. Já os que mudaram os seus hábitos, admitem que passaram a ler muito mais, porque a portabilidade e leveza dos dispositivos eletrónicos permitem ler em qualquer lado.

Consideram que o formato digital é mais ecológico, de fácil acessibilidade à informação em qualquer lado, de fácil armazenamento, mais portátil e prático para pesquisas. A versão impressa é considerada mais fácil de partilhar e copiar e prática para longas leituras por lazer. Ambos os formatos são de confiança, convenientes e de uso fácil.

Em síntese, tendo em conta as preferências dos estudantes, é possível concluir que o *e-book* não tenderá a substituir o livro impresso, mas sim que haverá um uso conjunto de ambos, complementarmente. Destarte, a tendência do digital não dita o fim do livro impresso e o seu crescimento não deve ser encarado como uma situação problemática, mas sim como uma coexistência saudável e benéfica. Para além disso, a percentagem de estudantes que mudaram os seus hábitos ainda é bastante reduzida, demonstrando que o impacto dos *e-books* nos estudantes portugueses não é suficientemente relevante para afirmar que este formato revolucionou a experiência de leitura. Apesar da adaptação dos jovens às novas dinâmicas comunicacionais e à habituação às tecnologias e ao universo digital, continua a existir uma forte preferência pelo livro impresso, sendo a primeira escolha de 82,5% dos estudantes.

A análise individual aos dados de cada instituição de ensino, permitiu observar que os estudantes da faculdade de letras são os que mais leem durante o ano e os de nutrição os que menos leem. Quanto aos géneros preferidos, os estudantes de ciências destacam-se das restantes pela preferência por livros de fantasia. Apesar de apresentarem respostas relativamente semelhantes no que diz respeito aos hábitos de leitura dos livros impressos, foram identificadas opiniões distintas quando se trata dos *e-books*. Os estudantes de arquitetura e de medicina dentária são os que apresentam uma percentagem mais elevada de estudantes que nunca leu nesse formato e os de engenharia e letras, em tendência inversa, possuem os valores mais elevados para os que já leram *e-books*. Isto pode ser justificado pelo facto de os estudantes de engenharia terem um contacto constante com tecnologias e os de letras pela grande frequência de leitura.

Relativamente aos dispositivos utilizados, destacam-se os estudantes de economia e de medicina dentária pela utilização do *tablet* para leitura de *e-books* e os estudantes de farmácia e

ciências biomédicas pela opção do telemóvel. Apenas os estudantes de belas artes, ciências da nutrição e desporto utilizam os *e-books* com fins pedagógicos, lendo-os maioritariamente em situações de estudo.

Apesar dos dados obtidos não serem significativos para afirmar que os *e-books* mudaram os hábitos de leitura dos estudantes, observa-se que as áreas de ensino onde se verificam maiores mudanças são em engenharia, economia e medicina dentária.

Relativamente ao segundo método, conclui-se que todas as editoras consideram que o mundo digital é uma nova oportunidade de criar e explorar novas experiências para os livros, sendo a versão digital um complemento do papel. Por essa razão, não consideram que o livro impresso vá desaparecer.

Das 5 editoras, 3 não comercializam *e-books*, sendo que dessas, apenas uma se encontra em processo de criação das suas primeiras versões digitais. As restantes não consideram interessante do ponto de vista de retorno comercial.

As que comercializam, não tiveram em conta nenhuma característica em especial, embora a preocupação em garantir a satisfação do leitor seja significativa. A adaptação para o digital foi pacífica para ambas, com a introdução de máquinas gráficas de impressão digital e *softwares* para o trabalho de paginação, integração e tratamento de imagem, apostando muito nos recursos multimédia. No momento de decidir que formato utilizar, enquanto uma afirma que o autor é que decide, outra tenta ter disponível todos os formatos possíveis, dando ao leitor a liberdade de escolha. O processo de edição em formato digital não varia muito, seguindo as mesmas etapas que o livro impresso, com a única diferença de o formato digital seguir para os servidores e o impresso para a gráfica.

São identificados vários desafios para a mercado editorial, tendo sido mencionadas as questões do elitismo e do monopólio, da distribuição e preço, das vendas e colocação no mercado, do reduzido número de leitores e da inexistência de mercado de *e-books* em Portugal. De facto, o formato digital foi recebido, inicialmente, de forma entusiasta, sendo agora considerado como residual para a indústria, mas incentivou a que a mesma evoluísse e se adaptasse aos avanços tecnológicos, promovendo um maior acesso aos livros. No entanto, tiveram uma grande implicação em termos de custos e investimentos que não têm previsão de retorno significativo.

Em opiniões contraditórias, algumas consideram que a cadeia de valor da indústria editorial não terá qualquer evolução, enquanto outras consideram que o desenvolvimento tecnológico contribui para que esteja constantemente a evoluir. A indústria estará sempre em constantes transformações para garantir a satisfação dos seus leitores.

Em Portugal, identificam uma fraca política do livro, devido a questões culturais, educacionais e demográficas, com uma abundância de publicações de uma indústria monopolizada. Consideram que os *e-books* terão futuro no país, apesar de reconhecerem a preferência dos leitores pelo formato impresso. Para além disso, mencionam que existem mais incentivos no mercado estrangeiro. Apesar disso, consideram que as editoras portuguesas têm um

forte potencial de internacionalização e que têm evitado os erros que a indústria média cometeu ao desvalorizar o conteúdo.

Quando as editoras se focam nos estudantes, mencionam a postura comum destes considerarem a leitura como uma obrigação, mas referem que o plano nacional de leitura tem feito várias tentativas para mudar essa postura, tendo progredido ao longo dos anos.

Conclui-se que algumas editoras ainda não se adaptaram aos *e-books*, nem têm interesse em apostar neste formato. No entanto, garantir a oferta de todos os formatos possíveis aos seus leitores é a prioridade de uma indústria cujos clientes apresentam grandes falhas nos hábitos de leitura.

Em síntese, o mercado editorial português ainda se caracteriza por um grande nível de incerteza quanto à fiabilidade dos *e-books*, devido ao fraco retorno financeiro e à escassa procura por parte dos leitores. Ainda existem editoras que não têm interesse em apostar neste formato, sendo que as que investiram admitem ser um investimento sem retorno e com grandes custos de manutenção. O impacto dos *e-books* na indústria editorial ainda não é significativo, tal como nos hábitos de leitura dos estudantes, visto ser uma opção desvalorizada pela grande parte dos editores e leitores. Das mudanças que os *e-books* geraram destacam-se a introdução de novas tecnologias e *softwares*, bem como um reforço nos recursos humanos devido à criação de novas equipas mais direccionadas para o âmbito do multimédia e gestão de conteúdos. Apesar de não ser uma aposta com grande destaque no mercado, é importante realçar que é essencial que as editoras garantam oferta em ambos os formatos, garantindo a satisfação de todos os consumidores.

5.1 Satisfação dos objetivos e limitações do estudo

Existiram algumas limitações ao longo da investigação, principalmente na recolha de dados. Nos questionários existiram algumas dificuldades em alcançar os estudantes de quatro faculdades, nomeadamente FCUP, FDUP, FPCEUP e ICBAS devido à inexistência da opção do *e-mail* dinâmico. Em alternativa, para divulgar o inquérito foi pedida a colaboração dos serviços académicos do ICBAS e da associação de estudantes da FPCEUP, que prontamente se disponibilizaram a ajudar. Para a FCUP foram utilizados os *e-mails* de curso disponibilizados na página da instituição e para a FDUP procedeu-se à recolha individual dos *e-mails* de cada estudante inscrito no ano letivo 2018/2019. Verificou-se ainda uma fraca participação dos estudantes da FMDUP, não tendo sido identificada uma justificação para o sucedido.

As entrevistas foram o método mais lento, devido à acrescida dificuldade em receber resposta por parte das editoras. Foi realizado contacto com aproximadamente 60 editoras do norte e centro do país, tendo apenas sido obtidas 12 respostas, das quais 10 aceitaram colaborar no estudo. Dessas, apenas 5 participaram nas entrevistas. Apesar de não cumprir a amostragem desejada, as respostas asseguraram alguma representatividade, permitindo obter conclusões sobre o tema.

Ambos os métodos de recolha de dados permitiram realizar uma análise empírica suficientemente robusta, com potencial de replicação, que responderam a todas as questões de investigação definidas. Destarte, é possível afirmar que se verifica a satisfação dos objetivos. As principais conclusões obtidas permitem confirmar algumas das informações descritas na revisão bibliográfica, atualizar os dados relativos ao mercado livreiro português e identificar os impactos do uso do *e-book*.

5.2 Trabalho Futuro

As conclusões desta investigação permitem definir algumas propostas de trabalho futuro, bem como pontos que podem ser melhorados e aprofundados.

Visto que se identifica uma tendência de empréstimo de livros, seria interessante desenvolver um caso de estudo em bibliotecas municipais de forma a estabelecer uma relação entre a fraca frequência de compra de livros e o número de inscrições nestes estabelecimentos públicos.

Seria também interessante desenvolver uma investigação mais prática, em que se submetessem grupos de estudo à leitura de documentos em versões digitais e impressas, de modo a aferir o impacto do formato de leitura na aquisição e compreensão de informação e dos níveis de atenção. Isto permitiria uma análise mais detalhada da influência do formato no leitor.

6. Referências

- (Amaral et al., 2017). Inês Amaral, Bruno Reis, Paulo Lopes, Célia Quintas. Práticas e consumos dos jovens portugueses em ambientes digitais. *Estudos em Comunicação*. n° 24, pp. 107-13. Acedido em 17 de outubro de 2018.
<http://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/3157/1/Amaral%2C%20Carri%C3%A7o%20Reis%2C%20Lopes%20e%20Quintas%20%20Pr%C3%A1ticas%20e%20consumos%20dos%20jovens%20portugueses%20em%20ambientes%20digitais.pdf>
- (Aptara Corp, 2016). Aptara Corp. HTML5 is the best way to publish eBooks., Aptara. Acedido em 5 de dezembro de 2018.
<https://www.aptaracorp.com/blog/html5-best-way-publish-ebooks>
- (Baldwin, 2014). Sandy Baldwin. Editing Electronic Literature Scholarship in the Global Publishing System. *Electronic book review*. Acedido em 5 de dezembro de 2018.
<http://electronicbookreview.com/essay/editing-electronic-literature-scholarship-in-the-global-publishing-system/>
- (Bide, 2011). Mark Bide. The Challenge for Standards in the *e-book* Supply Chain, *Information Standards Quarterly*, Vol. 23(2).
- (Blue, 2018). Alexis Blue. Millenials may prefer reading paper books over e-books. *Futurity*. Acedido em 14 de novembro de 2018.
<https://www.futurity.org/books-e-books-reading-1767092-2/>
- (Bratt, 2010). Jeff Bratt. Traditional textbooks vs. etextbooks – Which is right for you?. Grossmont College's Student News Media. Acedido em 17 de outubro de 2018.
<http://gcs summit.com/2010/10/20/traditionaltextbooks-vs-etextbooks-%E2%80%93-which-is-right-for-you/>
- (Bolter e Grusin, 2000). Jay David Bolter e Richard Grusin. *Remediation: Understanding New Media*. Massachusetts: The MIT Press. Acedido em 18 de outubro de 2018.
https://monoskop.org/images/a/ae/Bolter_Jay_David_Grusin_Richard_Remediation_Understanding_New_Media_low_quality.pdf
- (Bonfanti et al., 2010). Giovanni Bonfanti, Omar Carcano e Marco Santino. *Do Readers Dream*

- of Electronic Books? Reshaping the publishing industry amid the e-book revolution. Chicago, Illinois: A.T.Kearney. Acedido em 18 de outubro de 2018. [https://www.atkearney.co.uk/documents/10192/178350/do_readers_dream_of_electronic_bo oks.pdf/3b9fb240-99a2-40e0-8f38-d2d24deb3003](https://www.atkearney.co.uk/documents/10192/178350/do_readers_dream_of_electronic_books.pdf/3b9fb240-99a2-40e0-8f38-d2d24deb3003)
- (Bury, 2013). Liz Bury. Ebooks and discounts drive 98 publishers out of business. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/books/2013/nov/04/ebooks-discounts-98publishers-closure>
- (Carita, 2017). Alexandra Carita. Como lê este país. *Expresso*. Acedido em 5 de dezembro de 2018 <https://expresso.sapo.pt/multimedia/259/2017-10-26-Como-le-este-pais#gs.mpY5QvM>
- (Carvalho, 2012). Cláudia Lima Carvalho. Publicar um ebook em Portugal e lançá-lo no mercado universal nunca foi tão fácil. *Público*. Acedido em 22 de outubro de 2018 <https://www.publico.pt/2012/12/12/culturaipsilon/noticia/publicar-um-ebook-em-portugal-elancalo-no-mercado-universal-nunca-foi-tao-facil-1577126>
- (Carvalho, 2012). Pedro Miguel Oliveira de Carvalho. A Importância e o Futuro do E-book no Mercado Livreiro em Portugal. (Projeto de Mestrado em Gestão). Instituto Universitário de Lisboa. Acedido em 24 de outubro de 2018. <https://repositorio.iscteuiul.pt/bitstream/10071/4907/1/A%20Import%C3%A2ncia%20e%20o%20Futuro%20do%20Ebook%20no%20Mercado%20Livreiro%20em%20Portugal.pdf>
- (Coutinho, 2018). Isabel Coutinho. Quando o livro não nos pesa na carteira porque é um ebook. *Público*. Acedido em 22 de outubro de 2018. <https://www.publico.pt/2018/08/05/tecnologia/noticia/ler-no-1840094>
- (Coutinho, 2014). Pedro da Silva Coutinho. A TRANSIÇÃO DO IMPRESSO AO DIGITAL NO SECTOR EDITORIAL: o caso da editora Publindústria. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Engenharia da Unviersidade do Porto.
- (Coutinho e Pestana, 2015). Pedro Coutinho e Olívia Pestana. eBOOKS: evolução, características e novas problemáticas para o mercado editorial. *Páginas a&b*, 3(3), 169–195. Acedido em 23 de outubro de 2018. <http://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/79418/2/117647.pdf>
- (Cristóvão, 2013). André Filipe Moutinho Cristóvão. O Lugar do Livro na Era Digital. (Dissertação de mestrado). Instituto Universitário de Lisboa. Acedido em 24 de outubro de 2018. <https://repositorio.iscteuiul.pt/bitstream/10071/7282/1/O%20lugar%20do%20livro%20na%20era%20digital.pdf>
- (DataAngel Policy Research Incorporated, 2009). DataAngel Policy Research Incorporated. A

- dimensão Económica da Literacia em Portugal: Uma Análise. Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE), Lisboa. Acedido em 5 de dezembro de 2018.
[http://pnl2027.gov.pt/np4/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=168&fileName=economia_da_literacia_pt.pdf](http://pnl2027.gov.pt/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=168&fileName=economia_da_literacia_pt.pdf)
- (Ecommerce Europe, 2018). Ecommerce Europe. European Ecommerce Report 2018 Edition. Acedido em 24 de outubro de 2018.
<https://www.ecommercefoundation.org/free-reports>
- (Ecommerce Europe, 2017). Ecommerce Europe. Ecommerce Report Portugal 2017. Acedido em 24 de outubro de 2018.
<https://www.ecommercefoundation.org/free-reports>
- (ELINET, 2016). ELINET. Literacy in Portugal, Country Report Adults. Acedido em 5 de dezembro de 2018.
http://www.elinet.eu/fileadmin/ELINET/Redaktion/user_upload/Portugal_Adults_Report1.pdf
- (ELINET, 2016). ELINET. Literacy in Portugal, Country Report Children and adolescents. Acedido em 5 de dezembro de 2018.
http://www.elinet.eu/fileadmin/ELINET/Redaktion/user_upload/Portugal_Long_Report.pdf
- (Equipa dos Estudos Internacionais, 2017). Equipa dos Estudos Internacionais. Resultados Globais PIRLS 2016, ePIRLS 2016 – PORTUGAL. LITERACIA DE LEITURA & LITERACIA DE LEITURA ONLINE. IAVE (Instituto de Avaliação Educativa), Lisboa.
- (Faustino, 2017). Paulo Faustino. Book Industry Business and Concentration: The Portuguese Case. *China-USA Business Review*, Fev. 2017, Vol. 16, No. 2, 63-72 doi: 10.17265/1537-1514/2017.02.003
- (Faustino, 2012). Paulo Faustino. Tendências de gestão, marketing e modelos de negócio nas editoras de livros. *Brand Trends Journal*, pp: 41-57. Ano 02, Vol. 2, nº 02, Abril.
- (Faustino, 2011). Paulo Faustino. Dinâmicas na Indústria de Conteúdos em Países de Expressão Portuguesa e Castelhana: o Caso do Livro. *Revista Latino Americana de Ciencia de la Comunicación*, número 11, Julio/Diciembre.
- (Flood, 2018). Alison Flood. 'Ebooks are stupid', says head of one of world's biggest publishers. *The Guardian*. Acedido em 13 de novembro 2018.
<https://www.theguardian.com/books/2018/feb/20/ebooks-are-stupid-hachette-livre-arnaud-nourry>
- (Fornelos, 2013). Catarina Alexandra da Rocha Fornelos. O impacto da evolução tecnológica no mercado livreiro. (Dissertação de Mestrado). Instituto Universitário de Lisboa. Acedido a 24 de outubro de 2018.

- https://repositorio.iscteuiul.pt/bitstream/10071/6628/1/Tese_Catarina_Fornelos_final_20%20Julho.pdf
- (Fry, 2018). Amy Fry. Factors Affecting the Use of Print and Electronic Books: A Use Study and Discussion, *College & Research Library*, Vol.79(1). Acedido em 5 de dezembro de 2018.
<https://crl.acrl.org/index.php/crl/article/view/16613/18462>
- (Furtado, 2002). José Afonso Furtado. Enciclopédia e Hipertexto - Livro e Leitura no novo ambiente digital. Acedido a 24 de outubro de 2018.
<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/afurtado/index.htm>
- (Gibson, 2007). Faith Gibson. Conducting focus groups with children and young people: strategies for success. *Journal of Research in Nursing*. Vol. 12(5).
- (Gilbert et al., 2015). Julie Gilbert e Barbara Fister. The Perceived Impact of E-books on Student Reading Practices: A Local Study, *College & Research Library*, Vol.76(4).
- (Gokey, 2014). Malarie Gokey. Digital watermarking is HarperCollins' new weapon against ebook piracy, *Digital Trends*. Acedido em 5 de dezembro de 2018.
<https://www.digitaltrends.com/mobile/digimarc-harper-collins-ebooks-piracy-protection/>
- (Grupo Marktest, 2015). Grupo Marktest. Dois em cada três portugueses leem livros. Acedido em 5 de dezembro de 2018.
<https://www.marktest.com/wap/a/n/id~1ed8.aspx>
- (Harari, 2017). Yuval Noah Harari. *Sapiens – História Breve da Humanidade*. Elsinore, Portugal.
- (Helm et al., 2018). Sabrina V. Helm, Victoria Ligon, Tony Stovall, Silvia Van Riper. Consumer interpretations of digital ownership in the book market. *Electron Markets*. Institute of Applied Informatics at University of Leipzig. 28: 177. Acedido em 5 de dezembro de 2018.
<https://doi.org/10.1007/s12525-018-0293-6>
- (IFLA, 2018). IFLA. eBooks vs Physical Books: the Importance of Choice. IFLA. Acedido em 5 de dezembro de 2018.
<https://blogs.ifla.org/lpa/2018/06/01/ebooks-vs-physical-books-the-importance-of-choice/>
- (INE, 2017). INE - Instituto Nacional de Estatística. Estatísticas da Cultura 2016. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P. Acedido em 24 de outubro de 2018.
http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=153411115&PUBLICACOESmodo=2
- (International ISBN Agency, 2014). International ISBN (International Standard Book Number) Agency. Guidelines for assignment to e-books. Acedido em 20 de dezembro de 2018.
<https://www.isbn-international.org/content/guidelines-assignment-e-books>
- (Jenkins, 2006). Henry Jenkins. *Convergence Culture: where old an new media collide*. New

- York: New York University Press. Acedido em 26 de outubro de 2018.
<https://www.hse.ru/data/2016/03/15/1127638366/Henry%20Jenkins%20Convergence%20culture%20where%20old%20and%20new%20media%20collide%20%202006.pdf>
- (Kelly, 2018). Erin Kelly. Ebooks are not 'stupid' - they-re a revolution. The Guardian. Acedido em 13 de novembro de 2018.
<https://www.theguardian.com/books/2018/feb/21/ebooks-are-not-stupid-theyre-a-revolution-erin-kelly>
- (Knowlton, 2016). Steven A. Knowlton. A Two-Step Model for Assessing Relative Interest in Ebooks Compared to Print, College & Research Library, Vol77(1)
- (Kohn, 2018). Karen Kohn. Worth the Wait? Using Past Patterns to Determine Wait Periods for E-Books Released After Print, College & Research Libraries, Vol.79(1). Acedido em 5 de dezembro de 2018
<https://crl.acrl.org/index.php/crl/article/view/16615/18460>
- (Lebert, 2009). Marie Lebert. A Short History of eBooks. University of Toronto: NEF. Acedido em 25 de outubro de 2018.
<http://www.etudes-francaises.net/dossiers/ebookEN.pdf>
- (Leadbeater, 2010). Charles Leadbeater. We Think. Acedido em 24 de outubro de 2018.
<http://charlesleadbeater.net/2010/01/we-think/>
- (Lopes, 2011). Paula Cristina Lopes. Hábitos de leitura em Portugal: Uma abordagem transversal-estruturalista de base extensiva. Acedido em 5 de dezembro de 2018.
<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopes-paula-habitos-de-leitura-em-portugal.pdf>
- (Lourenço, 2014). Ana Patrícia Clemente Lourenço. O Livro: Espaço Comum entre o Papel e o Digital. (Dissertação de Mestrado). Instituto Universitário de Lisboa. Acedido em 26 de outubro de 2018.
<http://docplayer.com.br/46465846-O-livro-espaco-comum-entre-o-papel-e-o-digital.html>
- (Lourenço, 2018). Ricardo Lourenço. Orçamento Participativo de Portugal: Elivro – plataforma nacional de leitura digital, Projeto Adamastor. Acedido em 5 de dezembro de 2018.
<http://projectoadamastor.org/orcamento-participativo-de-portugal-elivro-plataforma-nacional-de-leitura-digital/>
- (Mackenzie e Knipe, 2006). Noella Mackenzie e Sally Knipe. Research dilemmas: Paradigms, methods and methodology. *Issues In Educational Research*, 16(2), 193-205.
<http://www.iier.org.au/iier16/mackenzie.html>
- (Marczyk, DeMatteo, Festinger, 2005). Geoffrey Marczyk, David DeMatteo e David Festinger. *Essentials of Research Design and Methodology*. Hoboken, NJ, US: John Wiley & Sons Inc.

- (Martins, 2014). João Miguel Rodrigues Martins. Análise ao comportamento do consumidor nas indústrias da música e livros. (Dissertação de Mestrado). Instituto Universitário de Lisboa. Acedido em 13 de novembro de 2018.
<https://repositorio.iscteul.pt/bitstream/10071/10342/1/Jo%C3%A3o%20Martins%20Mestrado%20de%20Gest%C3%A3o%2032052.pdf>
- (Miller, 2016). Roshane O. Miller. The Evolution of the eBook—Social, Sensational, Visual, and Niche, Medium. Acedido em 5 de dezembro de 2018.
<https://medium.com/@roshanem/the-evolution-of-the-ebook-collaborative-publishing-2cea79233837>
- (Mintel, 2017). Mintel. Great expectations for UK book sales: Market set to surpass £2 billion in 2017. Mintel Press Office. Acedido em 13 de novembro de 2018.
<http://www.mintel.com/press-centre/leisure/uk-book-market-set-to-surpass-2-billion-in-2017>
- (Miranda, 2009). Ricardo J. P. Miranda. Qual a relação entre o pensamento crítico e a aprendizagem de conteúdos de ciências por via experimental?: um estudo no 1º Ciclo. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa.
- (Myrberg, 2017). Caroline Myrberg. Why doesn't everyone love reading e-books?. Insights, 30(3), 115–125. DOI: <http://doi.org/10.1629/uksg.386>. Acedido em 5 de dezembro de 2018.
<https://insights.uksg.org/articles/10.1629/uksg.386/>
- (OberCom, 2014). OberCom. A Internet em Portugal – Sociedade em Rede 2014. Publicações OberCom. Acedido em 24 de outubro de 2018.
<https://obercom.pt/wp-content/uploads/2016/06/A-Internet-em-PortugalSociedade-em-Rede-2014.pdf>
- (Pinheiro, 2014). Carlos Pinheiro. Ebooks e bibliotecas. Editor: Rede de Bibliotecas Escolares.
- (Project Gutenberg, 2013). Project Gutenberg. Acedido em 6 de dezembro de 2018.
<http://www.gutenberg.org/>
- (Punday, 2010). Daniel Punday. Ebooks, Libraries, and Feelies, Electronic book review. Acedido em 5 de dezembro de 2018.
<http://electronicbookreview.com/essay/ebooks-libraries-and-feelies/>
- (PNL, 2017). PNL – Plano Nacional de Leitura. Quadro estratégico plano nacional de leitura 2027. Lisboa. Acedido em 5 de dezembro de 2018.
http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/data/quadro_estrategico_pnl_2027.pdf
- (Quivy e Campenhoudt, 2008). Raymond Quivy e LucVan Campenhoudt. Manual de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa. Gradiva. Acedido em 14 de maio de 2019.
<https://pt.scribd.com/doc/37937019/Quivy-e-Campenhoudt-Manual-de>

- (Salter, 2015). Anastasia Salter. Convergent Devices, Dissonant Genres: Tracking the “Future” of Electronic Literature on the iPad, Electronic book review. Acedido em 5 de dezembro de 2018.
<http://electronicbookreview.com/essay/convergent-devices-dissonant-genres-tracking-the-future-of-electronic-literature-on-the-ipad/>
- (Sandelowski, 2000). Margarete Sandelowski. Focus on Research Methods: Combining Qualitative and Quantitative Sampling, Data Collection and Analysis Techniques in Mixed-Method Studies. *Research in Nursing & Health*, 23 (3), 246-255. Acedido em 14 de maio de 2019.
<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/1098-240X%28200006%2923%3A3%3C246%3A%3AAID-NUR9%3E3.0.CO%3B2-H>
- (Santos et al., 2007). Maria dos Santos, José Neves, Maria Lima e Margarida Carvalho. A Leitura em Portugal. Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE)
- (Sax, 2017). David Sax. Our Love Affair With Digital Is Over. *The New York Times*. Acedido em 13 de novembro de 2018.
<https://www.nytimes.com/2017/11/18/opinion/sunday/Internet-digital-technology-return-to-analog.html>
- (Shrimplin et al., 2011). Aaron K. Shrimplin, Andy Reville, Susan Hurst, and Kevin Messner. Contradictions and Consensus— Clusters of Opinions on E-books, *College & Research Library*, Vol72(2)
- (Silva, 2009). Fátima Silva. Book Trailers: O recurso ao digital como forma de incentivo à leitura. O potencial da Web 2.0. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.
- (Silva et al., 2016). João Silva, Dora Simões e Ana Estima. O perfil do consumidor de livros eletrónicos em Portugal. 16º Conferência da Associação Portuguesa de Sistemas de Informação (CAPSI'2016), 251-256. Acedido em 14 de novembro de 2018.
<http://dx.doi.org/10.18803/capsi.v16.251-256>
- (Soares, 2018). Rui Soares. E se comprássemos um livro e isso desse direito à sua versão digital gratuita?, *Comunidade Cultura e Arte*. Acedido em 5 de dezembro de 2018.
<https://www.comunidadeculturaearte.com/e-se-comprassemos-um-livro-e-isso-desse-direito-a-sua-versao-digital-gratuita/>
- (Soares, 2018). Rui Soares. Portugueses compram, em média, 1,3 livros por ano. E lêem-nos? E qual é a sua relação com o digital?, *Comunidade Cultura e Arte*. Acedido em 5 de dezembro de 2018.
<https://www.comunidadeculturaearte.com/portugueses-compram-em-media-13-livros-por-ano-e-leem-nos-e-qual-e-a-sua-relacao-com-o-digital/>

- (Souza, 2015). Alfredo José de Jesus de Souza. O E-book em Portugal – A Atitude das Editoras. (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Gestão, Lisboa. Acedido em 14 de novembro de 2018.
https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/10825/1/Alfredo%20Jos%C3%A9%20de%20Souza_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf
- (Stork, 2001). Paul Papanek Stork. The Problems of eBook Publishing. The Internet Writing Journal. Acedido em 14 de novembro de 2018.
<http://www.writerswrite.com/journal/dec00/theproblems-of-ebook-publishing-12006>
- (Stork, 2000). Paul Papanek Stork. The Promise of eBook Publishing. The Internet Writing Journal. Acedido em 14 de novembro de 2018.
<http://www.writerswrite.com/journal/oct00/the-promise-of-ebook-publishing-10007>
- (Victor, 2016). Daniel Victor. No, the Internet Has Not Killed the Printed Book. Most People Still Prefer Them. The New York Times. Acedido em 13 de novembro de 2018.
<https://www.nytimes.com/2016/09/03/business/no-the-Internet-has-not-killed-the-printed-book-most-people-still-prefer-them.html>
- (Tashakkori e Teddlie, 2003). Abbas Tashakkori e Charles Teddlie. Handbook of Mixed Methods in Social & Behavioral Research. Thousand Oaks: Sage.
- (Terra, 2015). Ana Lúcia Terra. Students' Reading Behavior: Digital vs. Print Preferences in Portuguese context. Information Literacy: Moving Toward Sustainability, Eds Kurbanoglu S, Boustany J, Špiranec S, Grassian E, Mizrachi D and Roy L, (Communications in Computer and Information Science series, vol 552), 2015, 436–45; DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-319-28197-1_44
- (Warren, 2010). John W. Warren. The progression of Digital Publishing: Innovation and the Evolution of Ebooks. The International Journal of the Book, Volume 7, Number 4. Acedido em 14 de novembro de 2018.
http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/reprints/2010/RAND_RP1411.pdf
- (Warwick, 2003). Claire Warwick. Electronic publishing: what difference does it make?. School of Library, Archive and Information Studies, University College London. Acedido em 14 de novembro de 2018.
<http://discovery.ucl.ac.uk/155084/1/155084.pdf>
- (Wilson and Maceviciute, 2016). T.D. Wilson e Elena Maceviciute. Publishers' responses to the e-book phenomenon: survey results from three 'small language' markets. Information Research, 21(4), paper 725. Acedido em 14 de novembro de 2018.
<https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1123241.pdf>
- (Wischenbart, 2011). Rüdiger Wischenbart. The Global eBook Market: Current Conditions & Future Projections. Acedido em 14 de novembro de 2018.

https://www.publishersweekly.com/binary-data/ARTICLE_ATTACHMENT/file/000/000/522-1.pdf

(Yubero et al., 2014). Santiago Yubero, Elisa Larrañaga e Natividade Pires. Estudo sobre os hábitos de leitura dos estudantes portugueses do ensino superior. Acedido em 5 de dezembro de 2018.

[http://pnl2027.gov.pt/np4Admin/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=139&fileName=estudo_habitos_leitura_estudantes_portug.pdf](http://pnl2027.gov.pt/np4Admin/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=139&fileName=estudo_habitos_leitura_estudantes_portug.pdf)

(Zhang et al., 2017). Tao Zhang, Xi Niu e Marlen Promann. Assessing the User Experience of E-Books in Academic Libraries, College & Research Libraries, Vol.78(5). Acedido em 5 de dezembro de 2018.

<https://crl.acrl.org/index.php/crl/article/view/16713/18220>

7. Apêndices

Apêndice A – Estrutura do inquérito

1. Sexo:
 - Feminino
 - Masculino

2. Idade:

3. Faculdade:
 - Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (FAUP)
 - Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP)
 - Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (FCUP)
 - Faculdade de Ciências da Nutrição e da Alimentação da Universidade do Porto (FCNAUP)
 - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP)
 - Faculdade de Direito da Universidade do Porto (FDUP)
 - Faculdade de Economia da Universidade do Porto (FEP)
 - Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP)
 - Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto (FFUP)
 - Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP)
 - Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (FMUP)
 - Faculdade de Medicina Dentária da Universidade do Porto (FMDUP)
 - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP)
 - Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar ICBAS)

4. Curso:

5. Por ano, em média, quantos livros lê?
 - 0 a 5
 - 6 a 10
 - 11 ou mais

6. Qual o género literário que mais aprecia?
 - Comédia
 - Conto
 - Fantasia
 - Ficção científica
 - Poesia
 - Policia
 - Romance
 - Técnicos
 - Terror

- Outro. Qual?
7. Qual o género literário que mais lê?
- Comédia
 - Conto
 - Fantasia
 - Ficção científica
 - Poesia
 - Policial
 - Romance
 - Técnicos
 - Terror
 - Outro. Qual?
8. Atualmente encontra-se a ler algum livro?
- Sim
 - Não
9. Quantos livros leu no último mês?
- Nenhum
 - 1 a 3
 - 3 a 6
 - 6 ou mais
10. Quanto tempo despende, em média, durante a semana para ler?
- Menos de 1h
 - Entre 1h a 4h
 - Mais de 4h
11. Em que altura do ano lê mais?
12. Porquê?
13. Por ano, em média, quantos livros compra?
- 0 a 5
 - 6 a 10
 - 11 ou mais
14. Quanto gasta por ano na compra de livros?
- 0 a 50€
 - 51€ a 100€
 - 101€ a 150€
 - 151€ a 200€
 - Mais de 201€
15. Com que propósito lê livros?
- Estudo
 - Lazer
 - Pesquisa

- Outros. Quais?
16. Costuma ler em que língua?
Português
Inglês
Francês
Outra. Qual?
17. Sabe o que é um livro eletrónico (também conhecido como e-book)?
Sim
Não (concluir o questionário)
18. Já alguma vez leu um e-book?
Sim
Não
19. Se respondeu “Não” na questão anterior: Porquê?
Respondi sim
Existe pouca informação acerca dos e-book’s
Não gosto de ler em ecrãs
Não tenho um dispositivo de leitura
Pouca diversidade de títulos
Prefiro livros impressos
Outro. Qual?
20. Se respondeu “Sim” na questão anterior: Que estilo literário?
Respondi não
Comédia
Conto
Fantasia
Ficção científica
Poesia
Policia
Romance
Técnicos
Terror
Outro. Qual?
21. Que dispositivo utilizou/utiliza para a leitura do e-book?
Se respondeu “não” na questão 18: não utilizei, porque não li
Computador
E-reader
Tablet
Telemóvel
Outros. Quais?
22. Com que propósito utiliza e-books?
Se respondeu “não” na questão 18: não utilizo
Estudo

Lazer
Pesquisa

Outro. Qual?

23. Quantos e-books leu no último ano?

Nenhum
0 a 5
6 a 10
11 ou mais

24. Qual o formato de leitura que utiliza tipicamente?

Livro impresso
E-book
Ambos

25. Porquê?

Conteúdo multimédia
Disponibilidade de títulos
Facilidade de pesquisa
Impressos para leituras mais longas e e-books para mais curtas
Impressos para leituras mais curtas e e-books para mais longas
Ler em ecrãs não me incomoda
Leveza e portabilidade
Maior armazenamento de livros
Mais interativo
Não são necessários dispositivos de leitura
Não gosto de ler em ecrãs
Personalizável
Possibilidade de revenda ou empréstimo
Preço mais acessível
Sensação física do livro
Utilizo um ou outro dependendo das situações
Outro. Qual?

26. Futuramente, pretende substituir o livro impresso pelo e-book?

Sim
Não

27. Quais considera serem as desvantagens de um e-book relativamente a um livro impresso?

Dependência de dispositivos de leitura
Dificuldade de leitura em ecrã
Dificuldade de uso
Escassez de e-books em língua portuguesa
Intangibilidade
Limitações de partilha e cópia
Menor nível de concentração
Perda da sensação física do livro

Pouca diversidade de títulos
Preço
Outro. Qual?

28. Quais considera serem as vantagens de um e-book face a um livro impresso?

Armazenamento de diversos títulos
Compra mais rápida e fácil
Conteúdo multimédia
Conveniência
Facilidade de pesquisa
Funcionalidades extra
Interatividade
Leveza
Portabilidade
Preço
Outro. Qual?

29. Nos conceitos abaixo, como compara os ebooks aos livros impressos? (1 – livros impressos são melhores e 5 – ebooks são melhor)

Ecológico
Acessibilidade em qualquer lado
Rápido e fácil acesso à informação
Facilidade armazenamento
Facilidade de partilha/cópia
Confiável
Conveniente
Portátil
Usabilidade
Prático para longas leituras
Prático para pesquisas
Leitura por lazer

30. Utilizar e-books mudou o seu hábito de leitura?

Sim
Não

31. Porquê?

Apêndice B – Guião das questões para entrevistas

Questão 1 - O mundo digital pode ser uma ameaça para os livros impressos ou é uma nova oportunidade de criar e explorar novas experiências?

Questão 2 - A versão digital é vista como um complemento ou substituição do papel?

Questão 3 - Consideram que o livro em formato impresso poderá vir a desaparecer? Porquê?

Questão 4 - Comercializam e-books?

Questão 4.1 - Se **sim**, que características tiveram em conta no lançamento dos e-books?

Questão 4.1.1 - Como se processou a adaptação para o digital?

Questão 4.1.2 - Quais foram as principais mudanças efetuadas?

Questão 4.1.3 - Que variáveis influenciam o processo de tomada de decisão do formato (papel vs. e-book)?

Questão 4.1.4 - Como funciona o modo de produção da edição electrónica?

Questão 4.2 - Se **não**, por que razão ainda não comercializam?

Questão 4.2.1 - Pretendem apostar neste novo formato?

Questão 5- Que desafios ainda se colocam à indústria do livro?

Questão 6- Que implicações tiveram os e-books na indústria editorial?

Questão 7- Como pensa que irá evoluir a cadeia de valores da indústria livreira?

Questão 8 – Como é que o mercado livreiro se adaptou e deve adaptar à disseminação digital?

Questão 9 - Enquanto editora portuguesa como descreve a situação atual da edição e publicação de livros em Portugal?

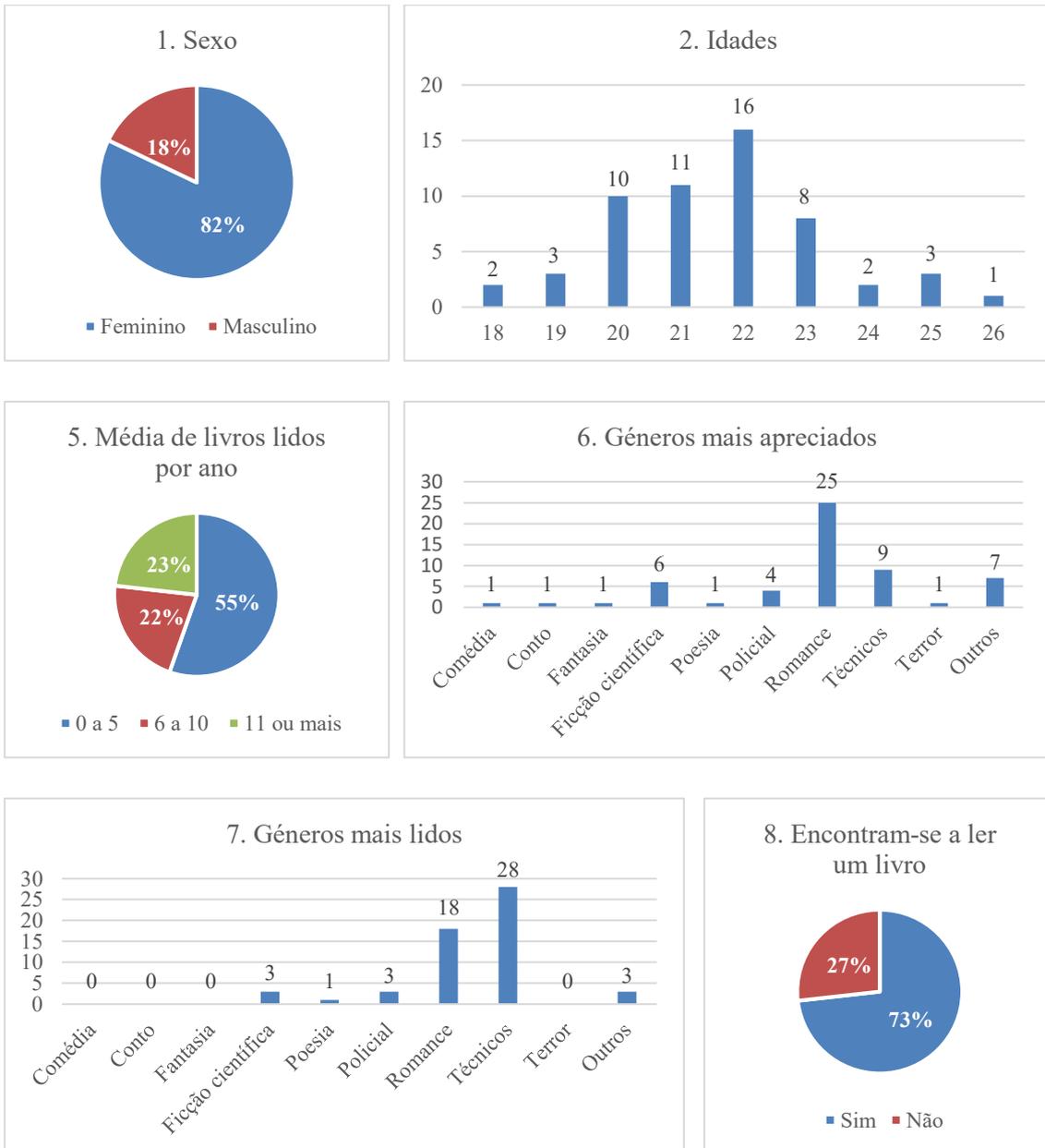
Questão 10 - Há futuro para edições electrónicas no nosso país?

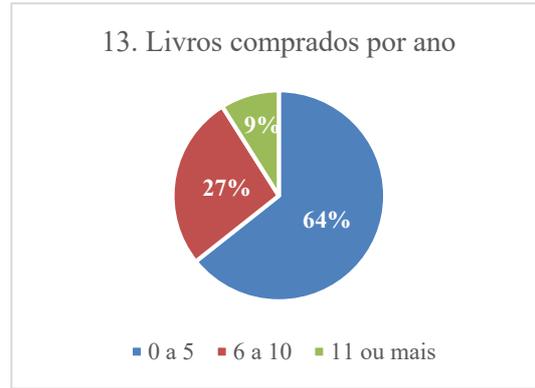
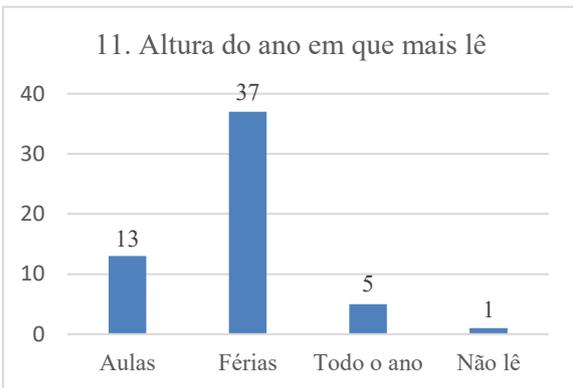
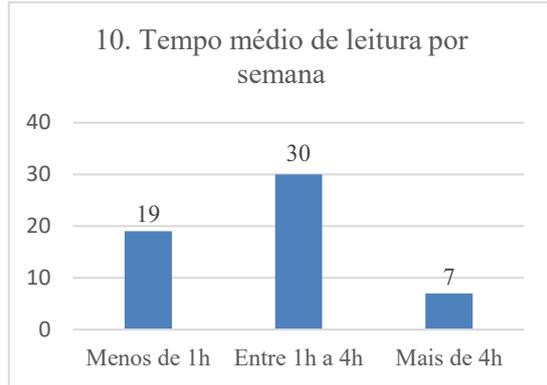
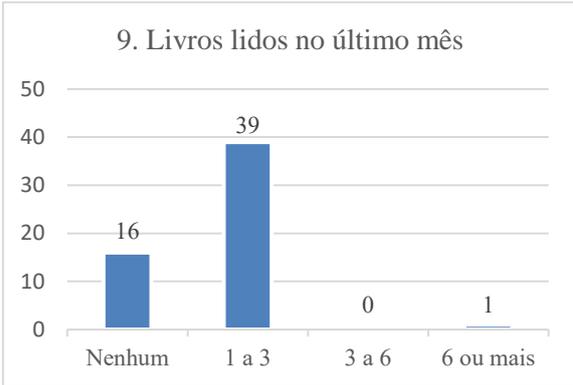
Questão 11 – Considera que o mercado editorial nacional continuará a sofrer transformações durante os próximos anos?

Questão 12 - Comparativamente com o mercado editorial estrangeiro como classifica o mercado editorial nacional?

Questão 13 – Considera que as editoras portuguesas possuem potencial de internacionalização? De que forma?

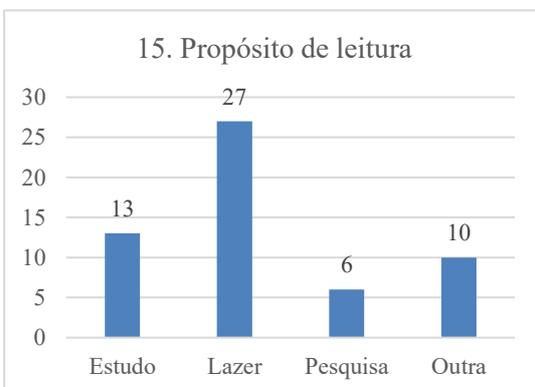
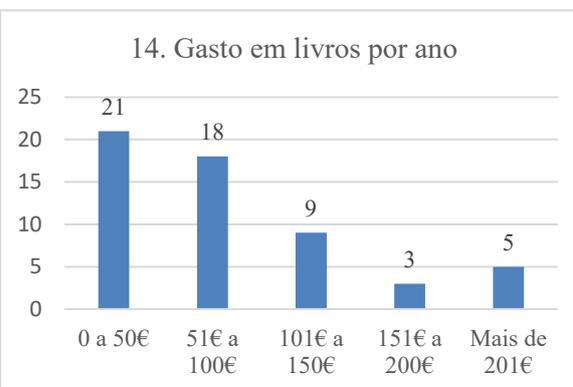
Apêndice C – Respostas FAUP

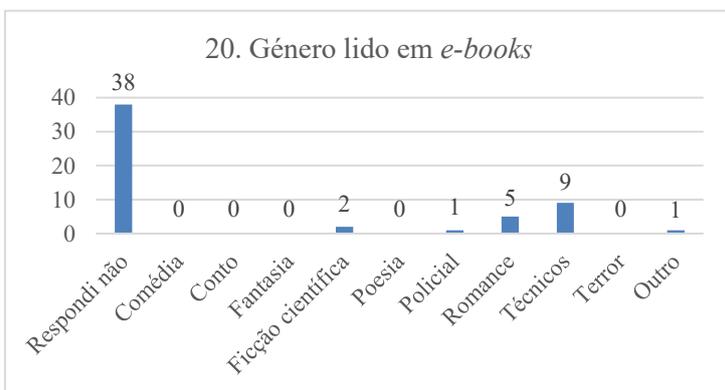
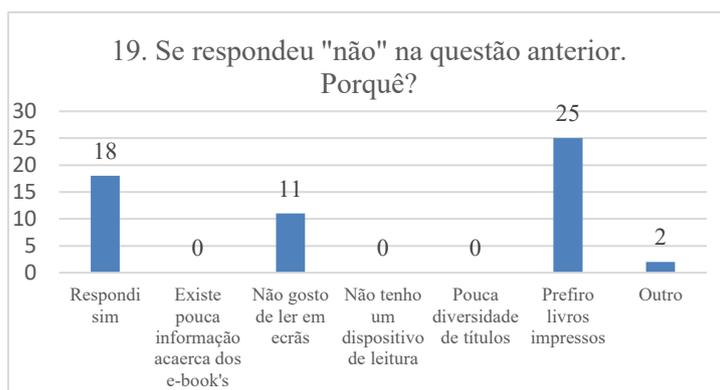
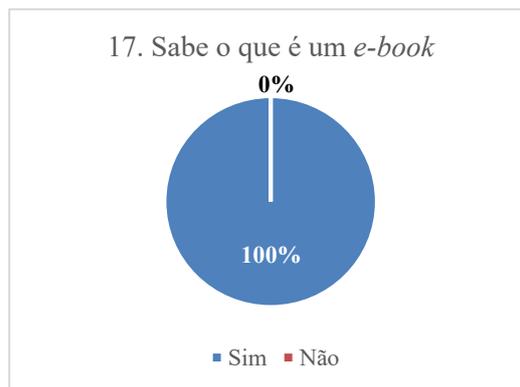
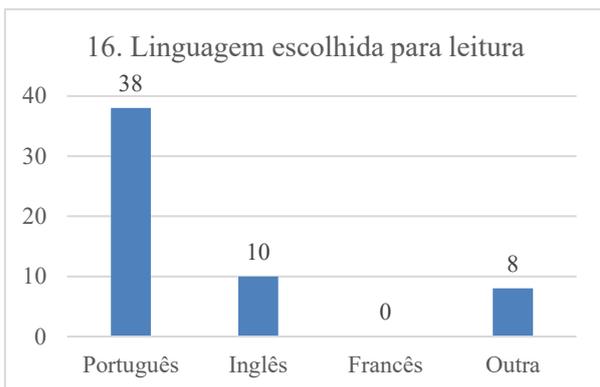




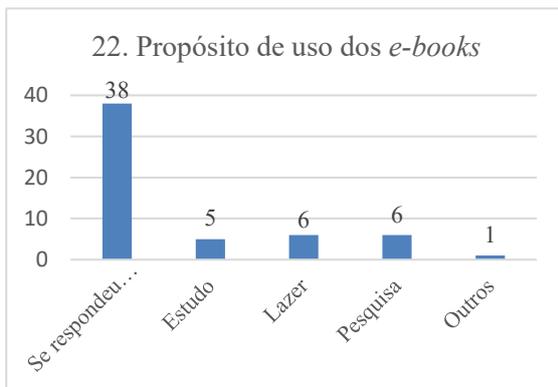
12. Porquê?

<p>Aulas para estudo e trabalhos académicos (9); nas férias preferem passar o tempo com a família e amigos (1); mais tempo em transportes públicos (3).</p>	<p>Todo o ano Livros técnicos durante o período de aulas, livros por lazer nas férias (3); lê todos os dias (2).</p>
<p>Férias mais tempo livre (35); maior liberdade e opção de escolha no tema e na tipologia (1); menos responsabilidades (1).</p>	<p>Não lê Falta de tempo devido a aulas e trabalho (1).</p>

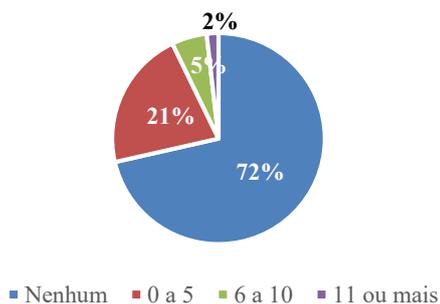




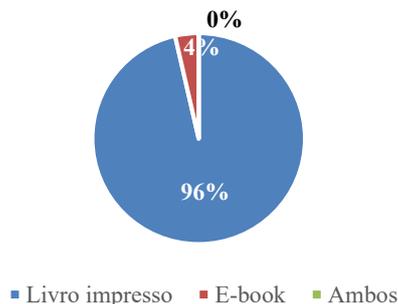
20.Outro:
 Não encontrei até à data um livro que quisesse ler no *e-book* (1);
 Existe pouca informação acerca dos *e-books* (1).



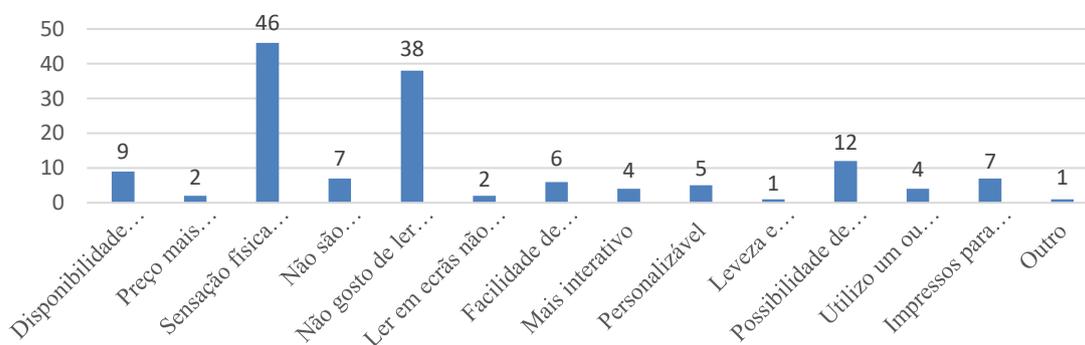
23. E-books lidos no último ano



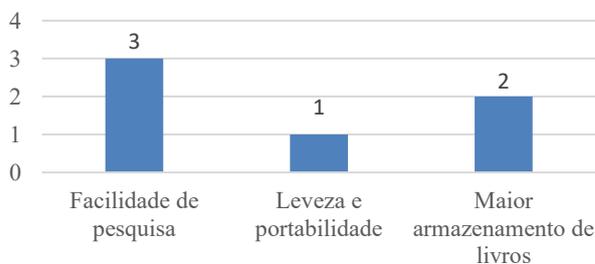
24. Formato de leitura mais utilizado



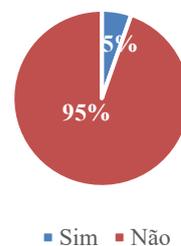
25. Porquê?
Dos que preferem livros impressos



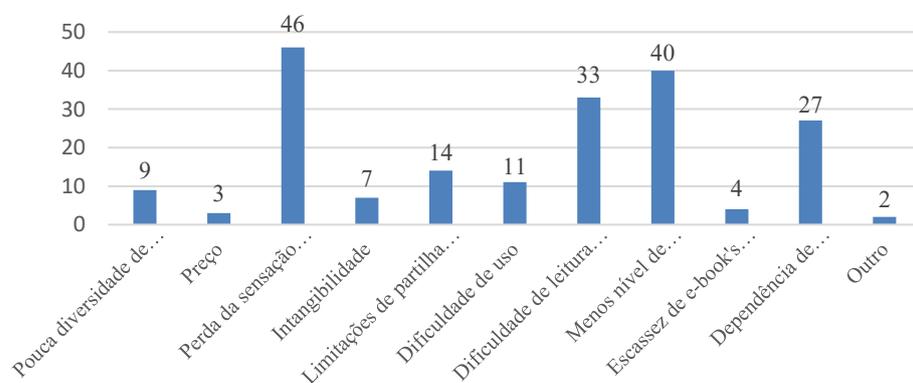
25. Porquê?
Dos que preferem e-books



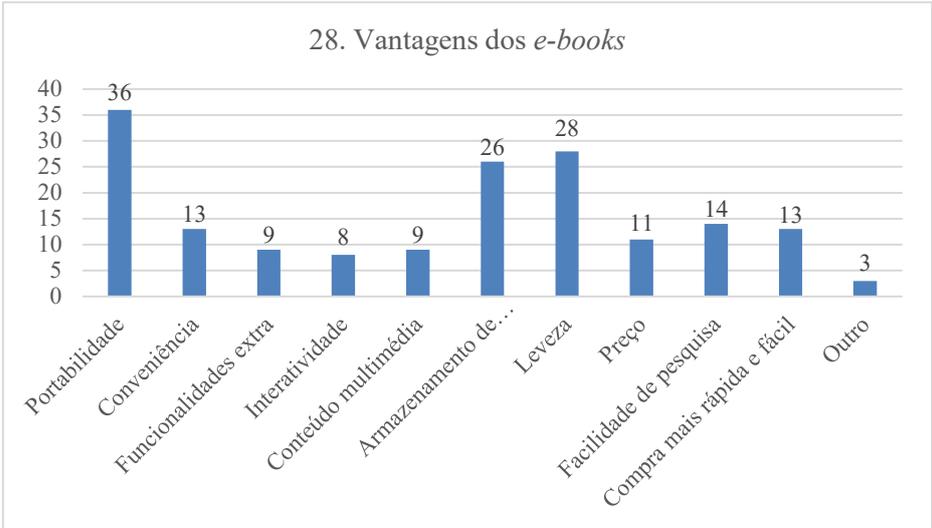
26. Substituir livro impresso por e-book



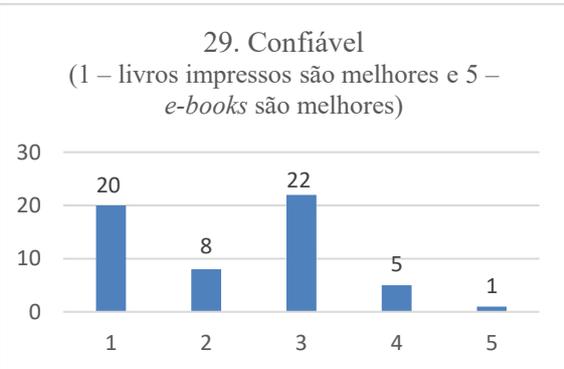
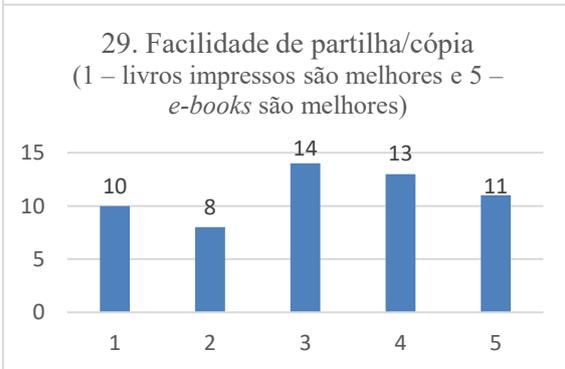
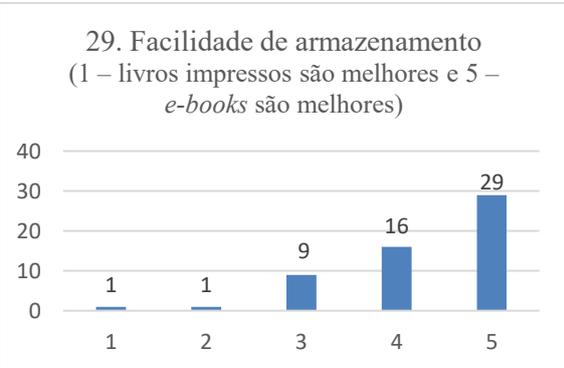
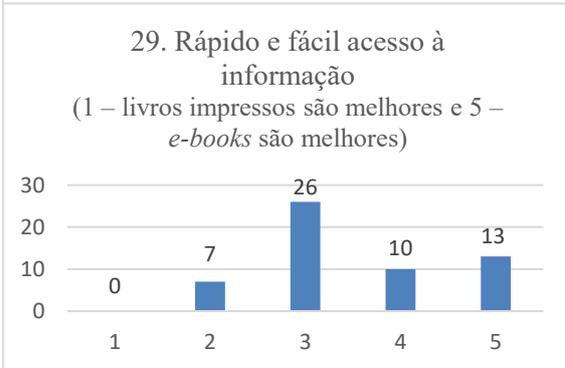
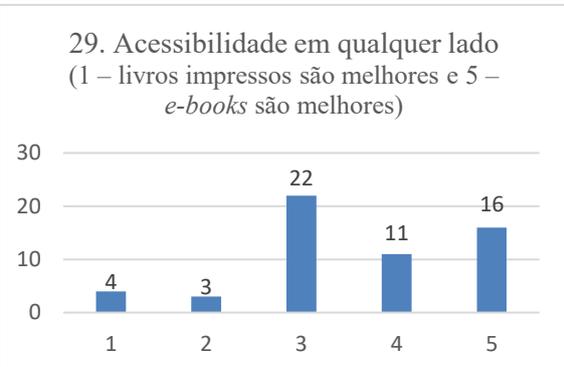
27. Desvantagens dos e-books

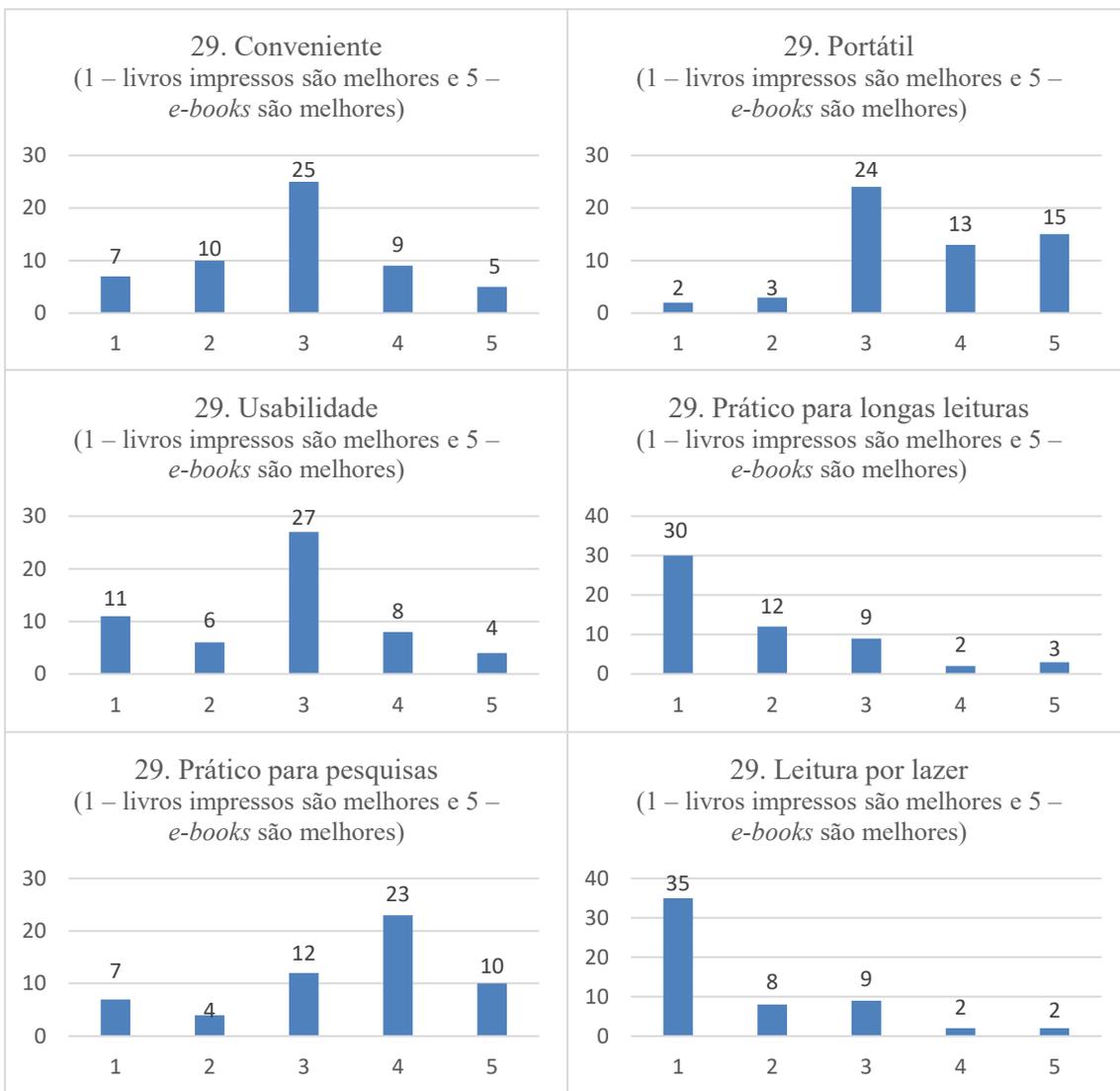


27.Outro:
Prejudica a visão;
Não dá para escrever anotações.



28.Outro:
Benéfico ao ambiente;
Depende do livro;
Bom para o meio ambiente.



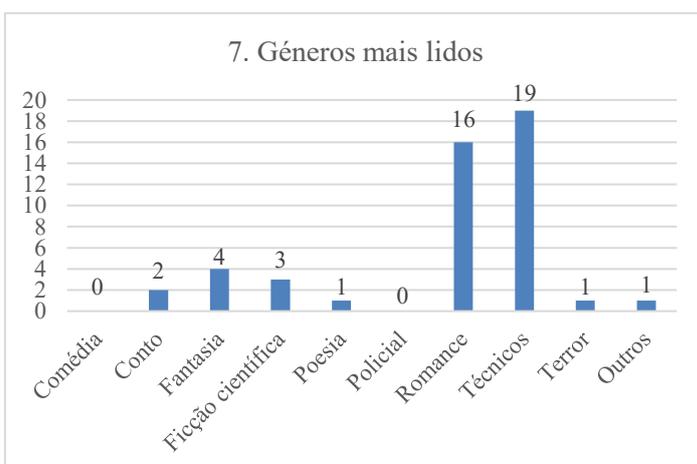
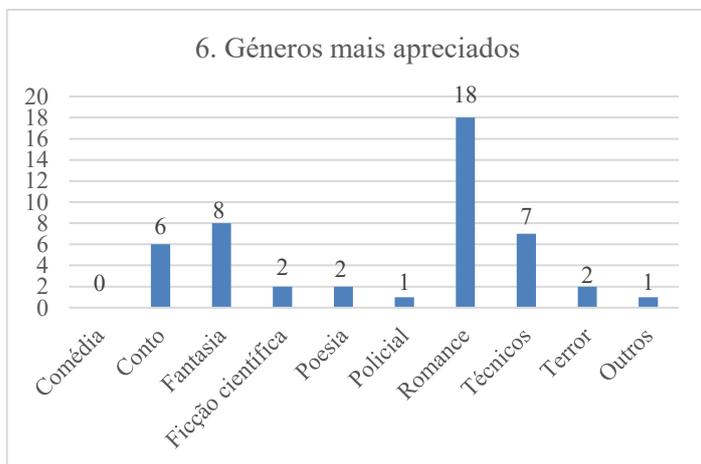
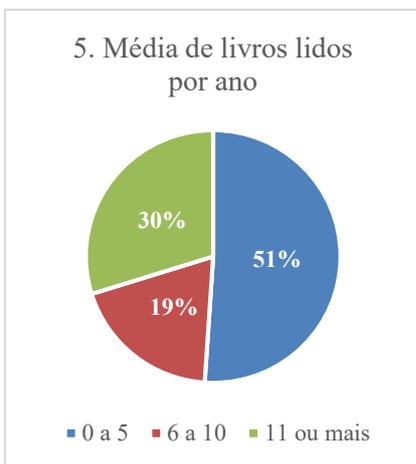
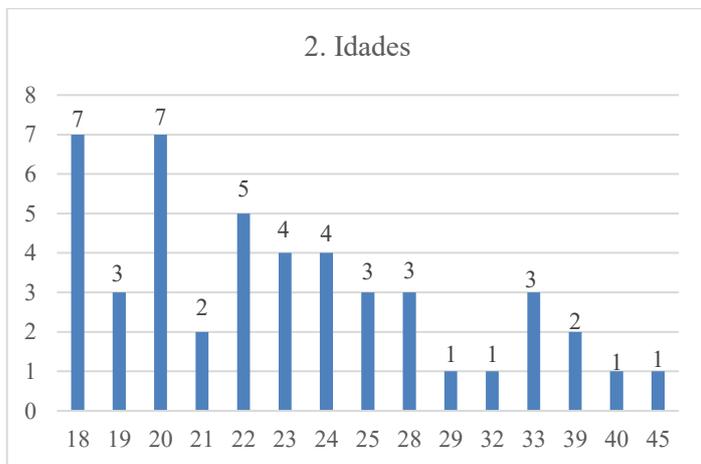
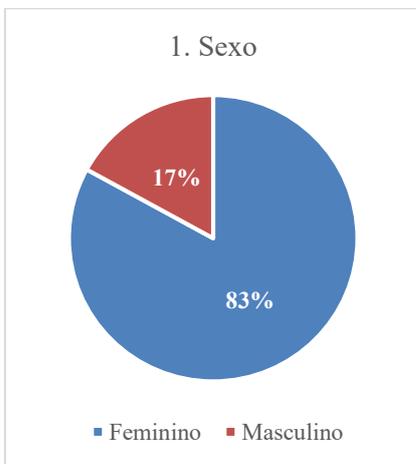


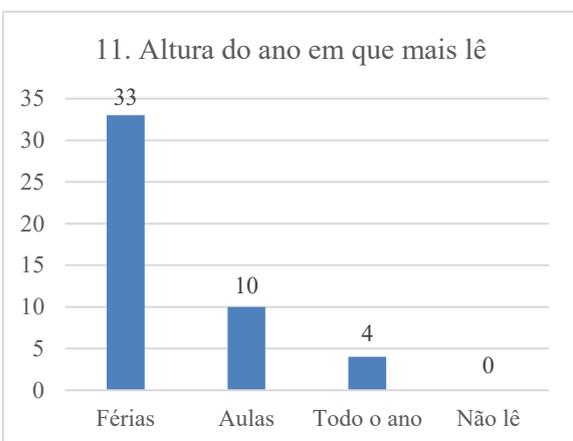
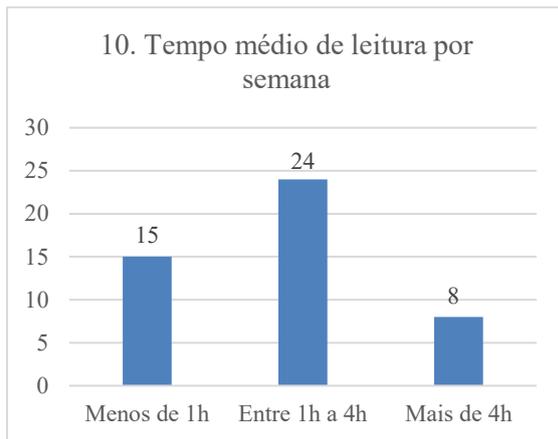
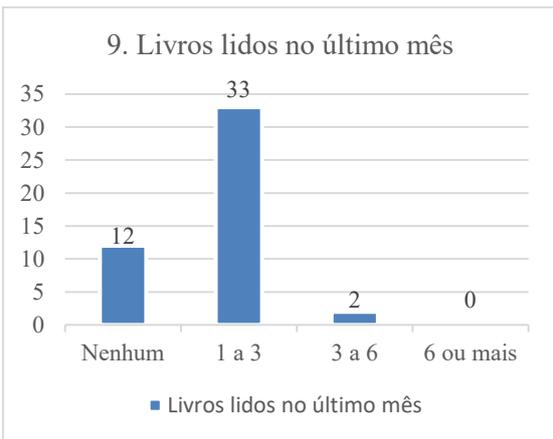
31. Porquê?

Sim | Facilita pesquisas e cadastro da informação de um livro no kindle – 1
 Leio mais porque é mais acessível – 1
 Porque facilitou a frequência com que posso mudar de objecto de leitura, quando leio por lazer. – 1
 Leio com mais frequência – 1
 Para já ainda não utilizo muito, mas pretendo – 1

Não | Prefiro o livro impresso – 9
 Nunca me consegui concentrar a ler num ecrã – 1
 Porque continuei a ler tanto como lia antes. – 3
 Não leio/utilizo e-books – 34
 Utilizei uma vez e não gostei – 2
 Uma vez que utilizo esporadicamente não influenciou de todo os meus hábitos de leitura – 1
 Não faz diferença ser em papel ou num ecrã, o que eu procuro numa leitura é apenas conteúdo. – 1

Apêndice D – Respostas FBAUP



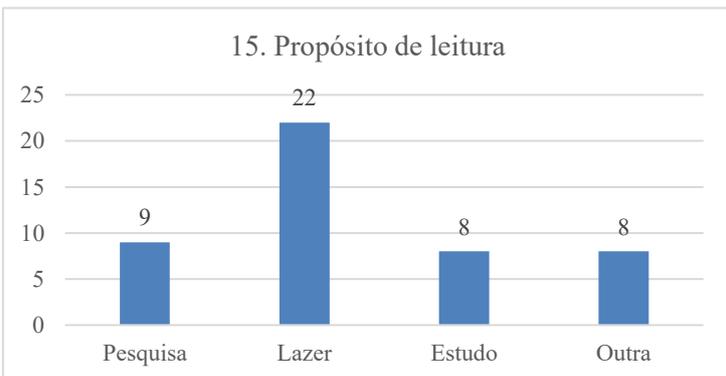
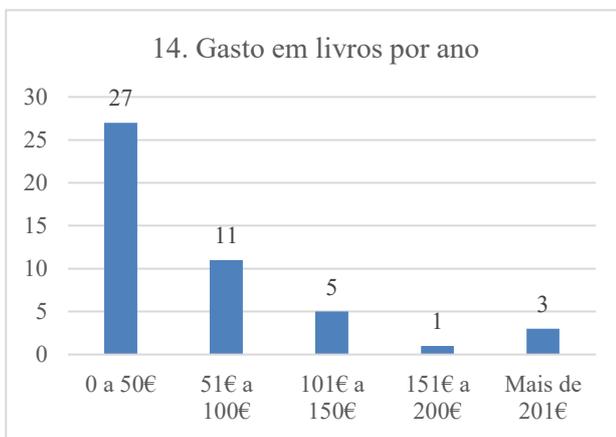


12. Porquê?

Férias | mais tempo livre (33).

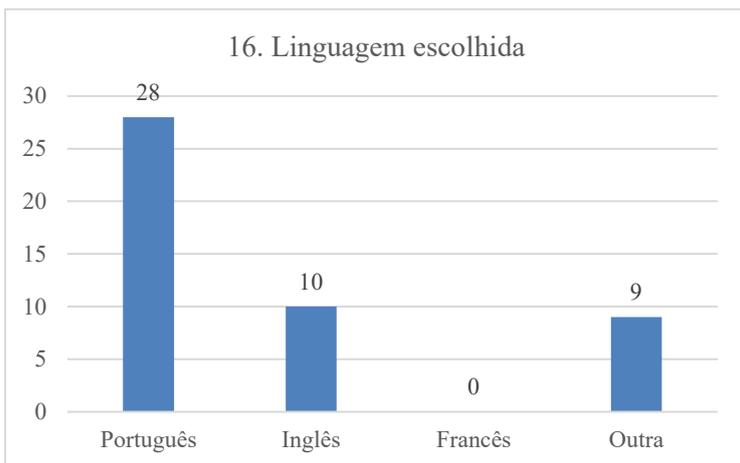
Aulas | para estudo e trabalhos académicos (9); mais tempo em transportes públicos (1).

Todo o ano | ritmo constante (4).

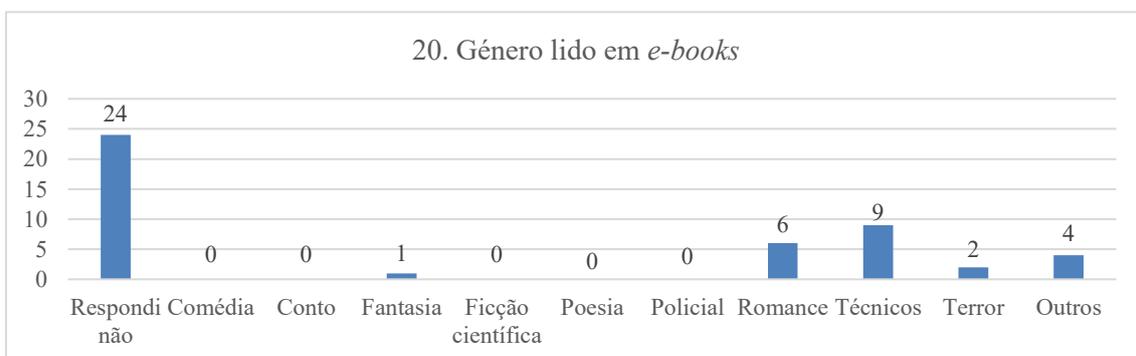
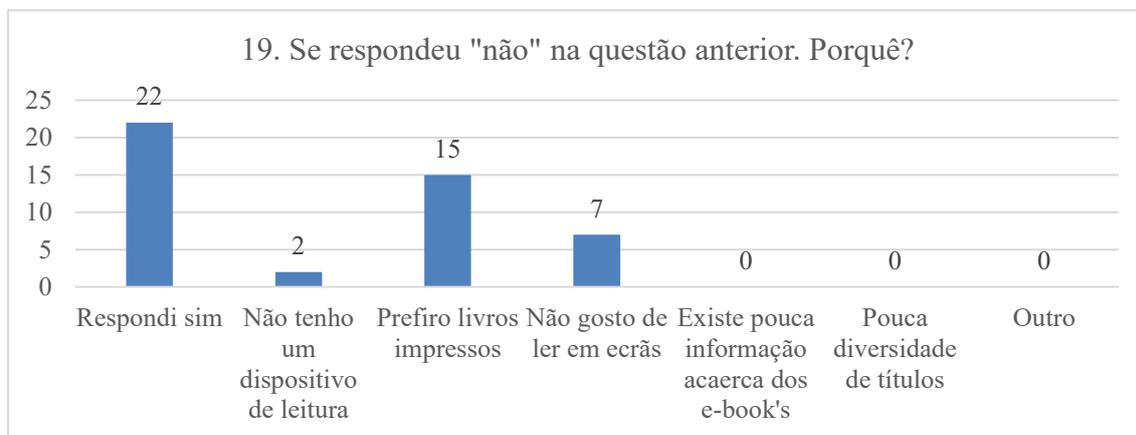
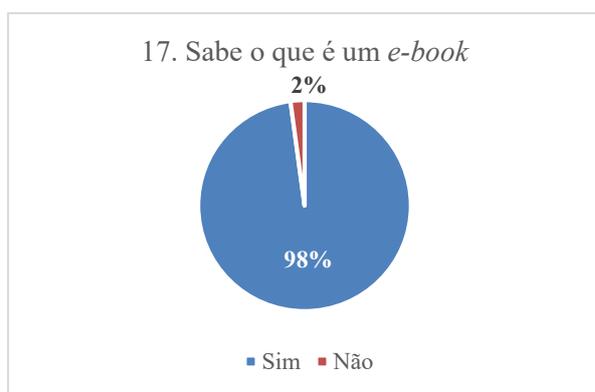


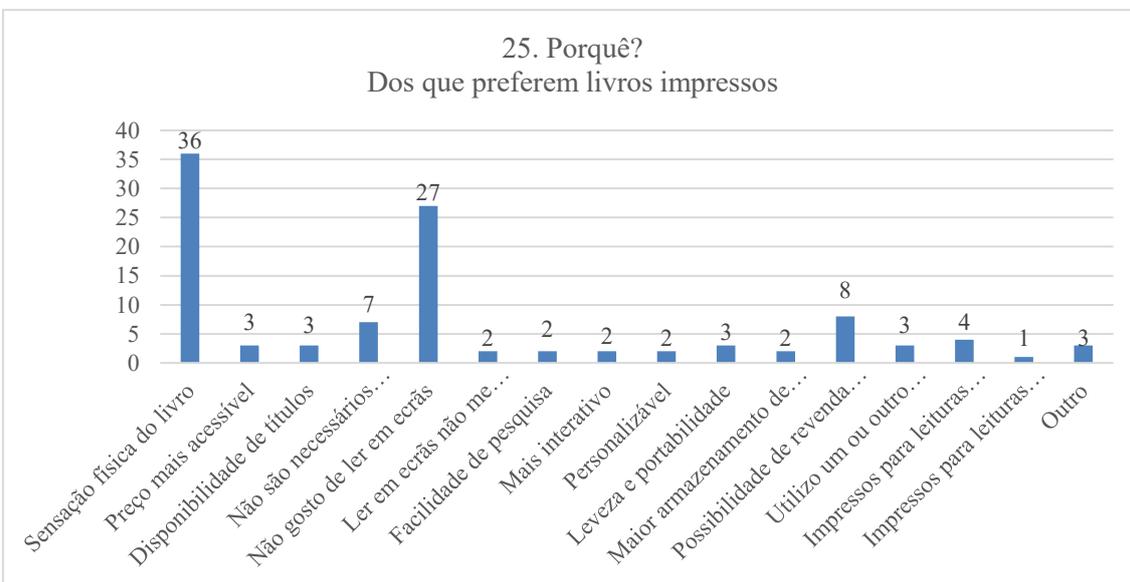
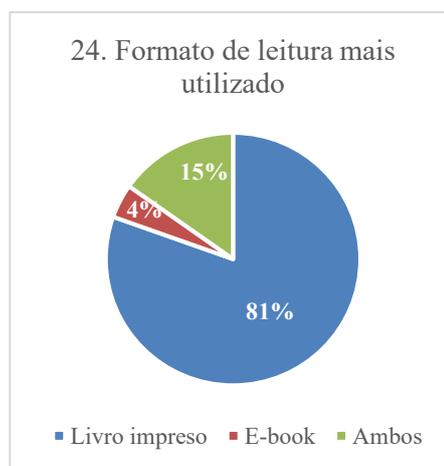
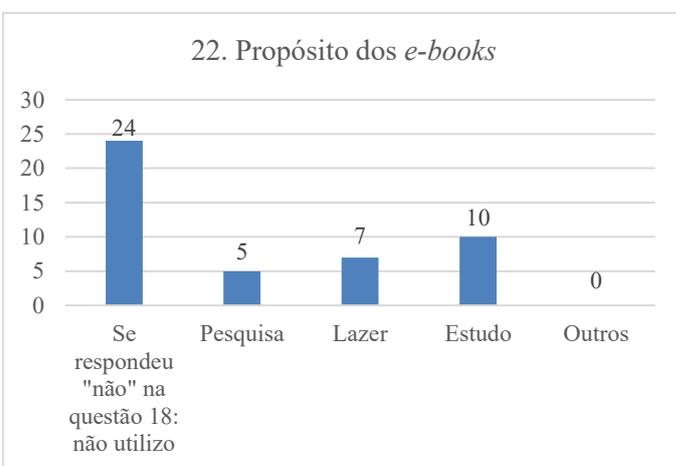
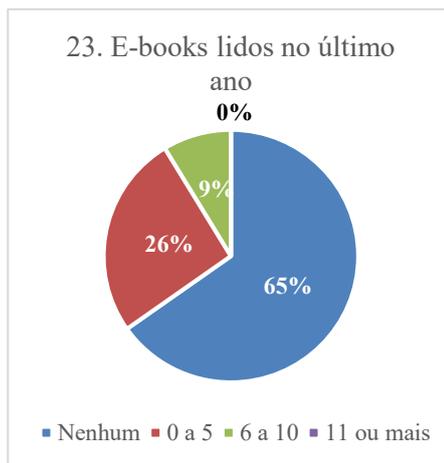
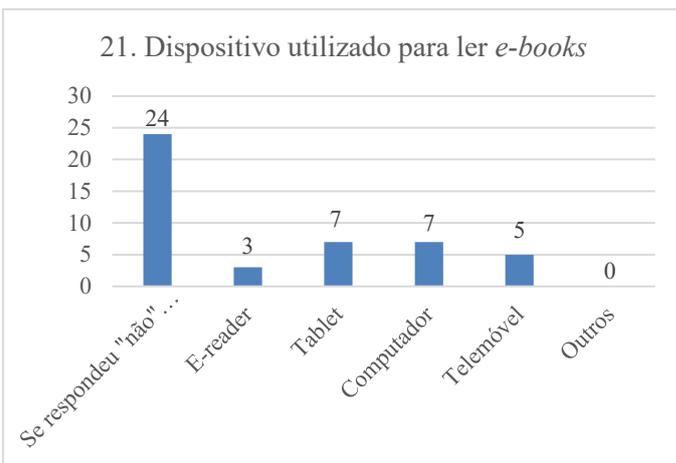
15. Outro:

Pesquisa, lazer e estudo (8)



16. **Outro:**
Português e inglês (8);
Castelhano (1)



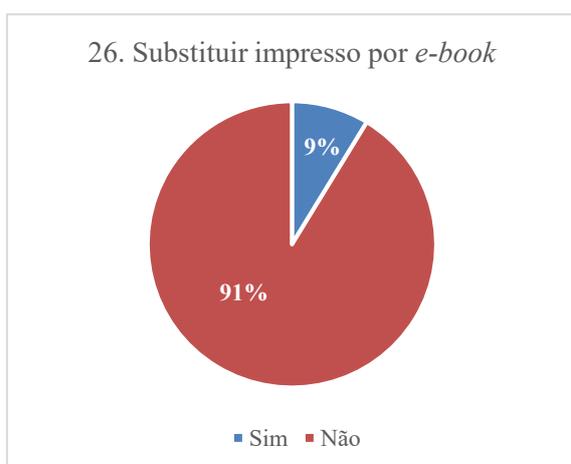
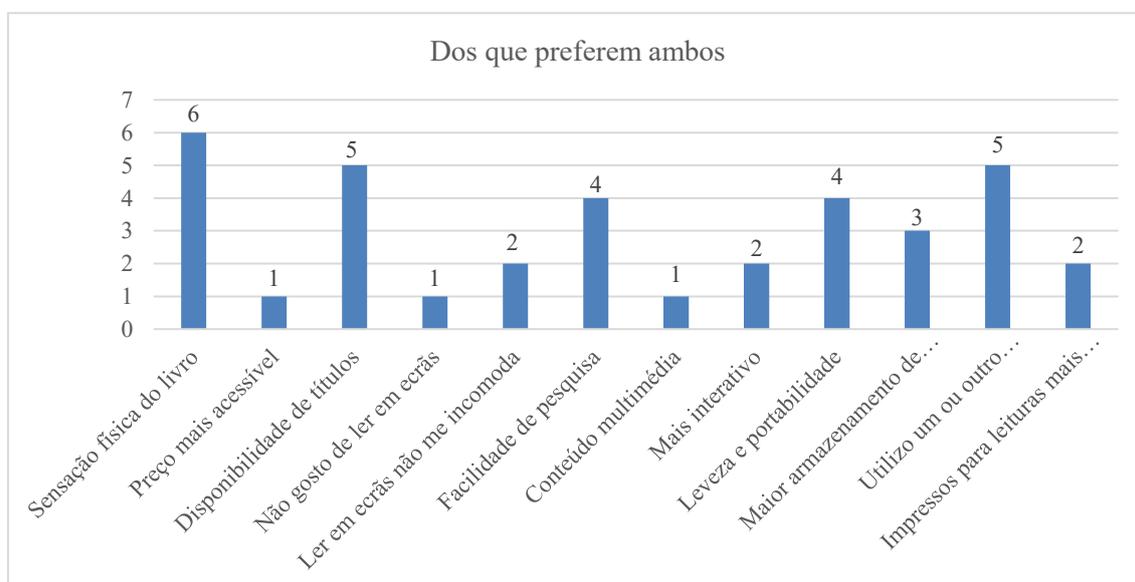
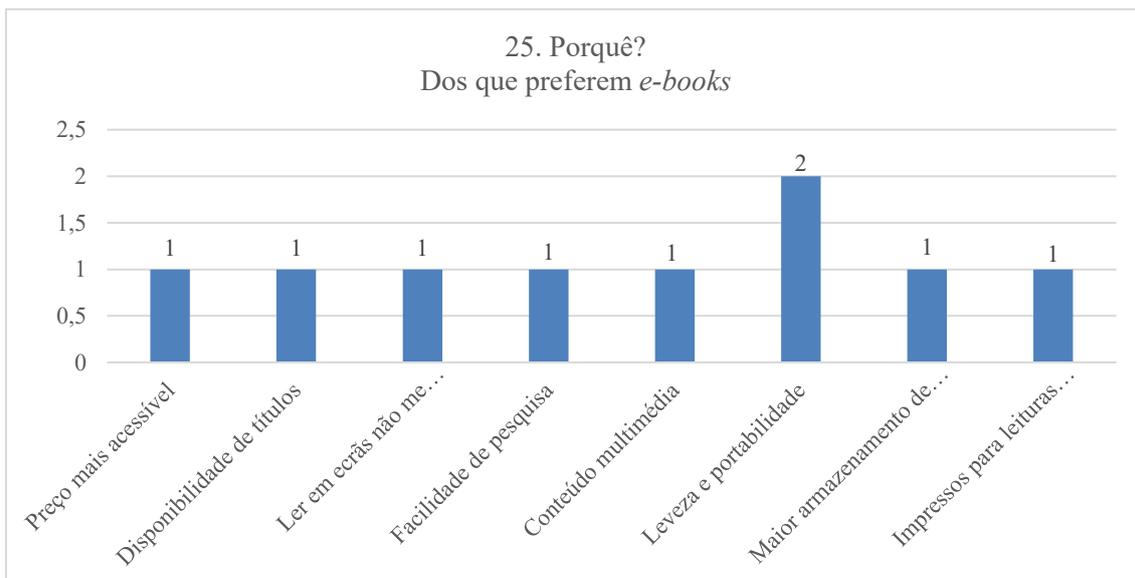


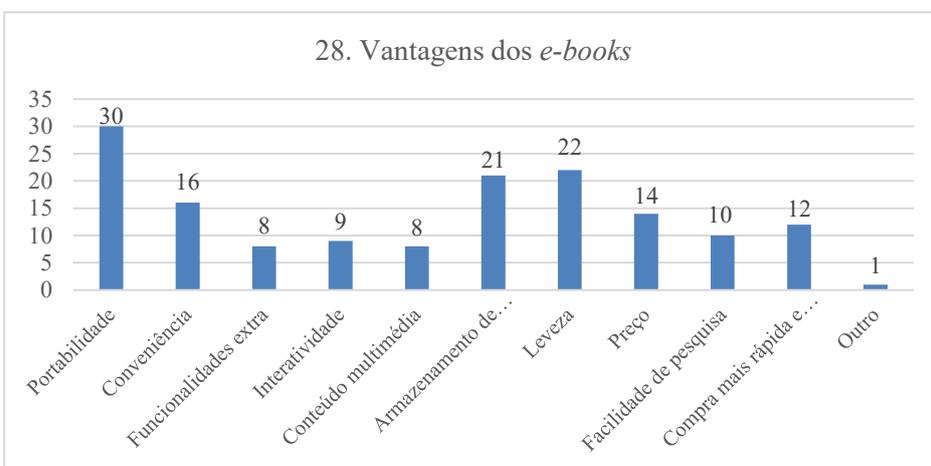
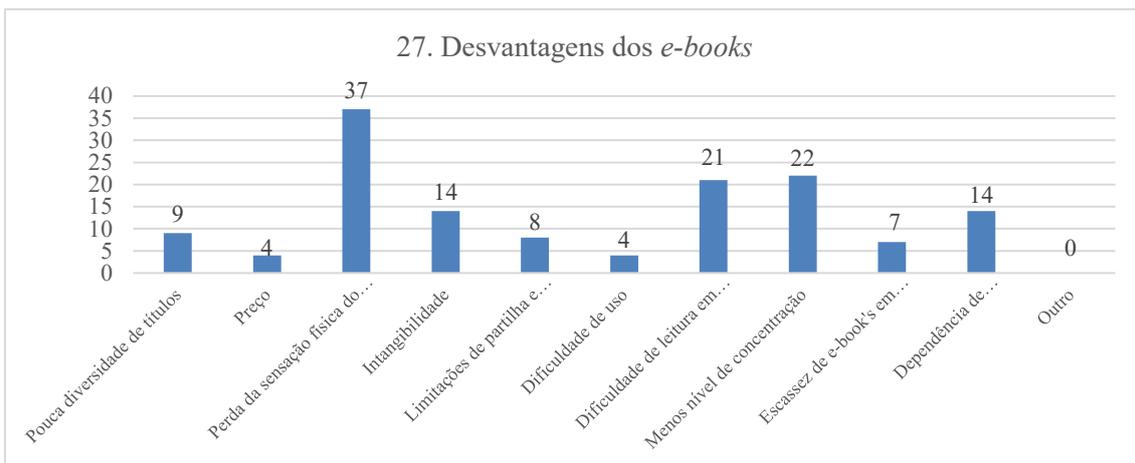
25.Outro:

Preocupação pessoal com papel, encadernação, paginação, capa, etc (1);

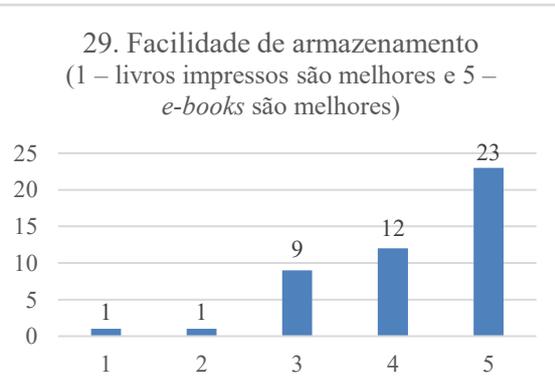
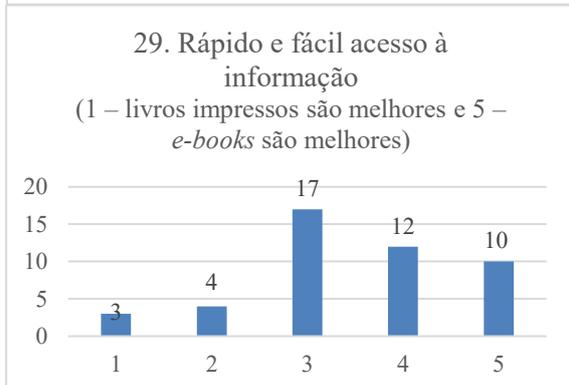
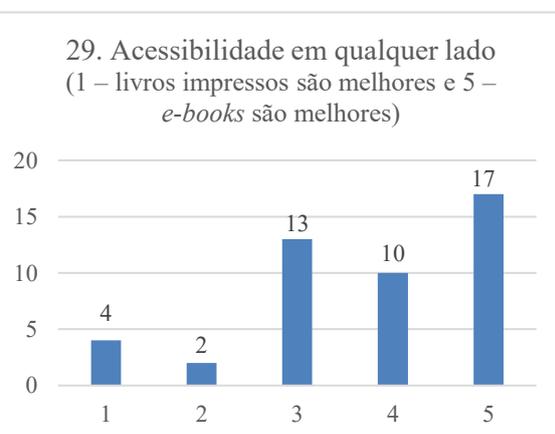
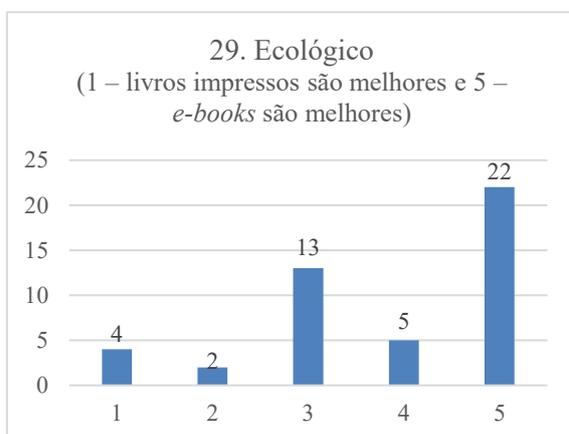
Gosto de escrever e sublinhar (1);

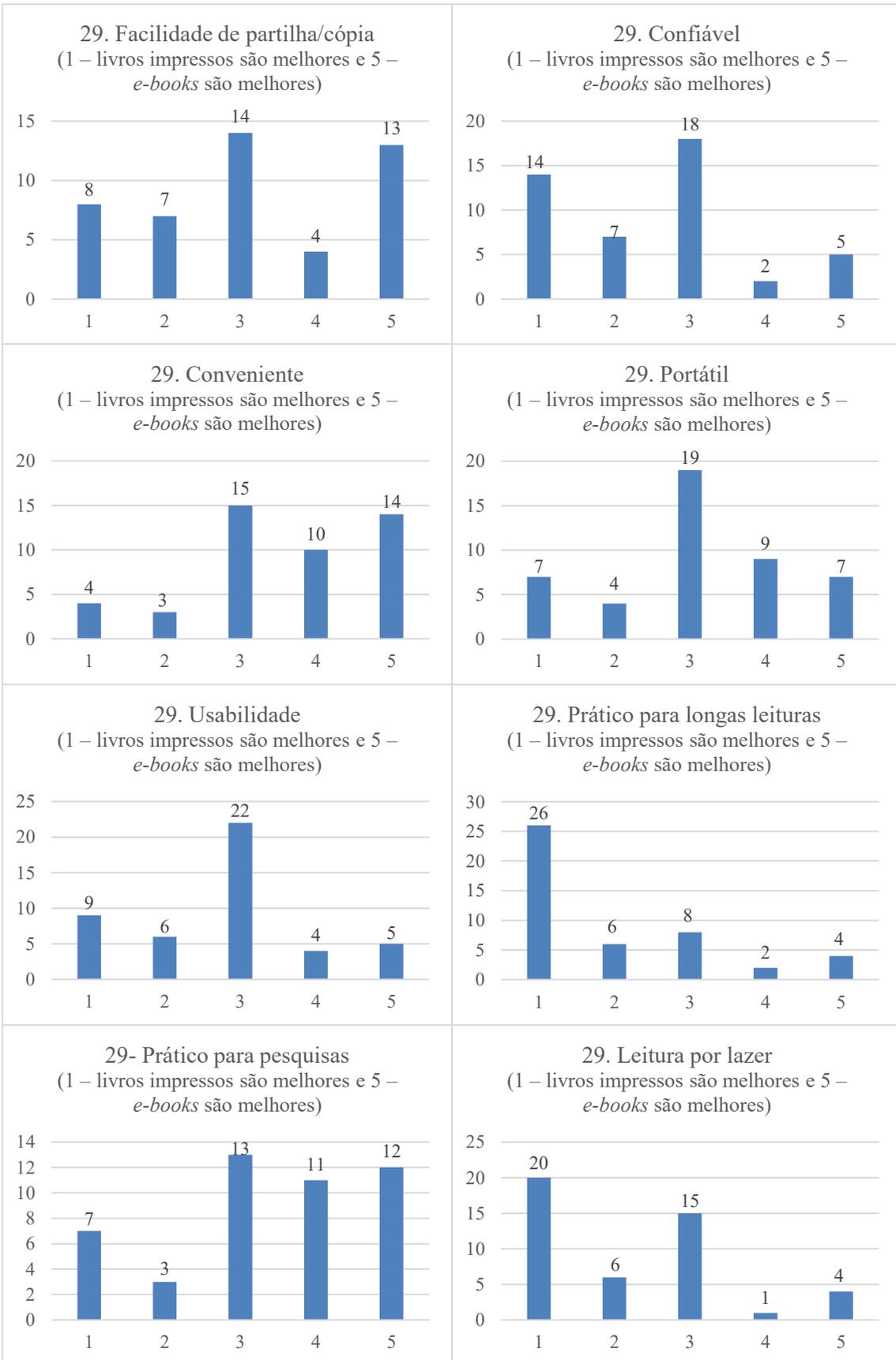
Cansa menos a vista (1).



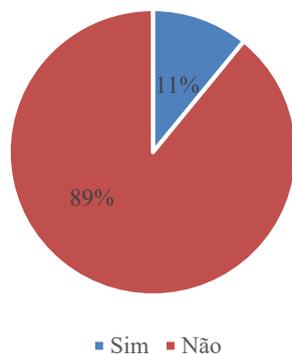


28. Outro:
Não vejo vantagens nos e-books (1).





30. Mudança do hábito de leitura



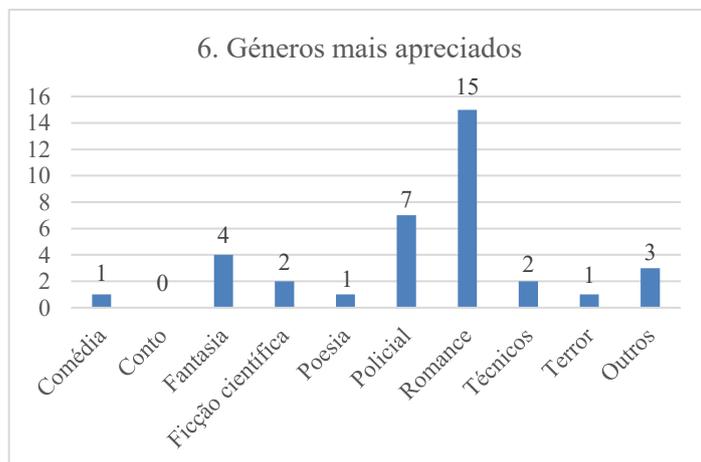
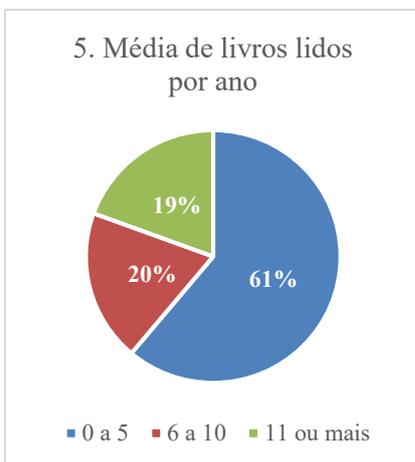
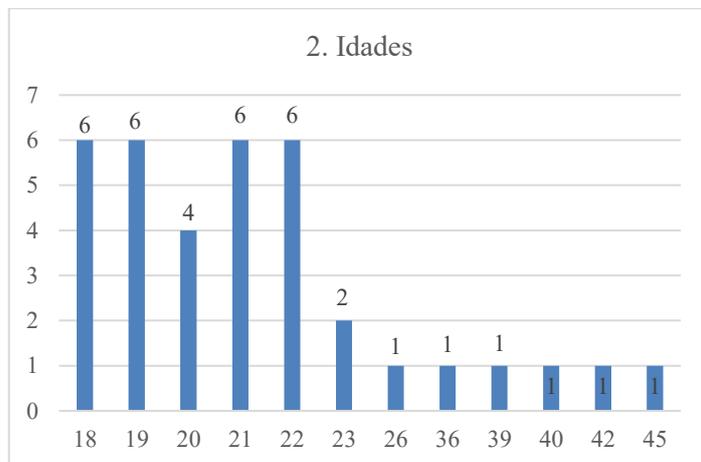
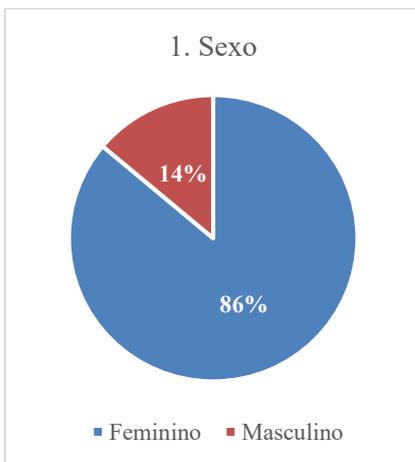
31. Porquê?

Sim | Antes de ter um e-reader eu dificilmente levava meus livros para ler fora de casa por questão do peso a mais na mochila. Hoje tenho acesso a vários livros num dispositivo leve (1); Permite a leitura em qualquer situação (1); Passei a ter mais prazer ao ler (1); Leio mais, em qualquer lugar, porque posso ter vários livros num só dispositivo leve e portátil (1); Uso *e-book* quando não tenho possibilidade de comprar o livro impresso (1).

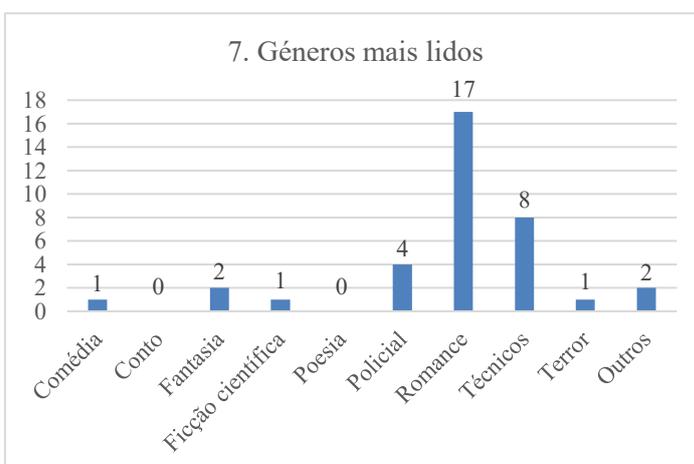
31. Porquê?

Não | Não leio/utilizo/gosto de *e-books* (28); Prefiro o livro impresso (5); Faço pouco uso desse formato (1); Continuo a ler mais livros impressos do que *e-book*, utilizo este último essencialmente para leituras obrigatórias do ensino, pelo preço ser mais acessível (1); Apenas utilizo para pesquisa. Sempre que possível, principalmente em leitura por lazer, prefiro sentir o livro. E é uma forma de evitar ecrãs durante um bocado (1); Só acrescentou outra forma de ler (1); Continuo a ler menos do que gostava (1); Não leio (2); Apesar de serem extremamente convenientes, uso-os apenas para leituras de estudo/pesquisa, quando necessito de um acesso mais rápido/variado a informação. A maior parte da minha leitura, a qual que se situa fora do contexto de estudo, é feita através do livro físico por preferência pessoal. Sendo assim, considero que o meu hábito de leitura não mudou, utilizando *e-books* apenas aquando estritamente necessário (1).

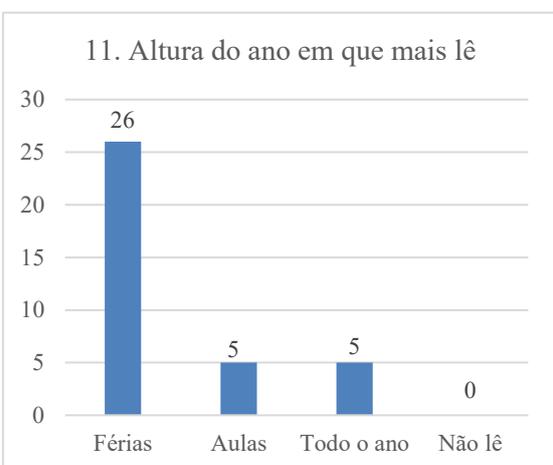
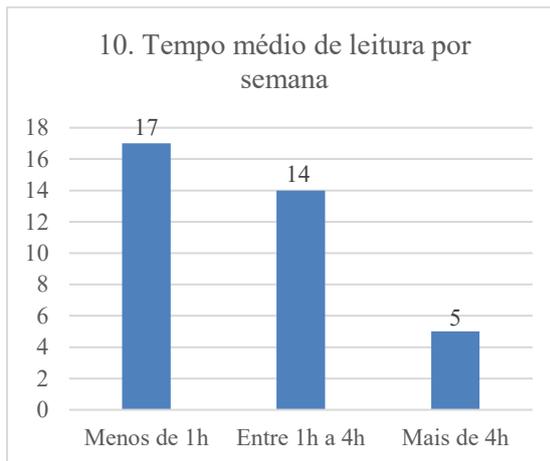
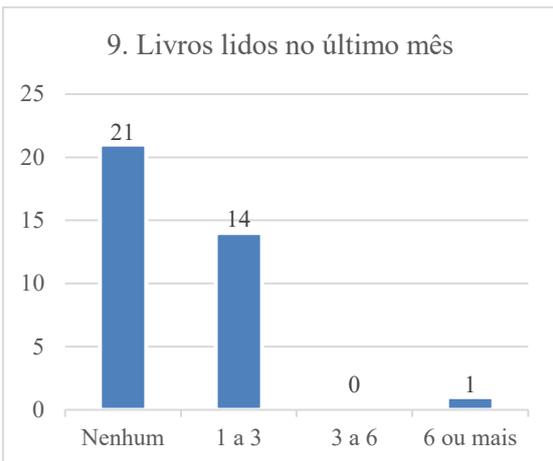
Apêndice E – Respostas FCNAUP



6. Outros: Não ficção (1); Drama (1); Históricos e Alimentação (1).



7. Outros: Históricos e Alimentação (1); Vários (1).



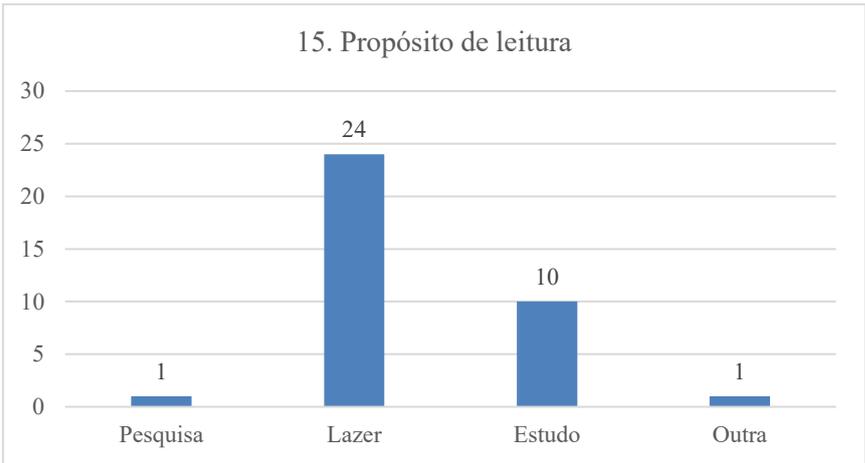
12. Porquê?

Férias | mais tempo livre (26).

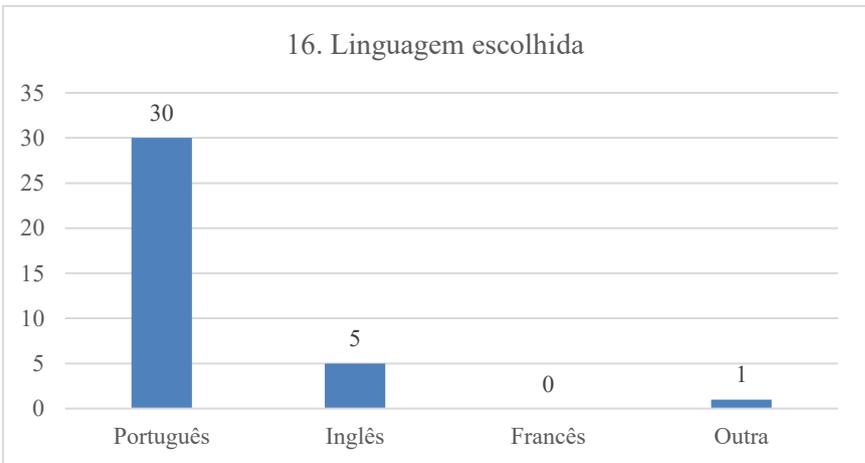
Aulas | para estudo e trabalhos académicos (1); mais tempo em transportes públicos (1); não possui tantas atividades outdoor (1); obrigação (2).

Todo o ano | adora ler por isso dispensa sempre algum tempo (1); lê sempre aos fins de semana (1); técnicos durante as aulas e restantes nas férias porque depende se está a trabalhar/estudar ou não (2) e necessidade e disponibilidade de tempo relativas (1).

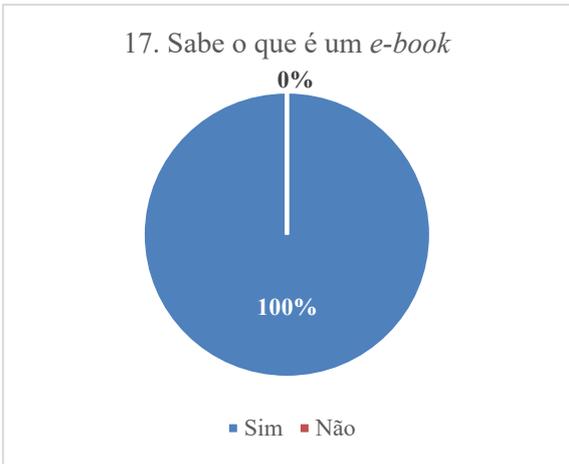


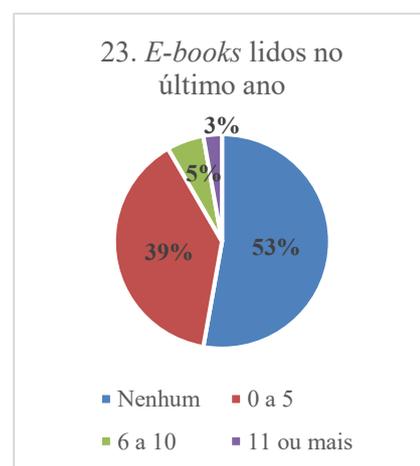
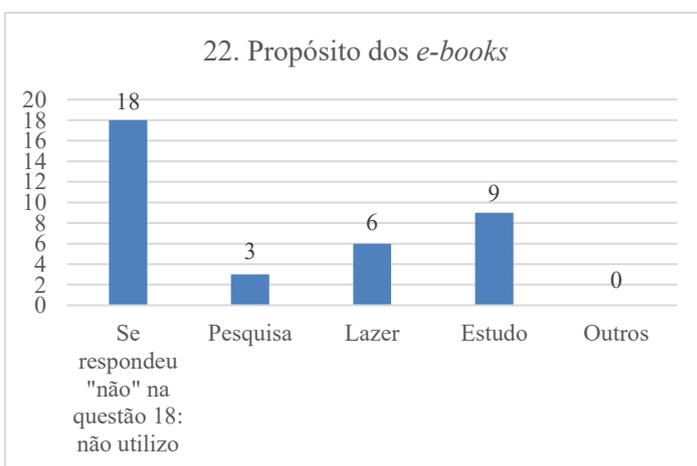
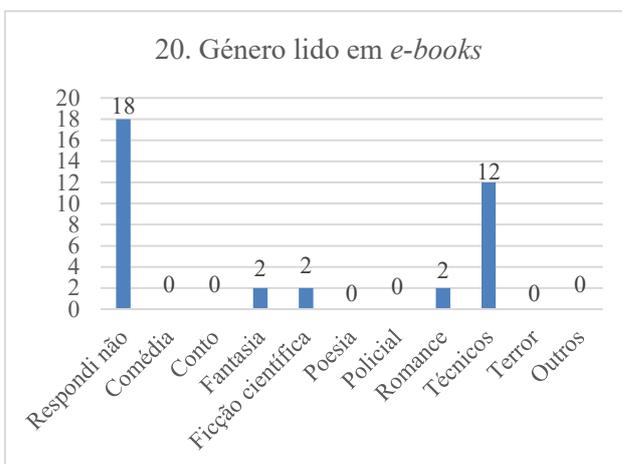
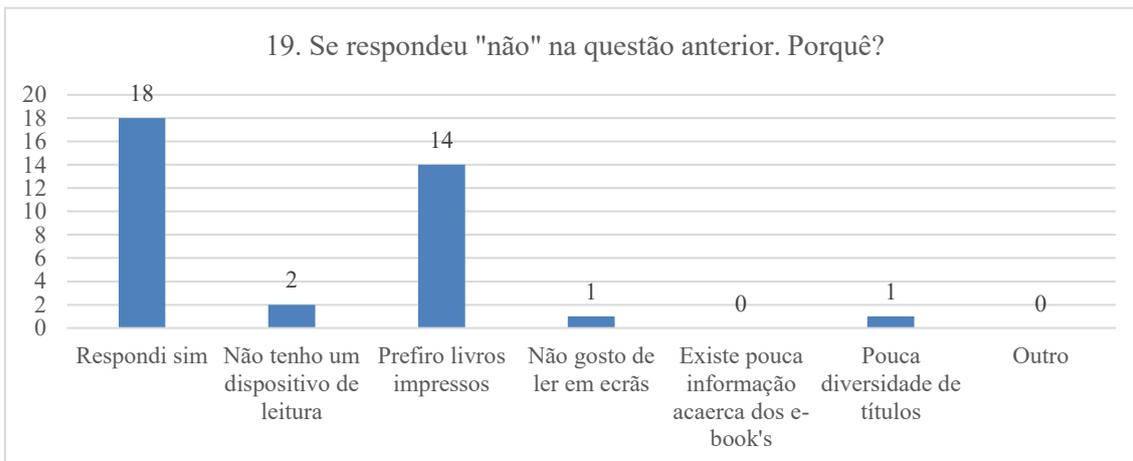


15. Outra: Para adquirir mais cultura (1).

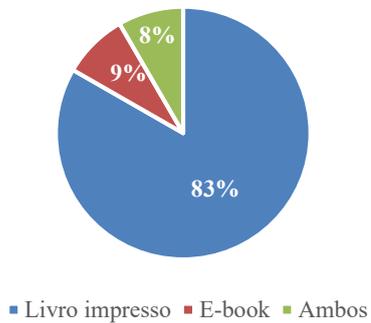


16. Outra: Português e inglês (1).

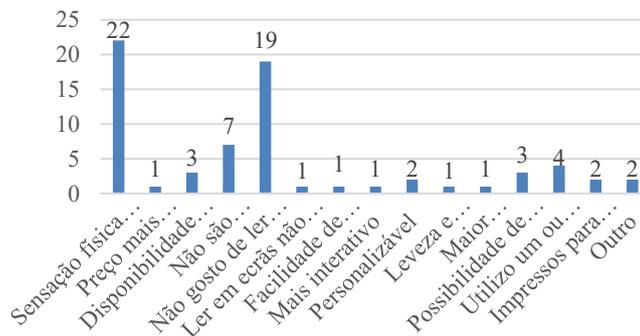




24. Formato de leitura mais utilizado

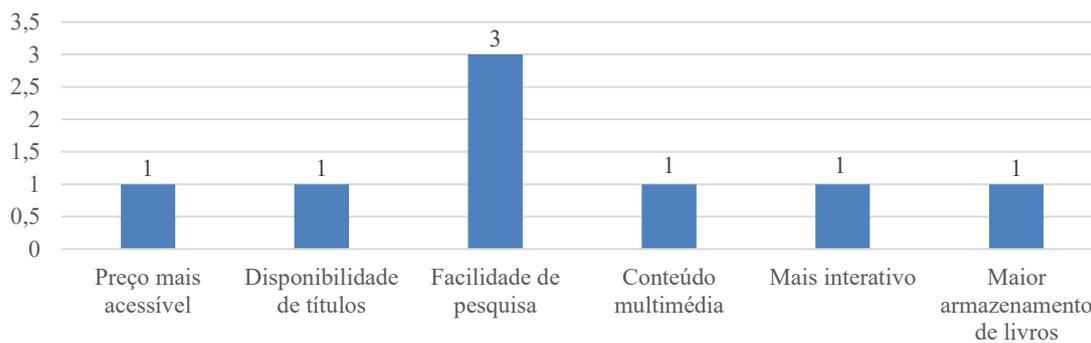


25. Porquê?
Dos que preferem livros impressos

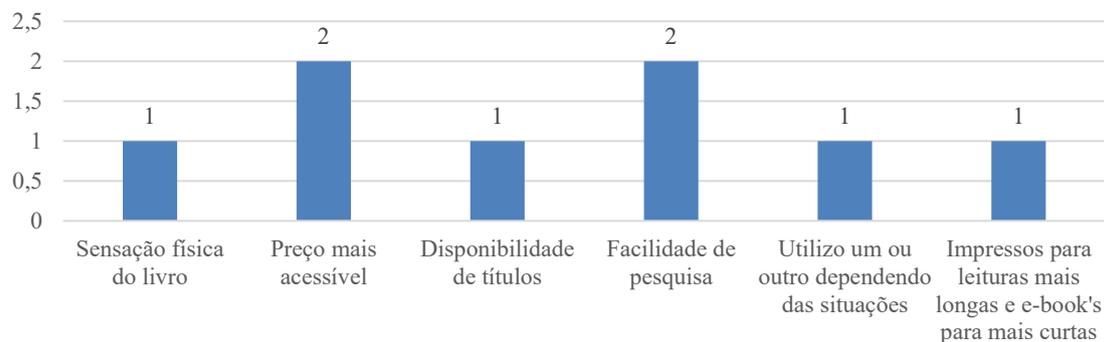


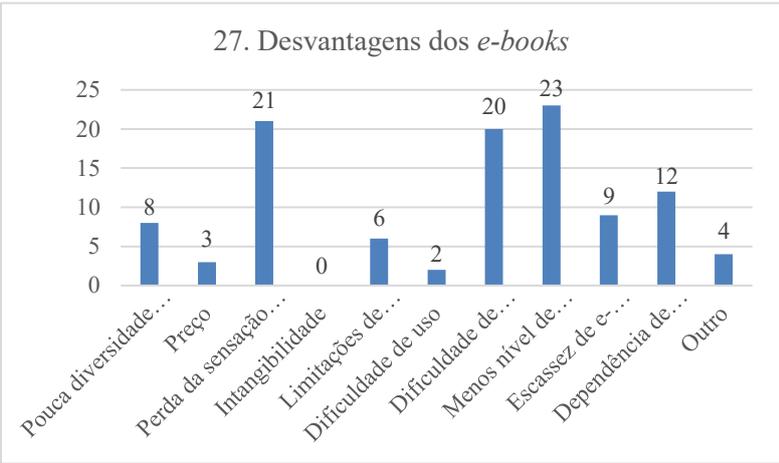
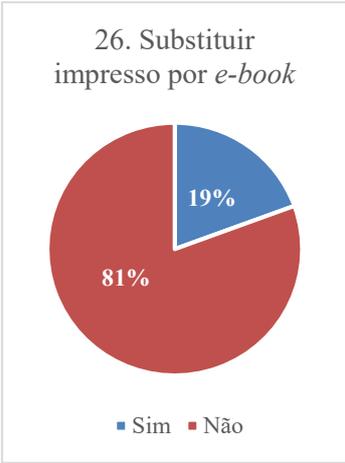
25. Outro: Hábito (1); Mais barato (1).

25. Porquê?
Dos que preferem e-books

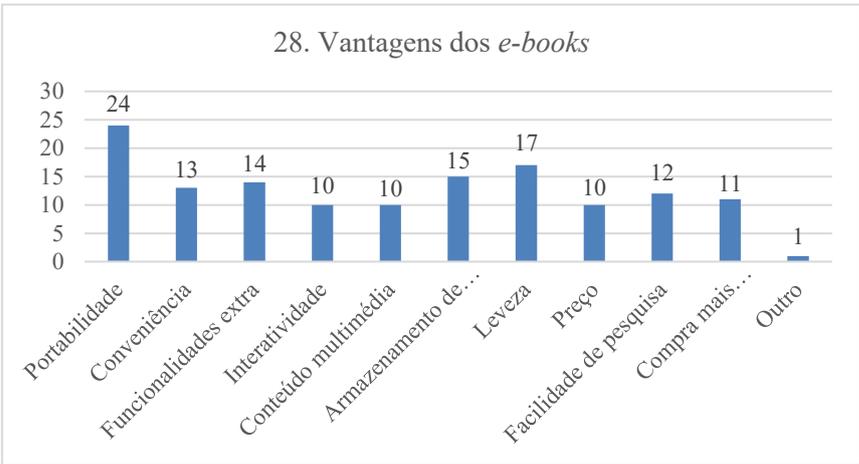


25. Porquê?
Dos que preferem ambos

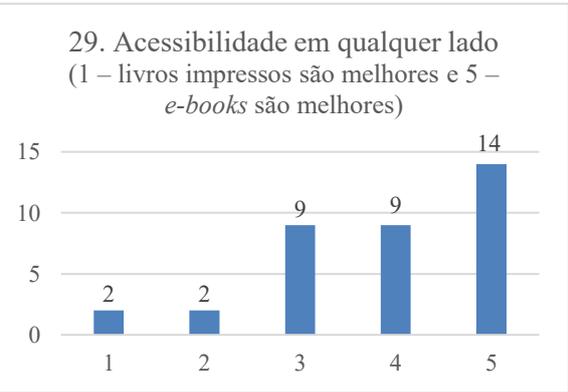
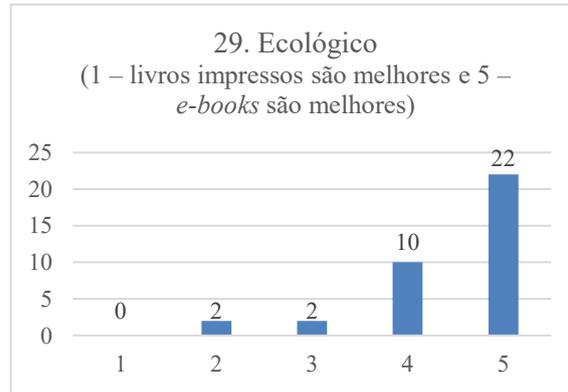


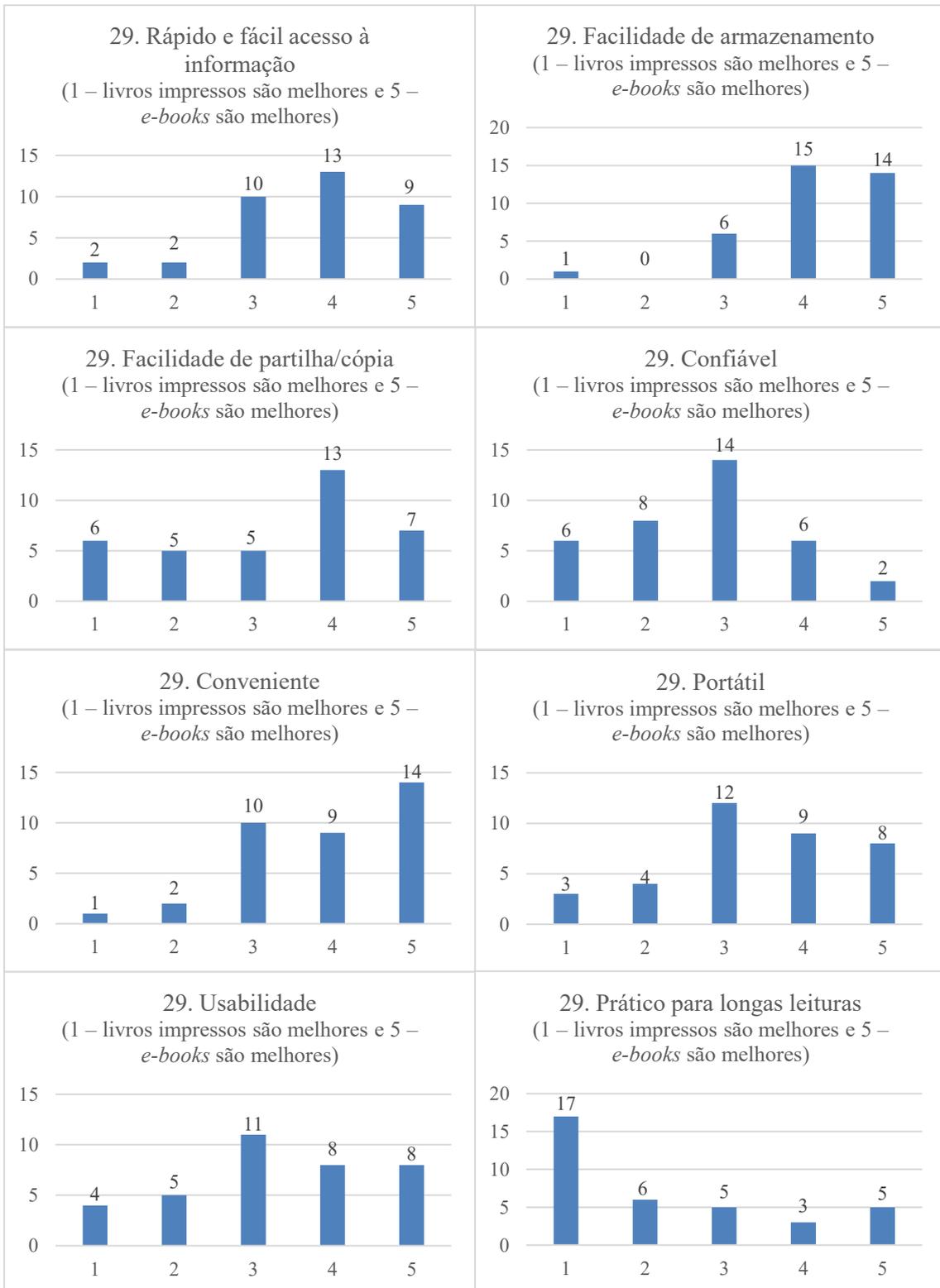


27. Outro: causa dores de cabeça (1); prejudica a visão (2); nenhuma (1).

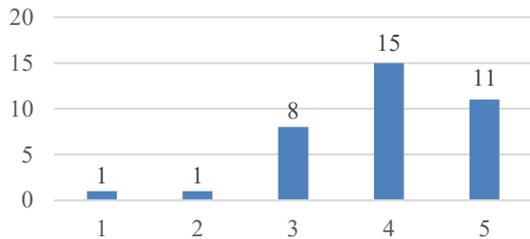


28. Outro: ambientalmente mais sustentáveis (1).

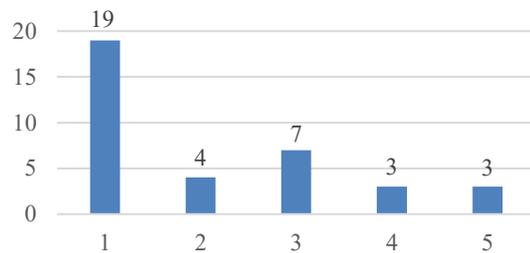




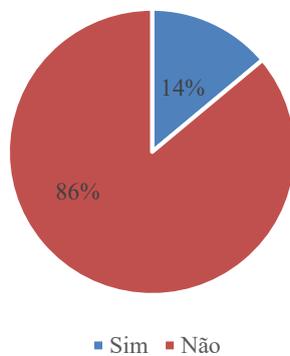
29. Prático para pesquisas
(1 – livros impressos são melhores e 5 – e-books são melhores)



29. Leitura por lazer
(1 – livros impressos são melhores e 5 – e-books são melhores)



30. Mudança do hábito de leitura



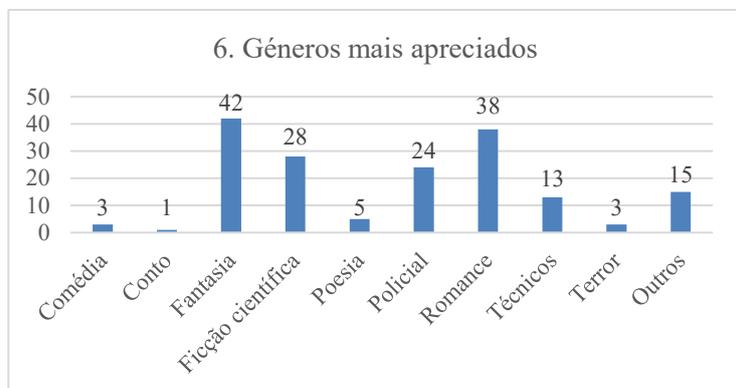
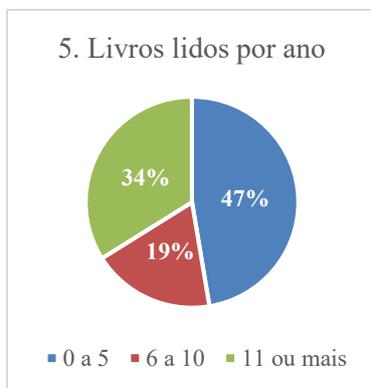
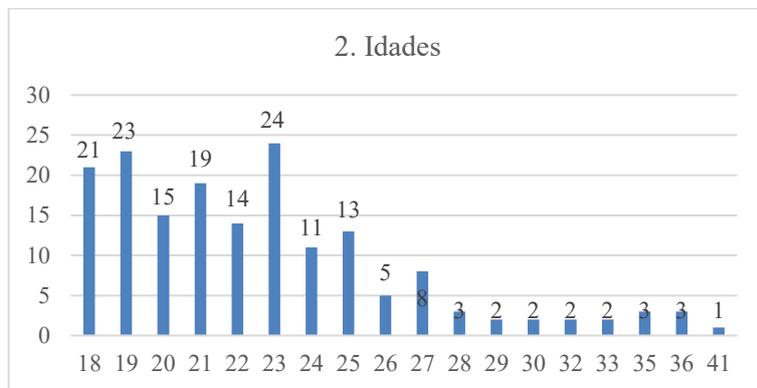
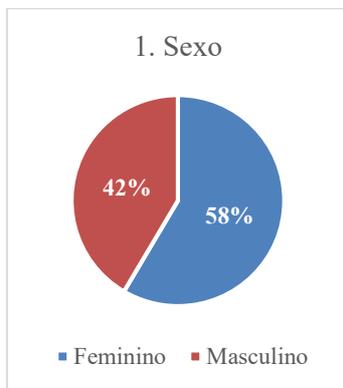
31. Porquê?

Sim | Pela facilidade (1); Permite facilmente aceder a informação em qualquer lugar (1); Leio muito mais livros e não perco tanto tempo a ir a uma loja procurar livros, neste caso de história, que acabam por ser muito ou nada específicos e facilmente encontro online algo que realmente gosto e estou a procura em coisa de minutos. (1); Não gosto de livros em papel e assim leio mais (1); Pois como estou na faculdade, livros impressos são muito caros, especialmente as bíblias de saúde e então consigo obter informação através de livros gratuitos na Internet, tendo ajudado muito no curso. (1)

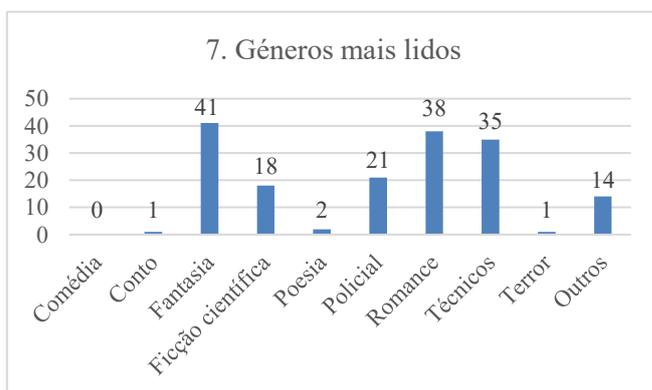
31. Porquê?

Não | Não leio/utilizo/gosto de e-books (16)
 Prefiro livros impressos (6)
 Continuo a ler com a mesma frequência/mantenho os mesmos hábitos (5)
 Só uso e-books para obter informação técnica/para estudo (2)
 Só uso e-books em último recurso (1)

Apêndice F – Respostas FCUP

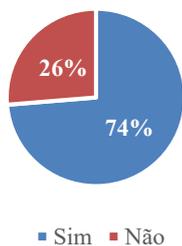


6. Outros: Banda desenhada e manga (1); Suspense (1); Distopia (1); Não ficção (1); Política (2); Livros que refletem as características inerentes à espécie humana (1); Auto ajuda (1); Drama (2); Psicologia (1); Thriller (1); Todos acima descritos (2).

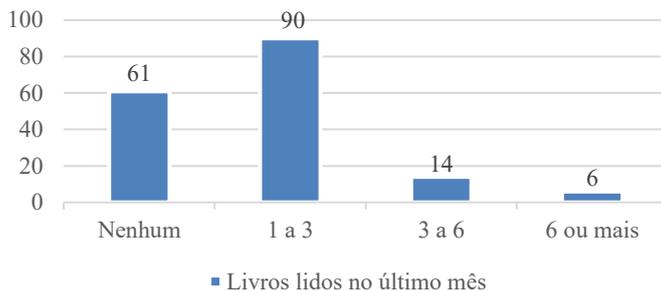


7. Outros: suspense (1); distopia (1); não ficção (2); todos acima (1); história-política-geografia (1); biografias (1); manga (1); ficção (1); auto ajuda (1); drama (1); BD (1); psicologia (1); thriller (1).

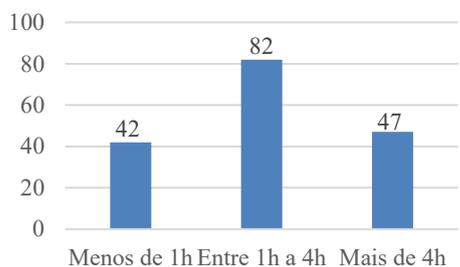
8. Encontram-se a ler um livro



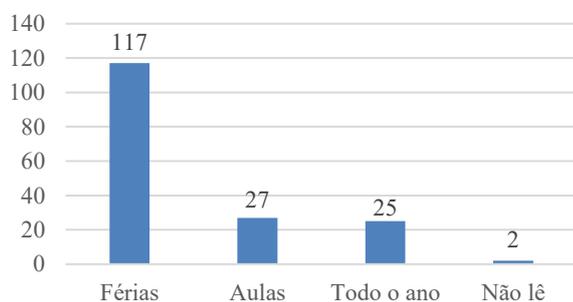
9. Livros lidos no último mês



10. Tempo médio de leitura por semana



11. Altura do ano em que mais lê



12. Porquê?

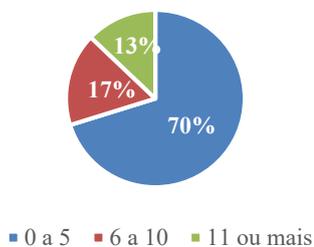
Férias | mais tempo livre (117)

Aulas | para estudo e trabalhos académicos (12), mais tempo em transportes públicos (10), descansar a cabeça/relaxar das aulas (4), ocupa as férias com outros hobbies (1)

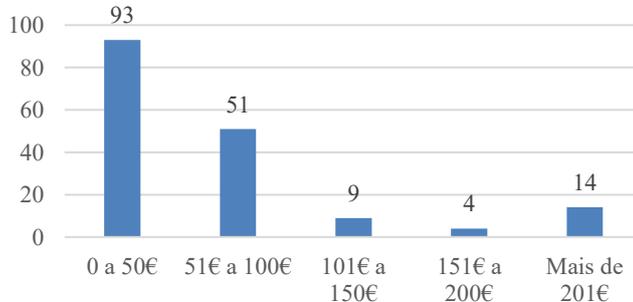
Todo o ano | adora ler, por isso dispensa sempre algum tempo para ler (17), descontracção (5), ler romances nas férias e livros técnicos durante o período escolar (1), para preencher o tempo (2)

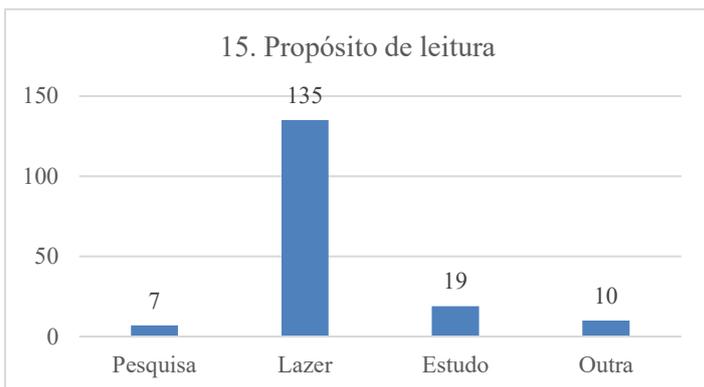
Não lê | não gostam (1), só quanto estão mais folgados é que arranjam tempo para ler (1).

13. Livros comprados por ano

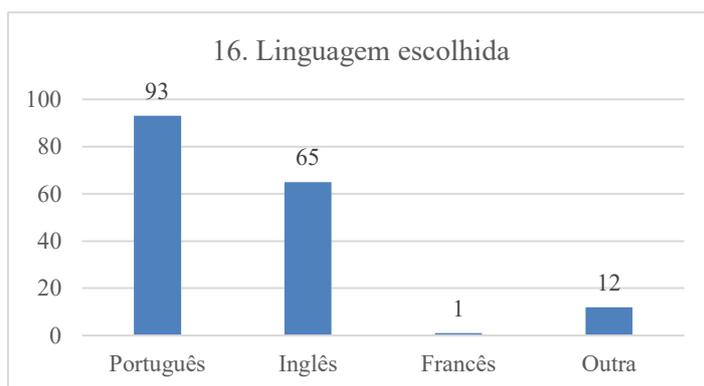


14. Gasto em livros por ano

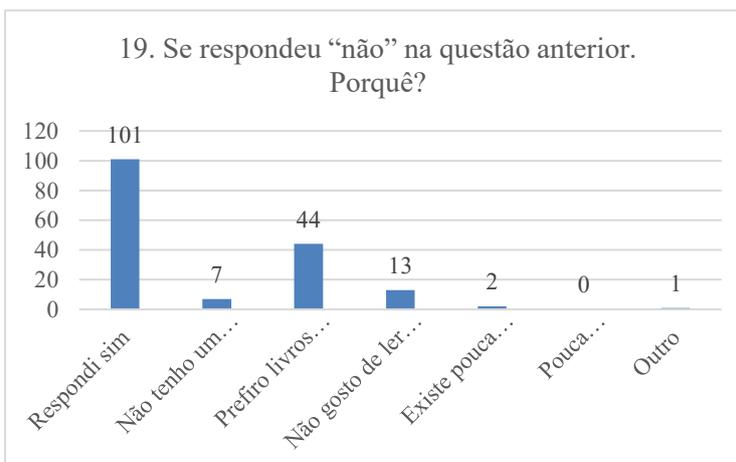
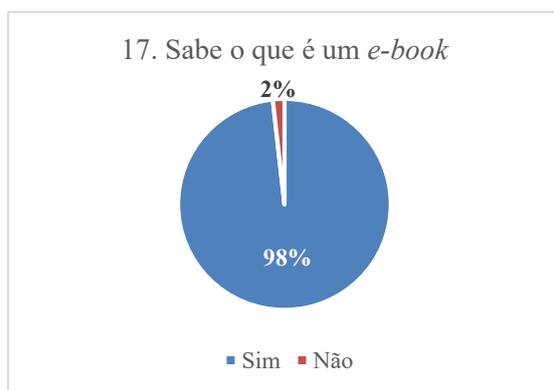




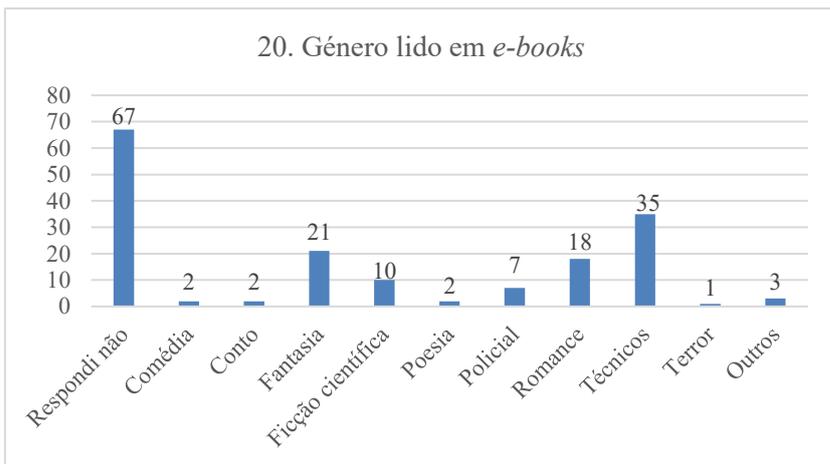
15. Outra: todos os anteriores (1); interesse na área/curiosidade (2); aprendizagem (1).



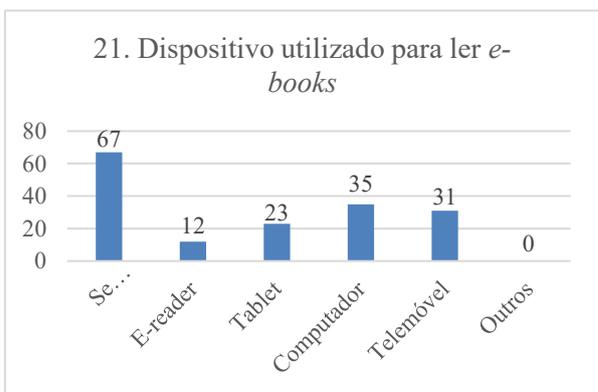
16. Outra: português e inglês (8); português, inglês e francês (2); espanhol (2).



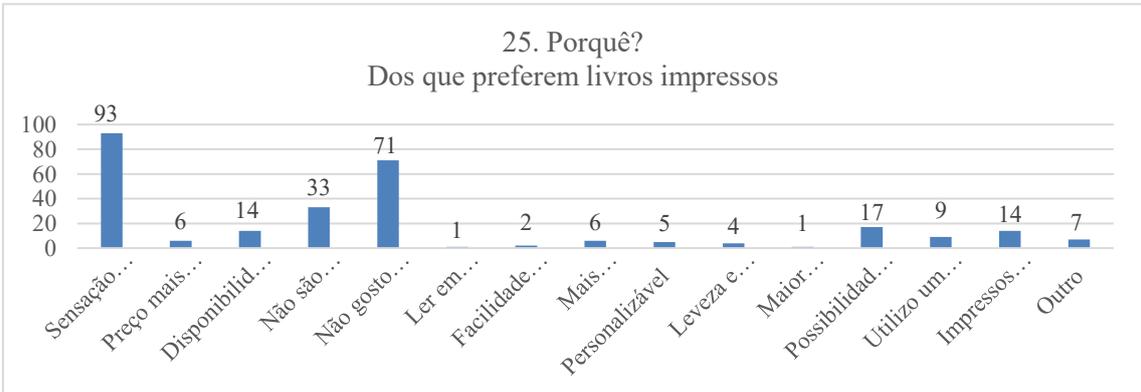
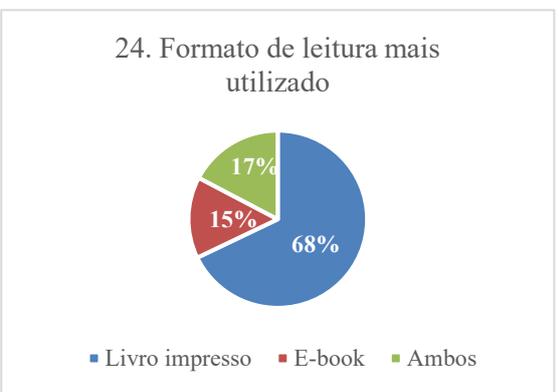
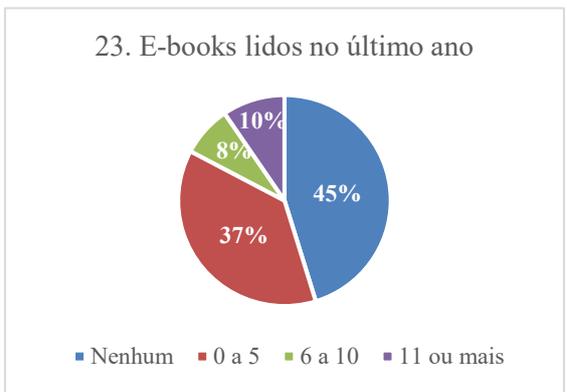
19. Outro: Livros impressos são abundantes na minha área e preferíveis aos digitais (1).



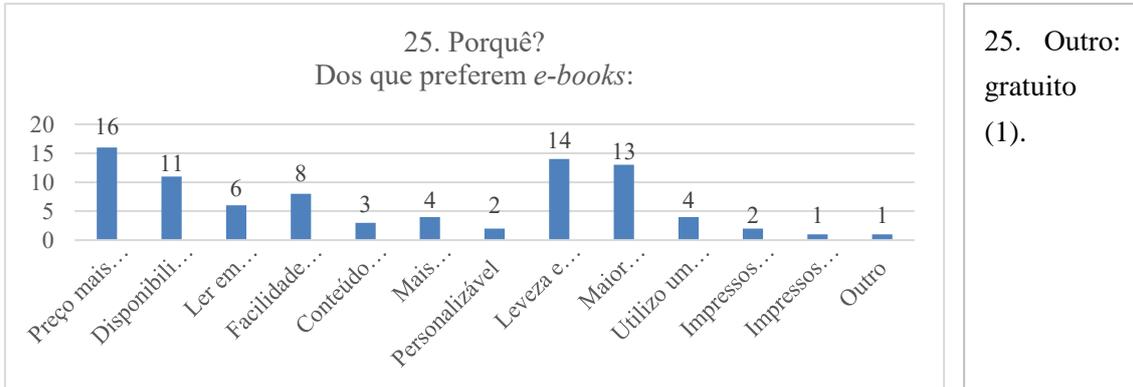
20. Outro: História (1); Manga (1); Vários conteúdos (1).



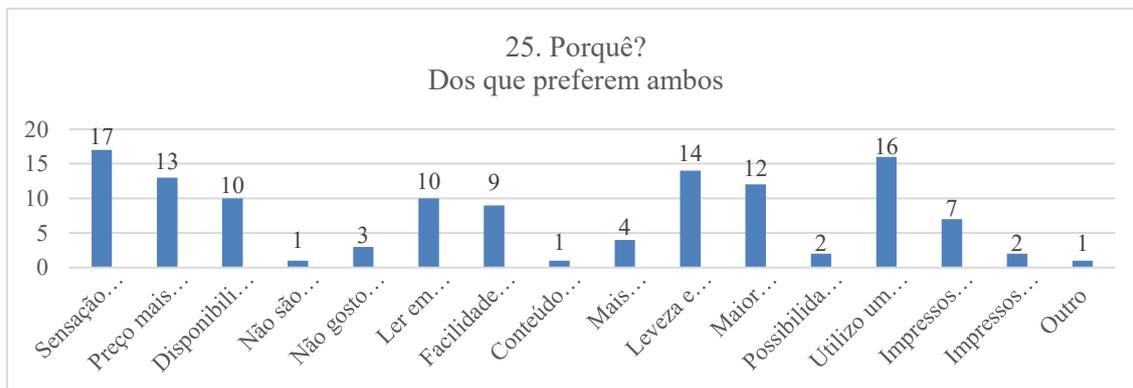
Outros: Aprendizagem (1).



25. Outro: prefiro ler em físico, mas leio *e-books* em viagens para rentabilizar tempo e espaço (1); O nível de distração é menor nos formatos impressos; há uma maior retenção de informação enquanto se lê (1); maior retenção de material (1); catalisador de interação social (1); tempo prolongado num ecrã leva a um maior cansaço e esforço da visão (1); nunca experimentei um *e-book* (1); ter uma coleção dá prazer (1).

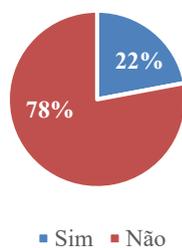


25. Outro: gratuito (1).

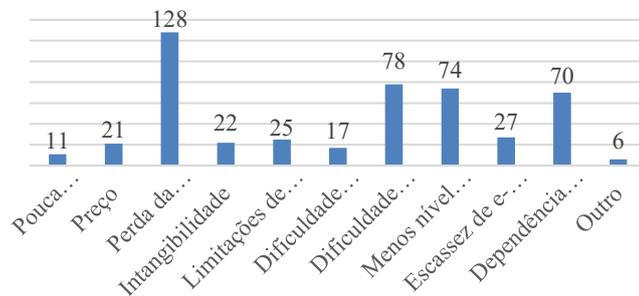


25. Outro: Com o *e-book* posso poupar muitas folhas e contribuir para a sustentabilidade ambiental (1).

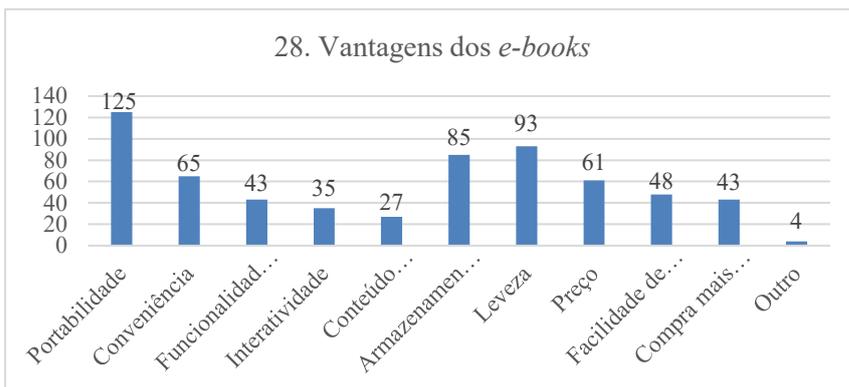
26. Substituir impresso por *e-book*



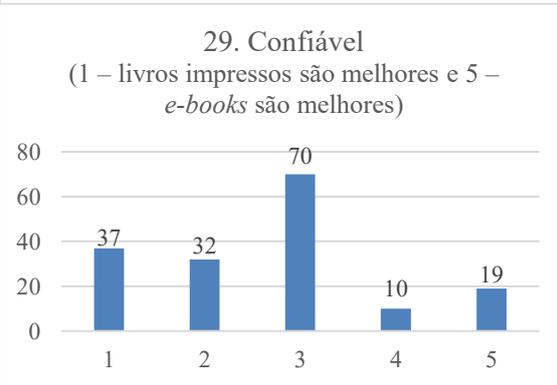
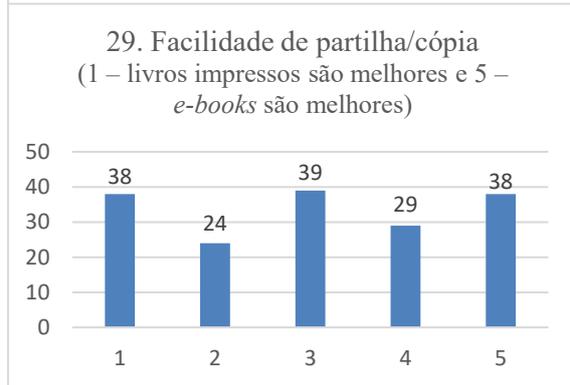
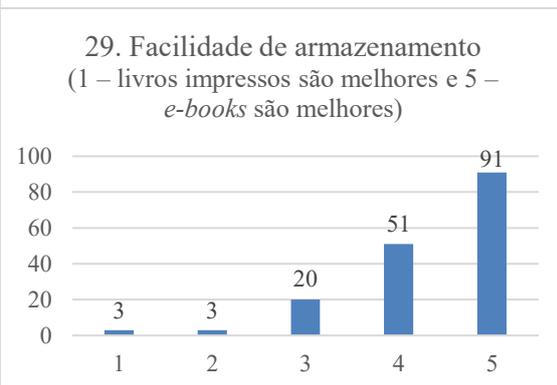
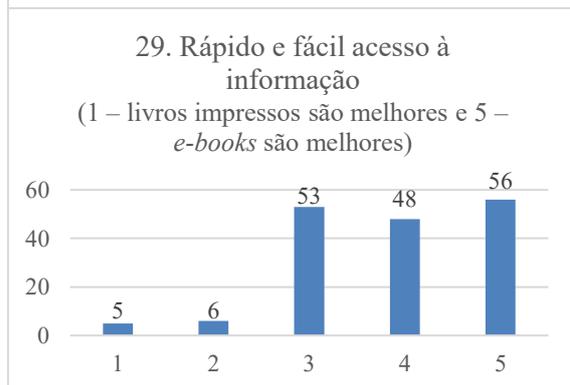
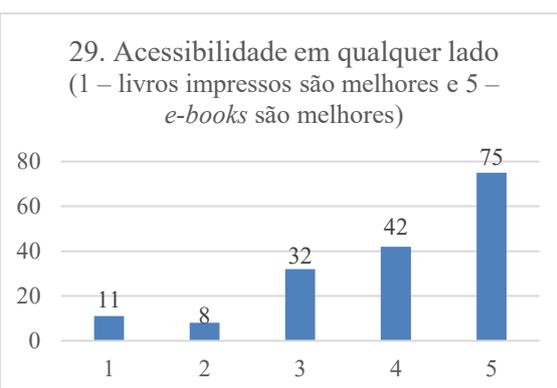
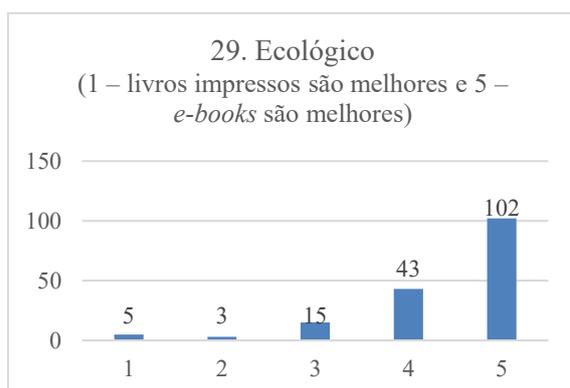
27. Desvantagens dos *e-books*

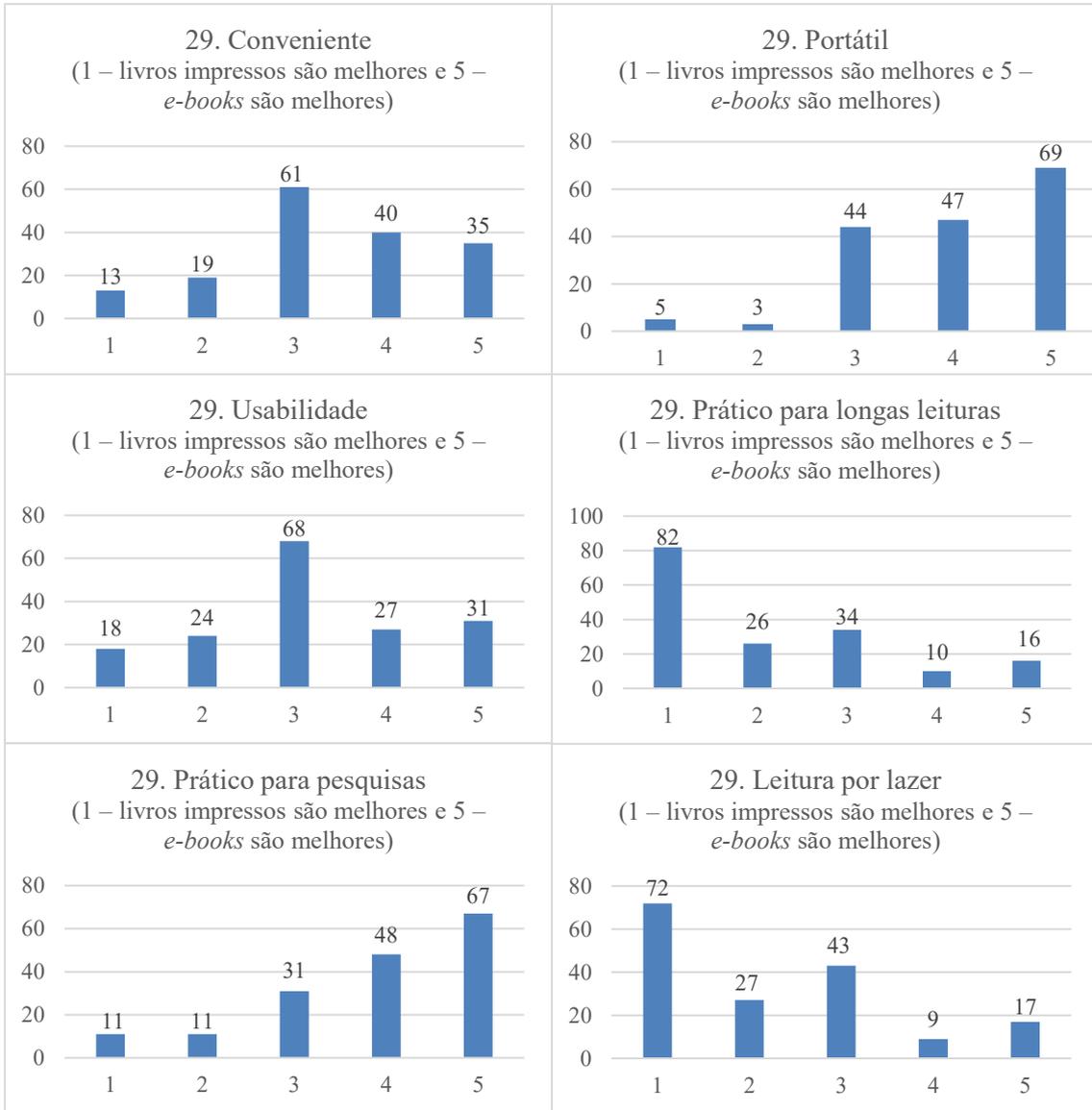


27. Outro: livro é melhor e mais eficiente na aprendizagem (1); não reconheço nenhuma (2); prejudicial à visão (1); não gosto de pagar por *e-books* (1); não é prático para livros técnicos (1).

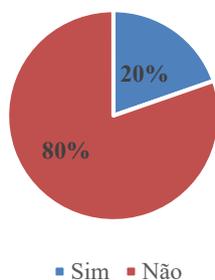


28. Outro: Menos gasto de papel (1); a maior vantagem é ambiental (1); disponibilidade online e gratuito (1); todas as anteriores (1).





30. Mudança do hábito de leitura



31. Porquê?

Sim | Porque são mais práticos para realizar pesquisa e construção de trabalho acadêmico (1); Adaptação da forma de leitura para conseguir manter-me concentrada, dificuldade que encontro quando leio um *e-book* (1); Leio mais livros porque a maioria está online gratuitamente (1); Para ler no metro, é mais fácil levar um Kindle na mochila do que um livro (1); carregar livros (1);

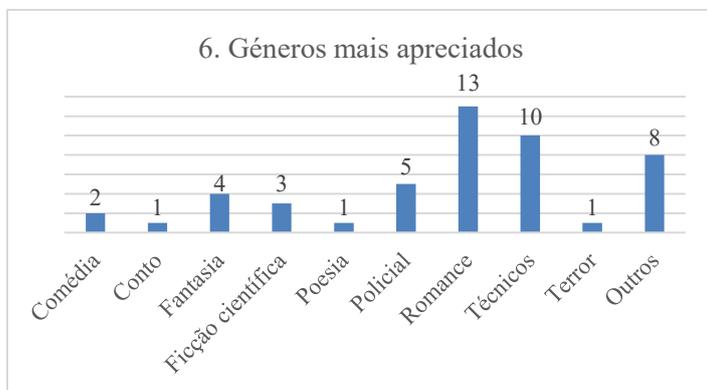
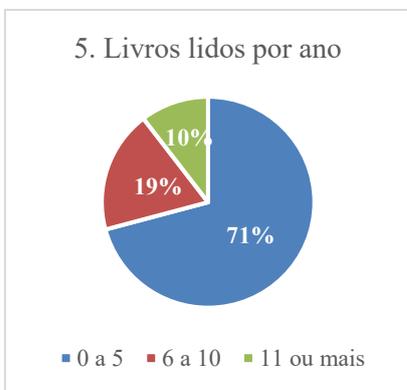
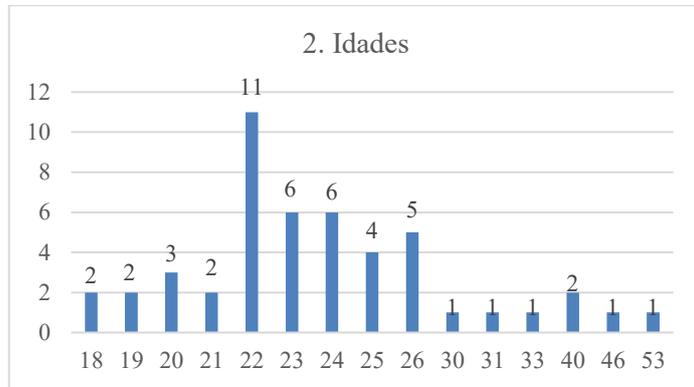
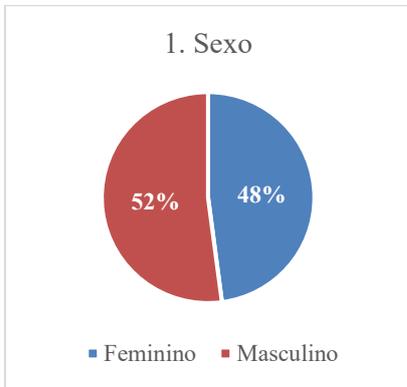
Posso levar o *e-book* comigo nos transportes públicos, sem ter de transportar o peso de um livro grande que muitas vezes não cabe na carteira/mochila (1); Facilidade de ler em Inglês por exemplo, uma vez que tem automaticamente associado o dicionário caso necessite (kindle) (1); Fiquei mais habituado (1);

31. Porquê? (continuação)

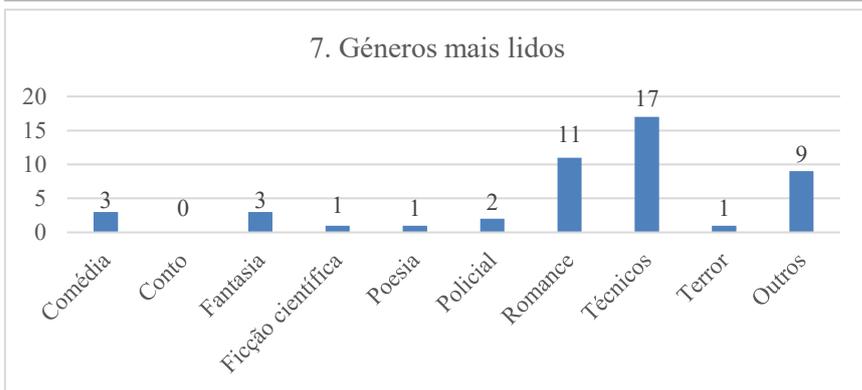
Sim | Fico mais cansada e não consigo ler durante tanto tempo (1); Consegui obter online livros que não compraria devido ao preço, o que por sua vez levou-me a ler mais (1); Devido a portabilidade, tenho acesso a livros onde quer que eu vá! (1); Permite acesso a uma maior variedade de livros em várias línguas (1); Principalmente no estudo, mais conveniente do que carregar vários manuais para as várias cadeiras (1); Devido à facilidade (1); Adquirir um e-reader mudou drasticamente meus hábitos de leitura, pois agora leio muito mais. Agora posso ler no escuro, posso levar centenas de títulos para qualquer lugar (boa característica para quem lê mais de um título simultaneamente) e posso adquirir mais títulos devido a redução dos preços (1); Passei a ler mais livros e conhecer mais autores com os *e-books* (1); Com o *e-book* leio muito mais, porque o levo para todo o lado. É pequeno e muito leve, pelo que não me custa nada andar com ele e, desta forma, acabo por ler nas viagens de transportes públicos no dia a dia, em furos ou pausas mais prolongadas durante o dia, enquanto espero por uma consulta no médico, etc.. Além disso, o facto de ter luz para poder ler às escuras é muito vantajoso para mim. Os espaços de leitura ficam muito menos condicionados pela falta de luz no Inverno ou em alguns espaços públicos (1); Sim, pelo facto de ser mais prático/portátil que os impressos (1); Preferência do formato em situações específicas (1); Por ser mais fácil de aceder, os *e-books* aumentaram os meus hábitos de leitura (1); Permitiu-me ler mais por transportar sempre livros (1); Passo a ler mais de noite, pois a luz do ebook não me cansa tanto os olhos como uma lanterna a iluminar um livro (1); Motivou-me mais (1); Pela facilidade do acesso a títulos que não estão disponíveis em Portugal em lojas físicas (1); Aumentou o acesso a diversos livros (1); Como o valor é menor por livro, posso ler mais por menos (1); Consigo ler mais num curto espaço de tempo (1); Acessibilidade (1); É mais fácil de usar por exemplo nos transportes publicos onde as vezes temos de ficar de pé (1); Leio livros que não gastaria dinheiro para comprar (1); Maior facilidade em encontrar livros sem sair de casa (1).

Não | Não leio/utilizo/gosto de *e-books* (73); Prefiro livros impressos (22); Continuo a ler com a mesma frequência/mantenho os mesmos hábitos (21); Leio poucos *e-books* (3); Apenas ficou mais barato (1); Não tenho dispositivo de leitura (2); Leio nos mesmos sítios e o mesmo tempo, só mudou o dispositivo (1); O que mudou os meus hábitos de leitura foi o curso superior, pois agora leio outro tipo de livros mais técnicos em vez de ler por lazer (1); Costumo requisitar livros nas bibliotecas, e os *e-books* são mais difíceis de conseguir aí. Além disso, o dispositivo que costumava usar para *e-books* partiu-se e não arranjei nenhum novo (1); Porque recorro a ambos os tipos de leitura, de acordo com as necessidades (1); Creio que a leitura, para aqueles que não conseguem viver sem ela, pode ser desfrutada independentemente do meio em que se lê (1); *E-books* para leituras rápidas (artigos científicos) livros para leituras longas e/ou lazer (1); É uma ferramenta útil e com os seus usos em dadas situações, mas se tiver escolha continuo a preferir o livro físico (1); Sempre preferi *e-books* (1); O *e-book* é apenas uma outra forma de poder ler o mesmo livro (1); Uso os dois (2); Não gosto de ler em ecrãs cansa-me a vista, e distraio-me facilmente com as restantes aplicações do dispositivo (1); Continua a ser praticamente a mesma coisa, visto que apenas uso *e-books* para pesquisas e estudo ao nível académico (1).

Apêndice G – Respostas FADEUP

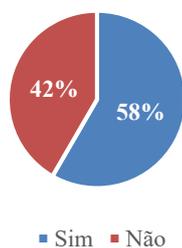


6. Outros: Desporto (4); Histórias verídicas (3); Biografias (1).

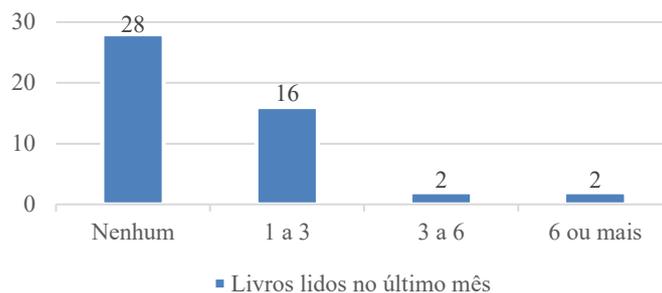


7. Outros: Desporto (4); Histórias verídicas (2); Biografias (1); Nenhum, não tenho hábitos de leitura (2)

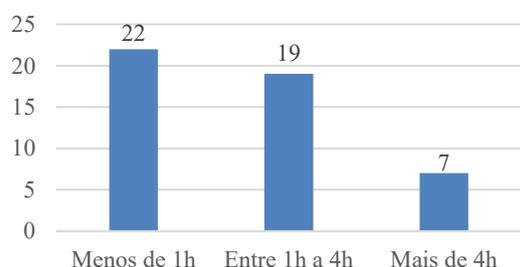
8. Encontram-se a ler um livro



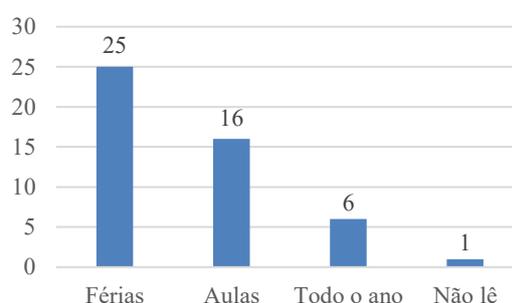
9. Livros lidos no último mês



10. Tempo médio de leitura por semana



11. Altura do ano em que mais lê



12. Porquê?

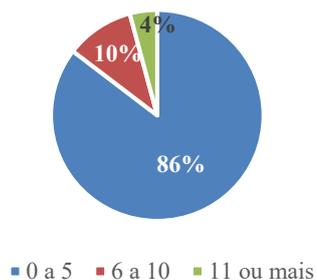
Férias | mais tempo livre (23); passatempo (1); sinto-me mais relaxado (1).

Aulas | para estudo e trabalhos académicos (13); descansar a cabeça/relaxar das aulas (1); cultura geral (1); adquirir mais conhecimentos (1).

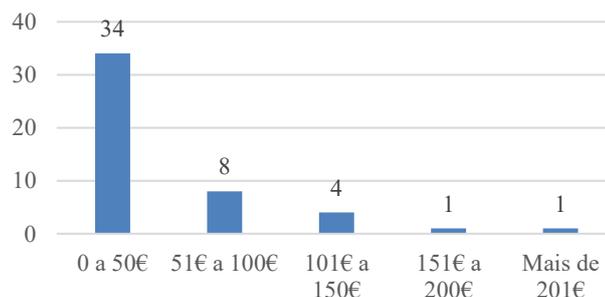
Todo o ano | a leitura transporta-me para um mundo completamente diferente, cria em mim uma liberdade mental que não tenho durante o dia (1); Sem motivo (1); Só não leio quando me canso ou não tenho tempo (1); Por gosto e para aprender (1); Leio por gosto quando sinto a necessidade de tal (1); Leio à noite em qualquer altura do ano (1).

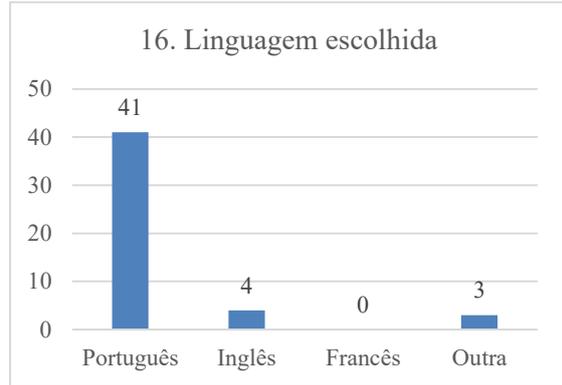
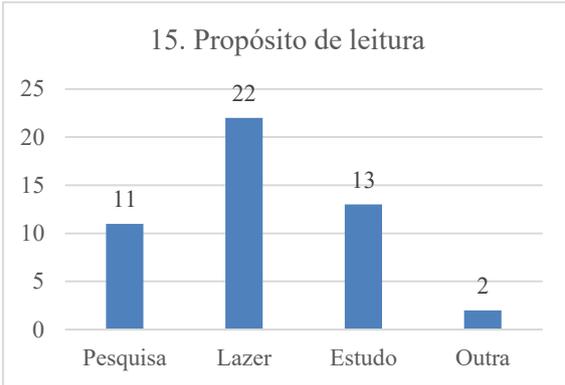
Não lê | não gosto, prefiro algo mais visual como filmes, series, documentários, etc (1).

13. Livros comprados por ano



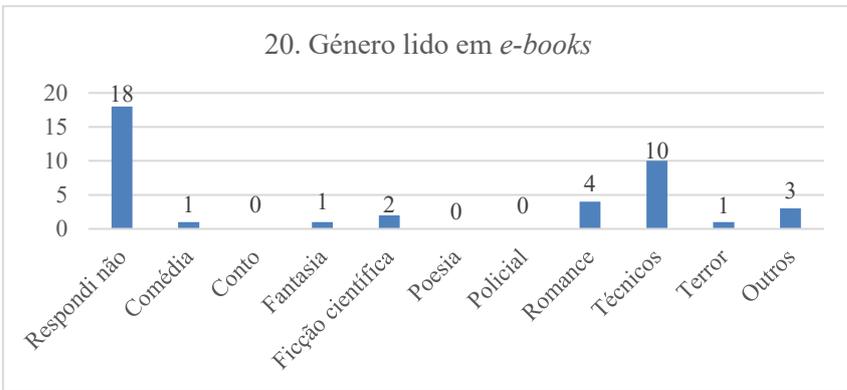
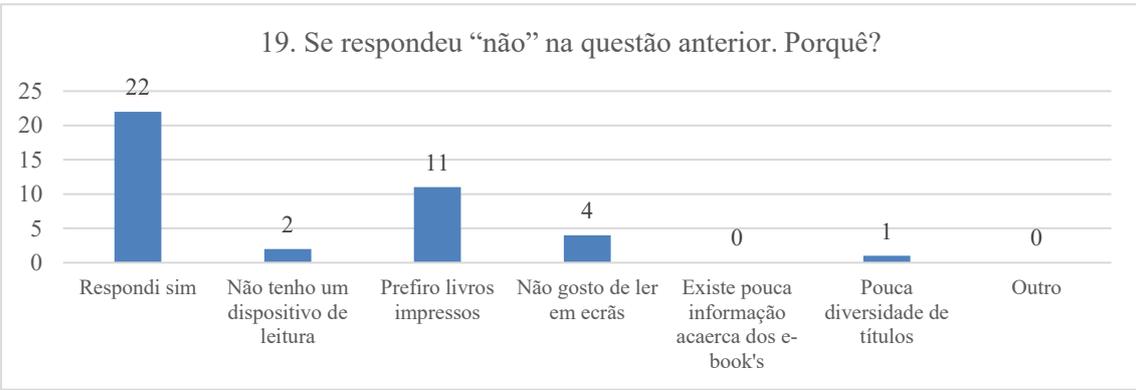
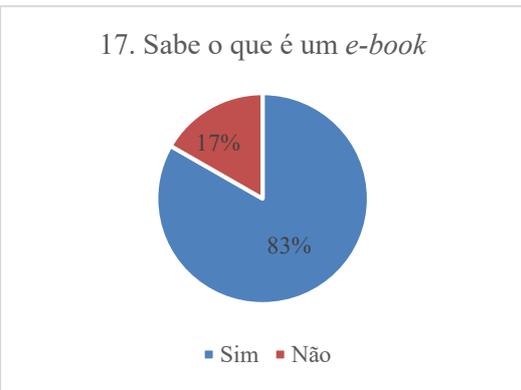
14. Gasto em livros por ano



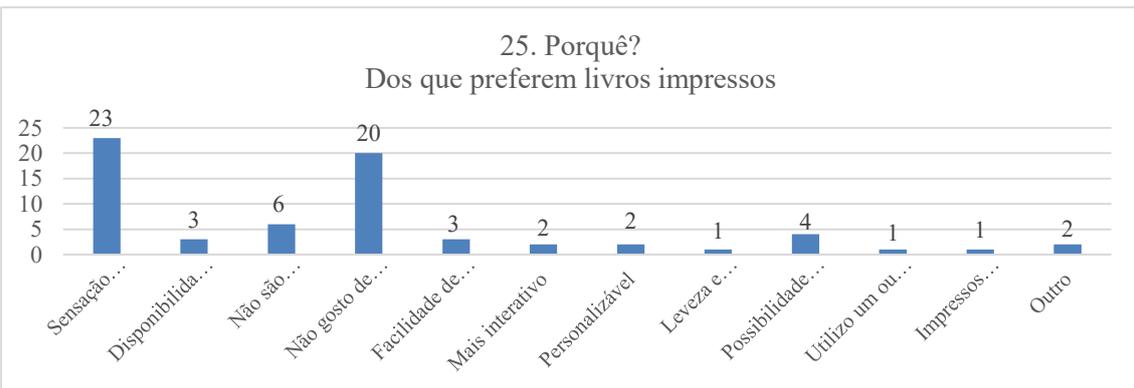
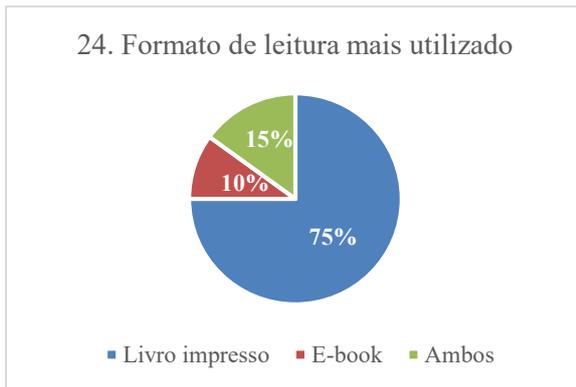
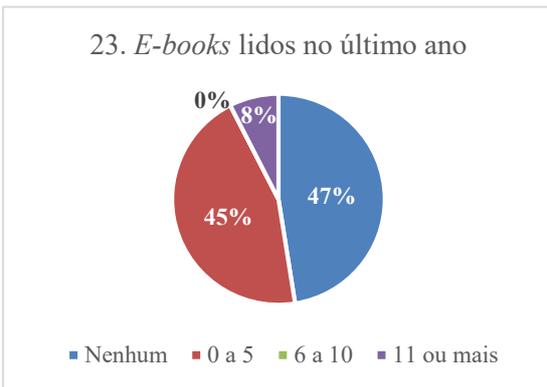


15. Outra: aumentar o conhecimento (2).

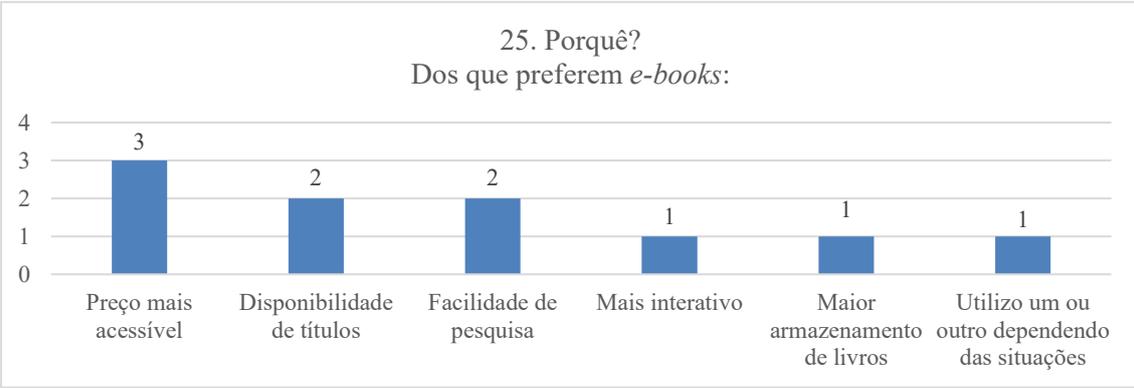
16. Outra: português e inglês (1); espanhol (1); romeno (1)

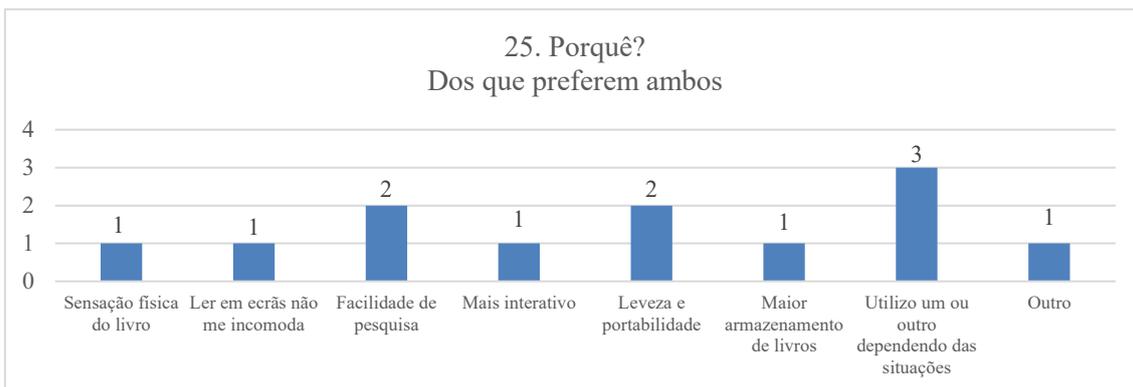


20. Outro: Todos (1); Desporto (1); Biografias (1).

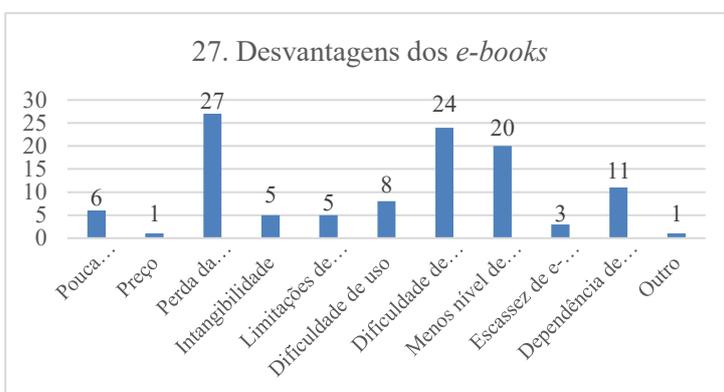
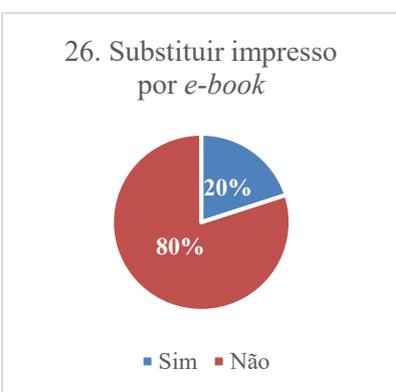


25. Outro: Em ficheiros de estudo, gosto de ler tudo em ecrãs pelo simples facto de não gastar papel inutilmente. As questões ambientais para mim, são muito importantes, embora prefira ler os "Livros" em papel (1); os *e-books* forçam a minha visão (1).

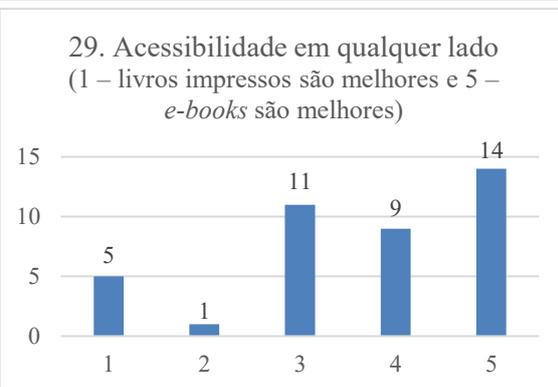
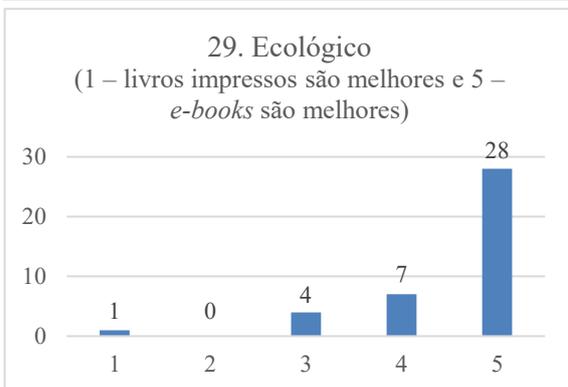
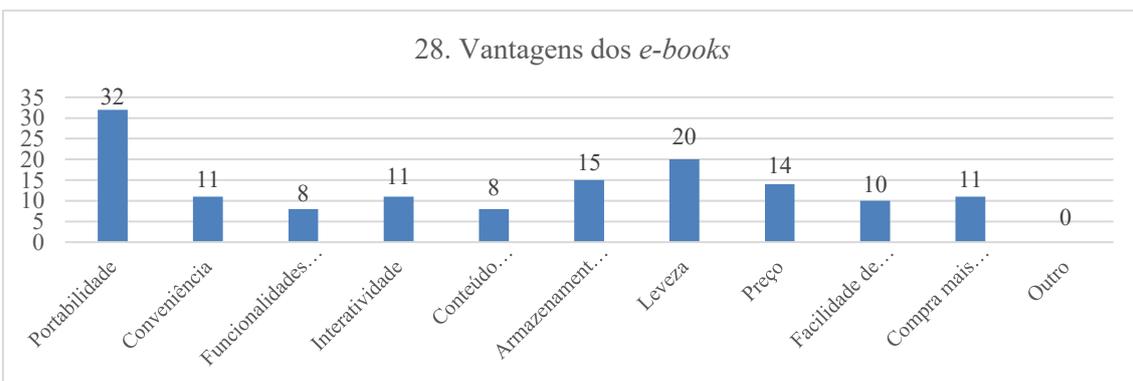


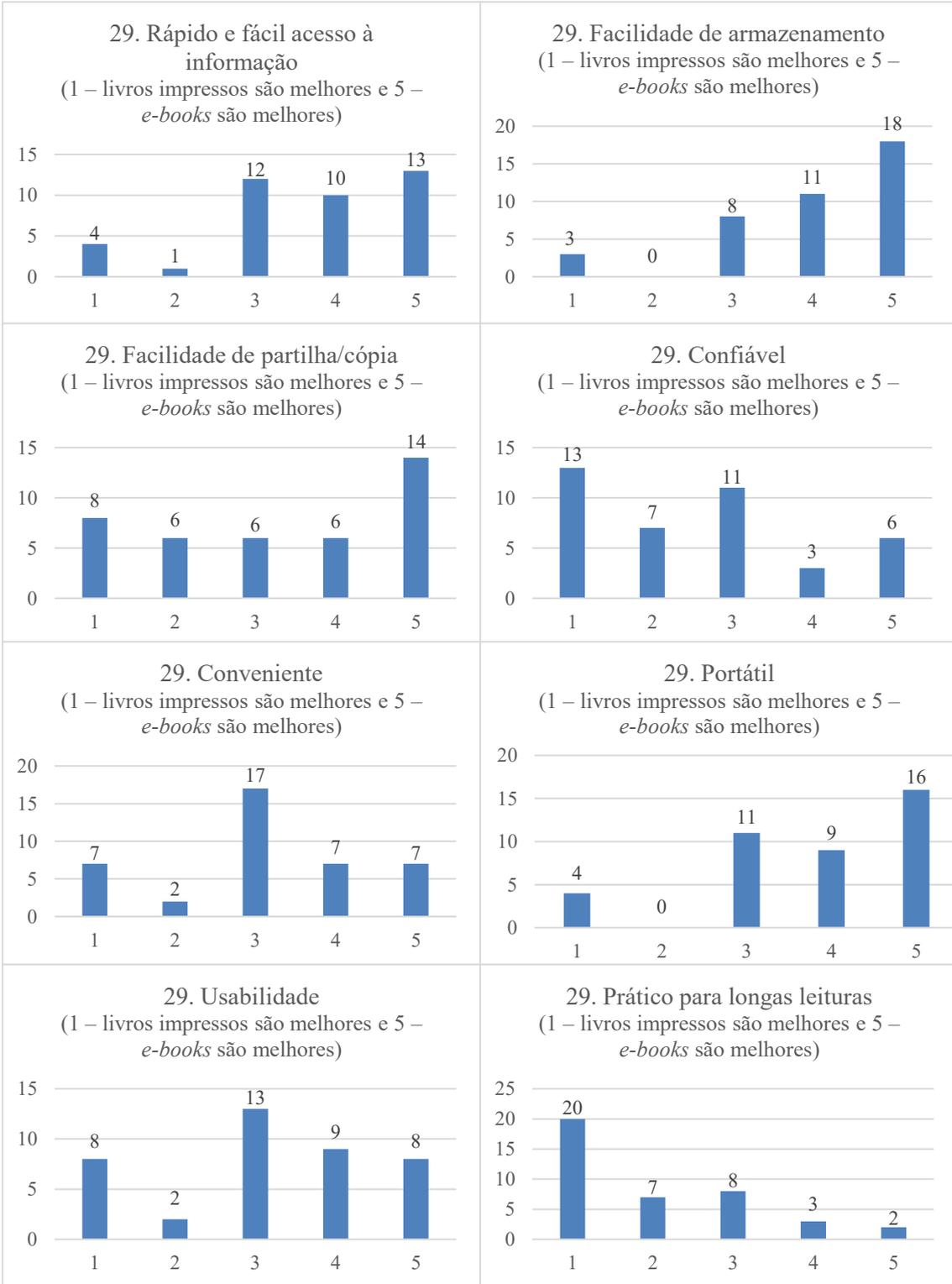


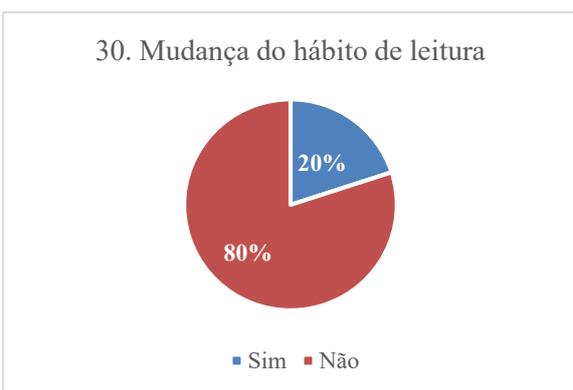
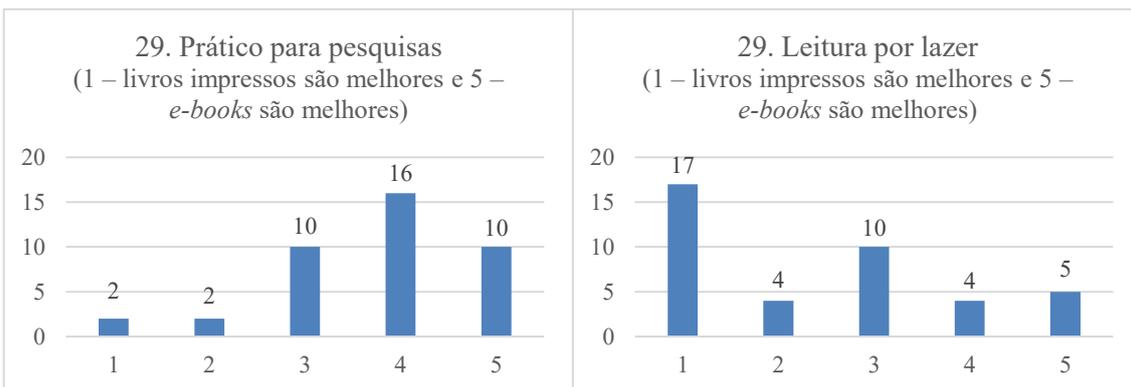
25. Outro: Se não tiver o livro que quero na net, compro fisicamente. Prefiro livro impresso, mas ficaria mais caro, pois leio muito (1).



27. Outro: o livro dá sono para depois ir dormir, no ecrã fica-se desperto (1).





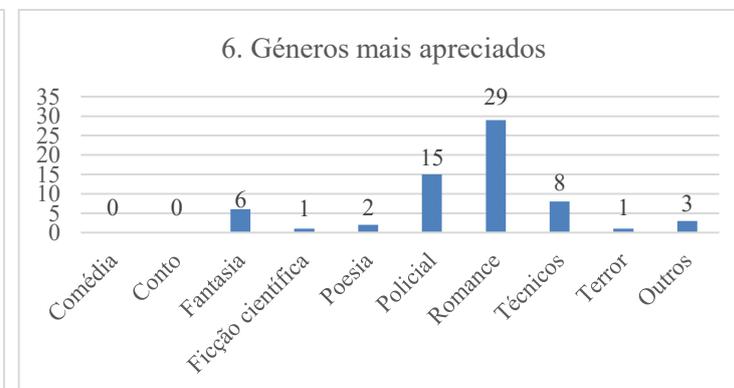
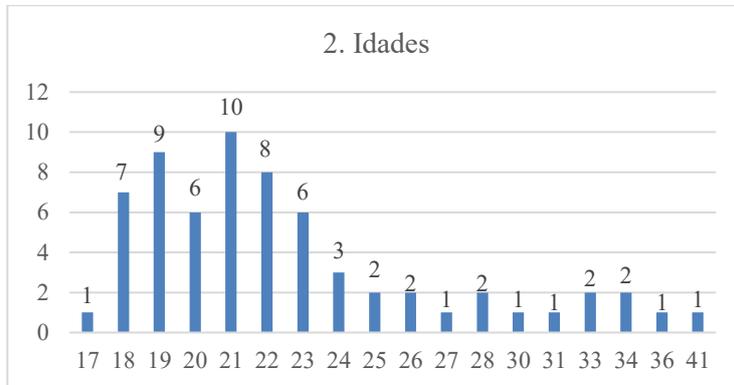
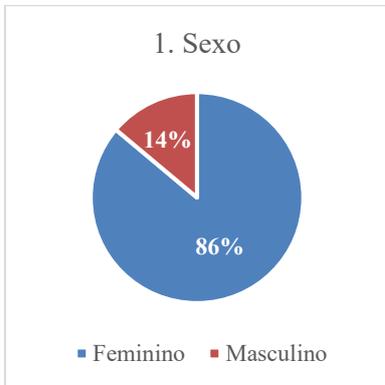


31. Porquê?

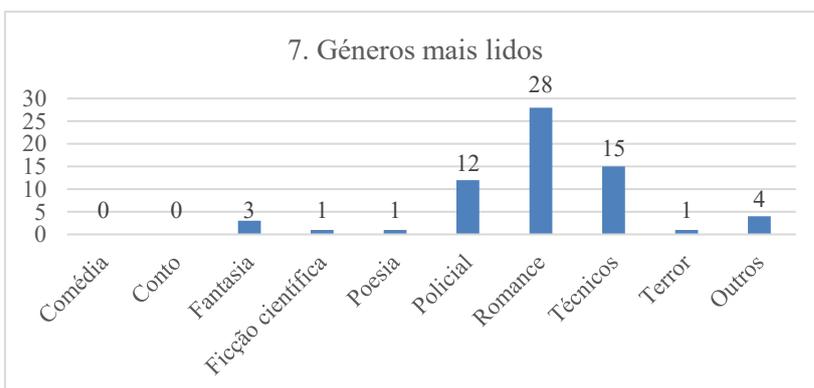
Sim | Posso ler a qualquer momento sem pesos (1); Disponibilidade em qualquer lugar desde que tenha um computador (1); Leio durante mais tempo seguido pois costumo ler à noite e depois ir dormir mas no ecrã não ganho sono por causa da luz direta nos olhos (1); Tenho acesso a mais livros (1); Praticidade (1); Já não necessito de imprimir tantos artigos (1); Mais diversidade de conteúdos (1); Porque lia para ganhar sono mas ao ler no telemóvel não ganho sono... então leio mais horas (1).

Não | Não leio/utilizo/gosto de *e-books* (16); Prefiro livros impressos (5); Continuo a ler com a mesma frequência/mantenho os mesmos hábitos (4); Não gosto de ler (6); Os meus hábitos de leitura resumem-se aos livros de papel, mas claro, em termos de estudo para a Universidade, utilizo muito o *tablet* (1).

Apêndice H – Respostas FDUP

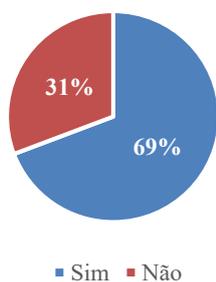


6. Outros: Drama (1); Ficção Histórica (1); Desenvolvimento Pessoal (1).

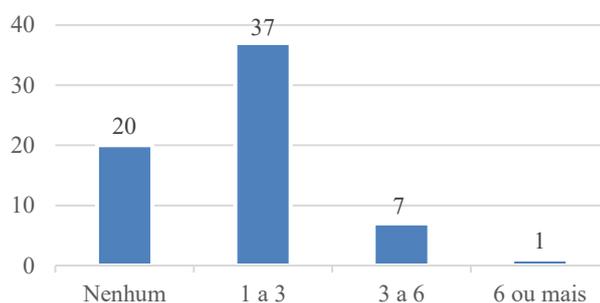


7. Outros:
Drama (1);
Desenvolvimento
pessoal (2);
Ficção histórica (1).

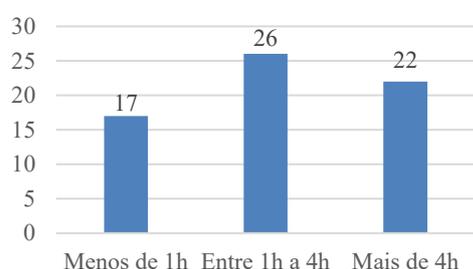
8. Encontram-se a ler um livro



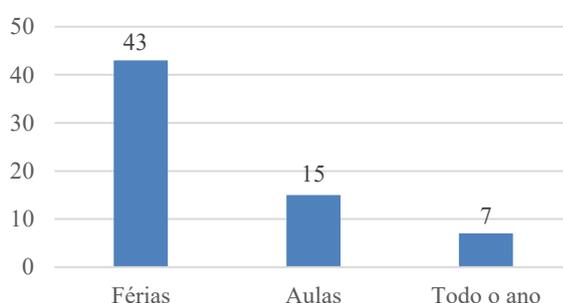
9. Livros lidos no último mês



10. Tempo médio de leitura por semana



11. Altura do ano em que mais lê



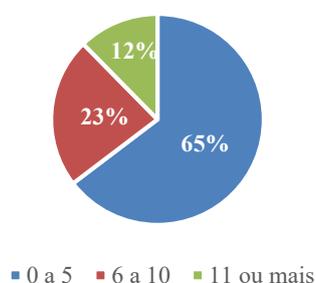
12. Porquê?

Férias | mais tempo livre (42); leio por prazer e não por obrigação às aulas (1)

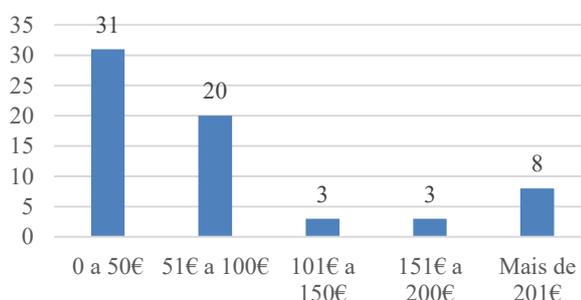
Aulas | para estudo e trabalhos académicos (10), descansar a cabeça/relaxar das aulas (2), aprofundamento de matérias relativamente a livros técnicos (1); leitura de bibliografia apropriada para o estudo e leitura recreativa para desanuviar (2)

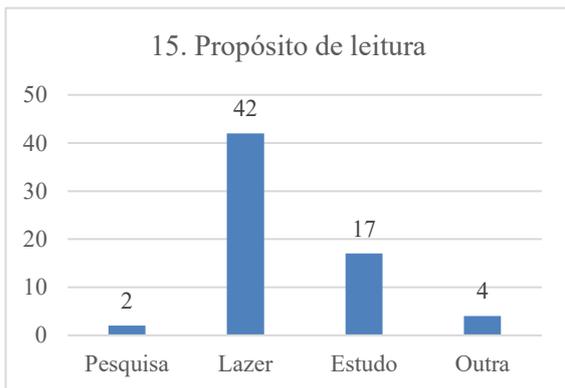
Todo o ano | se tiver em período de aulas leio artigos científicos e livros relativos à matéria em estudo. em tempo de verão leio livros de ficção (1); desanuviar do stress (1); leio todos os dias, é uma atividade que gosto (1); porque é um hábito (1); A vontade de ler vem por ondas. Uns dias devoramos um livro noutros lemos duas páginas no máximo (1); leio antes de dormir (1); sempre lia antes de dormir, atualmente leio nos fins de semana e feriados (1).

13. Livros comprados por ano

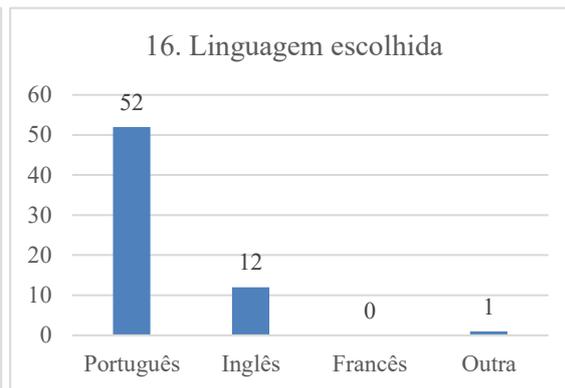


14. Gasto em livros por ano

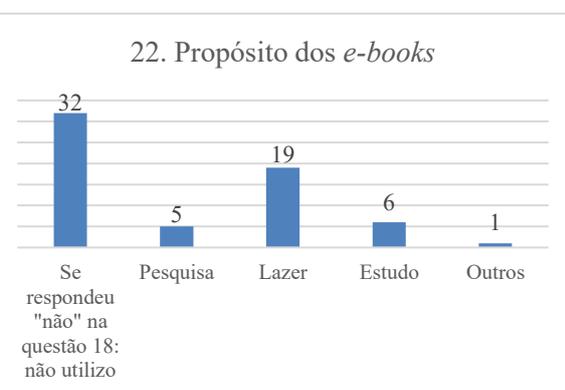
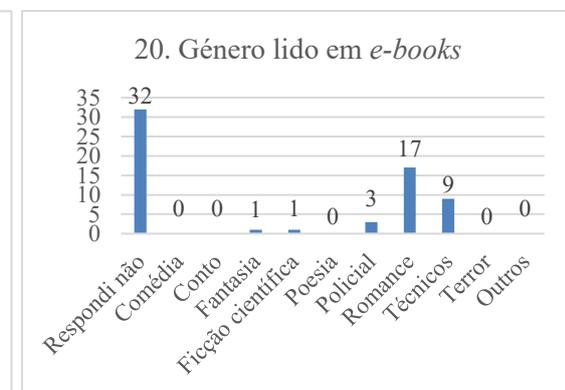
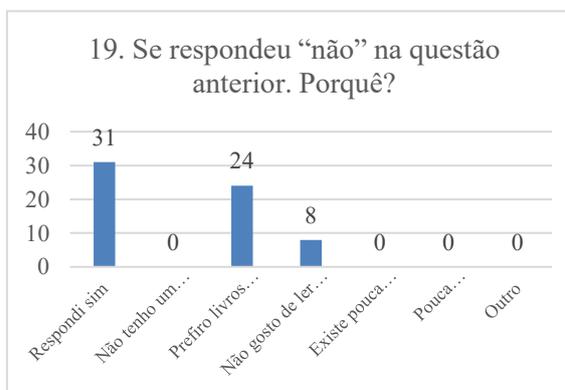
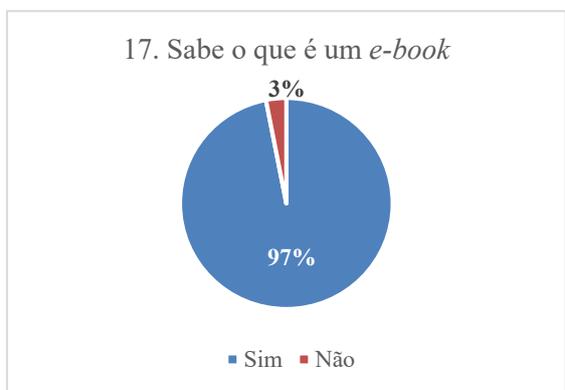




15. Outra: Lazer e estudo (2); Todas as opções (1); Desenvolvimento pessoal (1).

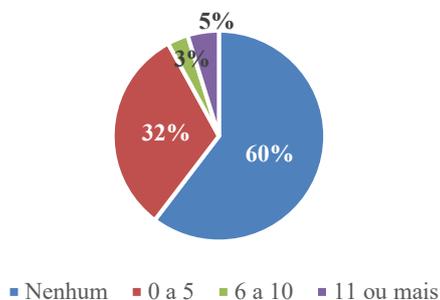


16. Outra: Português, inglês e espanhol (1).

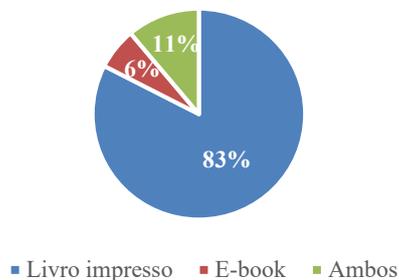


22. Outros: Desenvolvimento Pessoal (1).

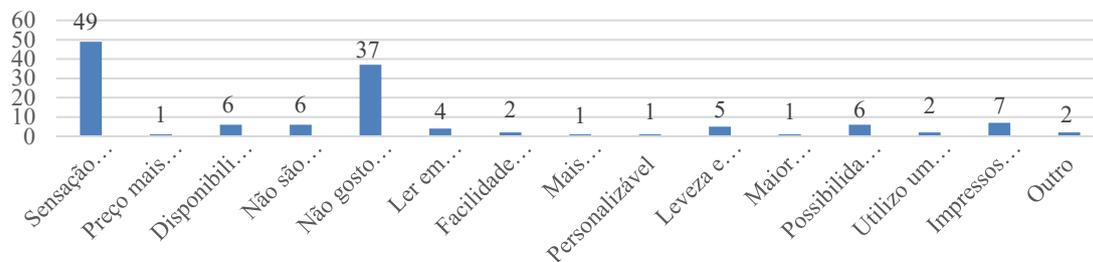
23. E-books lidos no último ano



24. Formato de leitura mais utilizado

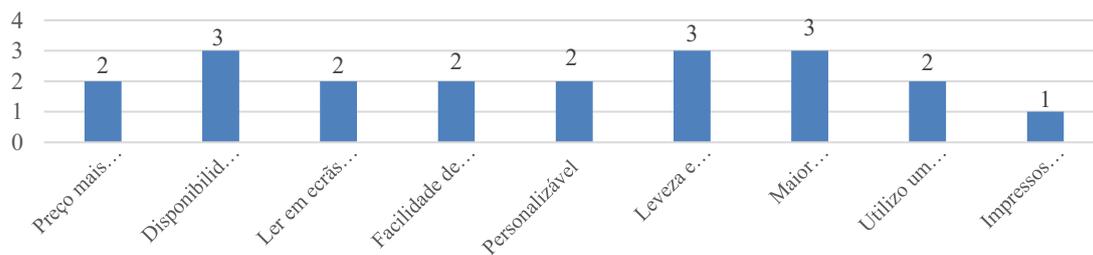


25. Porquê?
Dos que preferem livros impressos

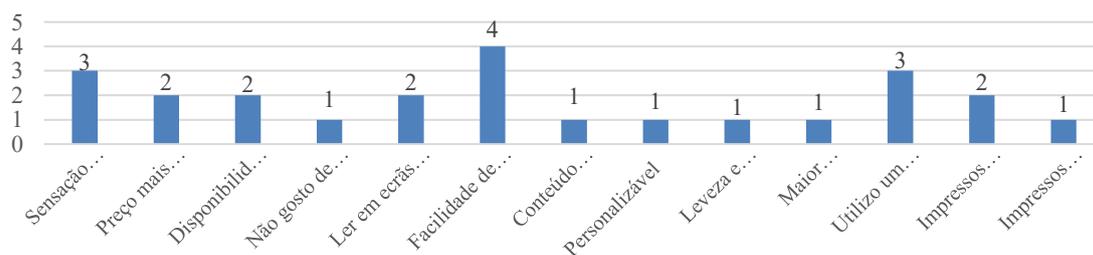


25. Outro: Para poder sublinhar enquanto estudo (1); Livro impresso é mais pessoal (1).

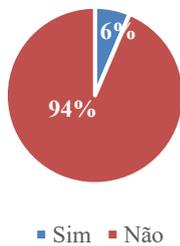
25. Porquê?
Dos que preferem e-books



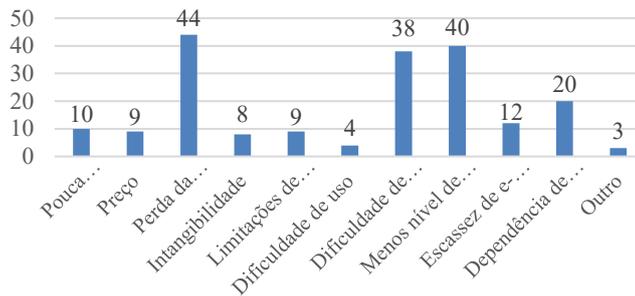
25. Porquê?
Dos que preferem ambos



26. Substituir impresso por *e-book*

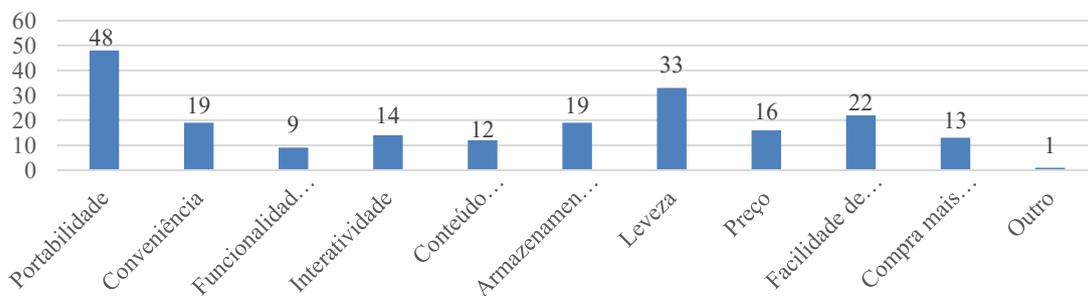


27. Desvantagens dos *e-books*



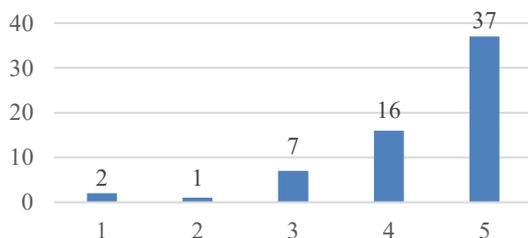
27. Outro: Apenas não gosto (1); o manejo das páginas no livro físico é mais simples (1); Se ficares sem bateria no dispositivo, ficas sem o livro disponível para ler naquela determinada altura (1).

28. Vantagens dos *e-books*

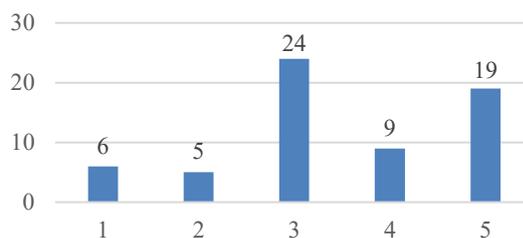


28. Outro: Menos gasto de papel (1).

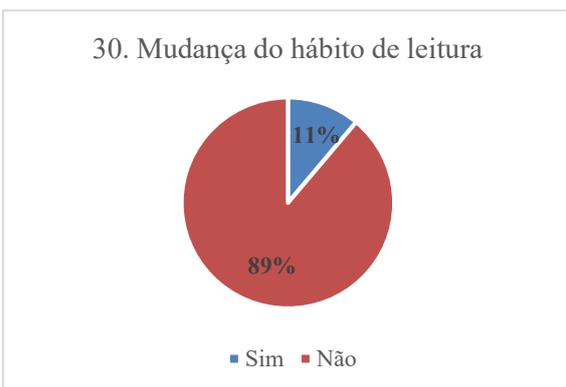
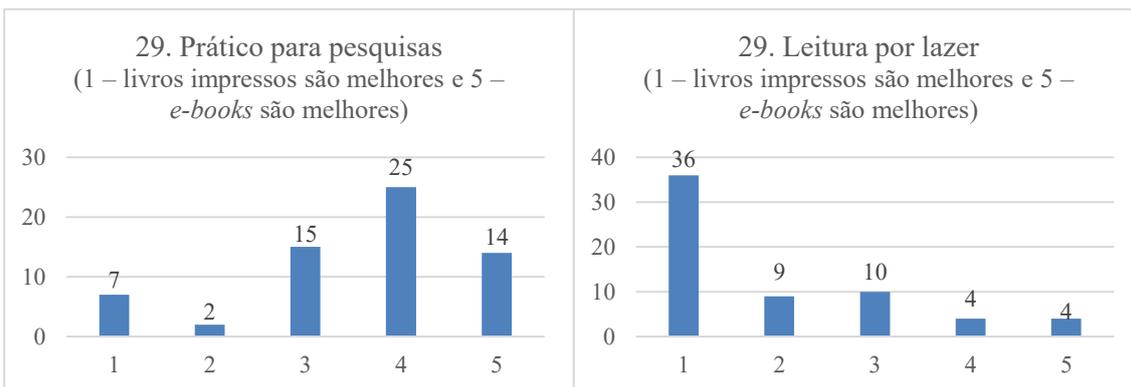
29. Ecológico
(1 – livros impressos são melhores e 5 – *e-books* são melhores)



29. Acessibilidade em qualquer lado
(1 – livros impressos são melhores e 5 – *e-books* são melhores)





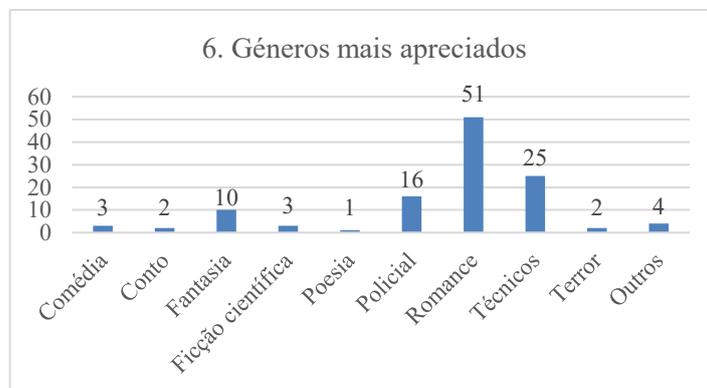
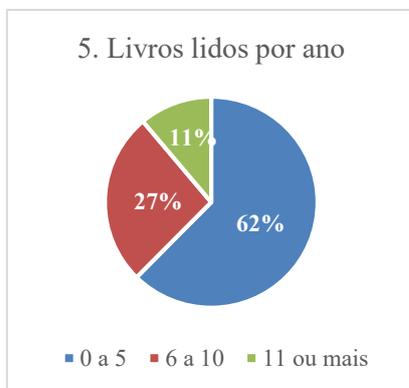
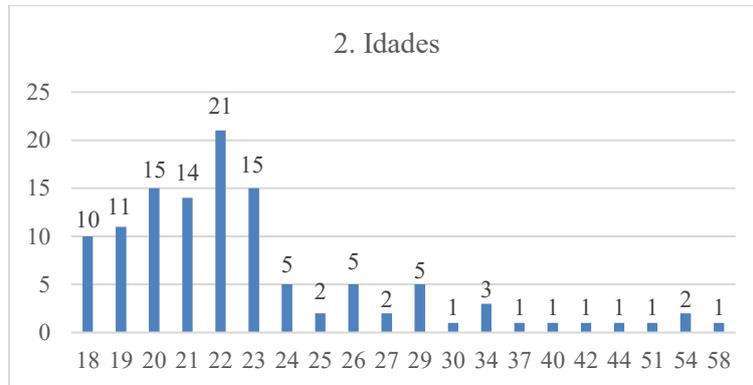
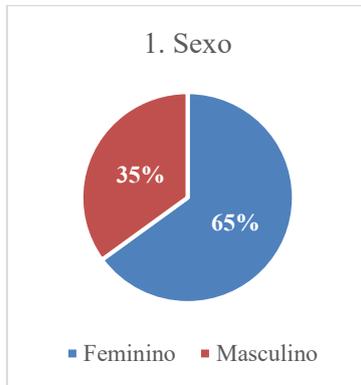


31. Porquê?

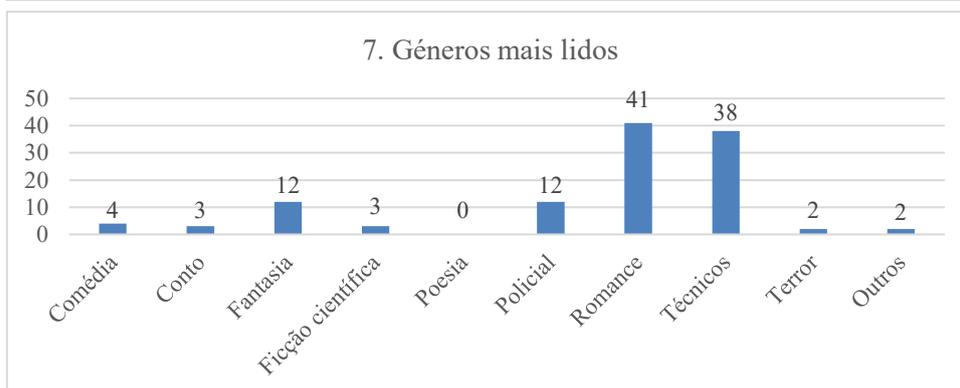
Sim | Maior facilidade de acesso a informação (1); Comecei a ler mais pela facilidade de aquisição de títulos e variedade incrível que a loja da Amazon possui (1); Maior diversidade de títulos disponíveis (1); Mobilidade, gosto de ler vários livros ao mesmo tempo e posso sempre tê-los a mão com o e-reader, além disso posso ler também no meu telemóvel e portátil (1); Pela facilidade de ter o aparelho sempre disponível, passei a ler mais (1); Leio mais romances (1); O preço é muito mais acessível e, portanto, comecei a desenvolver um hábito de leitura mais frequente. Além disso, posso ler trabalhos gratuitos de autores amadores online em formato epub (1).

Não | Não leio/utilizo/gosto de e-books (30); Prefiro livros impressos (16); Continuo a ler com a mesma frequência/mantenho os mesmos hábitos (7); Só leio quando necessário (1); Devido ao preço dos e-readers (1); Já tentei efetuar leitura por e-books mas a desconcentração ocorre mais facilmente (1).

Apêndice I – Respostas da FEP

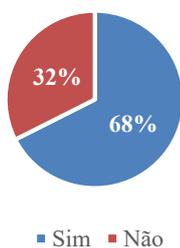


6. Outros: Histórias verídicas (1); Especulação (1); Distopias (1); Atualidade política/histórica (1).

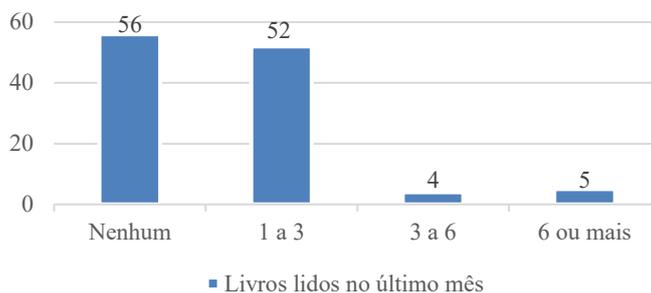


7.Outros: História (1); Política (1).

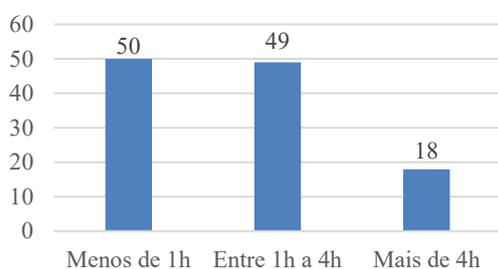
8. Encontram-se a ler um livro



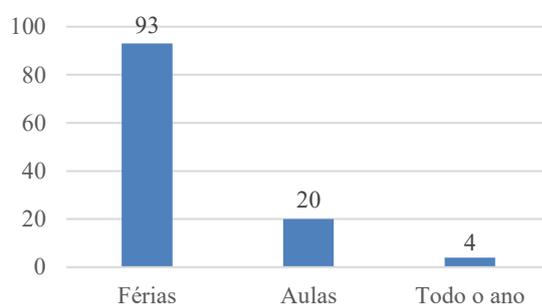
9. Livros lidos no último mês



10. Tempo médio de leitura por semana



11. Altura do ano em que mais lê



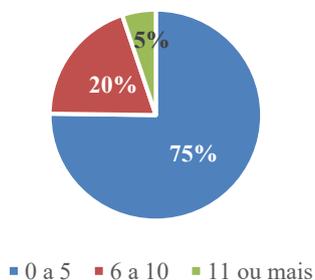
12. Porquê?

Férias | mais tempo livre (86); período de menos cansaço (6); desocupação (1).

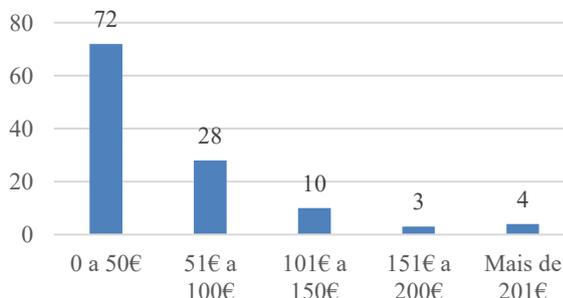
Aulas | para estudo e trabalhos académicos (11), mais tempo em transportes públicos (1), descansar a cabeça/relaxar das aulas (5), ocupa as férias com outros hobbies (1); obrigação (1); entre os intervalos das aulas (1).

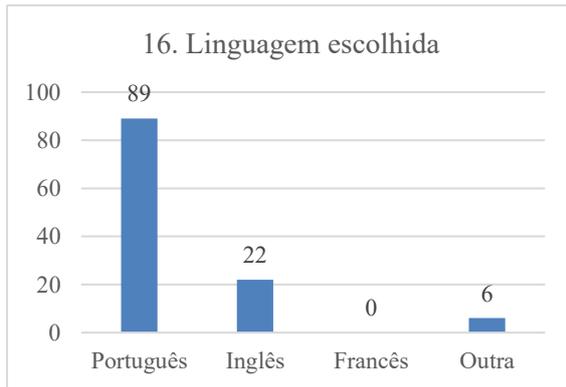
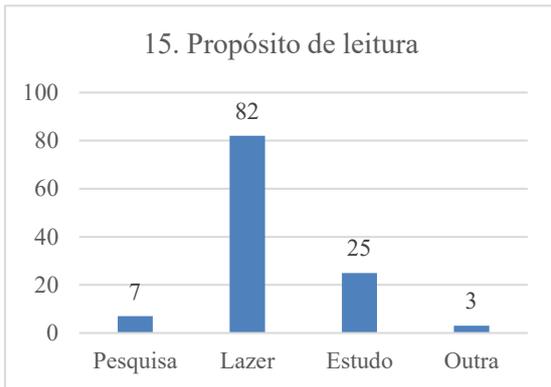
Todo o ano | gosto de ler com regularidade (1); Durante as férias e fins de semana em períodos fora de picos de trabalho (1); Leio antes de deitar logo já meio rotina (1); Escolho ler num período (antes de adormecer) que se mantém inocupado durante todo o ano. (1)

13. Livros comprados por ano



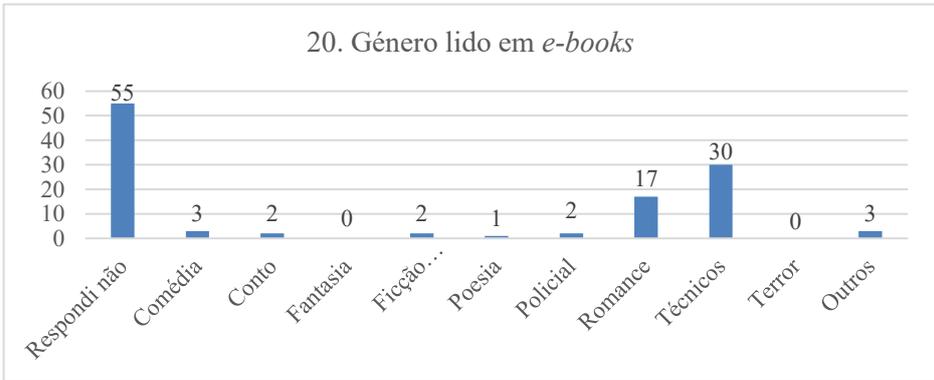
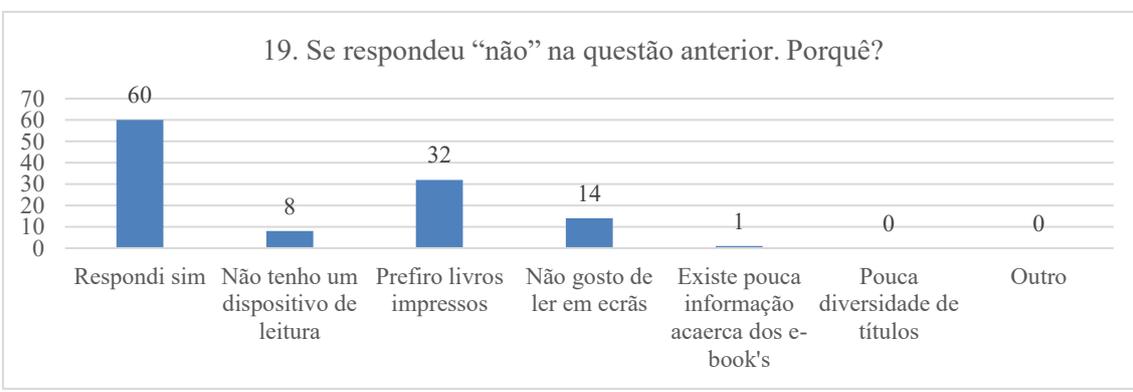
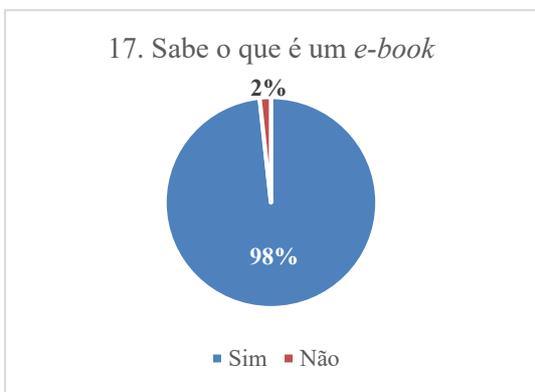
14. Gasto em livros por ano



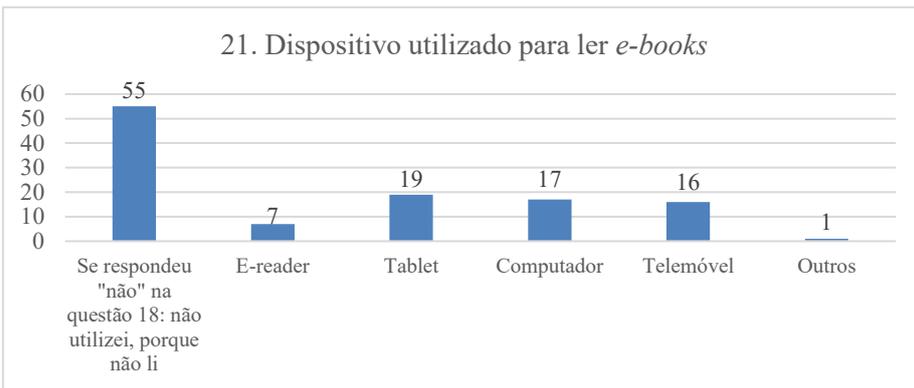


15. Outra: todos os anteriores (2); ler para as minhas filhas (1).

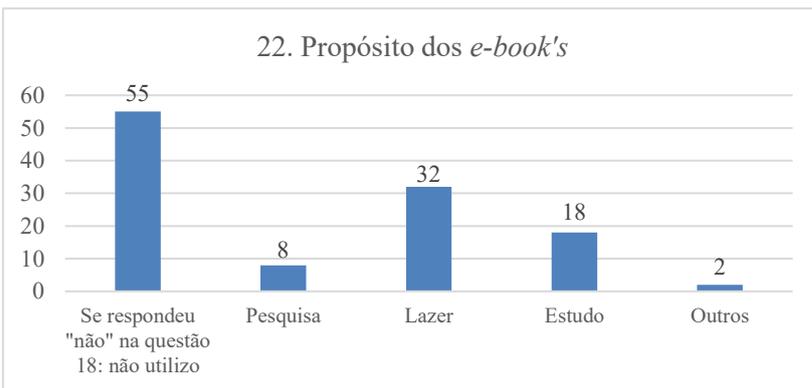
16. Outra: português e inglês (4); português, inglês e francês (1); português, inglês, francês e espanhol (1).



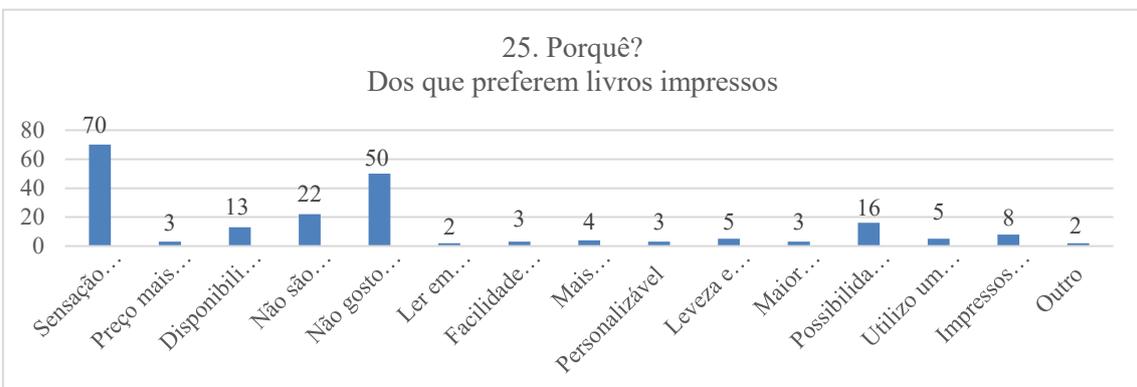
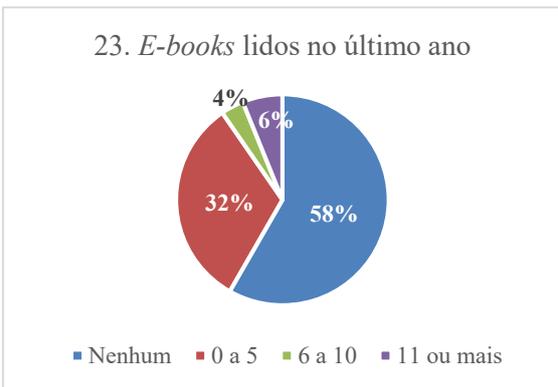
20. Outra: Manga (1); Infantil (1); Viagens (1).



21. Outros: Tablet e computador (1).



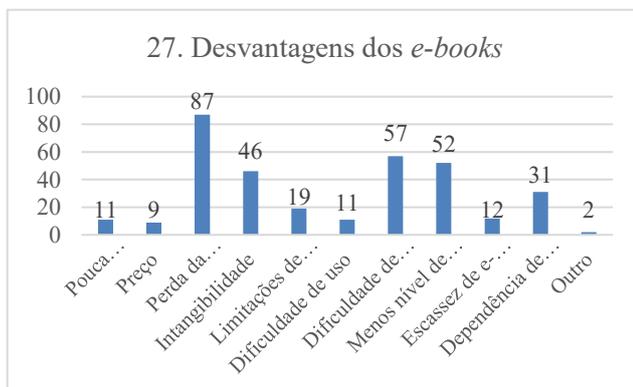
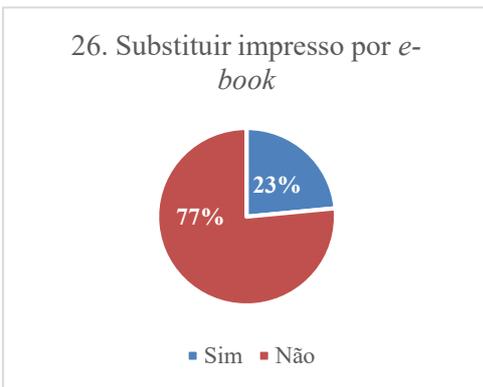
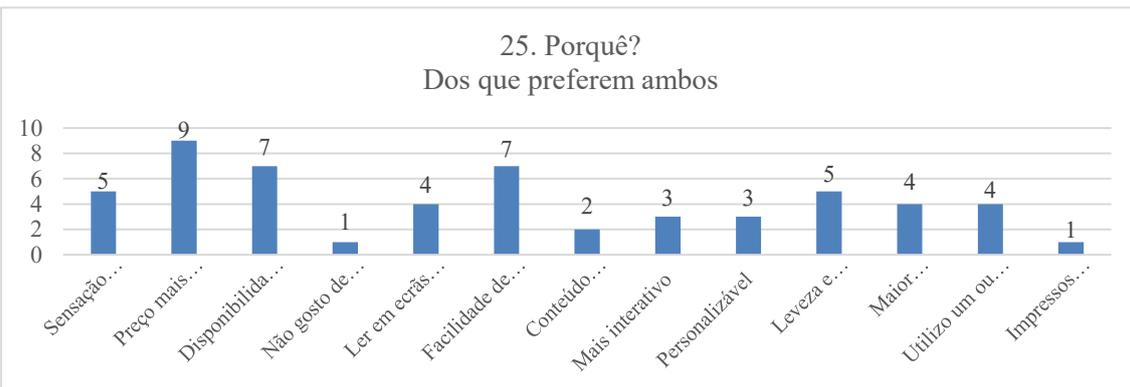
22. Outros: Lazer de outros, nomeadamente crianças (1); É mais barato (1).



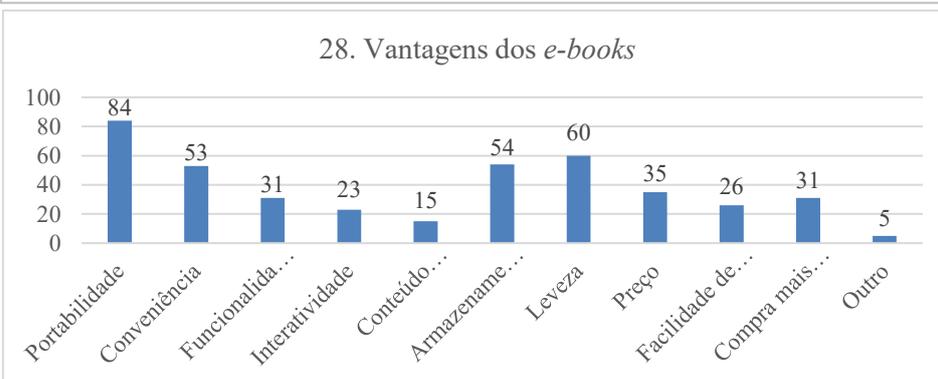
25. Outros: Livros requisitados na biblioteca (1); Impressos para livros mais técnicos (1).



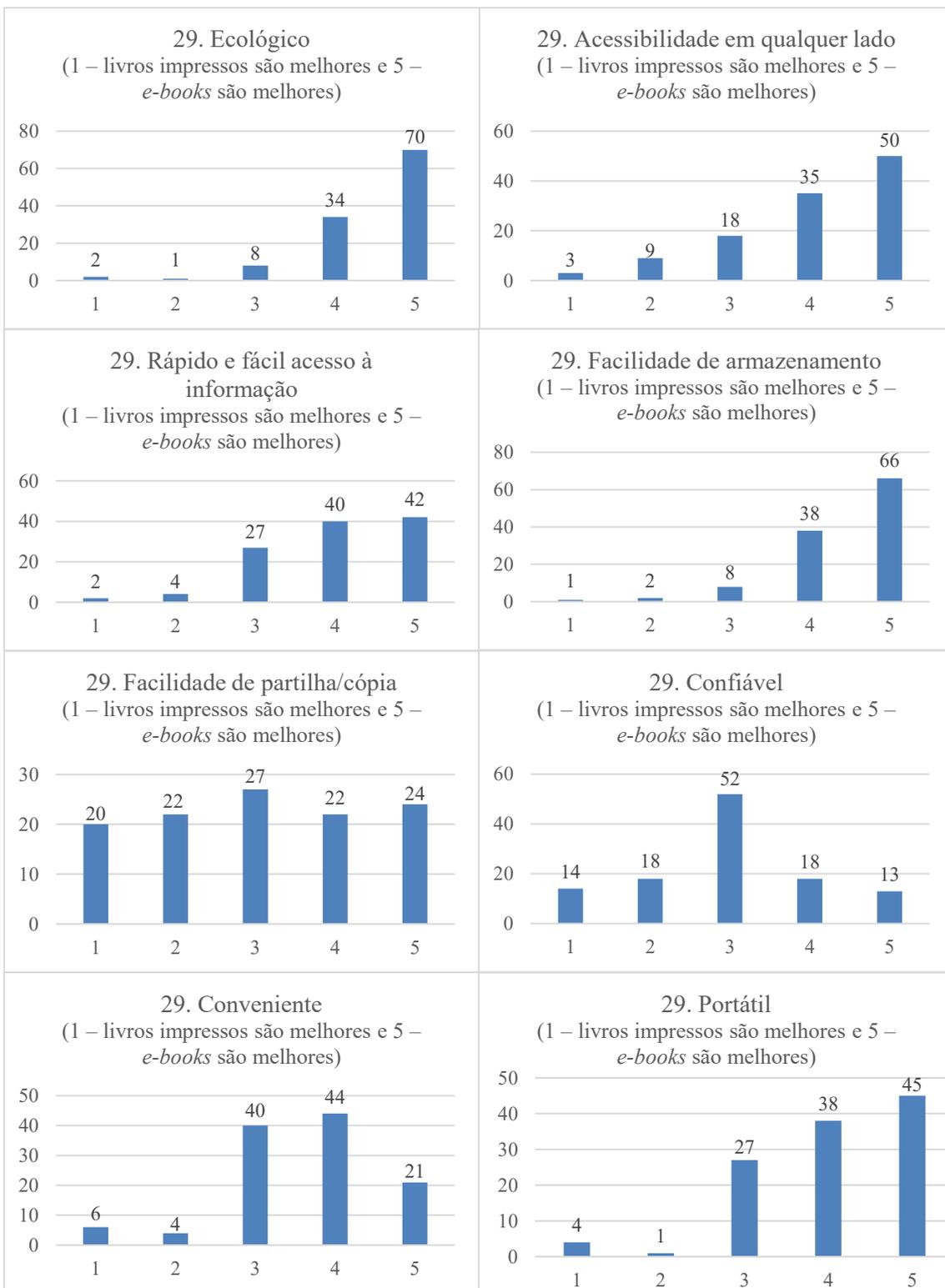
25. Outros: Poupar papel (1).

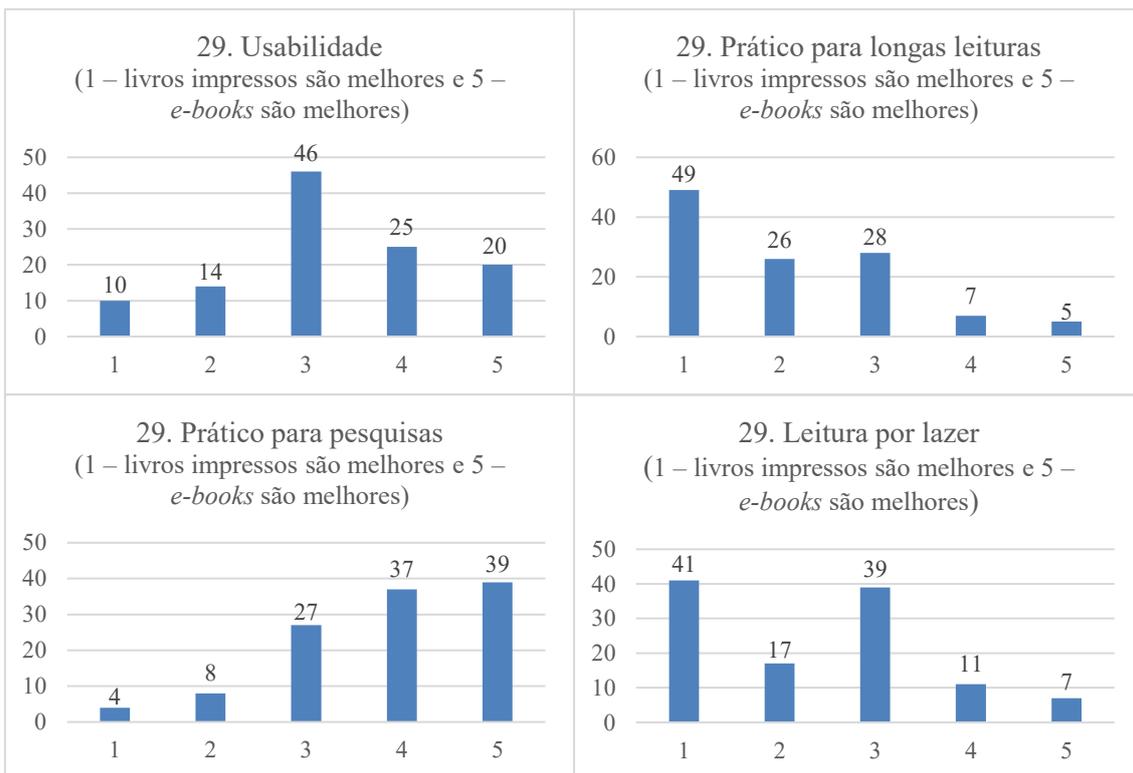


27. Outro: alguns livros foram concebidos para papel (estou a pensar num género que "consumo" muito, o livro infantil). Há livros que é impossível passar para a versão electrónica (1); nenhuma (1).

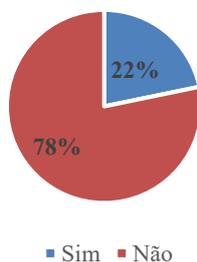


28. Outro: proteção do ambiente, sustentável e ecológico (5)





30. Mudança do hábito de leitura



31. Porquê?

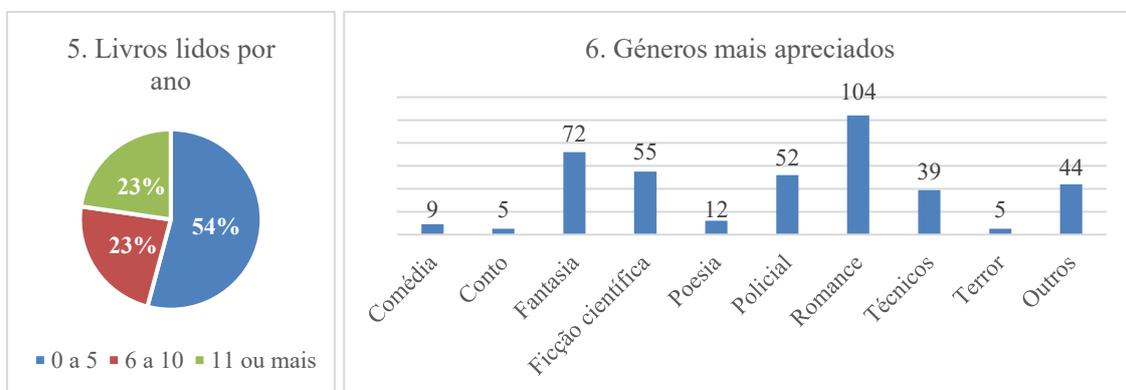
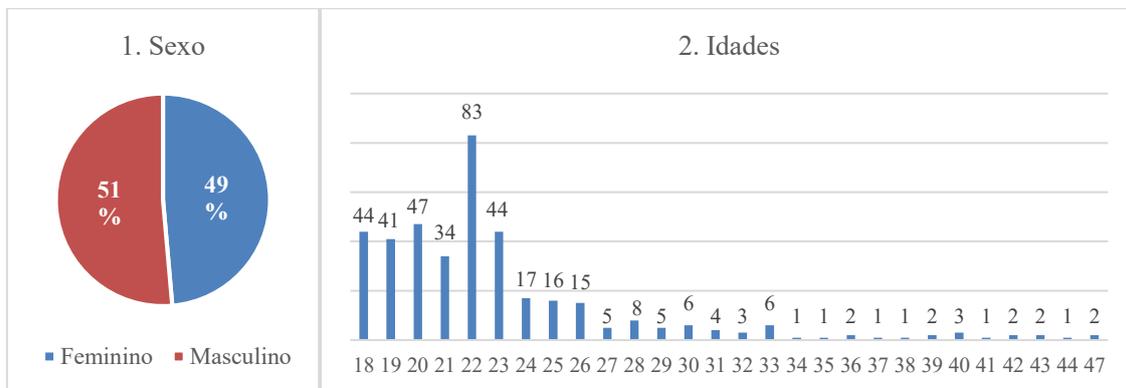
Sim | Facilitou-me (1); Devido ao acesso em todo o lado a qualquer momento (1); Aumentou a minha leitura por ser mais fácil de carregar para todos os lugares (1); Passei a ler mais (5); Alargou a quantidade de livros disponíveis (1); Devido à facilidade que tenho em aceder à informação (1); Tenho acesso a mais livros (1); Pela conveniência se lê mais (1); Mais interatividade com os livros (1);

31. Porquê? (continuação)

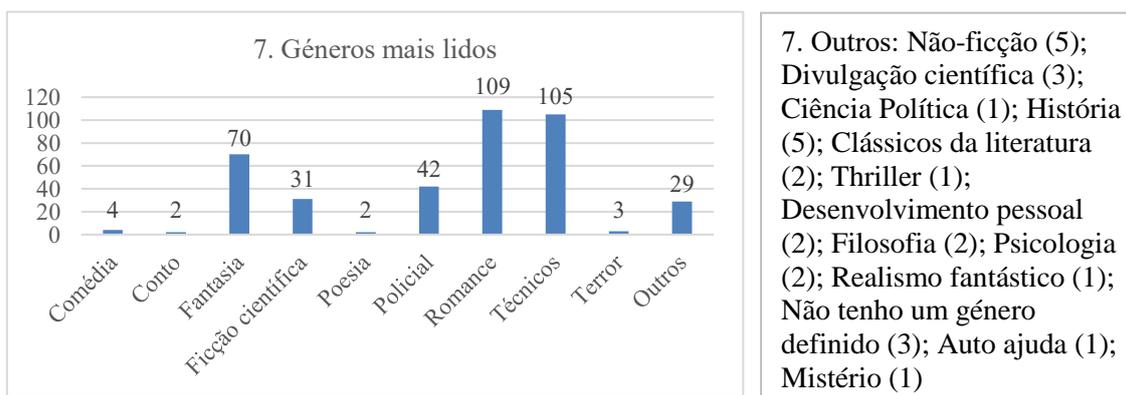
Sim | Mais conveniente (1); Maior disponibilidade de títulos resulta em maior vontade de ler (1); É mais conveniente, tenho sempre um livro comigo e é mais barato (1); Leio mais pela facilidade e portabilidade (1); Comecei a aproveitar viagens para ler (1); Torna-se mais acessível e dispensa desculpas para não ler (1); Posso ler mais vezes (1); Não preciso planejar quando vou ler. Os livros estão sempre comigo no meu telemóvel (1); Permite ler um maior número de conteúdos (1); Acesso a mais tópicos; posso ler em qualquer lugar (1); Facilidade em acessar o conteúdo (1); Posso ler um e-book se me esquecer do livro físico em casa ou não o quiser levar (1).

Não | Não leio/utilizo/gosto de e-books (56); Prefiro livros impressos (15); Continuo a ler com a mesma frequência/mantenho os mesmos hábitos (12); Tenho por costume ler apenas em casa, pelo que os principais benefícios dos e-books não me fazem muita diferença (1); São formatos complementares (1); Já tentei usar, mas a falta de títulos disponíveis em português, bem como o facto de não poder pedir emprestado/não me poderem oferecer, para além da compra do dispositivo, não me agradou (1); Porque me incomoda ler durante muito tempo num ecrã (1); Não, porque a maioria dos livros que leio por lazer são em formato físico. Só leio e-books técnicos, ou seja, relacionados com a minha área de formação para me manter a par da evolução das temáticas. Geralmente são pequenos, muito práticos e com pouco texto e muitas infografias/exemplos práticos (1); Apenas utilizo a leitura digital para bibliografia e para ler o jornal (1); Esperava menores custos para os ebooks (1).

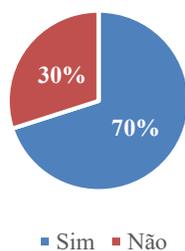
Apêndice J – Respostas da FEUP



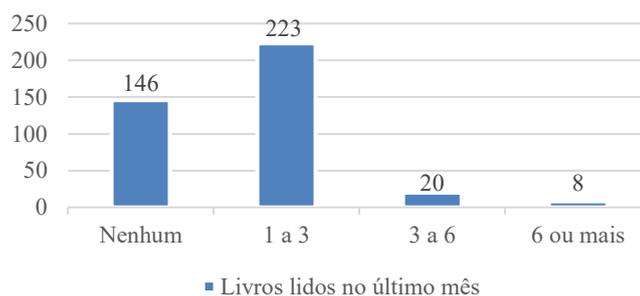
6. Outros: Não-ficção (6); Divulgação científica (4); Ciência Política (1); História (6); Clássicos da literatura (3); Thriller (1); Desenvolvimento pessoal (4); Biografias (4); Filosofia (3); Psicologia (2); Realismo fantástico (1); Não tenho um género definido (3); Young fiction (1); Arte (2); Banda desenhada (1); Auto ajuda (1); Mistério (1).



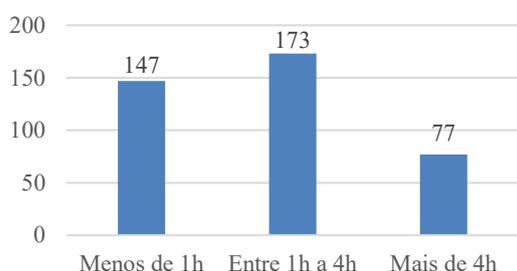
8. Encontram-se a ler um livro



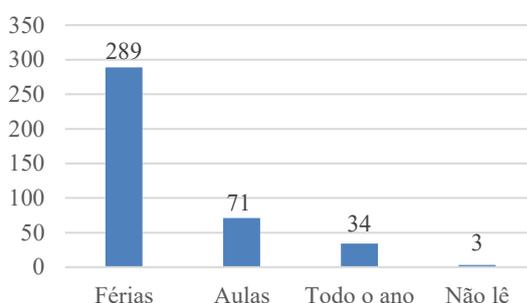
9. Livros lidos no último mês



10. Tempo médio de leitura por semana



11. Altura do ano em que mais lê



12. Porquê?

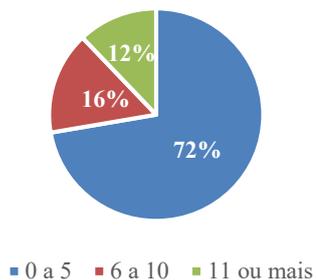
Férias | mais tempo livre (280); por lazer (7); para novo vocabulário (1); Gosto mais de ler à noite e nas férias posso ficar até tarde da noite a ler sem prejudicar minha produtividade no dia seguinte (1).

Aulas | para estudo e trabalhos académicos (24); mais tempo em transportes públicos (25); descansar a cabeça/relaxar das aulas (8); ocupa as férias com outros hobbies (5); interesse em ter mais informação acerca dos assuntos que me são importantes (1); Porque leio no sentido de apoiar a minha formação (6); Rotina (1); Motivação (1).

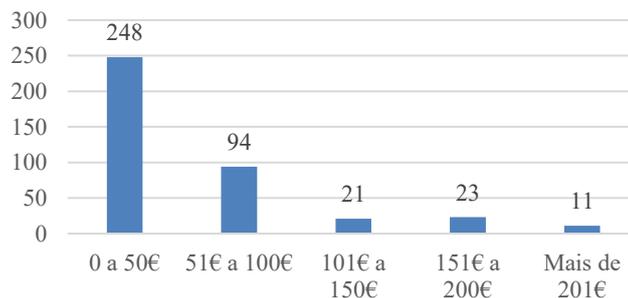
Todo o ano | Literatura científica em período de aulas. Recreativa nas férias de verão (6); Em tempo de aulas normalmente leio nas viagens de comboio, em tempo de férias acabo por despender mais ou menos o mesmo tempo (1); No início dos semestres leio nos transportes públicos, e no verão tenho mais tempo e disponibilidade para o fazer (1); Dependendo da altura do ano faço leituras de géneros diferentes (1); Depende tanto nao leio durante um ano como leio um livro em 3 dias (1); Por norma leio antes de ir dormir (4); Gosto e necessidade (5); Durante viagens e em período noturno procuro ler livros com temas não técnicos, durante o restante do dia leio publicações técnicas (1); quando não possuo muito a fazer, leio (4); Dependendo tempo livre e vontade (1); Hábito diário (3); Leio em qualquer momento (2); Tenho sempre algum tempo para ler quando quero (1); Leio sempre aos fins de semana (2); Leio quando tenho tempo e disposição (1).

Não lê | Não gosto (2); Falta de tempo (1).

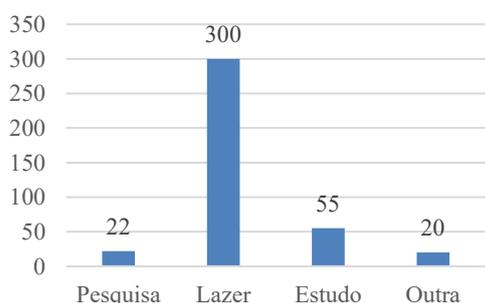
13. Livros comprados por ano



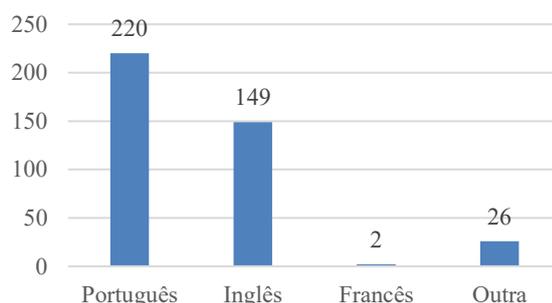
14. Gasto em livros por ano



15. Propósito de leitura



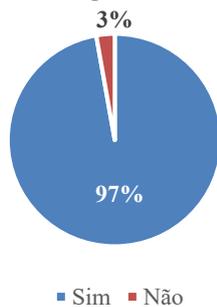
16. Linguagem escolhida



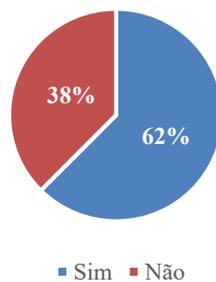
15. Outra: Estudo e lazer (6); Pesquisa e lazer (1); Lazer e desenvolvimento pessoal (1); Pesquisa e estudo (1); Todas as opções (9); Aumentar cultura geral (2).

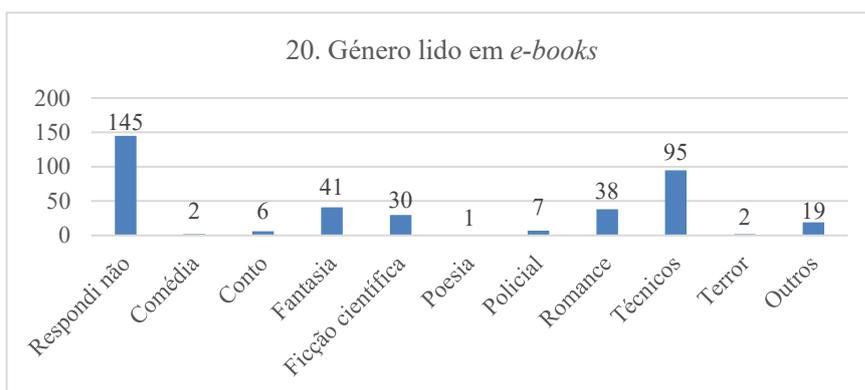
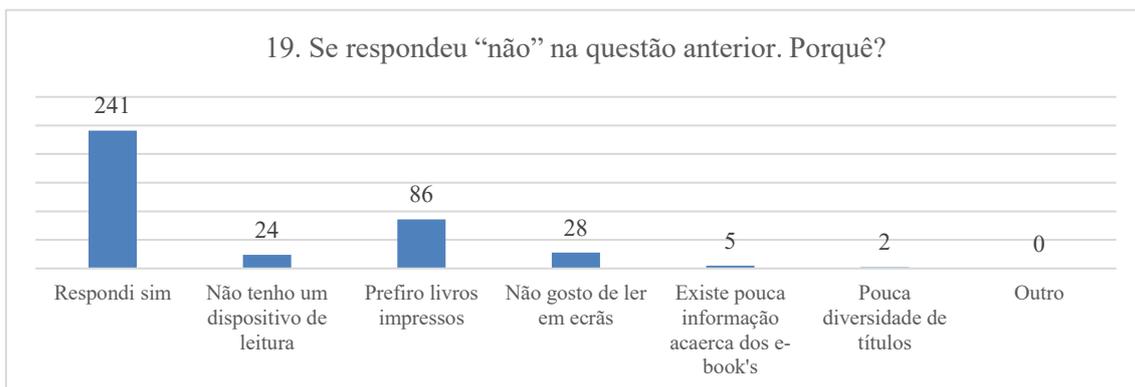
16. Outra: Português e inglês (17); Português, inglês e francês (3); Português, inglês, alemão e espanhol (1); Português, inglês e alemão (2); Inglês e espanhol (1); Português, inglês e espanhol (1); Espanhol (1).

17. Sabe o que é um *e-book*

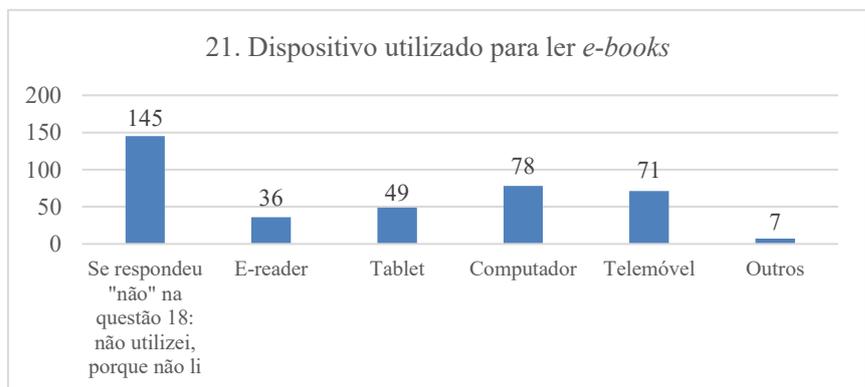


18. Já leu um *e-book*

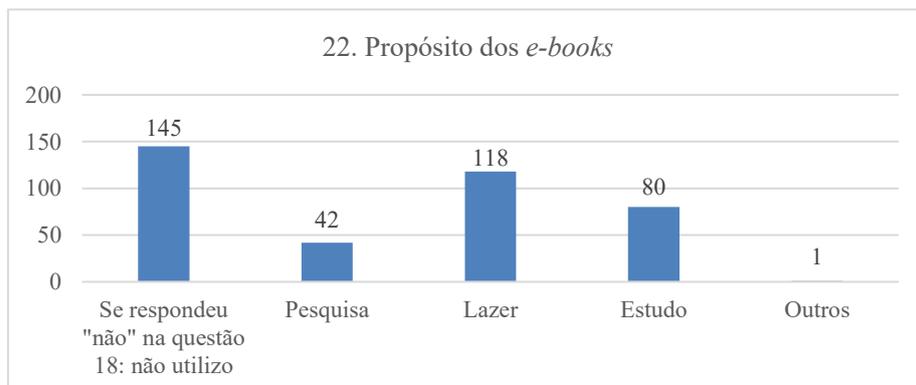




20. Outros: Não ficção (1); Vários estilos (10); Divulgação científica (1); Biografia (5); Tecnologia (1); Motivacional (1).

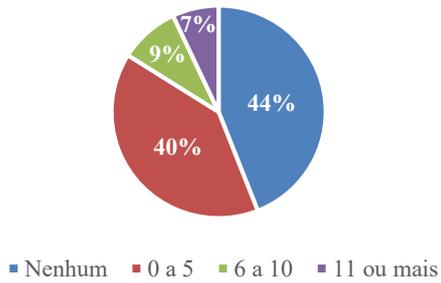


21.Outros: computador e telemóvel (2); e-reader e computador (1); tablet e computador (1); tablet, computador e telemóvel (4).

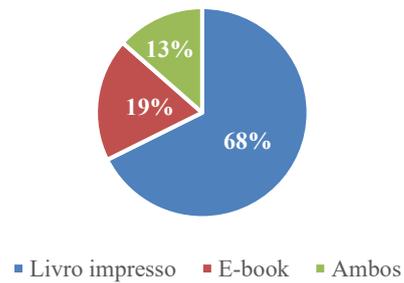


22. Outros: lazer e estudo (1).

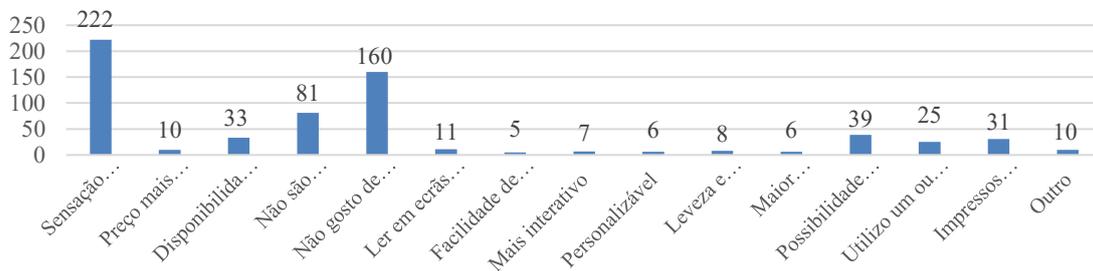
23. E-books lidos no último ano



24. Formato de leitura mais utilizado

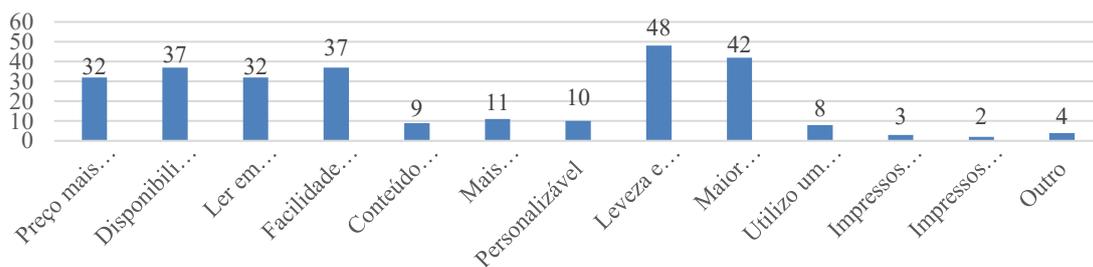


25. Porquê?
Dos que preferem livros impressos

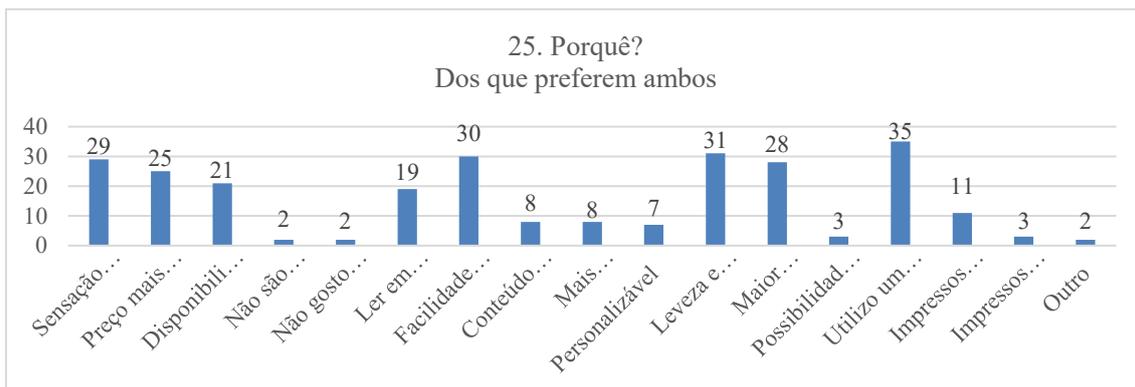


25. Outro: Um e-reader ainda implica um investimento inicial alto e ler num *tablet*/computador é incomodativo (1); Colecionismo (4); *E-books* promovem trabalho de fraca qualidade (1); Livros antigos (1); Toque e cheiro (1); Não é necessário baterias ou eletricidade (1); Mais tradicional (1).

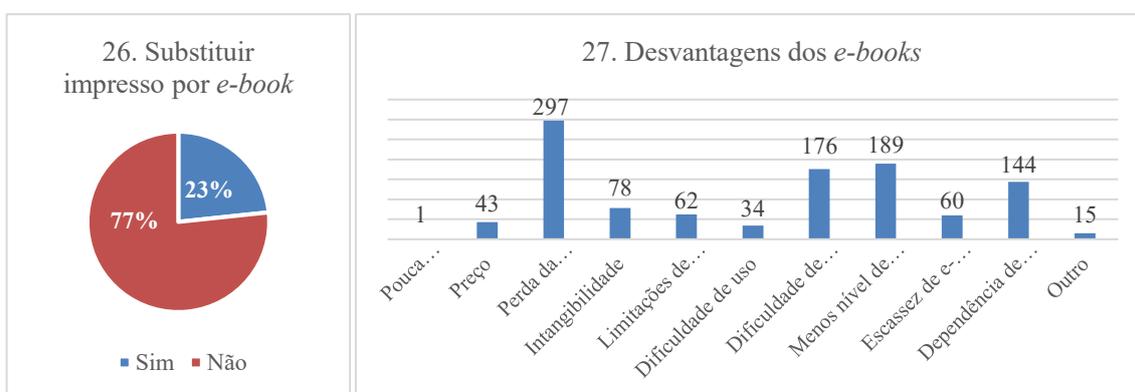
25. Porquê?
Dos que preferem *e-books*:



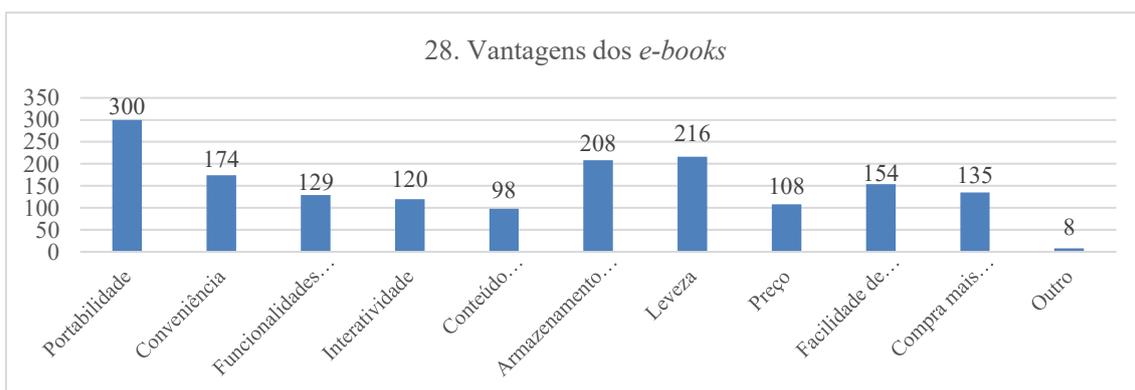
25. Outro: Acesso a qualquer livro a qualquer altura, dicionário pronto a usar num clique, menus de highlights que tornam revisão de certos tópicos muito fácil, sincronização com goodreads, brilho de ecrã caso se queira ler à noite sem incomodar outras pessoas (1); Facilidade em fazer o *download* gratuito dos *e-books* (1); Grátis (1); Ecológico (1).



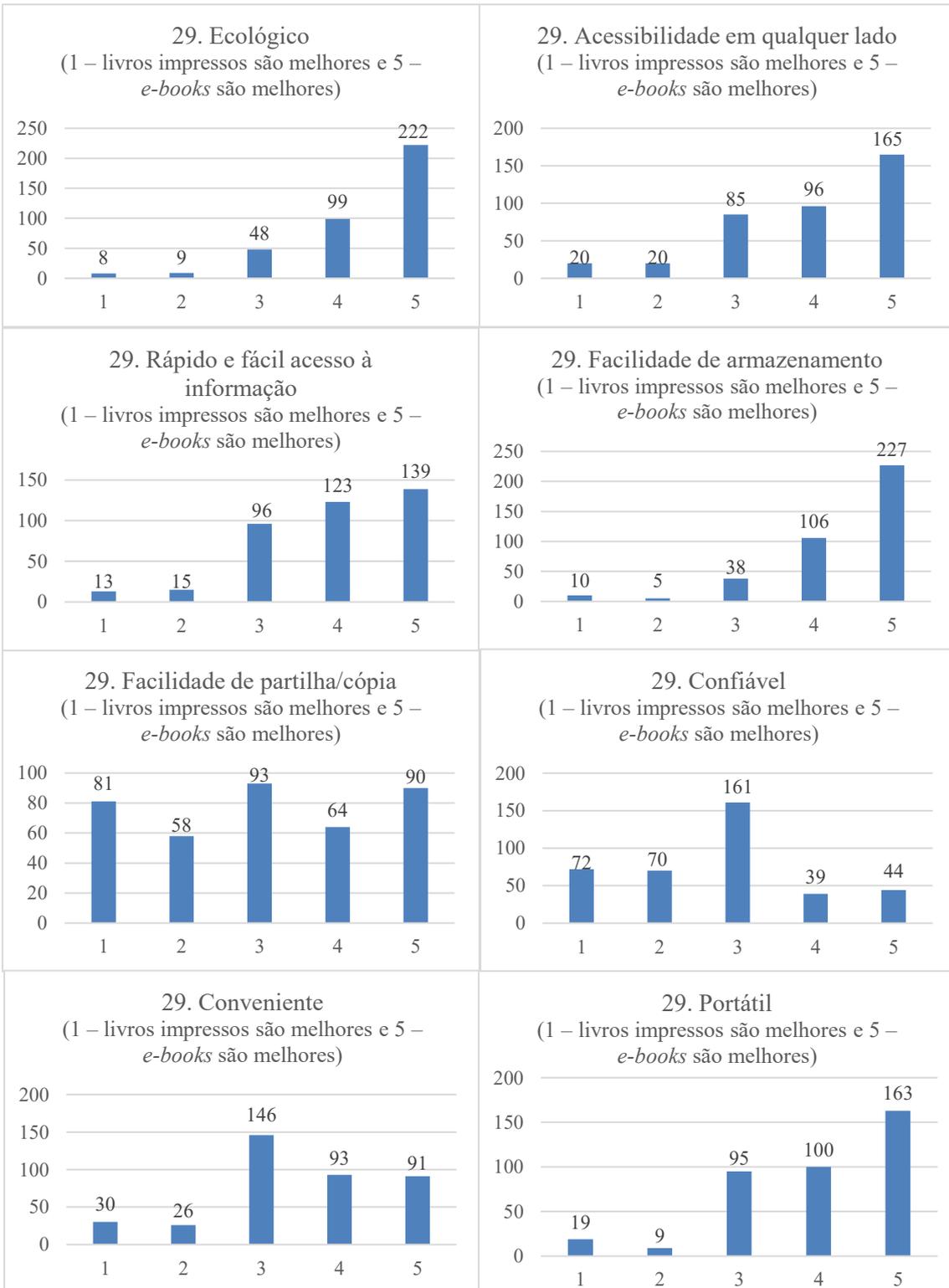
25. Outro: Impressos para ler em casa e *e-books* para transportar (1); Impresso para estudo e *e-book* para lazer (1).

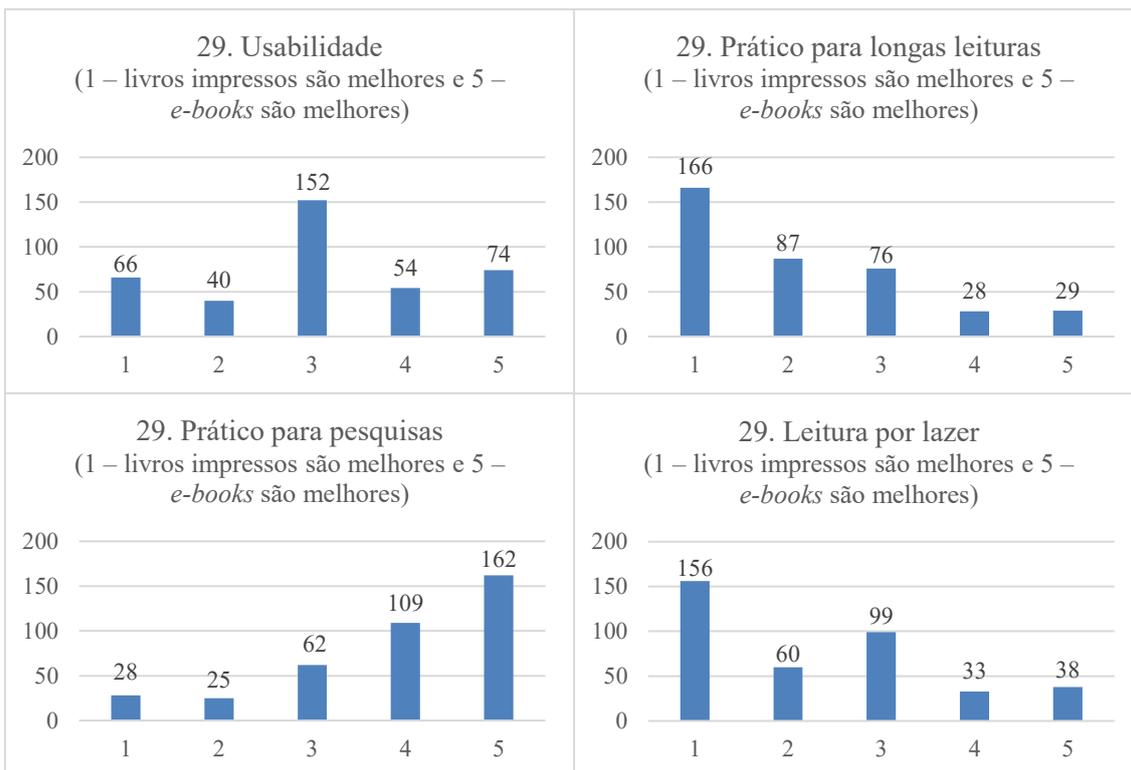


27. Outro: Monotonia de estar à frente de um ecrã (1); Necessidade de carregar a bateria (3); Cansaço visual (3); Pouca disponibilidade e variedade de *e-readers* em Portugal (1); Nenhuma (4); é eletrónico (1); Deixa de ser um livro e passa a ser mais um documento digital como tantos outros (1); Estética da estante de livros e sensação de posse material (1).

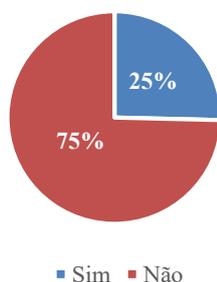


28. Outro: Sustentabilidade/Ecológico (4); Acesso a qualquer livro a qualquer altura, dicionário pronto a usar num clique, menus de highlights que tornam revisão de certos tópicos muito fácil, sincronização com goodreads, brilho de ecrã caso se queira ler à noite sem incomodar outras pessoas (1); Muitos são grátis (2); Possui luz. Pelo que permite uma leitura mais confortável na cama, além disso como normalmente leio no telemovel não é tão grande, pelo que segurá-lo não é tão trabalhoso (1).





30. Mudança do hábito de leitura



31. Porquê?

Sim | Leio mais (23); É mais fácil ler em maior quantidade (1); Facilita leitura para estudo (2); Poder escolher qualquer livro a qualquer momento. O e-reader torna a relação com o livro mais descomprometida e menos confinada a espaços como a casa, ou a escola (1); Maior conveniência (1); Acesso fácil aos conteúdos (5);

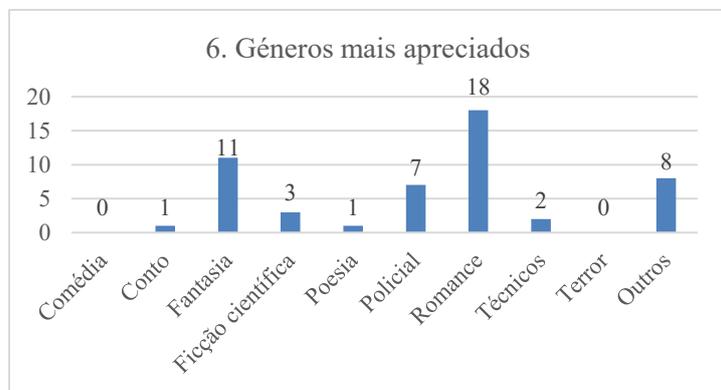
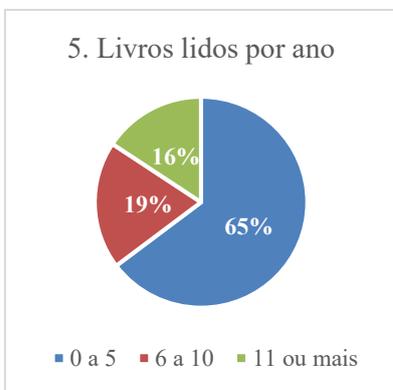
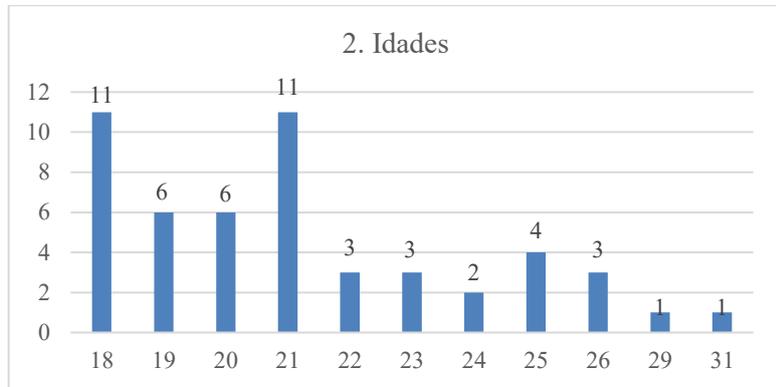
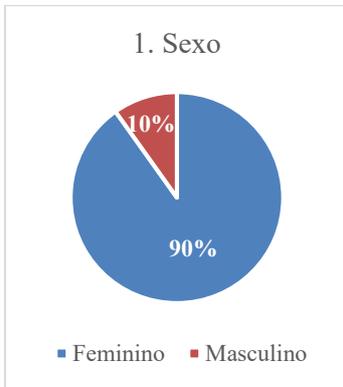
31. Porquê? (continuação)

Sim | Os dois têm valor, uso um ou outro em diferentes situações (1); Tornou mais prático a leitura em transporte de livros (5); A grande parte estão disponíveis online gratuitamente (1); Devido à facilidade de utilização em qualquer lugar incrementei o meu tempo de leitura (1); Leio mais livros difíceis de encontrar em forma física (1); Posso ter varios livros carregando algo muito leve (1); Para pesquisa posso procurar muito mais facilmente a parte que me interessa (1); Pesquisas rápidas e fáceis (7); Muitos livros em que estou interessado não se encontram disponíveis em Portugal no formato impresso. A facilidade de obter esse livro no formato de um e-book levou-me a ler mais (1); Tenho sempre um livro comigo + possibilidade de ler sem luz (1); Possibilidade de ler em mais situações (1); É mais confortável ler no ecrã do que um livro impresso (1); Porque me permitiu levar menos peso em viagens longas e assim ter entretenimento que depende menos do sítio onde estou (1); Não gasta papel (1); Praticidade (1); Não preciso de perder tempo numa livraria à procura do que quero (1);

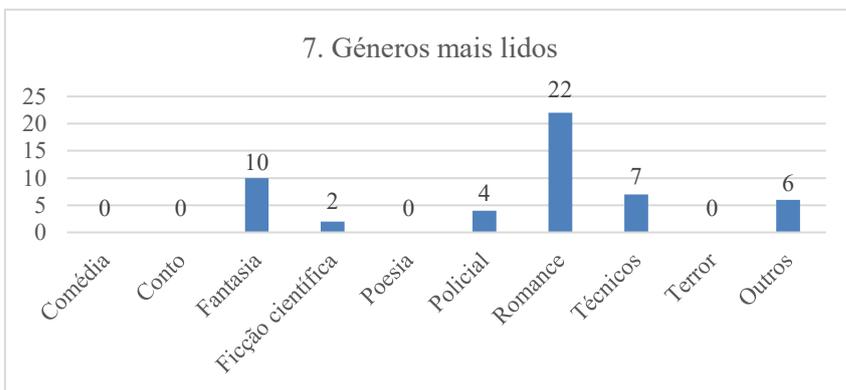
Sim | Tenho a possibilidade de ler em muitos mais sítios do que poderia ao transportar um livro impresso (1); Eu passei a ler mais e posso ler à noite, sem precisar estar com as luzes acesas porque meu ebook já vem com esse dispositivo. Também posso levar meus livros em qualquer bolsa e lê-los em qualquer lugar (1); Encontro livros com maior facilidade que podem não estar disponíveis em bibliotecas ou livrarias de imediato (1); A maior parte dos livros que já li até hoje encontram-se em formato digital. Há uma maior facilidade em aceder aos mesmos no dia a dia (por exemplo, em transportes públicos, é mais cómodo para ler durante a viagem), não preciso de me deslocar para os comprar (em alguns casos estão mesmo disponibilizados gratuitamente) e não ocupam espaço em casa (1); Como faço *download* dos livros rapidamente, experimento muitos mais títulos. Se não gostar, não me sinto culpado de ter gasto dinheiro num livro que afinal não gostei. Desta forma leio mais e melhor (1); Maior acessibilidade e diversidade de títulos, naturalmente aumentaram quantidade de leitura (1); O fácil acesso a vários títulos digitais permite que tenha acesso quase imediato à obra do escritor (1); Acesso em todo o lado a qualquer momento (1); Sinto que me motivei mais para ler devido a poder ter sempre comigo disponíveis diversos títulos bastante diferentes, nunca ficando sem o que ler (1); Fico mais desperta a ler livros no *tablet* (1); Tendo acesso a muitos mais conteúdos (1); Como os *e-books* comecei a ter vários livros em leitura ao mesmo tempo (1); Torna mais fácil ler porque adequa a luz, tipo de letra, tamanho, conforme a altura do dia e o meu cansaço (1); Mais acesso a variados títulos, e a maior portabilidade destes, levou a um aumento do número de livros lidos por ano (1); Mais distrações, acabando por não conseguir desfrutar devidamente da leitura (1); Leio muito mais em inglês e passei a ler dois livros em simultâneo (1); Comecei a ler a noite ao invés de durante o dia (1); A leitura pelo livro não é tão cansativa como a leitura por um ecrã, o que faz com que dedique menos tempo (1); Facilitou o acesso a diferentes títulos e economizou dinheiro e espaço (1); São mais acessíveis em termos de preço e disponibilidade (1); Passei a ler um pouco mais, pois tenho sempre um comigo no telemovel, em caso de não ter nada para fazer (1); Tornou todo o processo de leitura mais eficaz e barato (1); Mais prático (1); Permitiu que eu lesse mais em deslocamento de trânsito (1); Os *e-books* estão sempre comigo (telemóvel) (1); Vantagem de poder ler diversos títulos fazendo *download* do *e-book* de forma gratuita (1); Pode-se ler em qualquer lado (1); Devido à elevada portabilidade, é possível ter sempre disponível o livro para ler (1); Porque nem sempre andava com o livro comigo (1); Consigo ler uma maior diversidade de livros, que seriam difíceis de encontrar em papel. E é mais barato (1); Sendo aluno de informática, é difícil imaginar como seria o meu estudo sem *e-books* (1); Costumo ler livros técnicos/científicos em versão *e-book* (1); Porque me permite ler sem necessidade de transportar o livro (1); Mais fácil, não é preciso esperar que o livro chegue, mesmo que seja preferível ler uma cópia física (1); Leio menos porque me canso mais a ler num ecrã (1); Tive acesso a livros que dificilmente teria fisicamente (1); Permite uma maior escolha de títulos sem aumentar o espaço necessário para guardar os mesmos (1); Aumentou muito mais o acesso a títulos, inclusive livros publicados de forma independente (1); Pude ler mais livros, já que alguns livros são gratuitos em formato digital, e são justamente estes que eu procuro (1); Posso ler a qualquer momento (1); Permite-me ler nos tempos livres de curta duração, quando não tenho livro físico comigo (1).

Não | Não leio/utilizo/gosto de *e-books* (172); Prefiro livros impressos (38); Continuo a ler com a mesma frequência/mantenho os mesmos hábitos (45); Considero os *e-books* mais prejudiciais ao ambiente que um livro em papel, pois requerem uma substituição mais frequente de material, estragam-se mais facilmente e consomem eletricidade (1); A utilização de *e-books* terá apenas alterado um pouco os meus hábitos de leitura no que toca a viagens, pela vantagem da sua portabilidade (1); Sempre preferi ler no computador (1); Não tenho um *tablet* ou *e-reader* (2); Acabo, por vezes, a distrair-me da leitura devido às restantes aplicações presentes nos dispositivos que utilizo para ler *e-books* (nomeadamente, conversas a decorrer em redes sociais) e sinto-me cansado após longas sessões de leitura num ecrã. Também prefiro preencher a prateleira com os livros lidos em vez de os adicionar à memória de um dispositivo, o que me leva a, por vezes, a visitar velhos favoritos ou obras algo esquecidas (1); Apenas os utilizo para estudo e pesquisa (4); Desconcentração e maior probabilidade de fraca qualidade (1); Continuo a ler um número muito grande de livros, simplesmente já não tenho de andar tão carregada (1); Utilizo consoante aquilo que encontro (excepto se contarmos pirataria, nesse caso mudou) (1); Apenas consulto livros técnicos (1); Não foi um uso prolongado para se notar uma diferença em hábitos de leitura, contudo acho que é um possível investimento de futuro que permitirá a muita gente ler mais frequentemente (1); Cansa (1); Os títulos disponíveis não são os mesmos e não considero tão portátil como o livro físico (1); A maioria dos livros que leio por lazer são impressos. Como a minha vida profissional e académica requerem muita leitura utilizo *e-books* nesse sentido. Mas se precisar de ler uma quantidade elevada de informação costumo imprimir (1); Só mudou o facto de não ter que andar com um livro atrás (1); Não é algo suficientemente bem desenvolvido ainda (1); Não costumo usar, mas tenho sempre 1 livro para ler no telemóvel para casos em que tenho de esperar numa fila, etc (1); Porque a leitura em ecrãs cansa mais a vista (1); Aborrecido e desconfortável ler em ecrãs (1); Já lia bastante, só se tornou melhor a nível monetário (1); Só o faço por necessidade (2); Porque leio *e-books* apenas por motivos de estudo (3); Embora sejam mais práticos, implicam na maioria das vezes a compra do livro em inglês (1); Apesar de os *e-books* terem muitas vantagens, sinto que tenho muito mais motivação para ler por prazer quando tenho um livro impresso. Talvez porque associo um *e-book* a trabalho, a algo técnico, usando-os apenas para estudar (1); Na minha opinião *e-books* só são vantajosos pelo seu preço (inferior ao convencional), como frequento bibliotecas, não tenho hábito de comprar livros (1); Uso os dois (1).

Apêndice K – Respostas FFUP

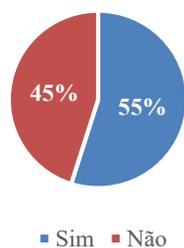


6. Outros: Clássicos (1); Drama (2); Thriller (1); Biografias (1); Autoajuda (1); Religioso (1); Comic (1).

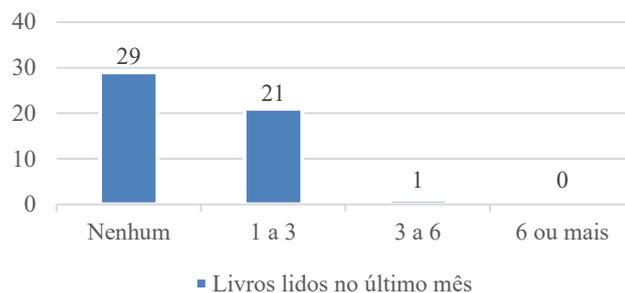


7. Outros: Clássicos (1); Drama (2); Autoajuda (1); Religioso (1); Comic (1).

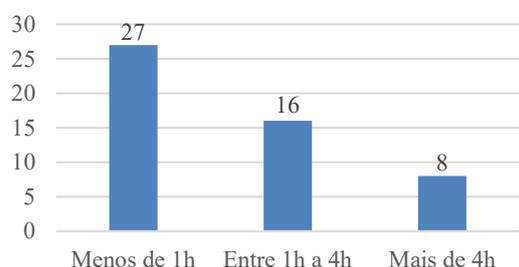
8. Encontram-se a ler um livro



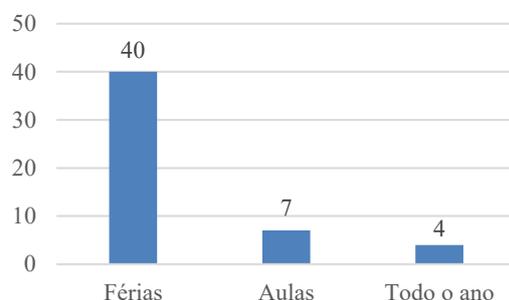
9. Livros lidos no último mês



10. Tempo médio de leitura por semana



11. Altura do ano em que mais lê



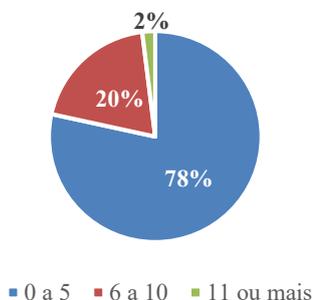
12. Porquê?

Férias | mais tempo livre (40).

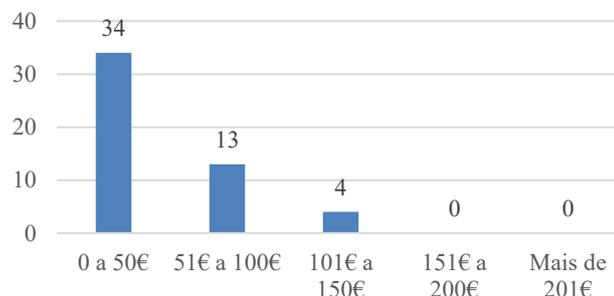
Aulas | para estudo e trabalhos académicos (4), descansar a cabeça/relaxar das aulas (2), ocupa as férias com outros hobbies (1).

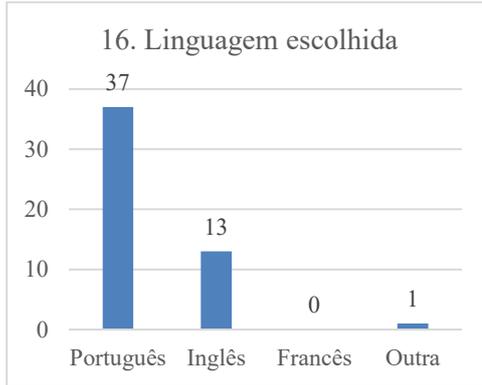
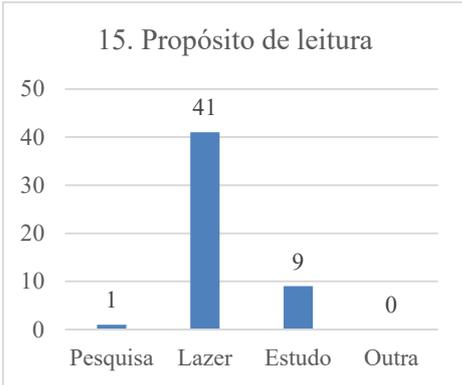
Todo o ano | Durante o período de férias tenho mais tempo e, por isso, dedico mais tempo à leitura. Durante o período das aulas é mais difícil arranjar tempo para ler (1); Leio quer durante o período de aulas quer nas férias (1); Leio aos fins-de-semana (1); Procuo sempre encontrar tempo livre para ler (1).

13. Livros comprados por ano

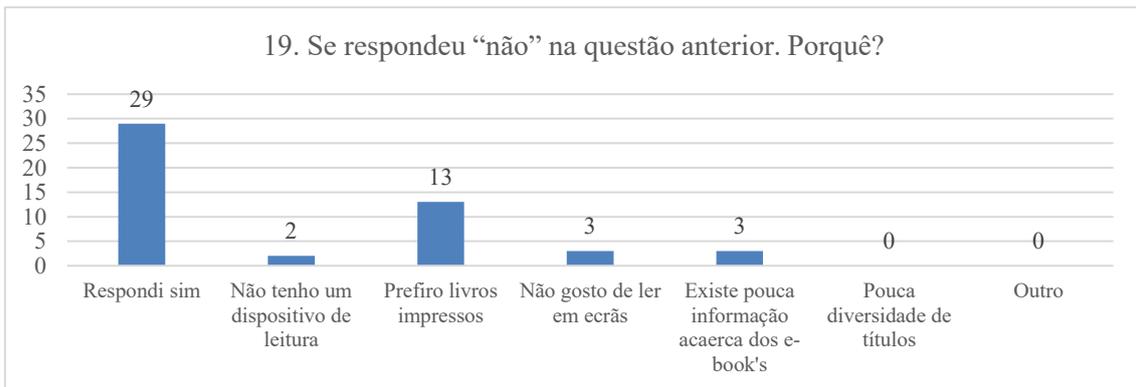
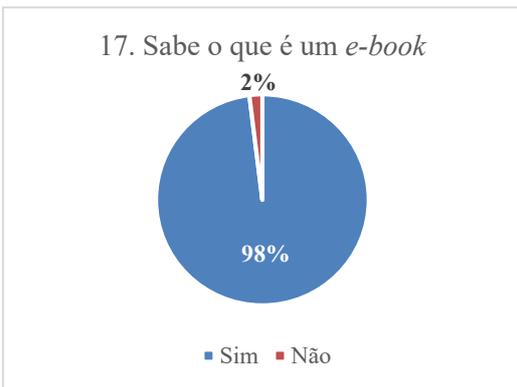


14. Gasto em livros por ano

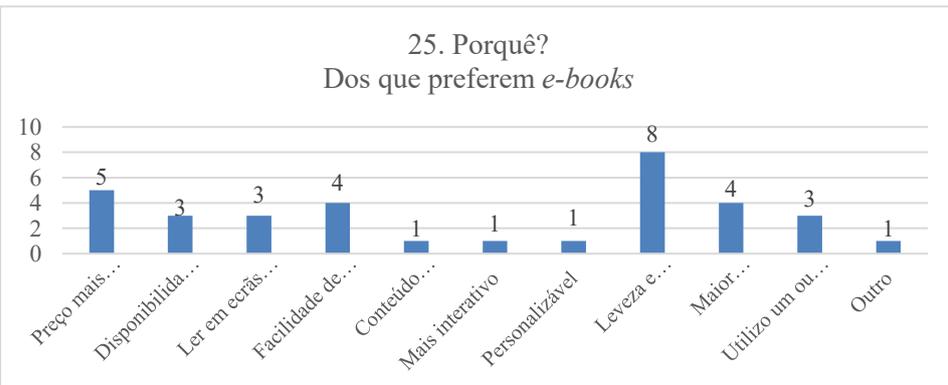
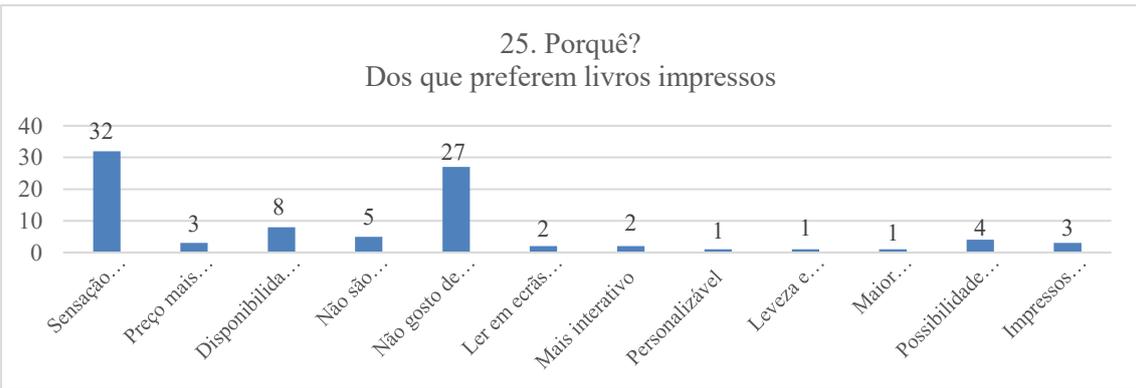
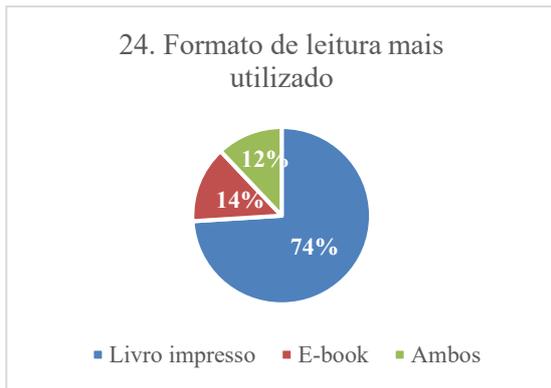
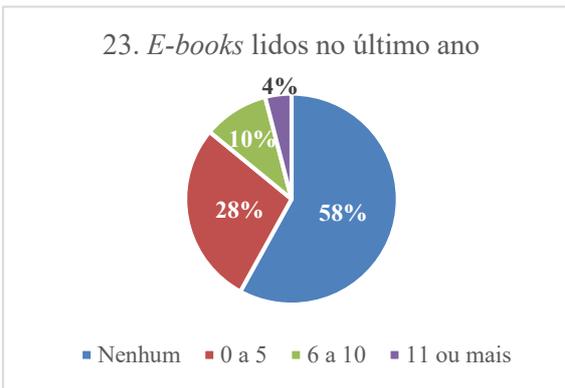
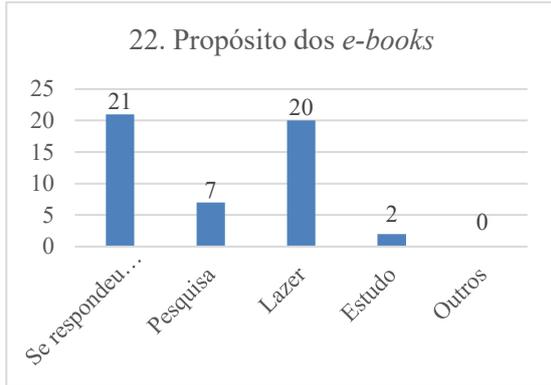




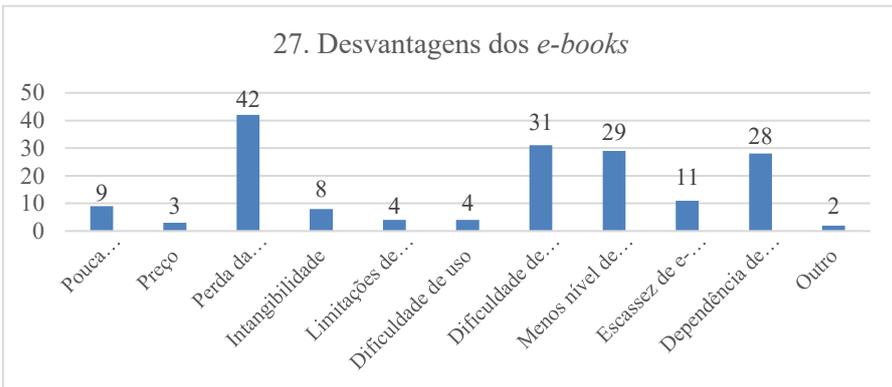
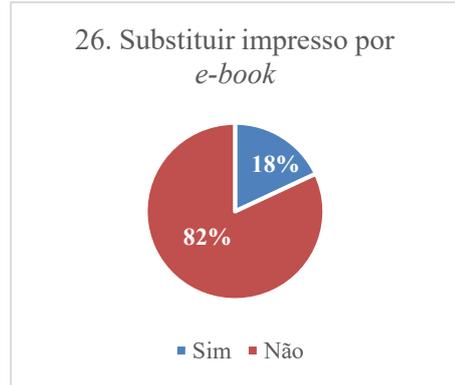
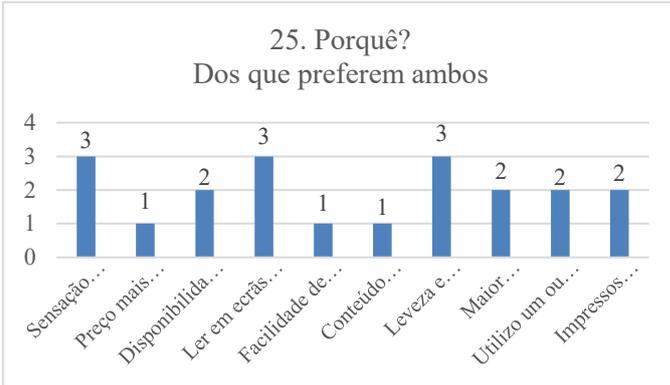
16. Outra: português e inglês (1).



20. Outra: thriller (1).



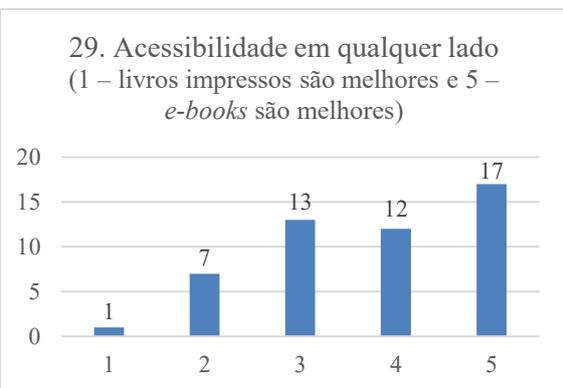
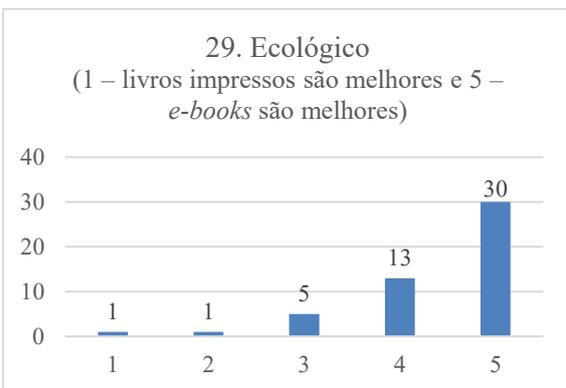
25. Outro: leio mais rápido em *e-readers* (1).

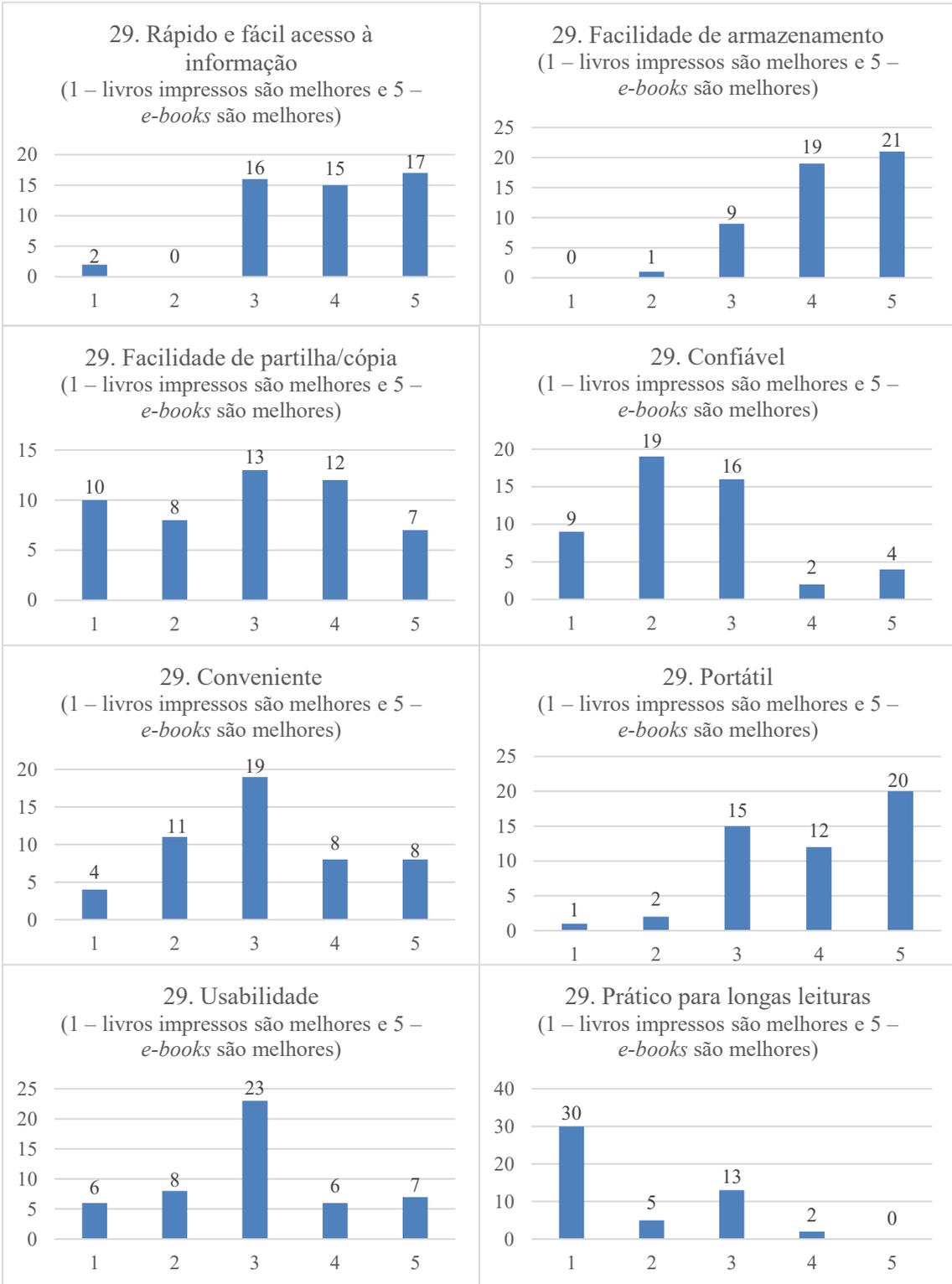


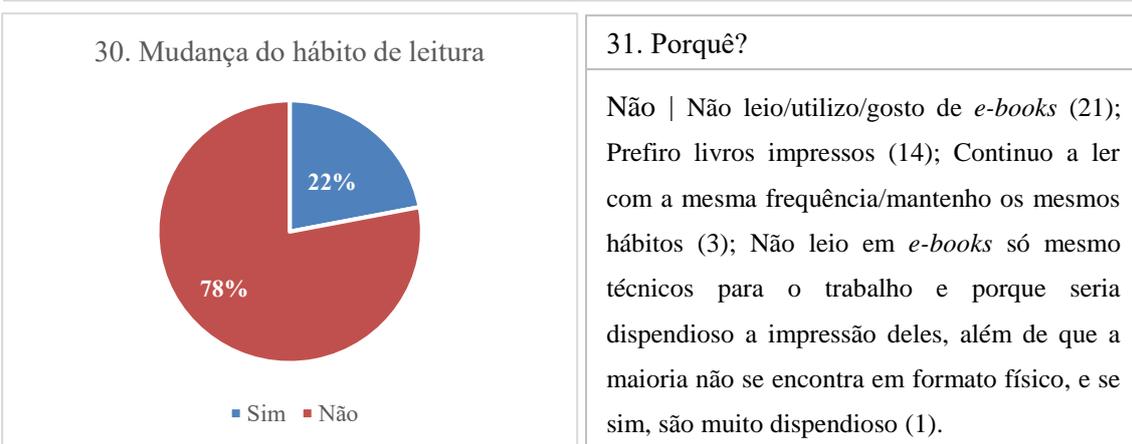
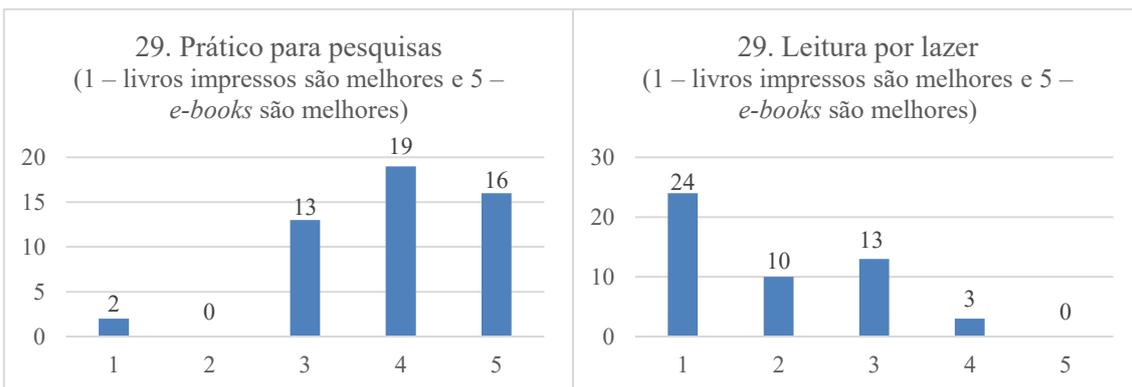
27. Outro: Perda da essência de estar a vivenciar a história (1); Perda de elementos de design, riqueza de ilustrações, etc (1).



28. Outro: Não tem vantagens (1); Ecológico (1).

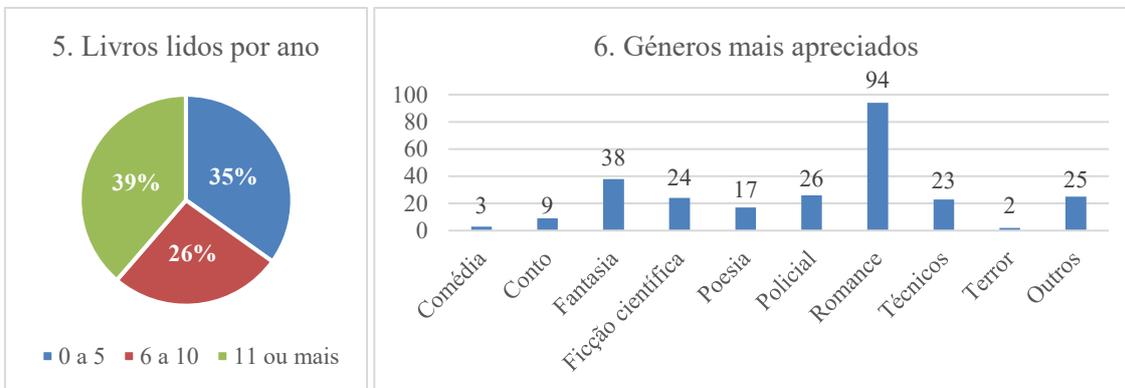
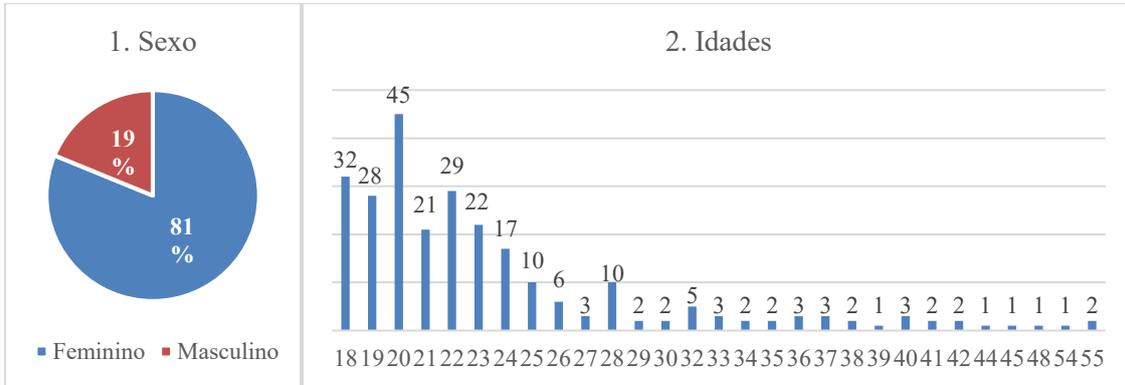




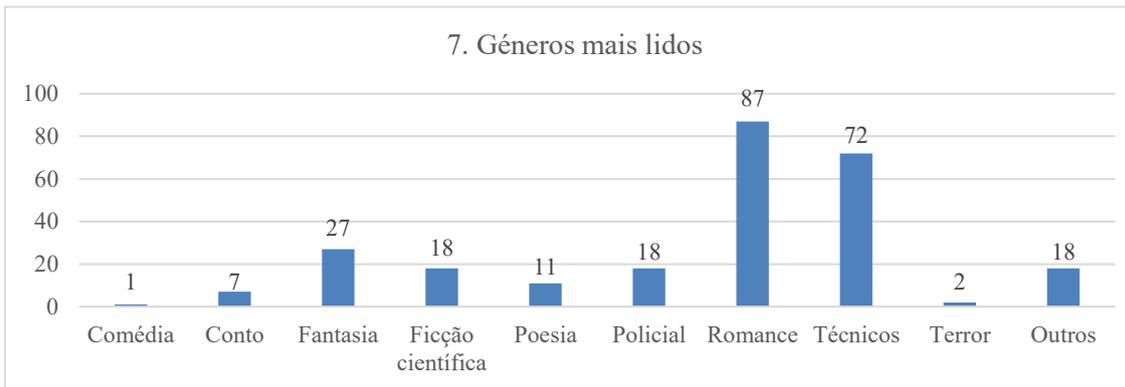


Sim | Leio durante os intervalos (1); São mais baratos. Um livro que na fnac ou bertrand custa mais de 20€, o *e-book* pode custar só 4€ na amazon. Gosto mais de livros físicos, mas o dinheiro aperta, e posso ler mais ebooks que livros físicos pelo mesmo dinheiro. Para além de que é possível fazer *download* de ebooks grátis (1); Tenho acesso a mais livros do que se tivesse que comprar livros físicos (1); Leio mais (2); Utilizo *e-book* normalmente para ler conteúdos técnico-científicos relacionados com o curso, torna-se mais fácil a pesquisa por um determinado tema/assunto (1); Rapidamente tiro/guardo o telemóvel (1); Leio onde quer que esteja sem ter de me preocupar empresas andar com um livro (1); Acho que fica mais desinteressante (1); Transporte mais fácil (1); Como não tem peso extra posso ler em alturas em que não estaria a fazer nada como quando espero por transportes (1).

Apêndice L – Respostas FLUP

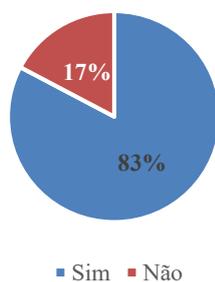


6. Outros: Não ficção (1); Biografias (2); Espiritual (2); Suspense (3); Distopia (3); Historiográfico (3); Vários (1); Não tenho um estilo preferido (2); Feminismo (1); Psicologia (1); Histórias verídicas (2); Espionagem (1); Filosofia (1); Clássicos (1); Drama (1).

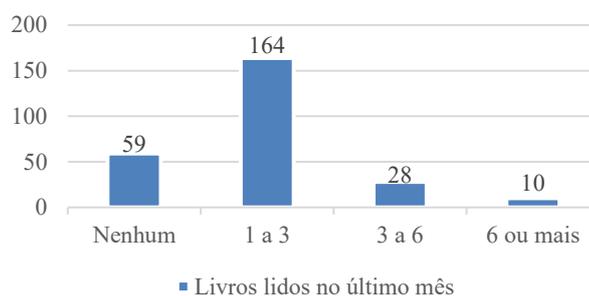


7. Outros: Não ficção (1); Espiritual (1); Suspense (3); Young Adult (1); Historiográfico (2); Religião (1); Vários (1); Feminismo (1); Histórias verídicas (1); Distopia (1); Espiritual (1); Filosofia (1); Clássicos (1); Ensaio (1); Drama (1).

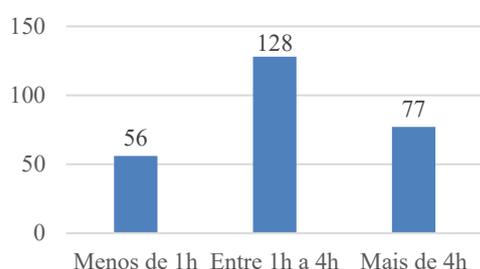
8. Encontram-se a ler um livro



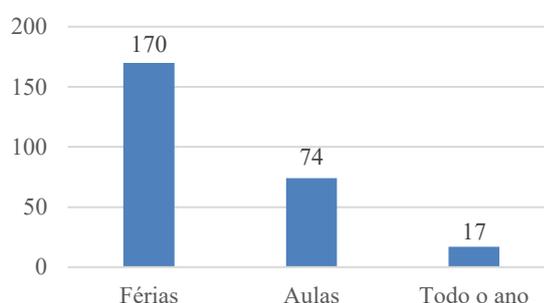
9. Livros lidos no último mês



10. Tempo médio de leitura por semana



11. Altura do ano em que mais lê



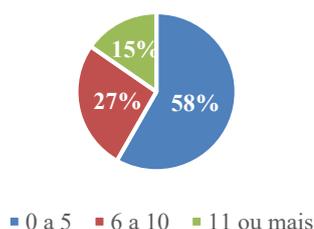
12. Porquê?

Férias | mais tempo livre (158); por lazer (7); Tenho menos razões para sair de casa e é a altura em que chegam ao fim os 'reading challenges' anuais. (1); Para ler o livro na íntegra e não ter de fazer pausas (4).

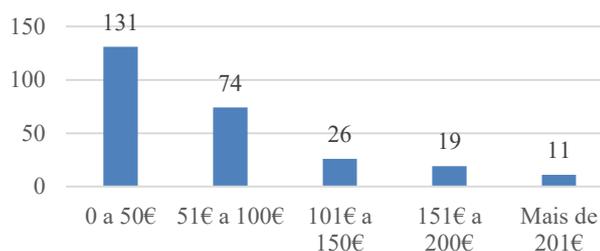
Aulas | para estudo e trabalhos académicos (60), mais tempo em transportes públicos (5), descansar a cabeça/relaxar das aulas (5), ocupo as férias com outros hobbies (1); Tenho oportunidade de ir buscar livros à biblioteca. (1); Facilidade de acesso aos livros (1): A biblioteca está fechada durante as férias (1).

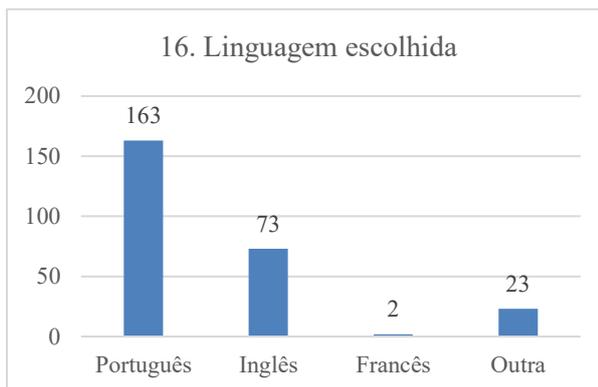
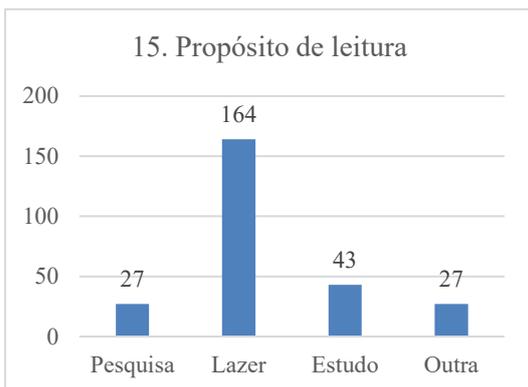
Todo o ano | leio aos fins de semana (2); Organização do tempo mais ou menos constante no ano inteiro (1); Porque nas férias a leitura é por diletantismo e nas aulas por necessidade. (1); É das coisas que mais gosto de fazer (1); É um hábito diário (1); Pois amo ler (1); Leio sempre que posso (1); Trabalho, estudos e férias (1); Porque além dos meus livros (contos, histórias), tenho os do mestrado (filosofia, teorias, etc.) (1); Mais disponibilidade de tempo ou leitura obrigatória (1); O curso assim o obriga, embora leia por lazer também (1); Independente da altura do ano (1); Gosto de ler antes de me ir deitar (1); Uns por obrigação, outros por lazer (1); Nada em particular me impede de abrandar o ritmo de leitura (1); Não gosto de impor alturas para ler pois gosto de ler quando tenho vontade (1).

13. Livros comprados por ano



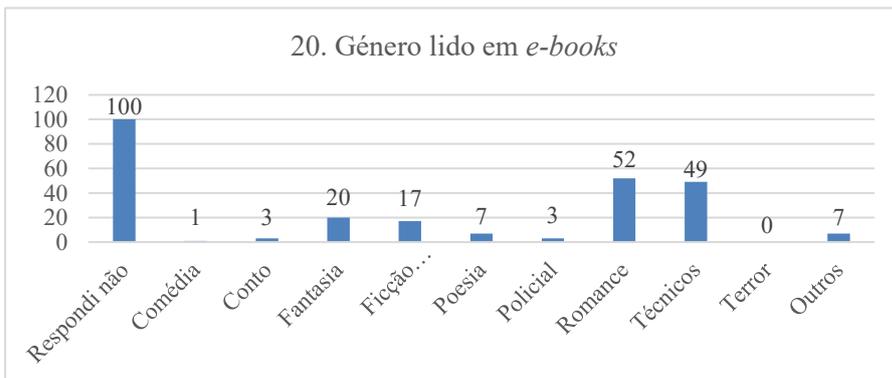
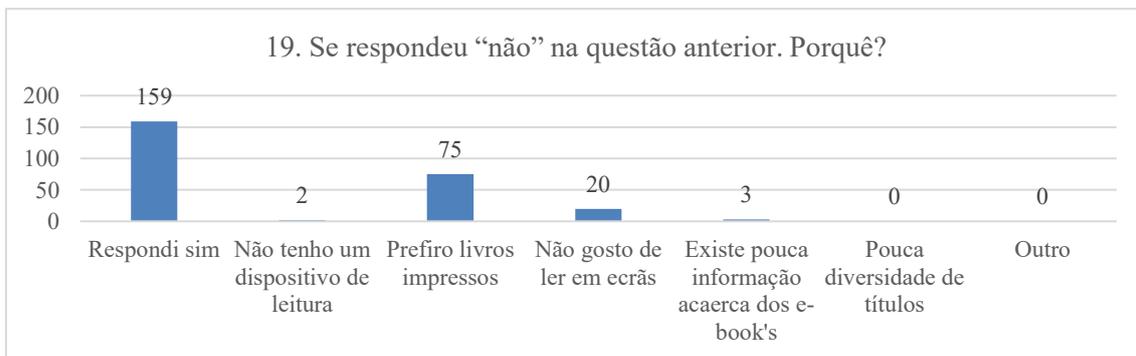
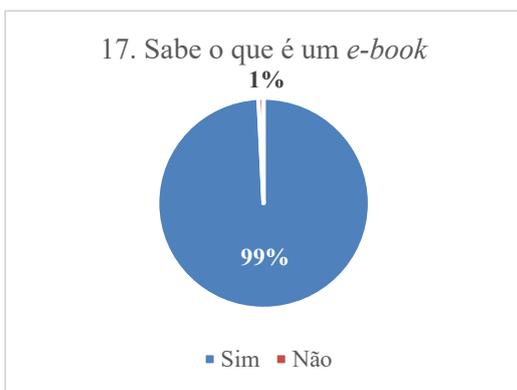
14. Gasto em livros por ano





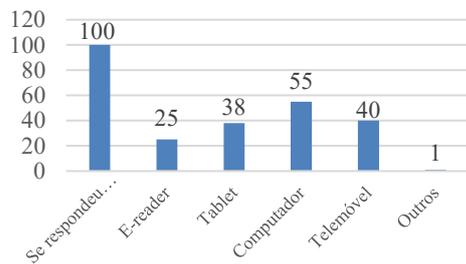
15. Outra: Lazer e pesquisa (3); Lazer e estudo (4); Pesquisa, lazer e estudo (20).

16. Outra: Português e inglês (11); Português, inglês e francês (6); Português, inglês, espanhol, francês e italiano (1); Português, inglês, francês e espanhol (1); Português, inglês, francês e italiano (1); Português e espanhol (1); Alemão e inglês (1); Espanhol (1).



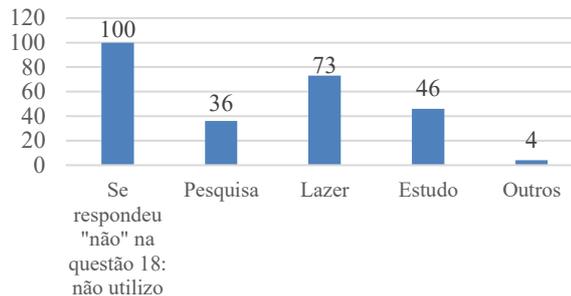
20. Outros: Espiritual (1); Ensaio (1); Autoajuda (1); História (1); Biografia (1); Vários (2).

21. Dispositivo utilizado para ler e-books



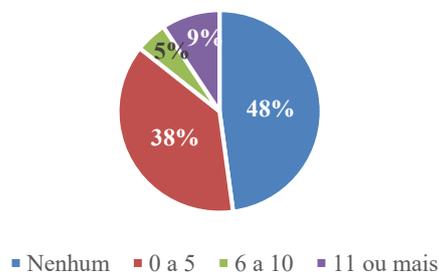
21. Outros: computador e telemóvel (1).

22. Propósito dos e-books

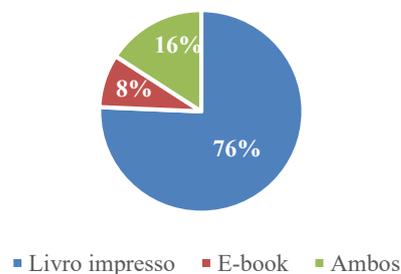


22. Outros: Pesquisa, lazer e estudo (2); Lazer e estudo (1); Apenas se não tiver o livro impresso (1).

23. E-books lidos no último ano

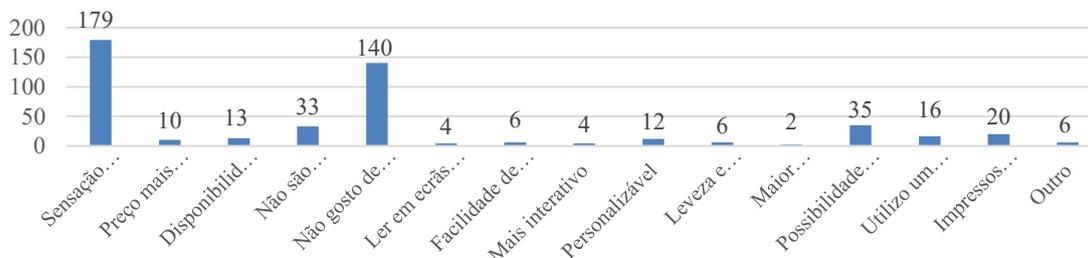


24. Formato de leitura mais utilizado



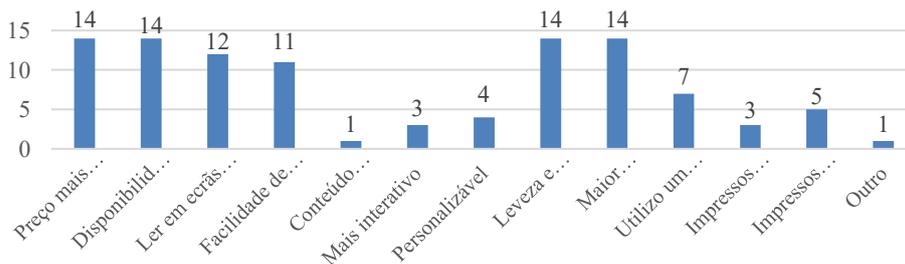
25. Porquê?

Dos que preferem livros impressos

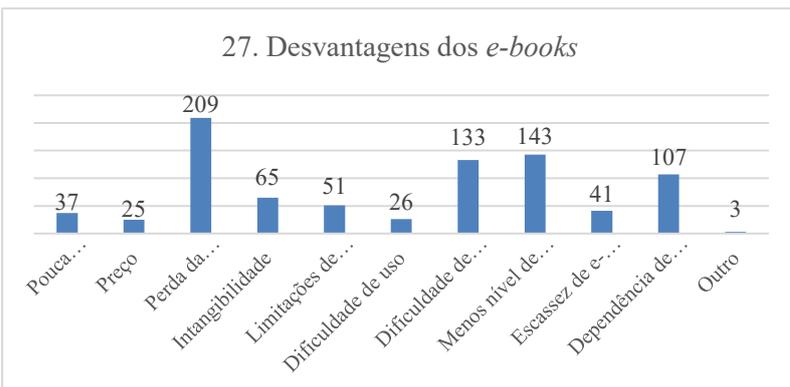
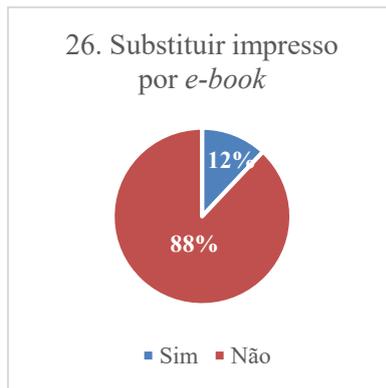
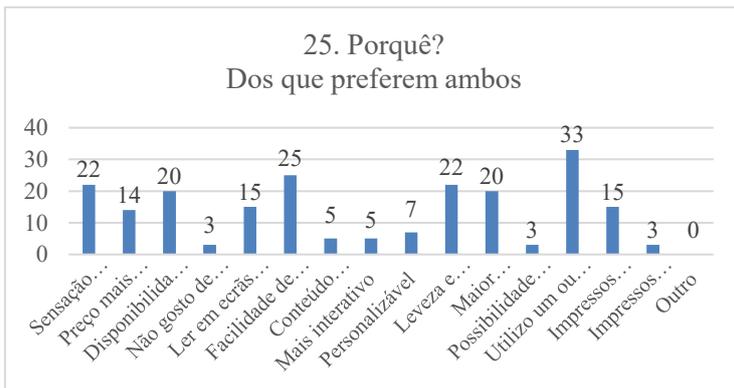


25. Outro: Fazer anotações (2); Sublinhar (2); Criar uma relação com o livro, sinto que é verdadeiramente meu (1); Gosto de ver o meu progresso no livro (1).

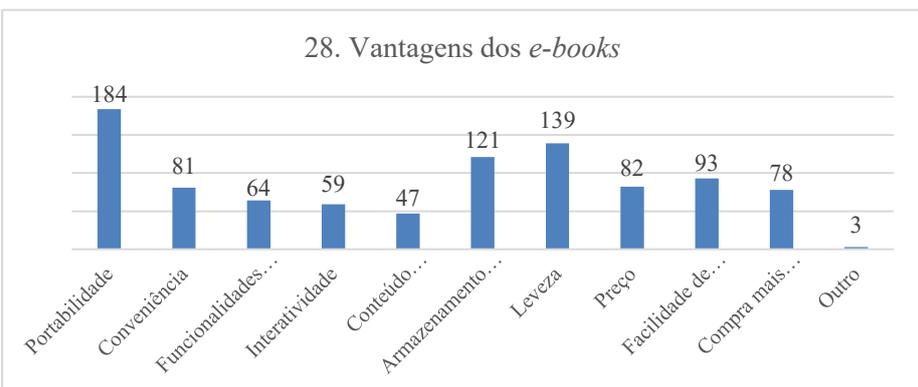
25. Porquê?
Dos que preferem e-books:



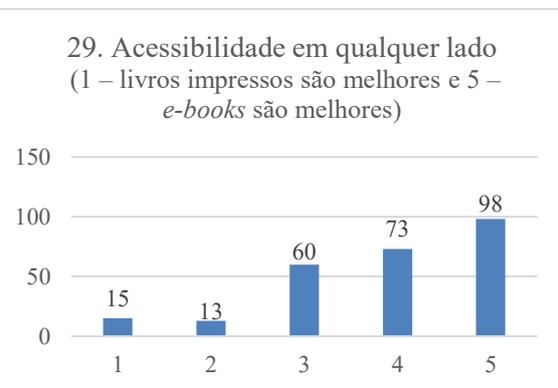
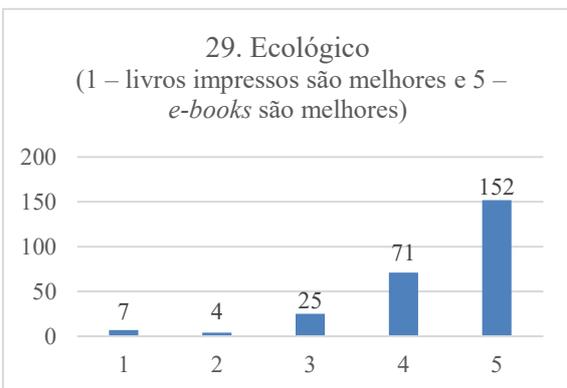
25. Outro: Não gasto tanto papel e dinheiro (1).

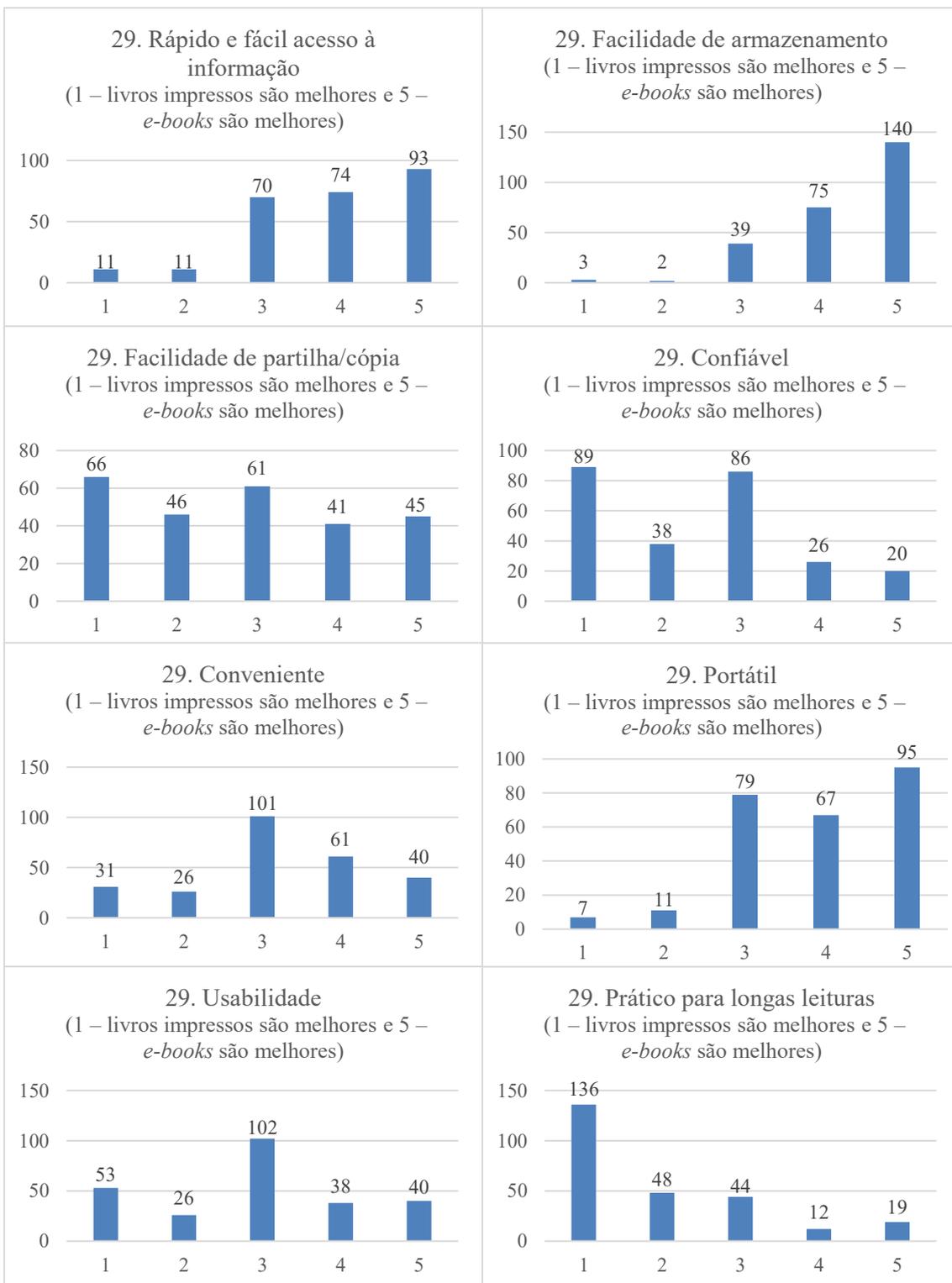


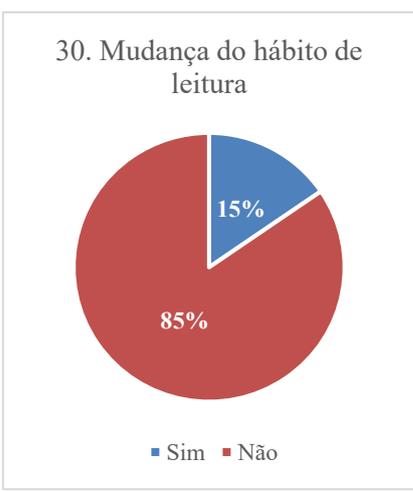
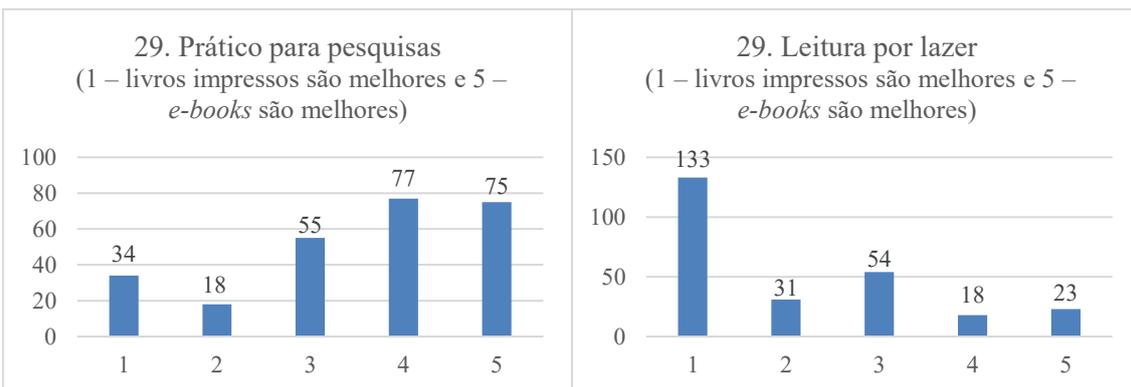
27. Outro: Falta do cheiro dos livros (1); Não há desvantagens (1); A leitura é uma boa alternativa à dependência das novas tecnologias, apostar em e-books destruiria isto (1).



28. Outro: Ecológico (7); Menor gasto de papel (1); Nenhuma (1).





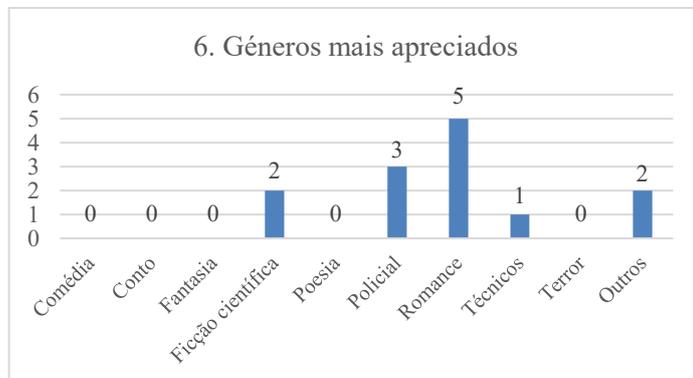
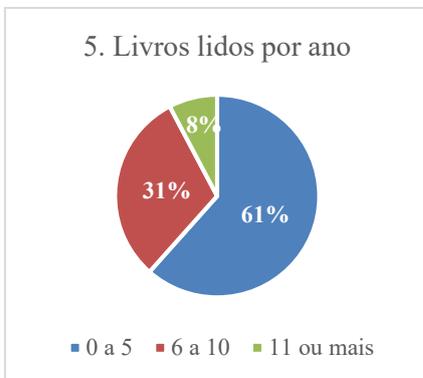
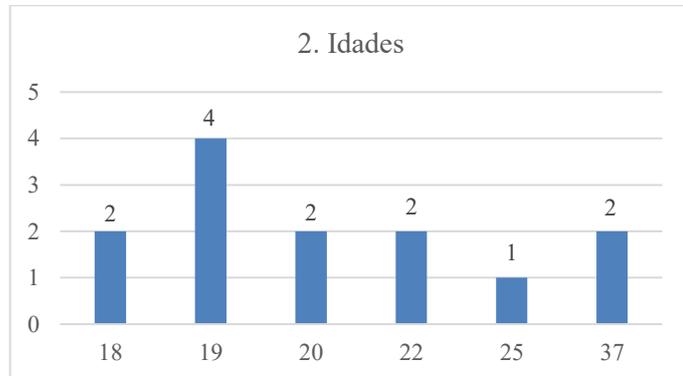
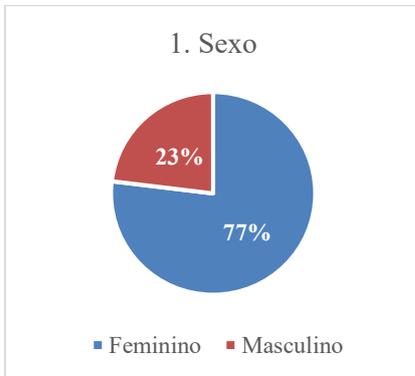


31. Porquê?

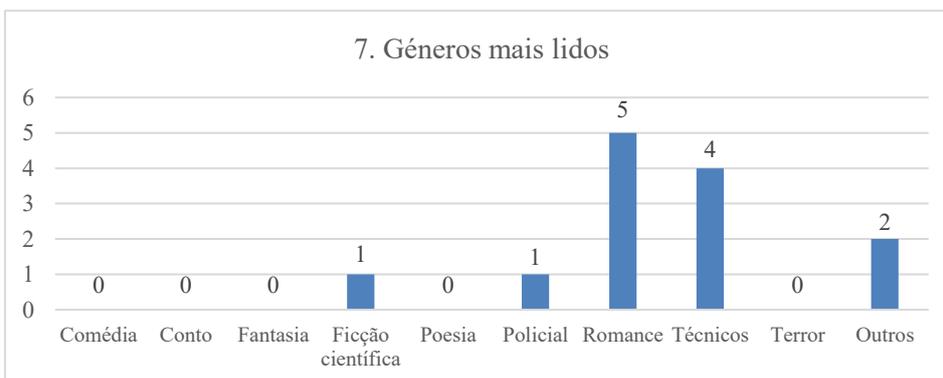
Não | Não leio/utilizo/gosto de *e-books* (120); Prefiro livros impressos (61); Continuo a ler com a mesma frequência/mantenho os mesmos hábitos (30); Uso em minoria (1); Só leio ebooks quando não tenho alternativa (1); Os *e-books* cansam a vista (1); Só utilizo para leituras técnicas, e de estudo (1); Não mudou muito, apenas costumo usar para pequenas pesquisas (1); Porque leio nos dois formatos, o que me interessa é o conteúdo (1); Maioritariamente utilizo *e-books*, para estudo e na minha vida profissional, mas para lazer continuo a preferir ler um livro impresso (1); Ajudou em certa forma, mas continuo a preferir impresso (1).

Sim | Mais fácil de transportar (3); Facilidade de acesso e disponibilidade de livros não publicados em Portugal (1); Permite ler títulos que não compraria em formato físico por serem mais caros e por não querer ter necessariamente uma cópia física. As lojas digitais (como a Kindle Store) têm ofertas que me permitem investigar e ler livros de géneros que normalmente não leio (1); Tenho de estar pouco cansada da cabeça/olhos, de outra forma não consigo concentrar-me (1); Leio mais (6); Há livros que me interessa ler e estão disponíveis em *e-book* de forma gratuita (1); Facilitou meu acesso à leitura (2); Desconcentra-me na leitura, portanto não tenho tanta vontade de ler (1); Porque posso ter vários livros comigo em qualquer lugar que vou, podendo ler sempre que me vejo com uns minutos livres (1); Torna mais fácil ler em transportes públicos e é mais leve (1); Devido a dificuldade de visão, a leitura em *tablet* é muito mais fácil (1); Pude ter acesso a mais livros por menor preço (1); Permite ter acesso à vários títulos no meu bolso. Posso alternar entre diferentes livros sem ter o inconveniente do peso (1); Leituras noturnas (1); No geral, facilita muito, especialmente porque ando muito de transportes. Acabo por ler mais. Ainda assim, não substituem por completo os livros físicos, que continuo a ler em casa (1); Permite ler autores independentes (1); Poder acessar ao dicionário diretamente pelo *e-reader* (1); Tenho acesso a um número maior de informações (1); Acesso a mais livros (1); Muito mais pratico (1); Com *e-book* posso ler no escuro no quarto, antes de dormir (1); Facilitou a pesquisa de informações em vários livros ao mesmo tempo e permitiu-me encontrar cópias digitais de livros que não encontrava numa biblioteca. Para trabalhos académicos é, sem dúvida, mais prático (1); Facilita a procura por informação quanto a leituras técnicas (1) Leio partes de livros pelo rápido acesso (1); Maior diversidade na minha lista de leitura (1); A barra de leitura do livro presente nos *e-readers* é boa para estimular um senso de “competição” consigo mesmo (1); Aumentou o número de leituras mais curtas, com carácter de pesquisa (1); Aumentou o meu interesse por livros impressos (1); Porque possibilitou uma maior personalização nos meus documentos, tomadas de notas e realce de sintagmas com cores múltiplas e funcionais (1); Novas formas de organizar minhas leituras (1).

Apêndice M – Respostas FMDUP

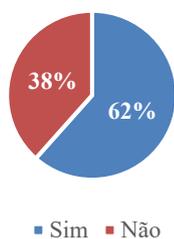


6. Outros: Thriller (1); Histórias verídicas (1).

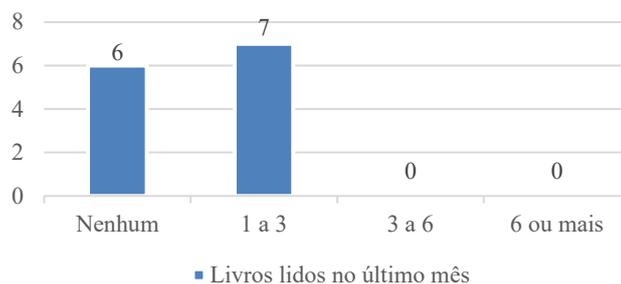


7. Outros: Thriller (1); Histórias verídicas (1).

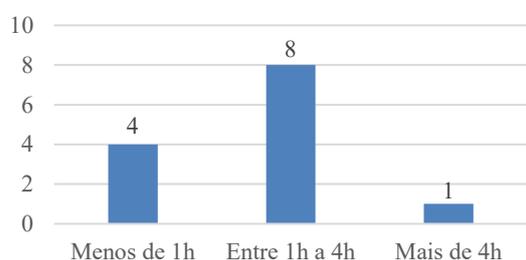
8. Encontram-se a ler um livro



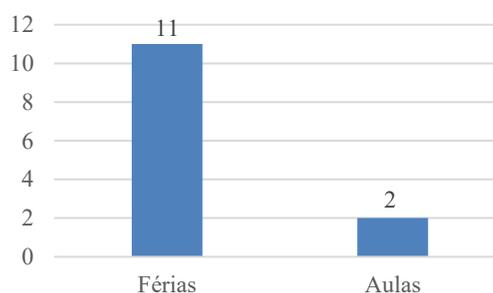
9. Livros lidos no último mês



10. Tempo médio de leitura por semana



11. Altura do ano em que mais lê

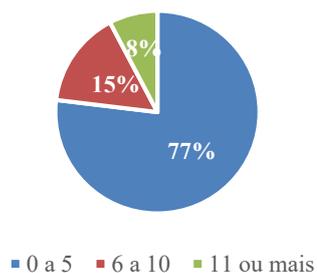


12. Porquê?

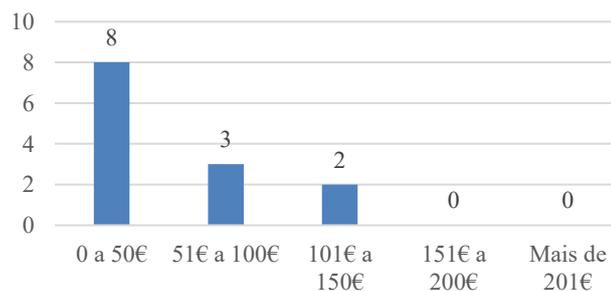
Férias | mais tempo livre (11).

Aulas | para estudo e trabalhos académicos (2).

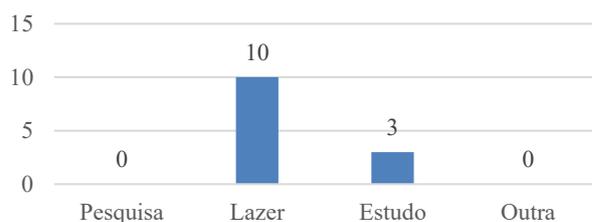
13. Livros comprados por ano



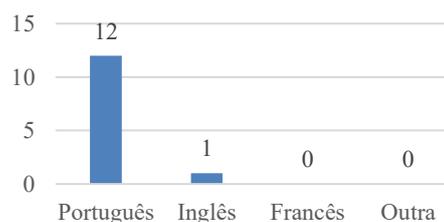
14. Gasto em livros por ano

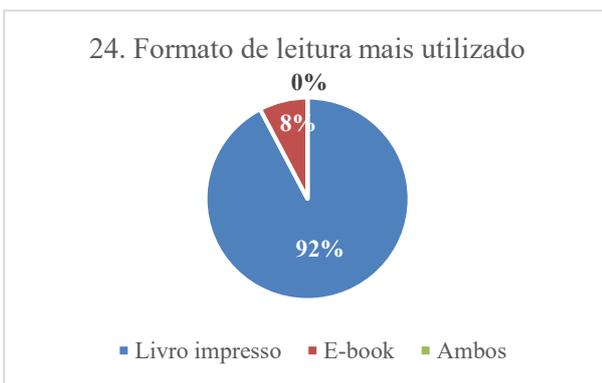
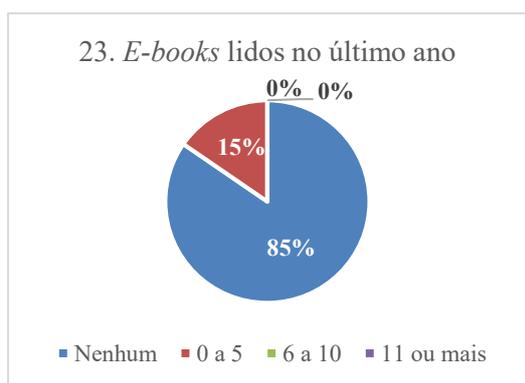
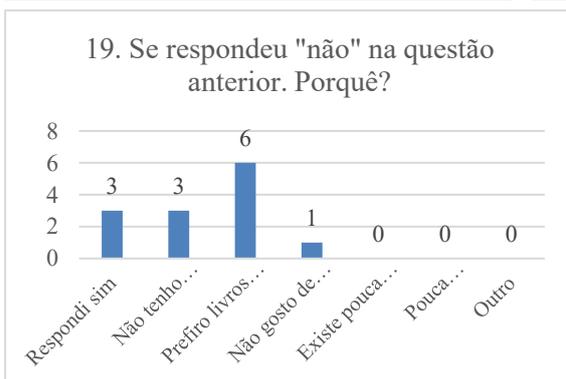
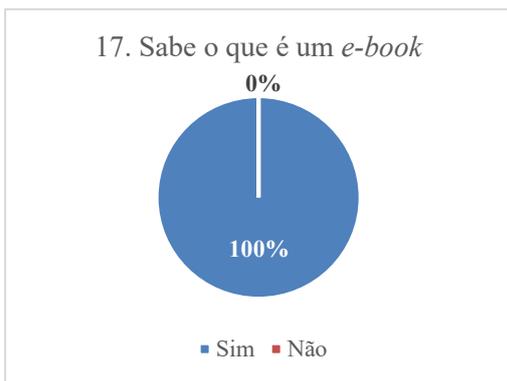


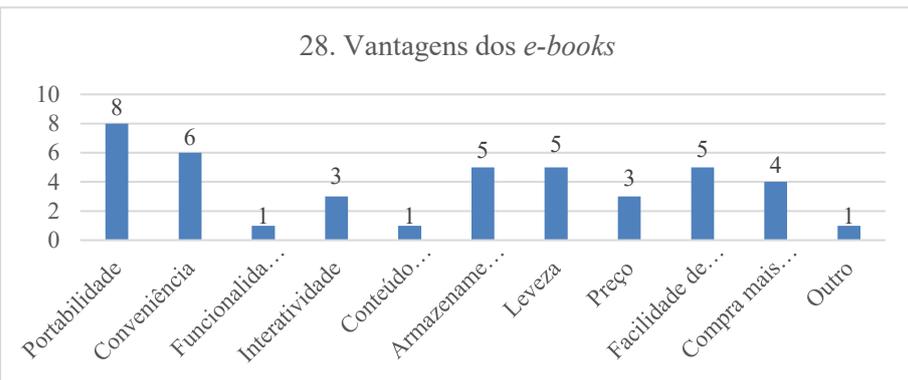
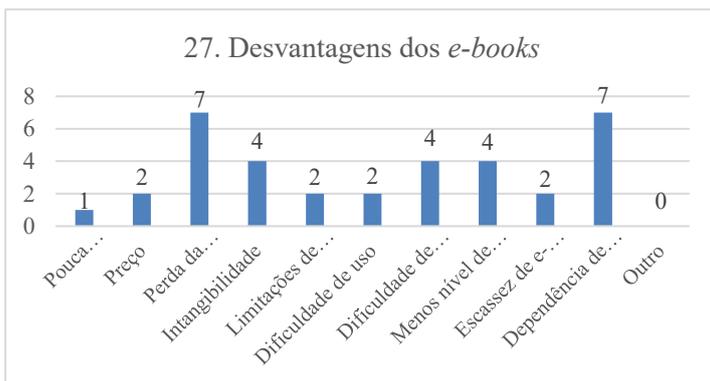
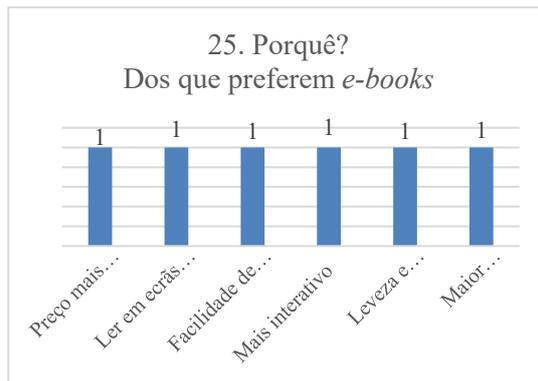
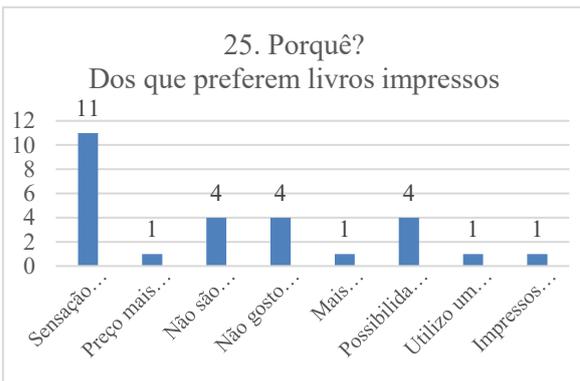
15. Propósito de leitura



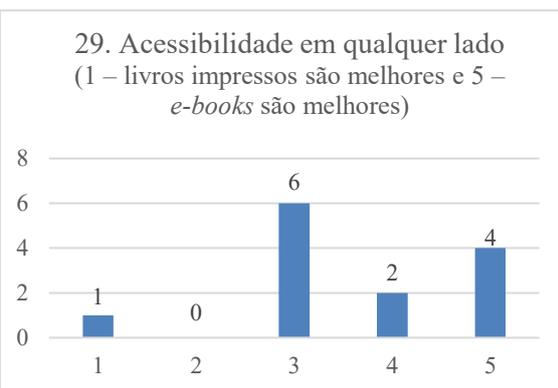
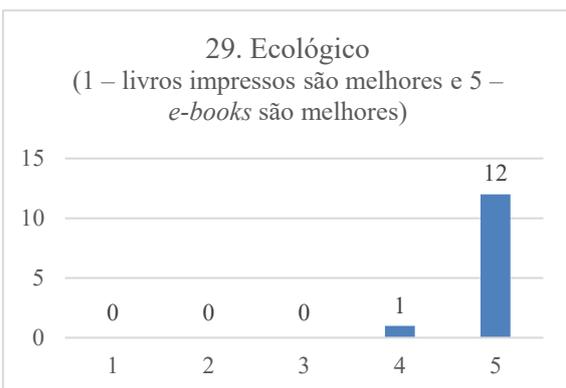
16. Linguagem escolhida

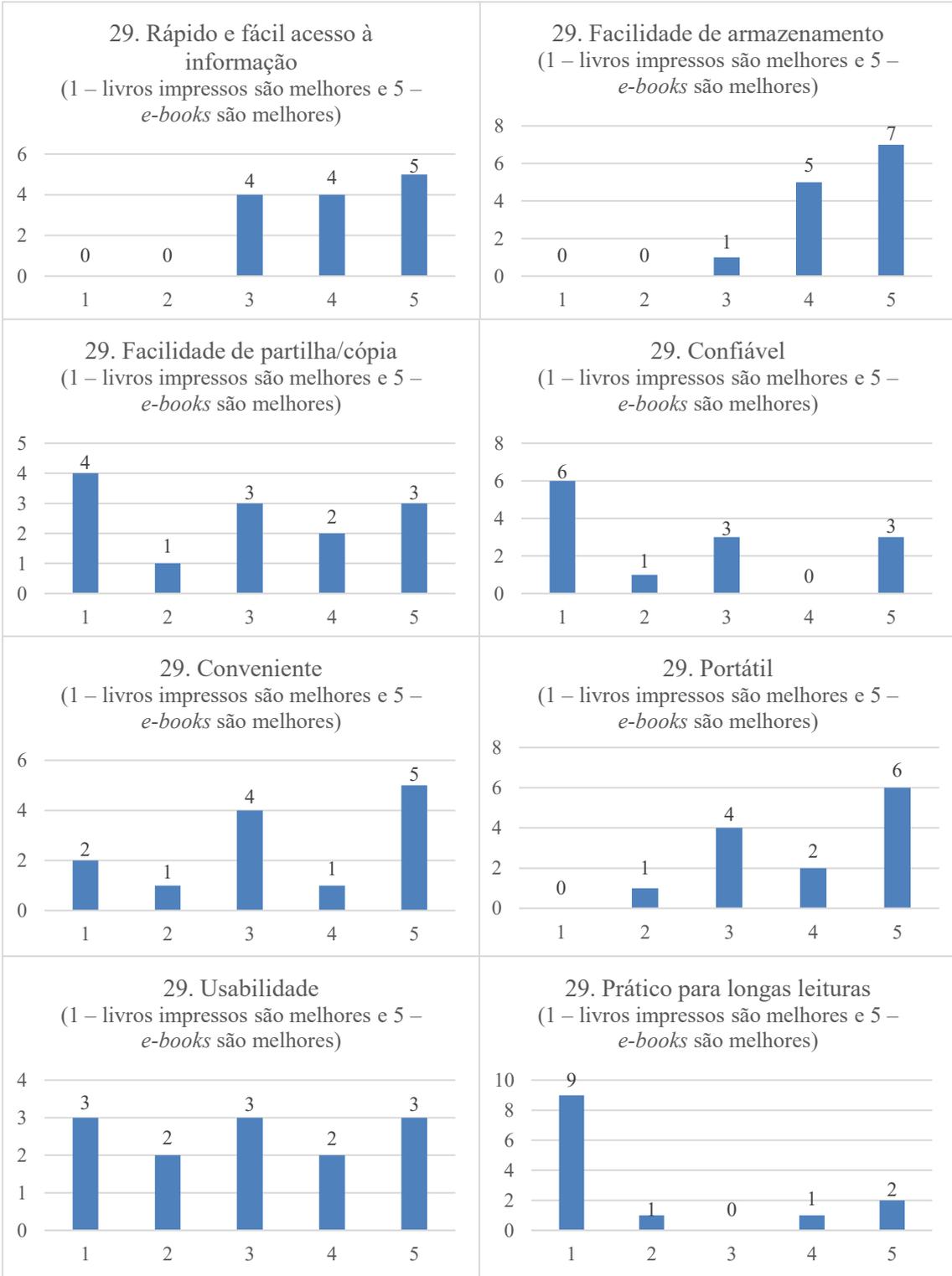


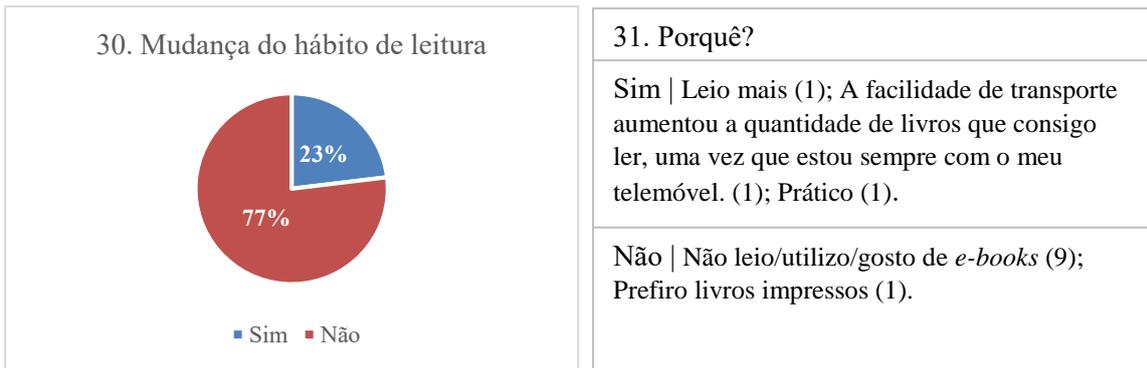
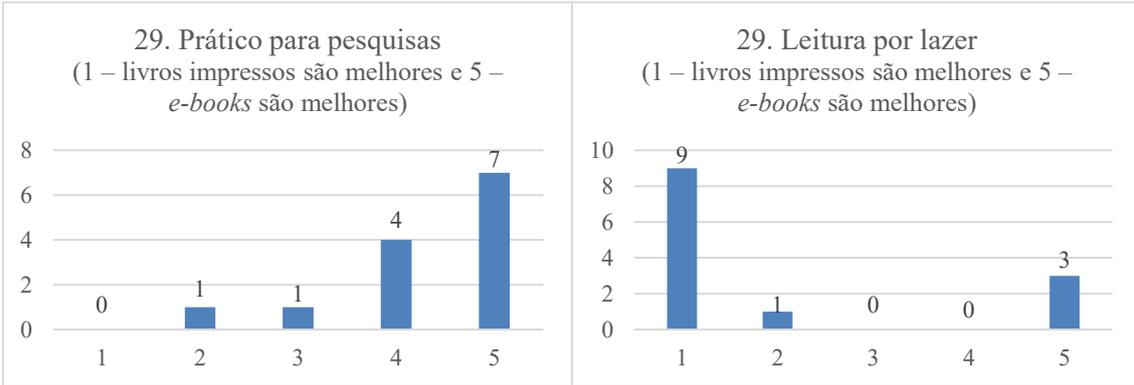




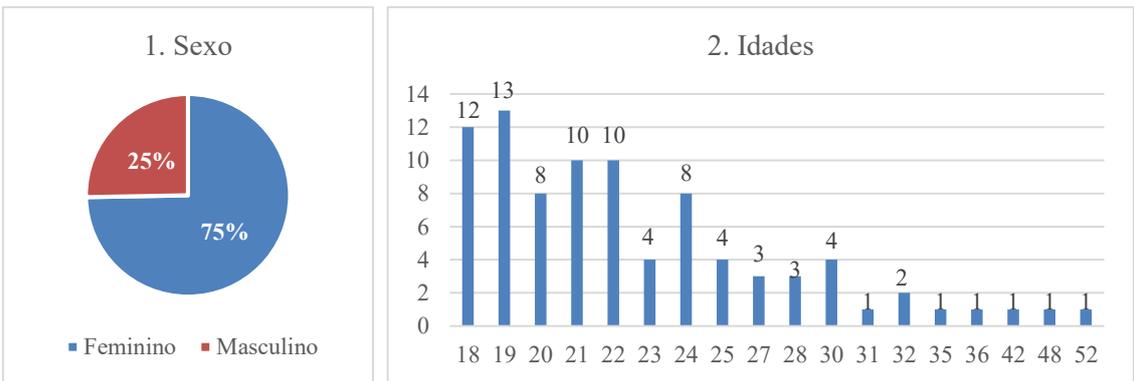
28. Outros: Inexistência de papel e consequente poupança do meio ambiente (1).



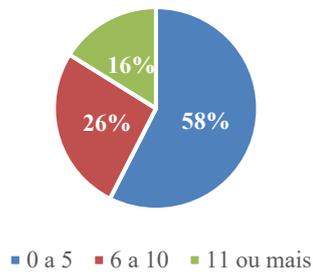




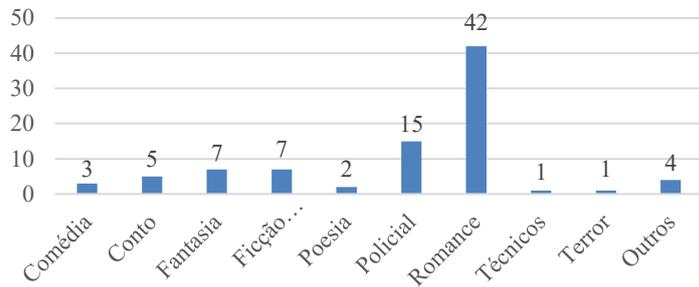
Apêndice N – Respostas FMUP



5. Livros lidos por ano

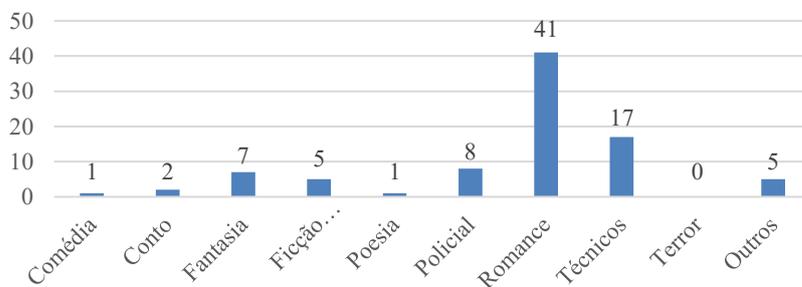


6. Géneros mais apreciados



6. Outros: Histórico (2); Suspense (1); Ação/aventura (1)

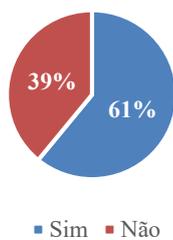
7. Géneros mais lidos



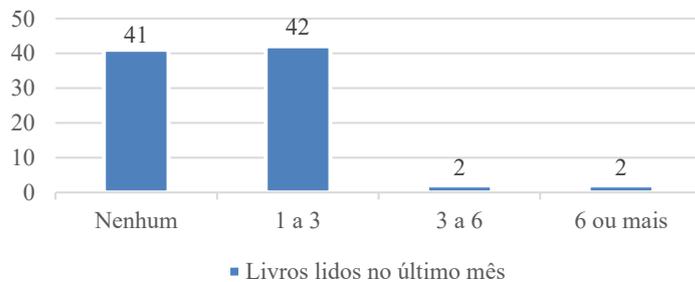
7.Outros:

Histórico (2);
Suspense (1);
Ação/aventura (1);
Crónicas (1).

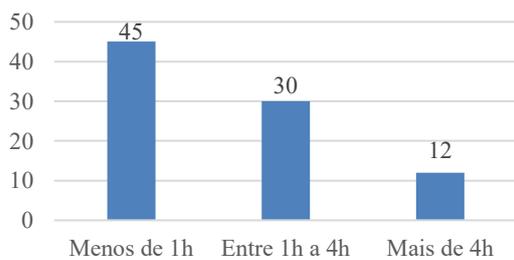
8. Encontram-se a ler um livro



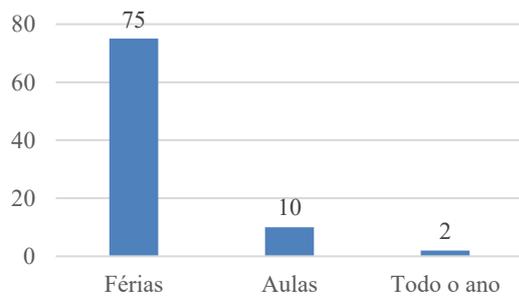
9. Livros lidos no último mês



10. Tempo médio de leitura por semana



11. Altura do ano em que mais lê



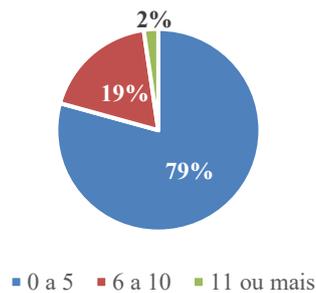
12. Porquê?

Férias | mais tempo livre (71); por lazer (4)

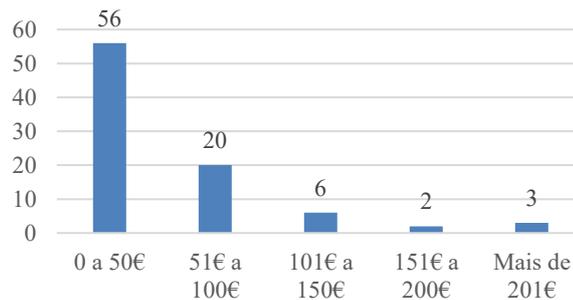
Aulas | para estudo e trabalhos académicos (4), mais tempo em transportes públicos (4), descansar a cabeça/relaxar das aulas (2)

Todo o ano | porque mesmo de férias não aumento a quantidade de leitura (1); Rotina diária (1)

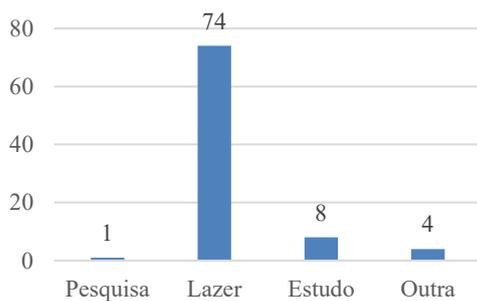
13. Livros comprados por ano



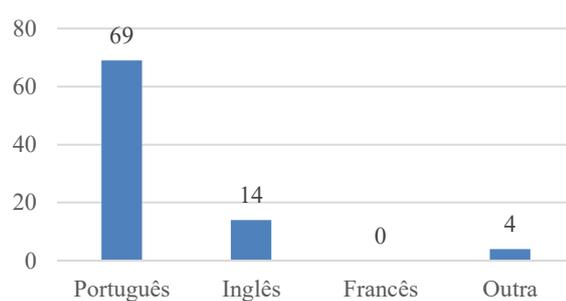
14. Gasto em livros por ano



15. Propósito de leitura



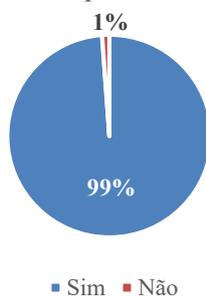
16. Linguagem escolhida



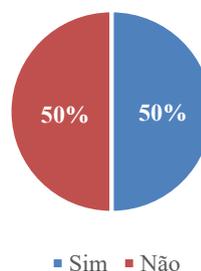
15. Outra: Lazer e estudo (1); Pesquisa, lazer e estudo (3).

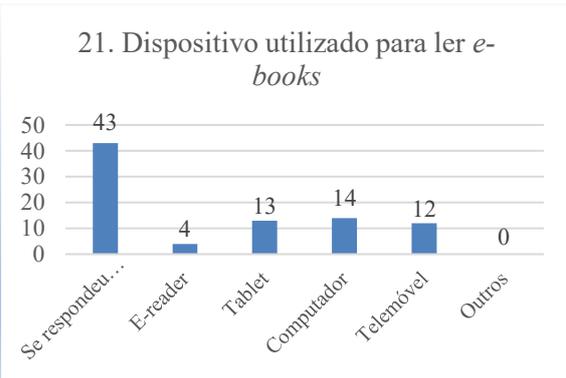
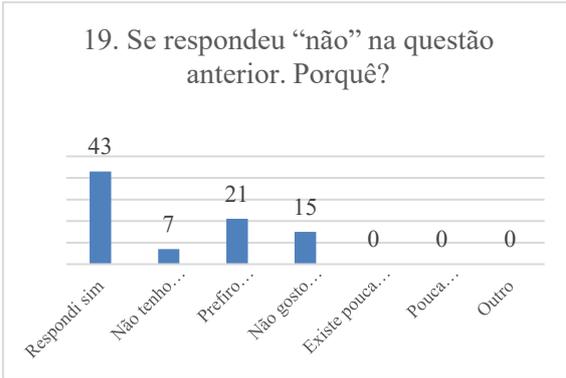
16. Outra. Português e inglês (3); Português, inglês e francês (1).

17. Sabe o que é um *e-book*

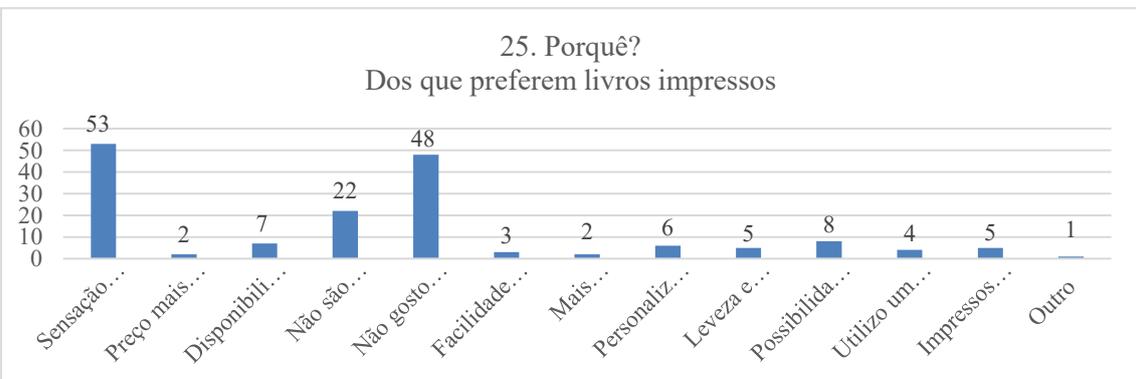
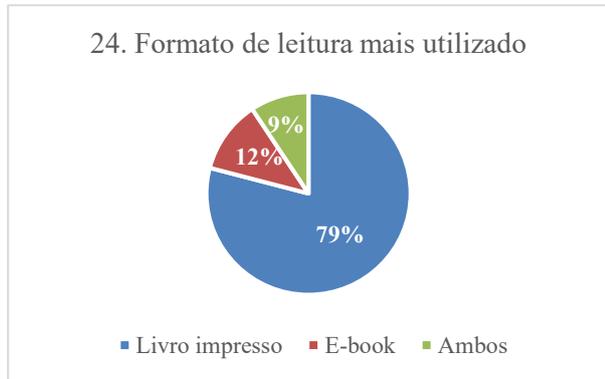
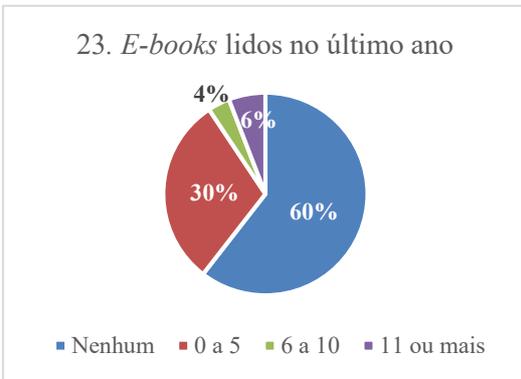


18. Já leu um *e-book*





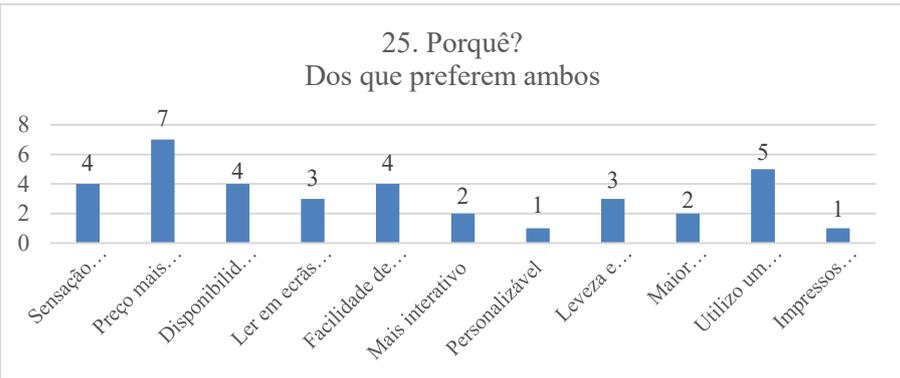
22. Outros: Pesquisa, lazer e estudo (1); Ausência de livro em formato físico (1).



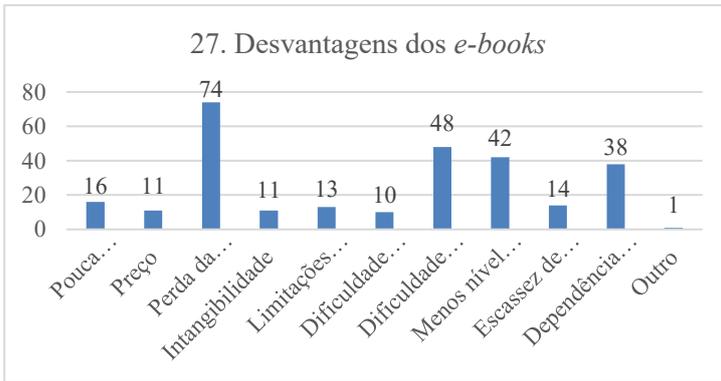
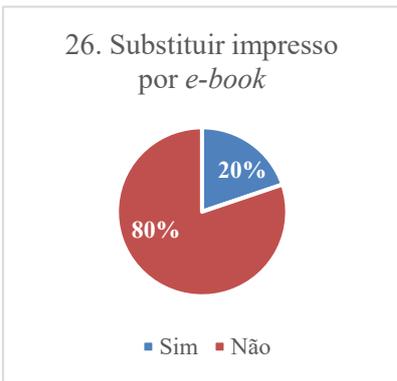
25. Outro: Menor cansaço visual (1).



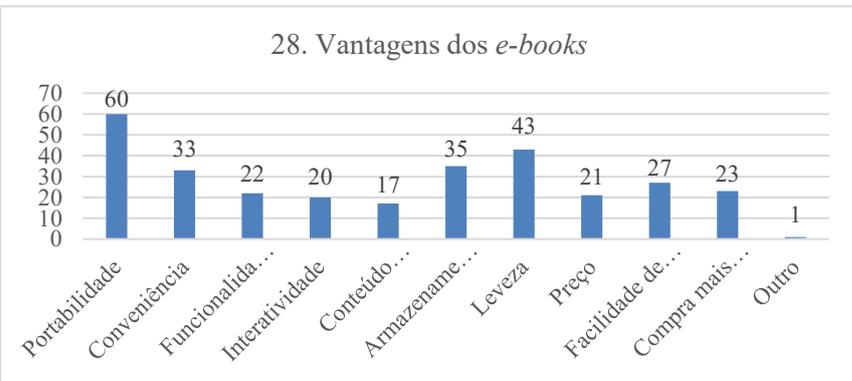
25. Outro: Gratuito (1).



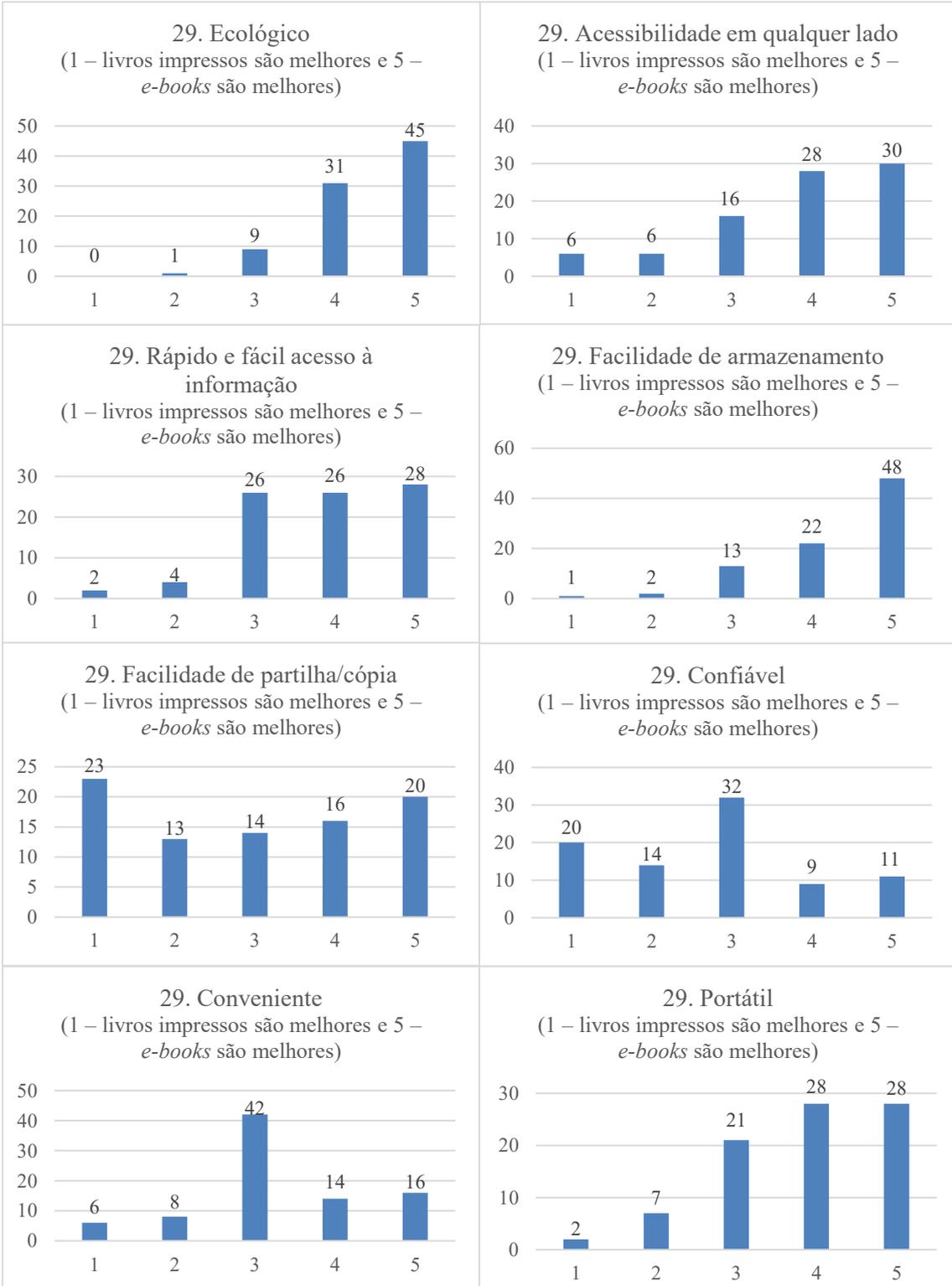
25. Outro: Com o *e-book* posso poupar muitas folhas e contribuir para a sustentabilidade ambiental (1).

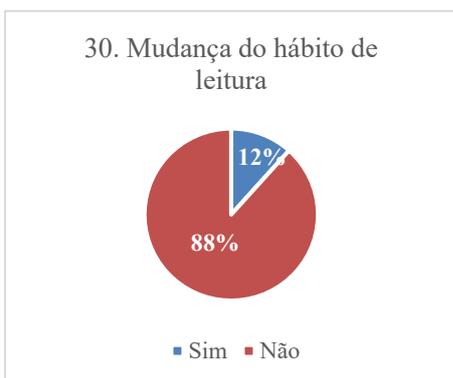
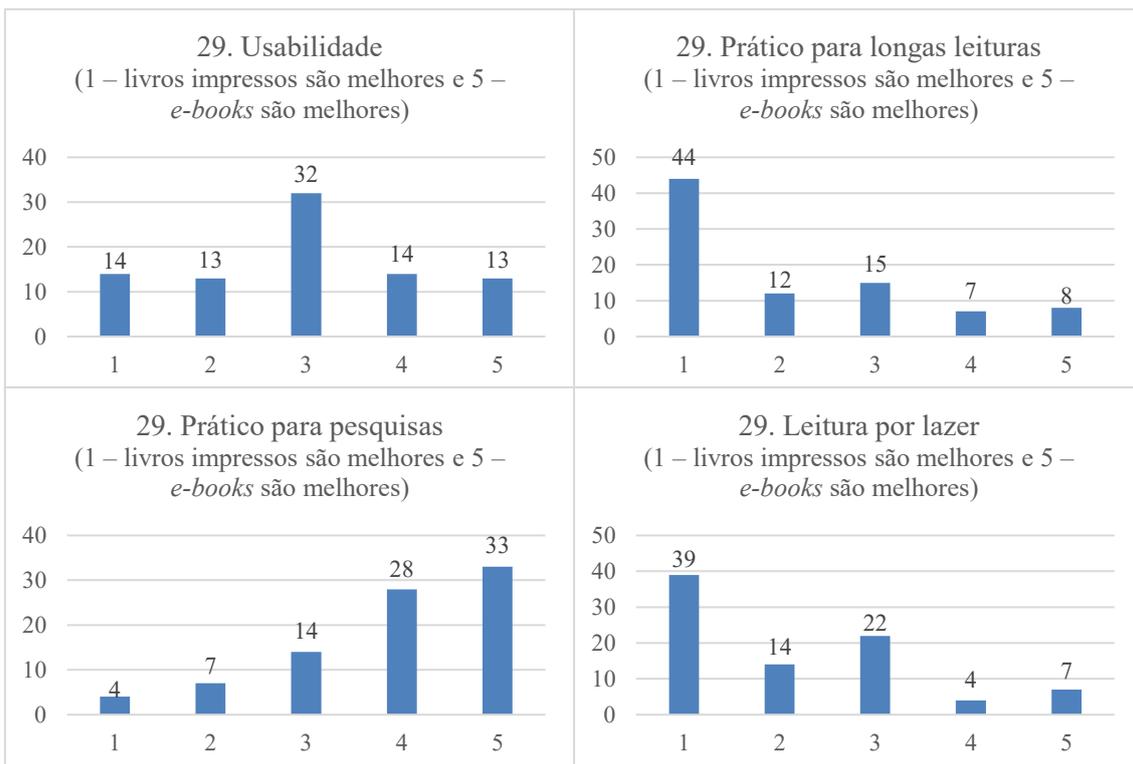


27. Outro: Não permite folhear o livro antes de comprar (1).



28. Outro: Privacidade. As pessoas que vão ao lado não conseguem ver a capa, e é mais difícil de ver o que está escrito (1).



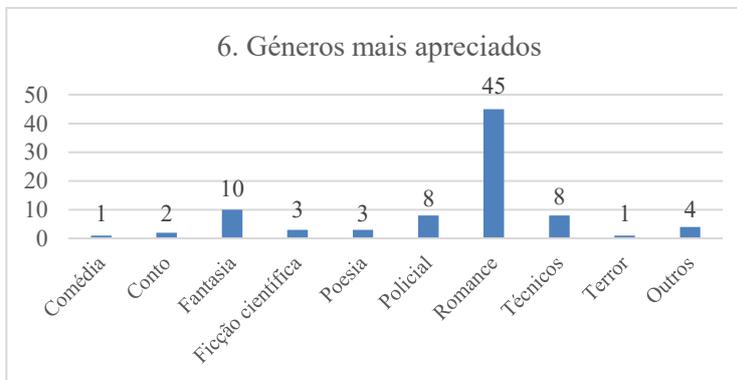
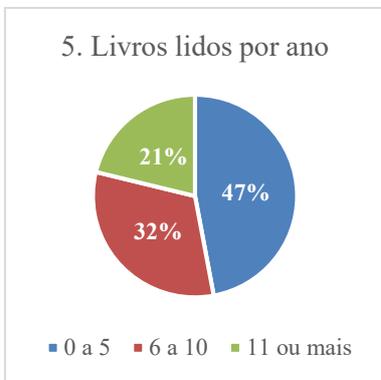
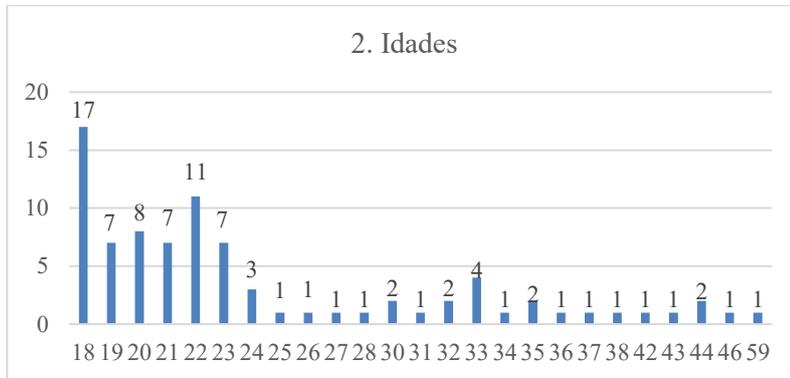
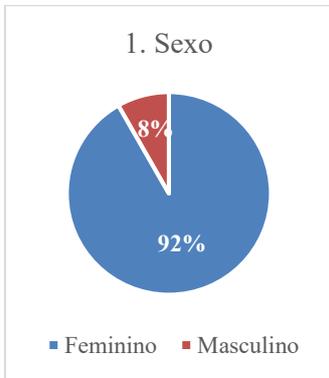


31. Porquê?

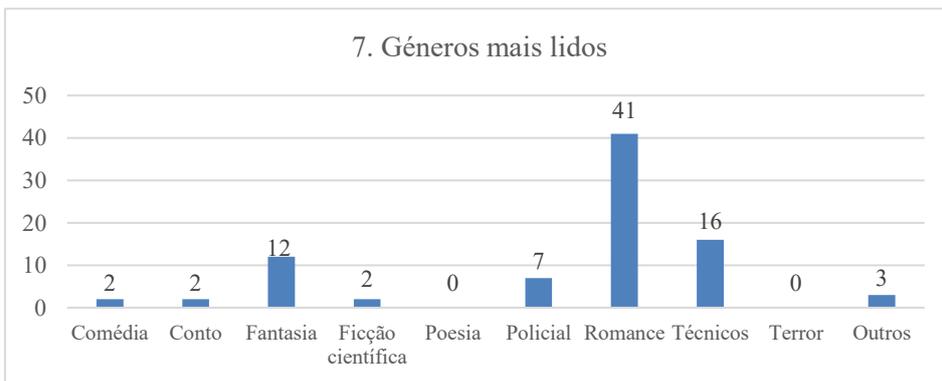
Não | Não leio/utilizo/gosto de *e-books* (39); Prefiro livros impressos (24); Continuo a ler com a mesma frequência/mantenho os mesmos hábito (8); Não tenciono mudar para o formato eletrónico (1); Ainda não aderi (1); Só uso para ler livros técnicos (1); Não senti uma diferença significativa entre os formatos (1); Excesso de luminosidade, risco de miopia (1).

Sim | Posso ler mais facilmente, visto que posso ter o livro acessível a toda a hora (1); Posso ler em qualquer lugar (1); Leio mais (2); Posso ler a qualquer hora porque não preciso de carregar o livro fisicamente (1); É mais fácil (1); É mais prático (1); Incentivou-me a ler literatura em Inglês, por maior disponibilidade de ebooks nessa língua (1); O ecrã não permite tantas horas seguidas e a bateria é limitada, sobretudo fora de casa (1); Devido à disponibilidade de um sem número de exemplares num mesmo dispositivo (1).

Apêndice O – Respostas FPCEUP

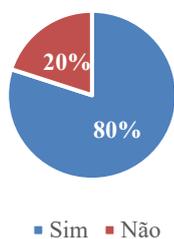


6. Outros: Não ficção (1); Espiritual (1); Religioso (2).

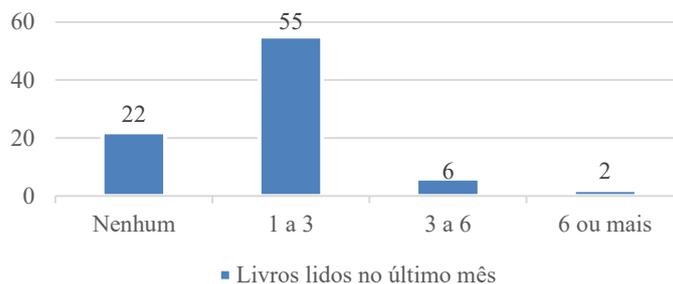


7. Outros: Espiritual (1); Religioso (2).

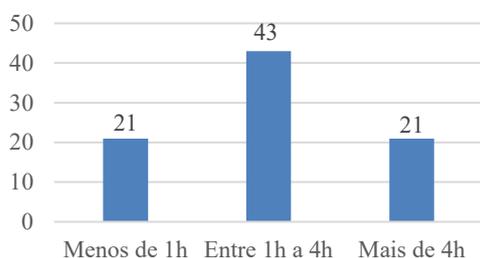
8. Encontram-se a ler um livro



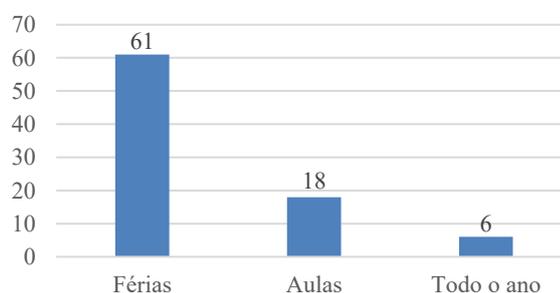
9. Livros lidos no último mês



10. Tempo média de leitura por semana



11. Altura do ano em que mais lê



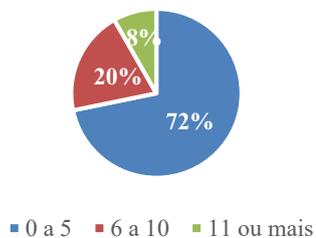
12. Porquê?

Férias | mais tempo livre (57); por lazer (5).

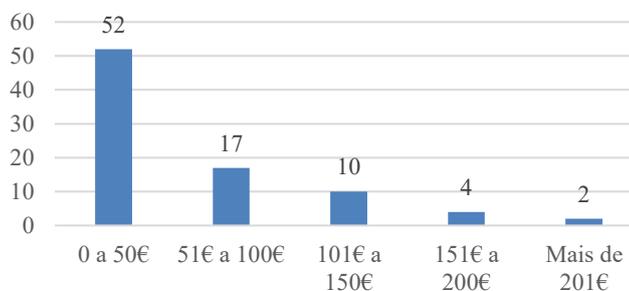
Aulas | para estudo e trabalhos académicos (11); para descansar a cabeça/relaxar das aulas (4); Transportes públicos (1); É quando tenho mais leituras a fazer devido ao desenvolvimento de trabalhos académicos e representa também uma forma de distração saudável nos momentos pequenos livres. (2).

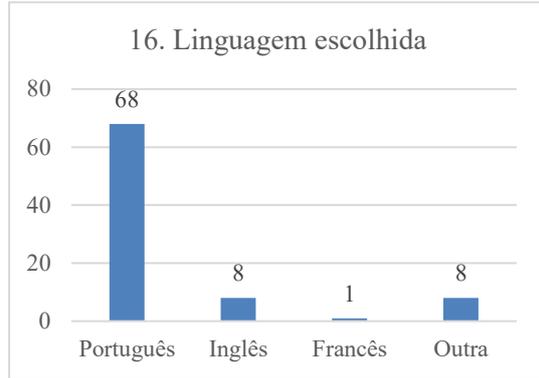
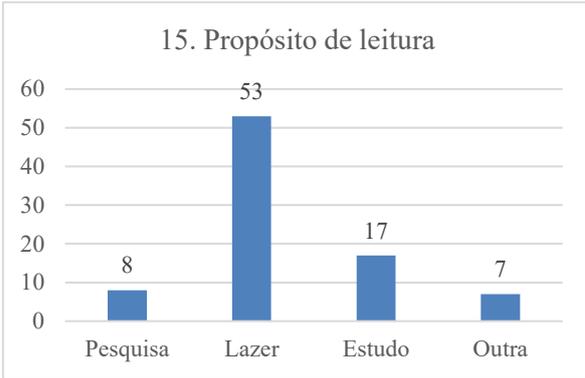
Todo o ano | mais tempo nas férias para romances, necessidade e interesse pelos outros ao longo do ano (1); Leio quando não estou a trabalhar (1); Por prazer, por inerência de funções profissionais, para estudo, por tudo e por nada (1); É um hábito diário (1); Considero que é sempre enriquecedor (1).

13. Livros comprados por ano



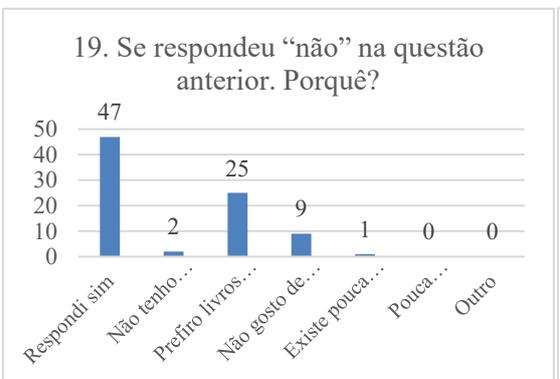
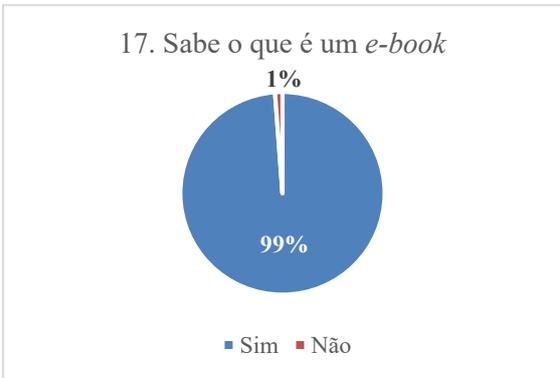
14. Gasto em livros por ano



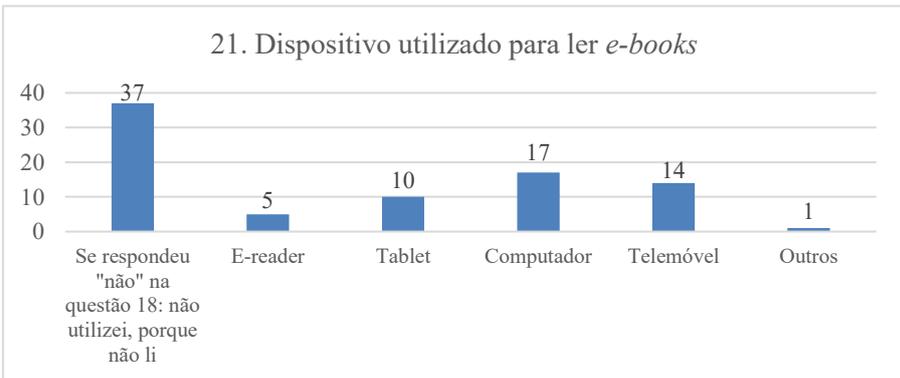


15. Outra: Pesquisa e lazer (2); Lazer, pesquisa e estudo (4); Estudo e pesquisa (1).

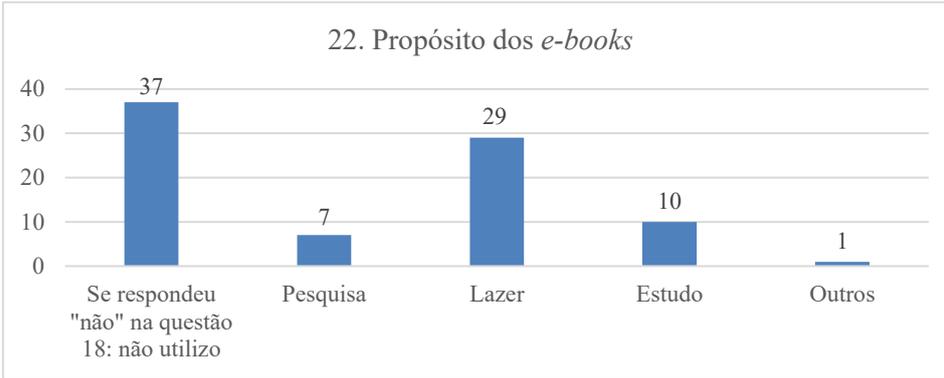
16. Outra: Português, inglês, espanhol e francês (2); Português e inglês (5); Espanhol (1).



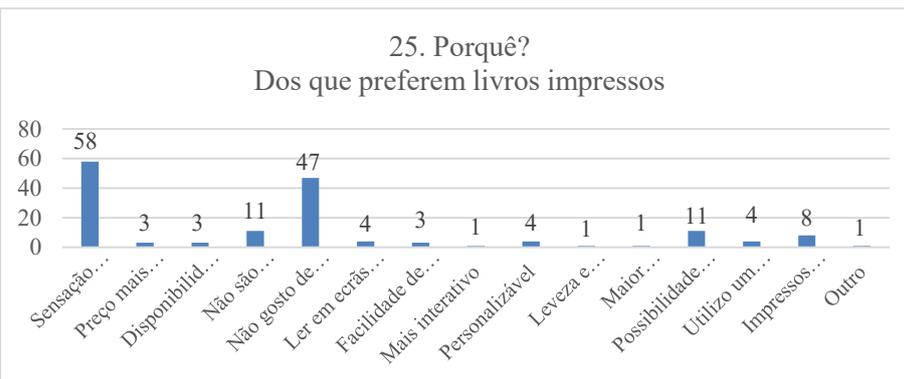
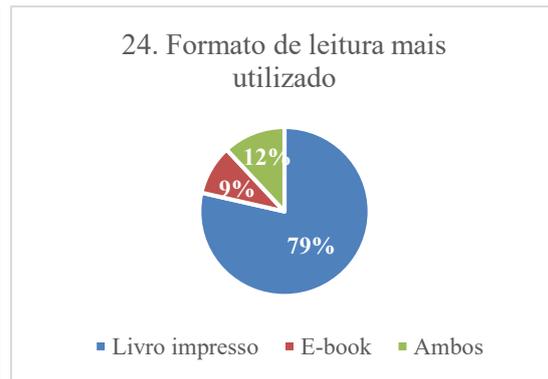
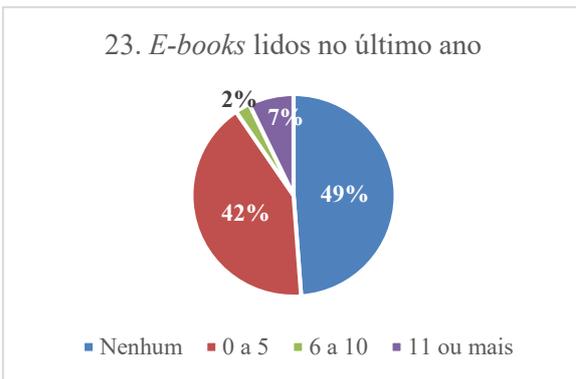
20. Outros: Não ficção (1); Filosofia (1).



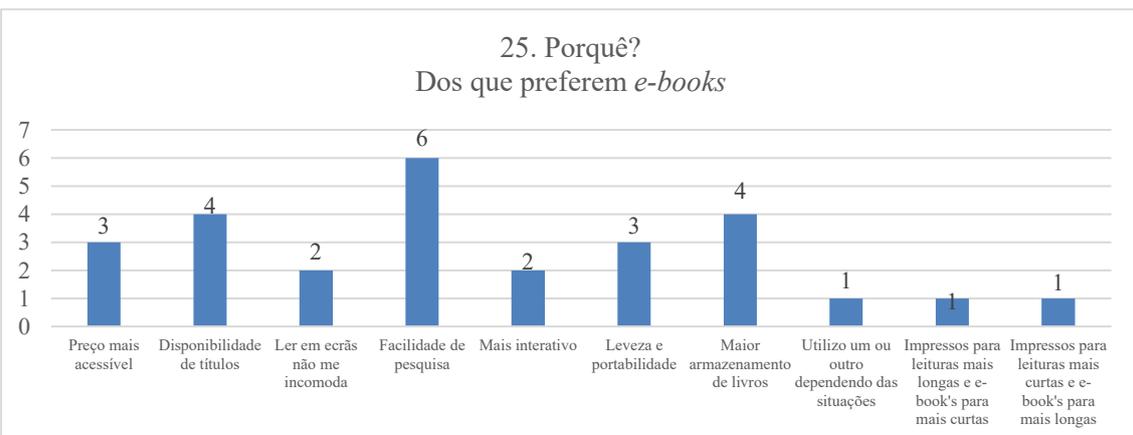
21. Outros: Computador e telemóvel (1).

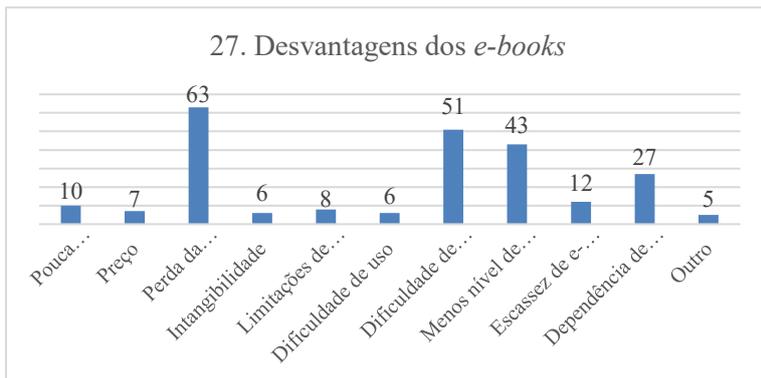
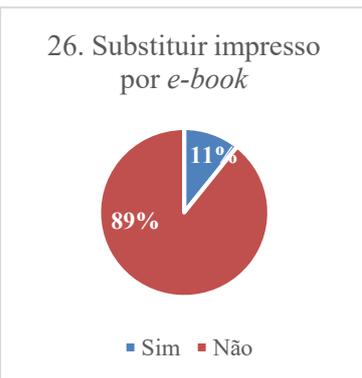
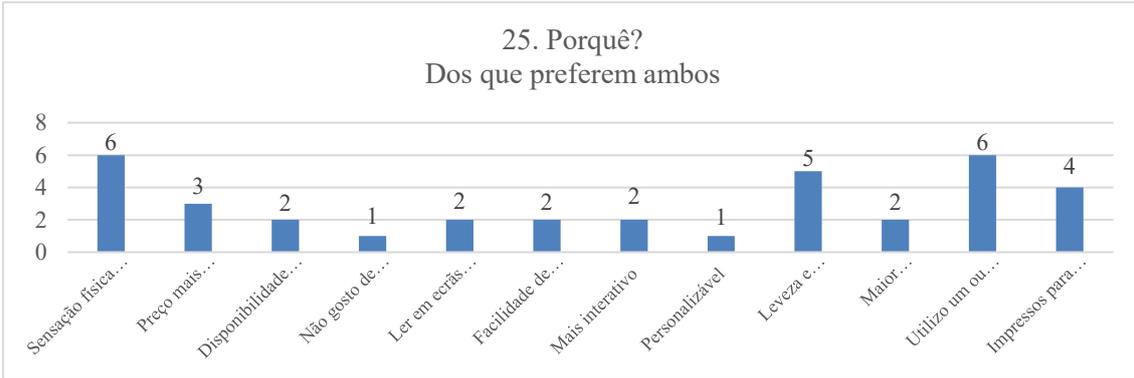


22. Outros: Pesquisa, lazer e estudo (1).



25. Outros: Posso fazer apontamentos (1).

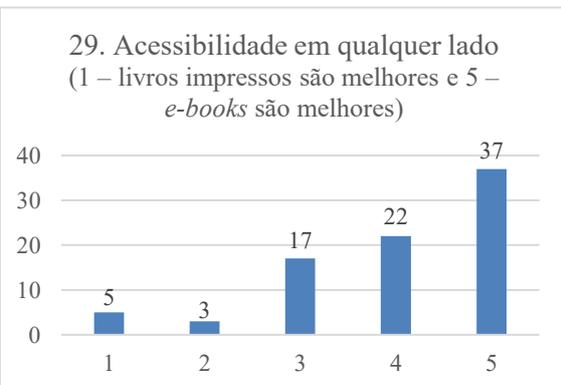
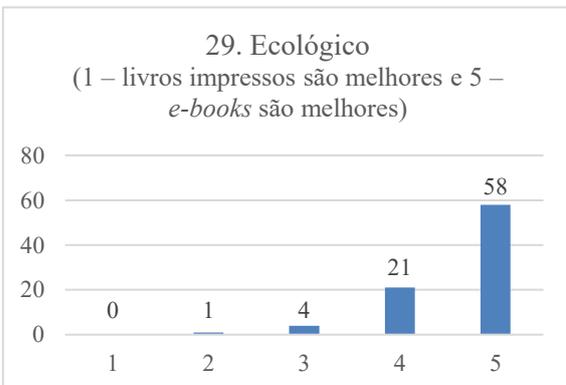


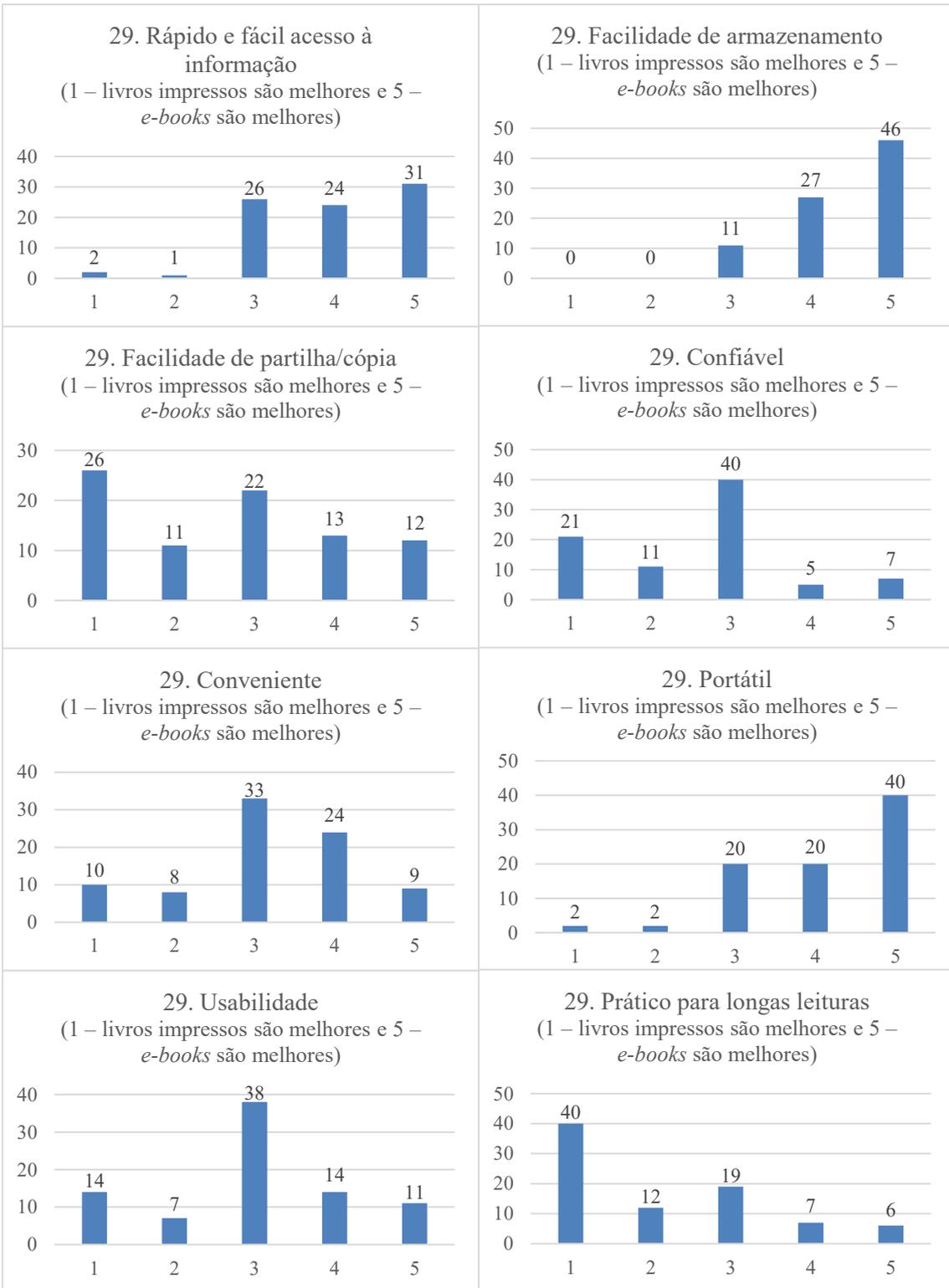


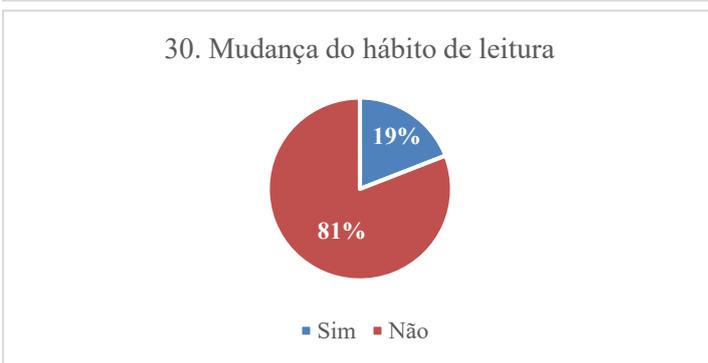
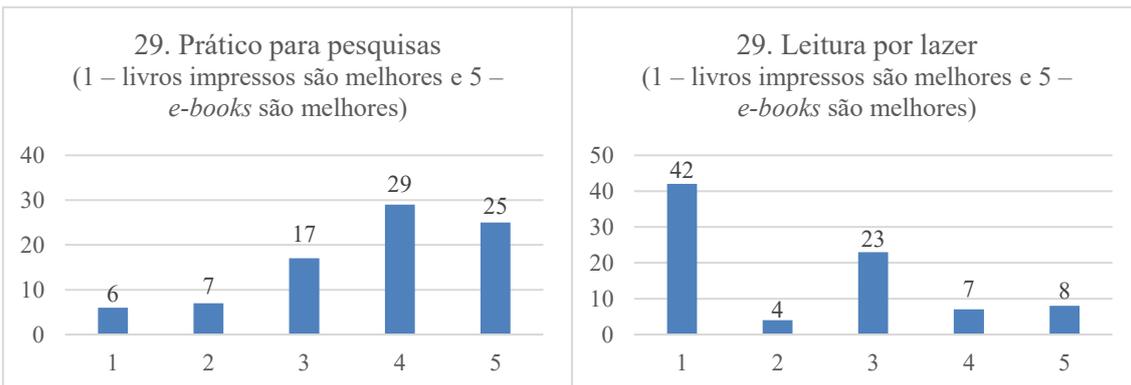
27. Outro: Dor de olhos derivada da leitura em ecrã (1); dispositivo sem bateria e não ter como carregar (2); cansaço visual (1); dor de cabeça pelo esforço na leitura (1).



28. Outro: Ecológico (2).





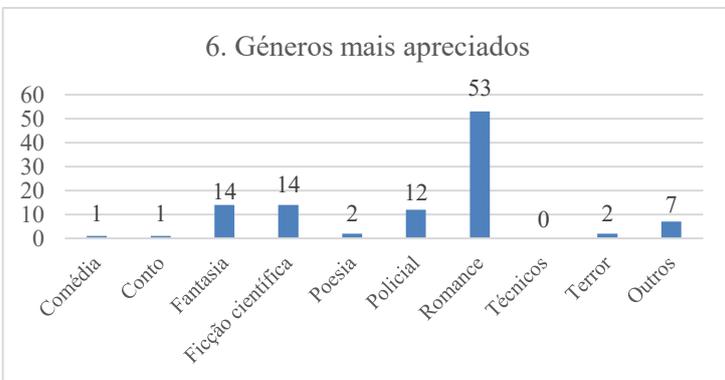
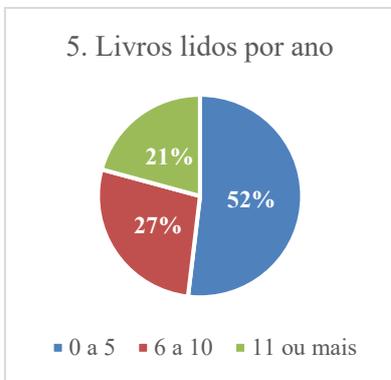
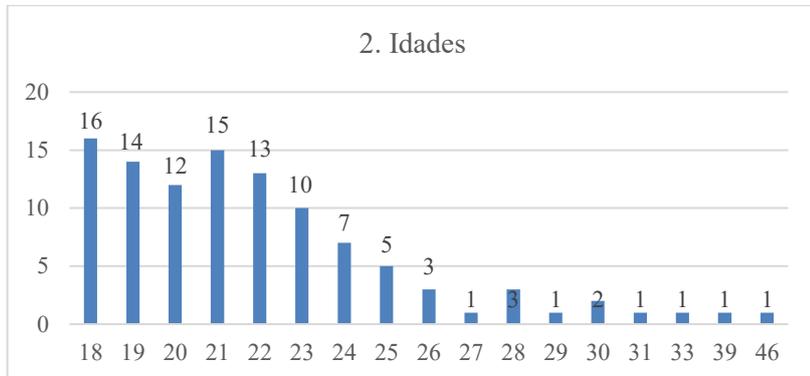
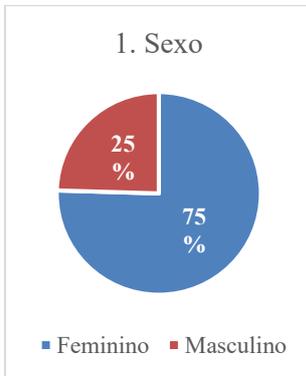


31. Porquê?

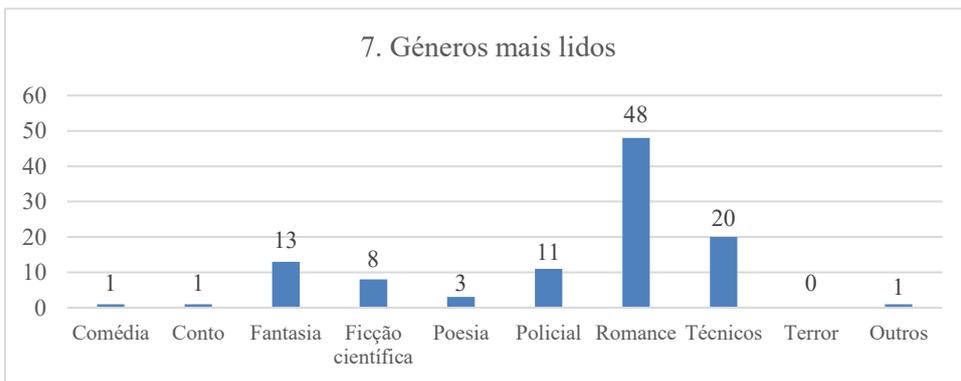
Não | Não leio/utilizo/gosto de *e-books* (34); Prefiro livros impressos (1); Continuo a ler com a mesma frequência/mantenho os mesmos hábitos (1); Para lazer prefiro os livros físicos, para estudo *e-book* (1); Só uso *e-books* quando necessário (por preço, único disponível ou pela facilidade de transportar vários livros num equipamento), continuo a preferir ler em papel (1); Não possuo *e-readers* (2); Leitura em ecrã é cansativa e distrai-me facilmente (1); O recurso ao *e-book* é maioritariamente para leituras técnicas. Gosto de apreciar o livro físico, folhear as páginas, a sensação de liberdade relativamente a fontes de energia (1); Ainda não usei o suficiente (1); Ler num ecrã é mais desconcentrante e incomoda-me (1).

Sim | São mais baratos (1); Deixei de acumular livros em casa (1); Leio mais (); Acesso mais facilmente a livros que desejo ler (1); Maior facilidade de acesso a determinados livros dos quais não existem cópias físicas em Portugal (1); Posso ler mais e pesquisar com mais facilidade, além de poder carregar diversos *e-books* comigo num mesmo aparelho (1); Utilização no metro (1); Facilitou as pesquisas (1); Acesso a mais materiais disponíveis *online*, que eu não teria de outra forma (1); Sinto que leio mais, porque tornou-se mais fácil: se estou em transportes públicos e apetece-me ler, basta-me escolher um livro no telemóvel; não dependo tanto de iluminação para ler o livro, tenho a luz do ecrã; quando são livros de muitas páginas, fisicamente a leitura torna-se mais fácil porque não tenho que manusear e suportar o peso do mesmo (1); Posso ler em qualquer lugar, mas sinto cansaço visual frequentemente (1); Trago mais livros no dispositivo (1).

Apêndice P – Respostas ICBAS

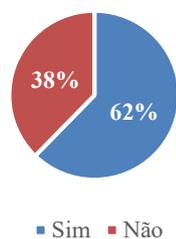


6. Outros: Filosofia (2); Distopia (1); Suspense (1); Psicologia (1); Sátira (1); Literatura clássica portuguesa (1).

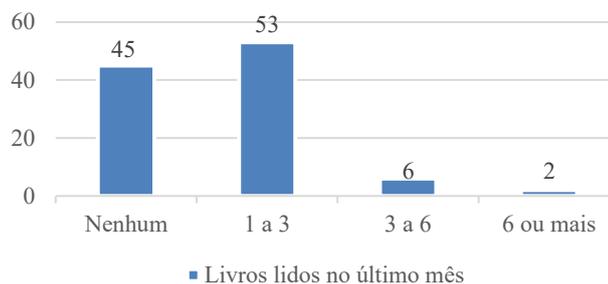


7. Outros: Suspense (1).

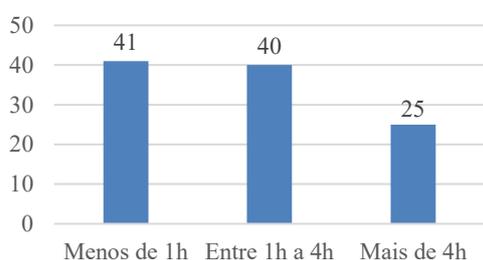
8. Encontram-se a ler um livro



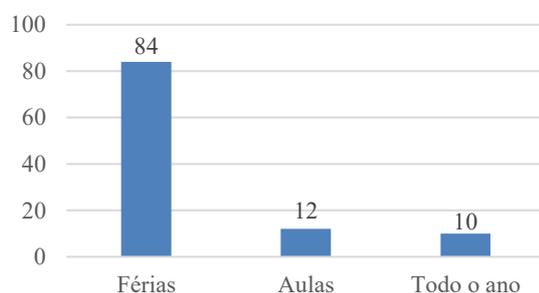
9. Livros lidos no último mês



10. Tempo médio de leitura por semana



11. Altura do ano em que mais lê



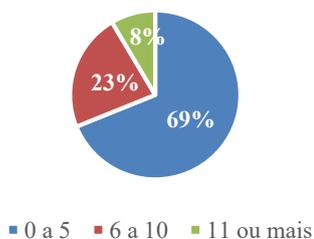
12. Porquê?

Férias | mais tempo livre (77); por lazer (5); para descansar dos estudos e das aulas (2).

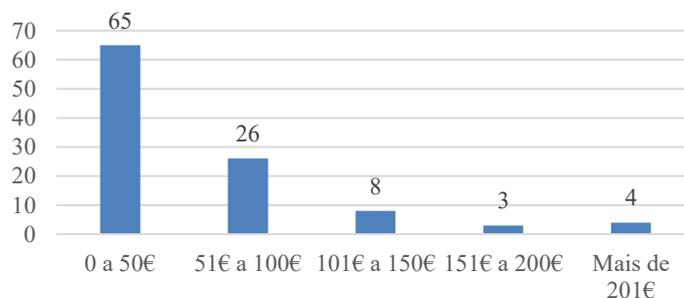
Aulas | para estudo e trabalhos académicos (6); mais tempo em transportes públicos (4); leio nos intervalos a meio do estudo, e sempre que tenho tempo (1); a pausa entre as aulas, muitas vezes não oferece tempo para as atividades de férias, mas possibilita uma pequena leitura (1).

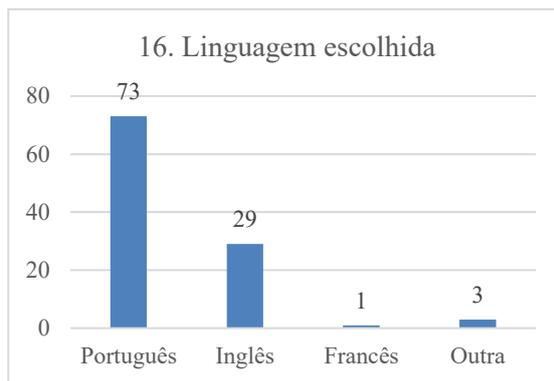
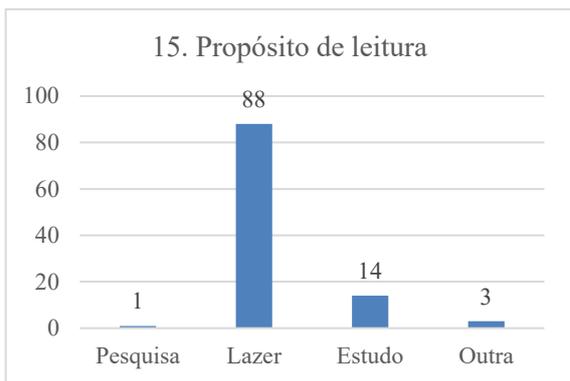
Ler todo o ano | Leio todos os fins de semana (1); Rotina diária (2); Nem sempre tenho vontade, depende da quantidade de trabalho (1); Passo em média o mesmo tempo a ler todos os dias (1); Leio mais em viagens de autocarro para lazer; artigos científicos em trabalho (1); Gosto de ler o ano todo (1); Arranjo sempre tempo para ler (1); Eu leio quando me apetece ler, por lazer, e se o livro me cativa, como é óbvio, leio mais vezes. No período de aulas leio durante as viagens que faço, tempos livres que tenha, e nas férias também quando me apetece. (1); é difícil arranjar tempo para ler por lazer a não ser antes de dormir ou nas férias quando não há outras obrigações (1).

13. Livros comprados por ano



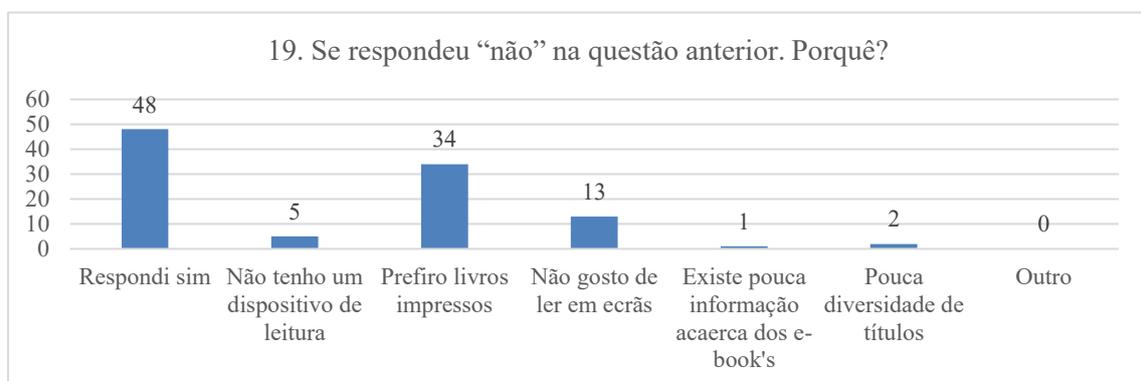
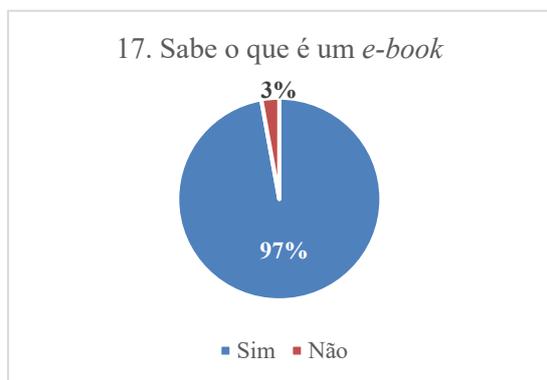
14. Gasto em livros por ano



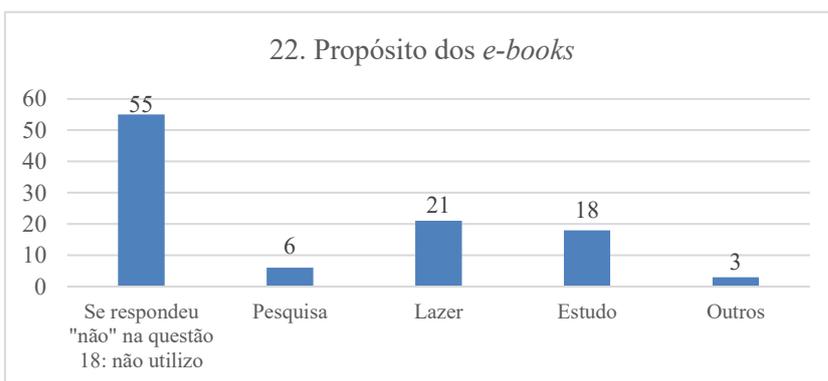
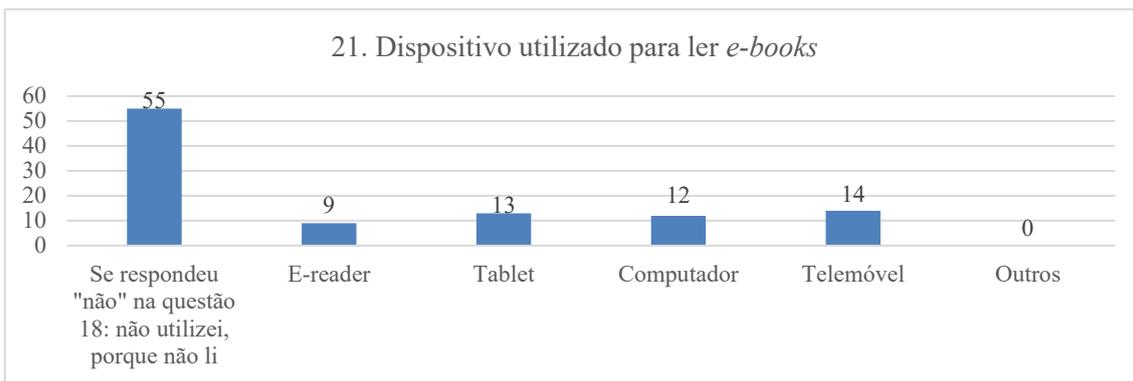


15. Outra: Pesquisa, lazer e estudo (1); Lazer e estudo (2).

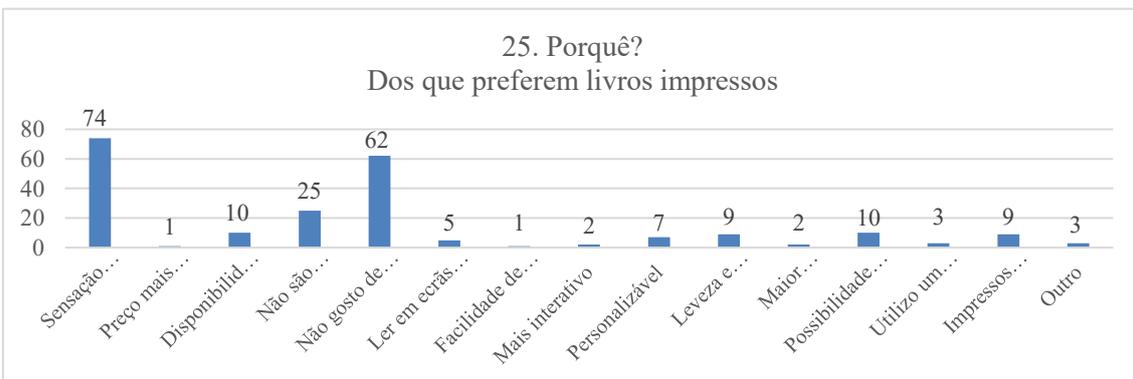
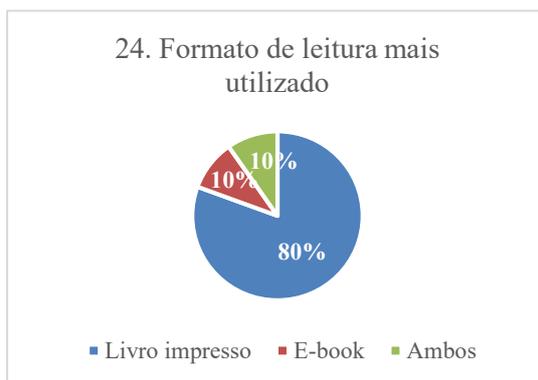
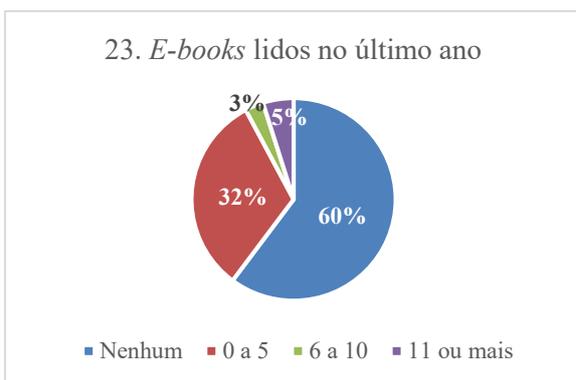
16. Outra: Português e inglês (3)



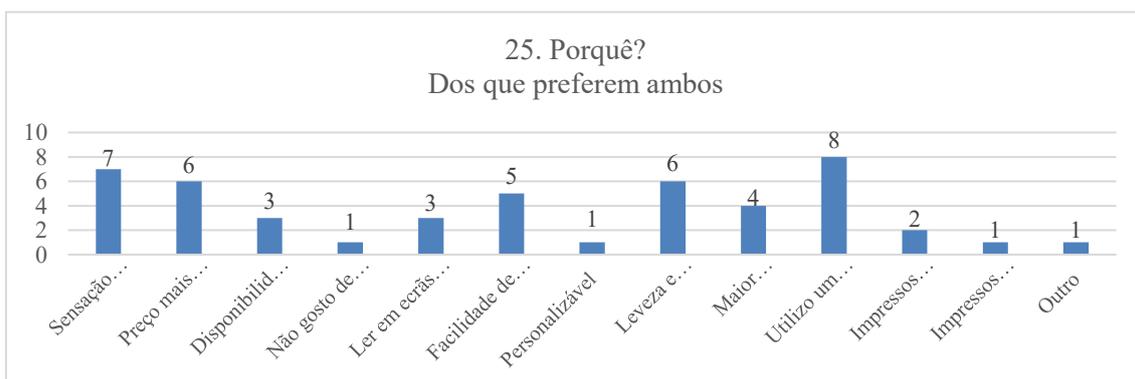
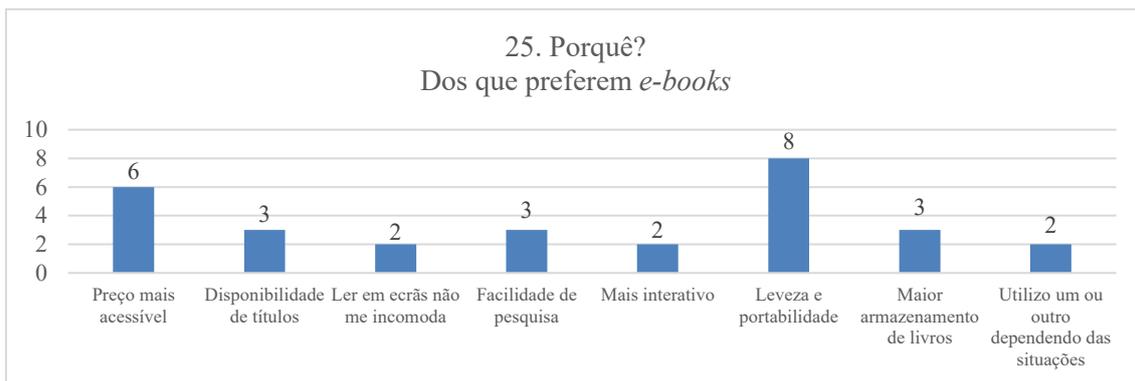
20. Outro: Desenvolvimento pessoal (1); Vários (1).



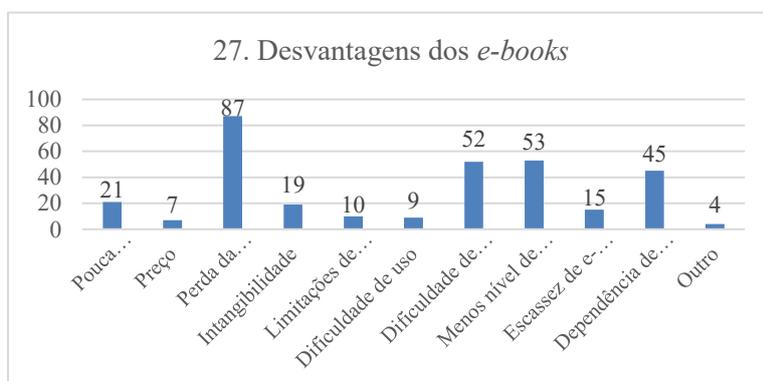
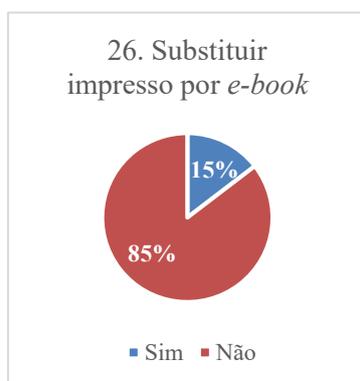
22. Outros: Não pose/Indisponibilidade da versão física da obra (3).



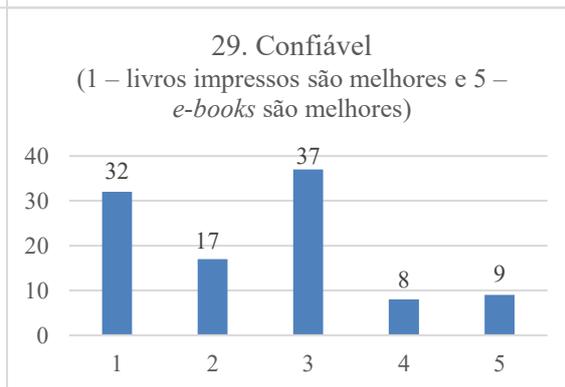
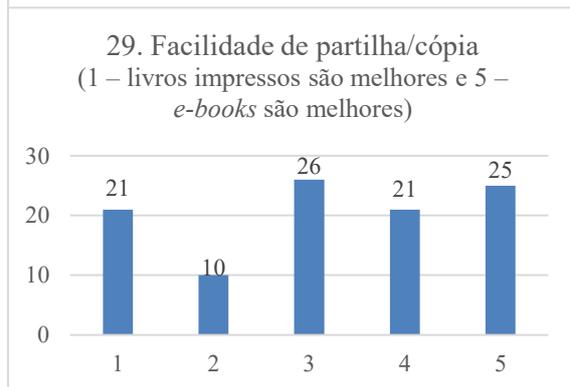
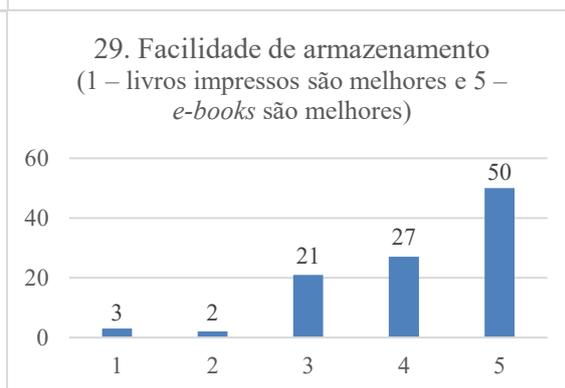
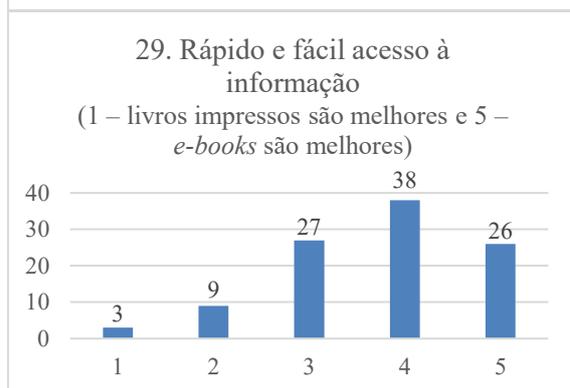
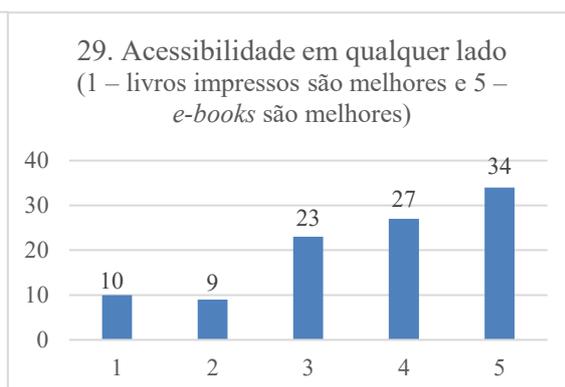
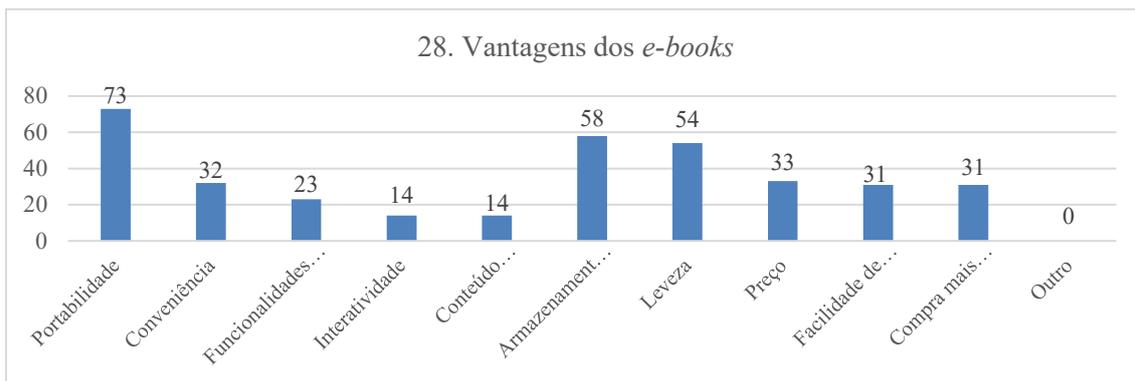
25. Outros: Construção de uma biblioteca pessoal (1); Independente de limitações dispositivos eletrónicos, como necessidade de carga, tamanho do ecrã (1); No caso de livros gosto de ter a experiência de o comprar apreciar tudo desde a capa até à leitura e a sua história, assim também gosto de ter um lápis comigo e sublinhar frases que goste (1).

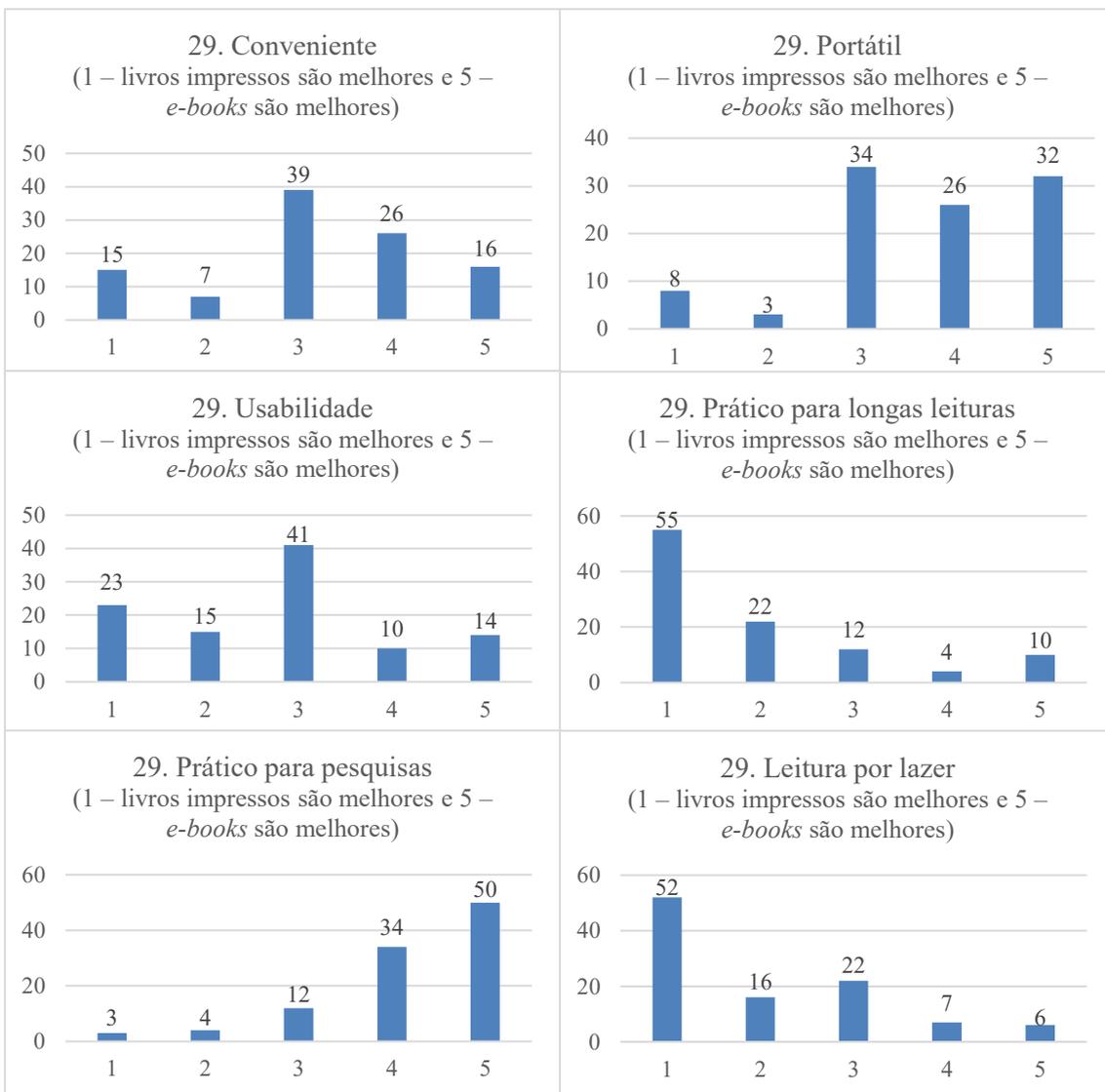


25. Outros: Utilizo *e-books* pois estou a tentar diminuir o número de itens que possuo (1).

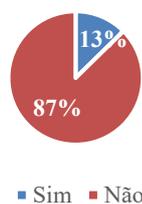


27. Outros: É menos seguro andar com um *tablet* ou um *kindle*. Pode ser roubado e além disso eu perco tudo. Se perder um livro, é muito menos grave, e assim posso ler em qualquer lado, no metro, na praia, no autocarro e sei que não vou ser roubada. (1); Não é colecionável (1); Não possui o cheiro e a sensação característicos do papel (1); Cansaço visual (1).





30. Mudança do hábito de leitura



31. Porquê?

Não | Não leio/utilizo/gosto de *e-books* (60); Prefiro livros impressos (12); Continuo a ler com a mesma frequência/mantenho os mesmos hábitos (11); Só uso em livros técnicos (1); Só comecei a usar *e-books* para estudar e assim que terminar o curso pretendo nunca mais olhar para eles (1); Apenas uso para trabalho (1); Só leio *e-books* como auxiliares ao estudo (3); Demasiada variedade aumenta a falta de foco (1).

Sim | Passei a preencher todos os tempos mortos do dia-a-dia com a leitura, como são mais baratos também me permite adquirir um maior número de livros sem ter de investir mais dinheiro (1); Permite-me ler mais facilmente em transportes públicos (1); Leio mais (4); Maior acesso a diversos títulos (1); Facilita o estudo, aumenta a rapidez de pesquisa (1); Não fico com dores de costas por carregar o livro (1); Posso ler em qualquer lado a qualquer momento qualquer livro que queira (1); Mais estimulante (1); Fácil de transportar e portanto possibilita carregar para todos os lados (1); Torna mais fácil ler em qualquer lado a qualquer hora em que tenha tempo livre, porque é mais prático e mais comum andar com o telemóvel (onde guardo os *e-books* que leio) do que com livros impressos (1).

Apêndice Q – Idades dos participantes no inquérito

Idades dos estudantes		
17 - 1	30 - 21	43 - 3
18 - 189	31 - 10	44 - 5
19 - 170	32 - 15	45 - 3
20 - 188	33 - 22	46 - 3
21 - 162	34 - 9	47 - 2
22 - 232	35 - 9	48 - 2
23 - 155	36 - 12	51 - 1
24 - 85	37 - 8	52 - 1
25 - 68	38 - 4	53 - 1
26 - 47	39 - 7	54 - 3
27 - 24	40 - 11	55 - 2
28 - 33	41 - 5	58 - 1
29 - 17	42 - 8	59 - 1

Apêndice R – Grau académico dos participantes do inquérito

Grau académico dos estudantes	
Licenciatura	387
Mestrado e Mestrado Integrado	1064
Doutoramento	89

Apêndice S – Entrevista à Livros de Bordo

Questão 1 – A palavra "ameaça" não se coloca porque os livros não são ameaçados por nenhum formato digital como se tem visto nos últimos anos. O que aconteceu com os media não é o mesmo que acontece com o mundo editorial livreiro onde a maior parte continua a preferir ler livros impressos tal como os dados demonstram.

Questão 2 – Acho que na melhor das hipóteses pode ser vista como um complemento.

Questão 3 – O livro nunca vai desaparecer. Tal como a rádio não desapareceu. São coexistentes com outros formatos.

Questão 4 – Não.

Questão 4.2 – Trabalhamos sobre História Antiga e livros que vêm do século XIII ao XXI, por isso a consulta da fonte em papel para nós é fundamental. Ver manuscritos reais que depois publicamos muitas vezes pela primeira vez.

Questão 4.2.1 – Não estamos interessados em comercializar ebooks.

Questão 5 – Um dos principais desafios da indústria do livro em Portugal é o problema dos monopólios. Grandes grupos que ofuscam os pequenos e que tornam difícil encontrar a diversidade porque as livrarias pequenas são também ameaçadas por descontos de supermercados que vendem livros de grandes cadeias livreiras.

Questão 6 – Não conseguimos responder a esta pergunta por não sabermos.

Questão 7 – Não sei o que denomina "cadeia de valores" da indústria livreira. Há mega grupos editoriais e há pequenos editores independentes com cada vez maior expressão em Portugal.

Questão 8 – Não me parece que haja grande mercado de ebooks em Portugal. Talvez por estar desligada dessa realidade.

Questão 9 – Remeto para a resposta 5.

Questão 10 – Creio que sim, que haverá.

Questão 11 – Sim.

Questão 12 – Os problemas das editoras são normalmente as mesmas. Há um livro interessante chamado "O Negócio dos Livros" de André Schiffrin que mostra como os problemas são transversais ao tipo de negócio que são os livros. Embora noutros países - alguns - haja mais incentivos que em Portugal onde por exemplo se cobra por emissão de ISBN.

Questão 13 – As editoras portuguesas são internacionais já como pode ver pelo país convidado de inúmeras feiras do livro na Europa e na América Latina. A última foi na América Latina com Portugal em destaque.

Apêndice T – Entrevista à Alfarroba

Questão 1 – É uma oportunidade e não uma ameaça.

Questão 2 – Um complemento.

Questão 3 – Não. Pode sofrer adaptações na sua mecânica (que já vem acontecendo).

Questão 4 – Não.

Questão 4.2 – Não nos é interessante do ponto de vista de retorno comercial, sobretudo porque publicamos muitos títulos na área infantil.

Questão 4.2.1 – Não temos nada previsto.

Questão 5 – A distribuição e o elitismo editorial.

Questão 6 – Começou com um impacto entusiasta mas agora sentimos que é residual.

Questão 7 – Manter-se-á.

Questão 8 – Sendo um complemento.

Questão 9 – Elitista.

Questão 10 – Sim, especialmente na área técnica.

Questão 11 – Sim.

Questão 12 – Tradicional, pouco experimental, de pequena escala e de horizontes reduzidos.

Questão 13 – Sim, mas tem-se privilegiado apenas algumas editoras (e autores).

Apêndice U – Entrevista à Eu Edito

Questão 1 – Uma oportunidade (uma realidade).

Questão 2 – Complemento (não confundir digital (formato *e-book*) com produção digital.

Questão 3 – Os leitores, e autores, continuam a preferir o papel (o toque, cheiro, etc). Assim como, mais prático para correções e/ou apontamentos.

Questão 4 – Sim (apenas em formato PDF)

Questão 4.1 – Nada em particular, atendendo que somos uma editora de edição de autor que funciona exclusivamente online.

Questão 4.1.1 – Facilmente, por trabalharmos online sob impressão a pedido (print on demand).

Questão 4.1.2 – Nenhuma, pela mesma razão

Questão 4.1.3 – Para o autor, no nosso caso é quem decide a publicação, o preço

Questão 4.1.4 – Como apenas disponibilizamos a versão *e-book* em PDF, não há processos adicionais.

Questão 5 – Preços de custo de produção e distribuição, no caso de editoras convencionais

Questão 6 – Não temos elementos para responder. Por não haver muita adesão, no nosso caso, não nos dedicamos aos *e-books*. No entanto, um dos impactos poderá estar relacionado com os direitos de autor e a facilidade de "copiar" e distribuir um *e-book*.

Questão 7 – Não temos elementos para ajudar

Questão 8 – Não temos elementos para ajudar

Questão 9 – Não temos elementos para ajudar

Questão 10 – Sim, mas o mercado português ainda prefere o comércio tradicional

Questão 11 – Claro que sim

Questão 12 – Não temos elementos para ajudar

Questão 13 – Sim. Uma das fora, a e-distribuição (distribuição/venda online, em plataformas internacionais como a Amazon)

Apêndice V – Entrevista à Livros Horizonte

Questão 1 – Não acreditamos que seja uma ameaça, mas sim uma nova oportunidade.

Questão 2 – Complemento.

Questão 3 – Não. Quem procura e gosta do livro impresso não irá substituí-lo com o digital. O digital é útil e prático, mas o livro não irá desaparecer.

Questão 4 – Sim.

Questão 4.2 - Estamos em processo de criar os nossos primeiros ebooks.

Questão 4.2.1 – Estamos a iniciar este processo.

Questão 5 – O desafio maior continua a ser conseguir boas colocações no mercado e boas vendas.

Questão 6 – Favoreceram um maior acesso aos livros desde o Brasil por exemplo.

Questão 7 – Não sei responder.

Questão 8 – Não creio que haja necessidade de adaptação. Parecem-me dois mercados que podem ir *pari passu*.

Questão 9 - Existe uma quantidade gigantesca de novidades a saírem para a rua todos os meses e muitos dos livros ficam despercebidos.

Questão 10 - Sim, mas é preciso de criar o hábito.

Questão 11 – Sim.

Questão 12 - Creio que se trate de uma questão de hábitos e Portugal é um país de leitores fracos.

Questão 13 – Sim, existem muitos livros portugueses traduzidos para outras línguas.

Apêndice W – Entrevista à Porto Editora

Questão 1 – A grande ameaça que existe com os livros impressos e com o mundo digital é o que já existe. Isto em termos conjeturais que é a ameaça da cópia, da pirataria, em que nós passamos do problema das fotocópias para os problemas da pirataria dos ficheiros digitais. Essa é, de alguma forma, a grande ameaça. Em termos de oportunidade é a possibilidade de disponibilizar em formato digital aquilo que nós já fazemos em livro e isto agora depende também muito do tipo de livro que nós estamos a falar.

Questão 2 – Não só pelos suportes, mas pela forma como o cérebro humano funciona, é um complemento.

Questão 3 – Não. Podia citar Bill Gates que em 1992/93 foi algures em meados da década de 90 que disse que no final da década de 90, na viragem do milénio, o papel deixaria de existir, acho que essa é a primeira parte da resposta, pois estamos em 2019 e continuamos a questionar se o papel algum dia deixará de existir. Poderá, eventualmente, o próprio suporte físico evoluir, ou seja, nós deixarmos de usar papel, esta derivação daquilo que as árvores nos permitem produzir, para outro tipo de suporte físico que é um papel, mas é um papel digital, ou seja, estar a dizer que algum dia o livro em suporte físico como o conhecemos neste momento irá desaparecer é futurologia.

Questão 4 – Sim

Questão 4.1 – Foi proporcionar a melhor experiência de leitura para quem quer ler em *e-book*, ou seja, há todo um conjunto de hábitos que um leitor tem que foi necessário transpor para o formato digital, ou seja, é curioso que nomeadamente na área da educação e do escolar e a propósito de uma suposta eficácia da reutilização está-se a proibir os alunos de tomar notas nos livros o que é péssimo e não se trata da questão do livro, trata-se da questão da aprendizagem, estamos a criar barreiras, a condicionar os alunos nos seus métodos de estudo, o que não faz sentido, desde logo porque o estudo não é uma predisposição de qualquer ser humano, ou pelo menos da esmagadora maioria do ser humano. E dos mais novos ainda mais porque há todo um conjunto de coisas que nos parecem muito mais interessantes de fazer do que estar a estudar, como por exemplo, simplesmente ir para a praia jogar à bola ou ir sair com os amigos ou seja o que for. E nós estamos a por essas barreiras, mas pronto, nós temos essa necessidade de tomar notas, nós temos a necessidade de fazer marcações, ou seja, tudo isso, por exemplo, quando fazemos um livro em papel nós estudamos a mancha, como é que a mancha estará colocada no papel, que margens é que deixamos, que entrelinhamento é que colocamos, qual é a fonte que dá melhor leitura, qual é o tamanho que nós vamos usar, ou seja, há todo um conjunto de questões gráficas que nós contemplamos no papel e que nós tivemos de estudar e transpor para o digital para quem for ler poder ter uma boa experiência de leitura e poder, por exemplo, fazer a tal marcação da

página, poder tomar notas e poder fazer a pesquisa. Tudo isso nós contemplamos quando decidimos avançar para o digital.

Questão 4.1.1 – Tudo fazer para assegurar uma boa experiência de leitura.

Questão 4.1.2 – No nosso caso não foi nada de extraordinário, porque nós começamos a fazer a transposição para o digital no início da década de 90. Isso começou a montante, ou seja, quando nós falamos do *e-book* estamos a olhar para a transformação digital a jusante, mas para chegarmos aí nós tivemos de fazer uma transformação interna dos nossos métodos de trabalho e essa transformação começou nos inícios da década de 90 com as primeiras máquinas gráficas de impressão digital e mesmo ao nível de paginação, tratamento de imagem e tudo isso, foi aí que nós começamos a integrar o digital no processo de desenvolvimento editorial. Quando começamos a ter computadores que nos permitiram fazer outro tipo de trabalho de paginação, de integração e tratamento de imagem, tudo isso. Nos finais da década de 90 nós já tínhamos em formato *e-book* os clássicos da literatura portuguesa. Na altura nós chamamos-lhe a biblioteca de clássicos de literatura portuguesa que estava disponível através do site da Porto Editora e onde estavam os clássicos de Eça de Queiros, Camilo Castelo Branco, Júlio Dinis, etc, portanto já nessa altura nós dominávamos as técnicas. Depois, à medida que a tecnologia foi evoluindo, nós fomos acompanhando: novos *softwares*, novas tecnologias. A tecnologia foi-nos dando outro tipo de possibilidades que nós fomos integrando no nosso trabalho. Curiosamente, nessa altura, nos finais da década de 90, em que foi o surgimento do pdf, nós nessa altura percebemos que não havia grande procura daquilo.

Questão 4.1.3 – Fazemos sempre os dois. O que nós queremos é que um determinado livro esteja disponível em todos os formatos possíveis para que o leitor decida se quer ler em papel ou se quer ler em digital.

Questão 4.1.4 – Quando o escritor nos envia o texto original e vem num word, nós iniciamos o trabalho de edição, trabalhamos o livro e isso é feito sempre em *software* de paginação. Quando o livro está pronto ele segue dois caminhos. Segue o caminho para a nossa unidade gráfica para imprimir e segue o caminho dos servidores para aparecer disponível em *e-books* e nas páginas das livrarias virtuais.

Questão 5 – É bom que sejamos claros: não existe mercado dos *e-books* em Portugal. O grande desafio de quem trabalha no livro é haver leitores. As pessoas não leem.

Questão 6 – Há uma coisa boa que foi dar mais um incentivo aos editores para evoluírem tecnologicamente e isso permitiu que a própria indústria do livro evoluísse, se tornasse ainda mais profissional, completamente adaptada às novas possibilidades e desafios, a pensar o funcionamento do mercado, a não cometer erros como a indústria da música cometeu, como a própria indústria dos média cometeu. Houve implicações em termos de custos, investimentos em meios tecnológicos, em recursos humanos e tudo mais, de resto é isso.

Questão 7 – Mais uma vez, futurologia. É assim nós já fazemos tudo isso desde há muitos anos e no caso da Porto Editora, pelo menos, nós trabalhamos já nessa realidade, ou seja, vamos supor um romance, o trabalho editorial é o mesmo e porquê? Porque nós usamos tecnologia no desenvolvimento do trabalho, a única coisa aqui que não é tecnológica é a criação literária. Nesse aspeto, já trabalhamos nessa realidade, agora se isto vai continuar a existir ou não... é futurologia. Eu acho que vai demorar muitos anos até deixar de existir. Até porque a própria indústria gráfica tem evoluído de uma forma extraordinária, até ao nível da proteção do ambiente. A nossa gráfica, neste momento não, porque foi destruída com a tempestade do ano passado e está a ser reconstruída, mas está certificada ambientalmente. Nós temos uma mini ETAR a funcionar em exclusivo para aquela unidade. O desenvolvimento tecnológico do livro tem sido uma coisa notável.

Questão 8 – A indústria do livro em Portugal é uma indústria muito dinâmica e é curioso, porque não somos um país com muitos leitores, mas temos um setor editorial dinâmico e que é competitivo e que se adapta. Consegue-se adaptar aos desafios de uma forma muito dinâmica e muito facilmente. Mesmo comparados com outros países, nós não devemos nada a ninguém.

Questão 9 – Por muito bons que os editores sejam, por muito bons escritores que tenhamos em Portugal, se não houver uma política do livro, se não houver um incentivo à leitura, se não

houver um discurso desempoleirado e transparente e rigoroso sobre aquilo deve ser feito e deve ser passado e deve ser inculcado nas novas gerações, os problemas vão continuar a existir.

Questão 10 – A nossa mentalidade é esta: seja qual for o dia da amanhã, nós temos de estar preparados. Se de hoje para amanhã disserem que acabou o livro em papel, nós já estamos lá, estamos preparados.

Questão 11 – Sim. Eu acho que nós devemos trabalhar para que as pessoas tenham acesso às opções que melhor servem os seus interesses e as suas necessidades. Eu posso querer estar num transporte público, ir num avião e em vez de levar 2 ou 3 livros levo o meu kobo. É nesse caminho que nós devemos trabalhar, ou seja, garantir que damos as possibilidades de acordo com as mais diferentes procuras.

Questão 12 – O único problema é a falta de leitores e tudo em que isso se enquadra, ou seja, não haver uma política de cultura, ainda termos muito caminho para andar ao nível da literacia e olharmos a educação como ela deve ser e não com constantes mudanças, vem um governo e muda, vem outro governa e muda o que outro mudou. Não há estabilidade e depois há esta forma de dar um carácter demasiado lúdico à educação porque a educação é chata. Acho que há muitos adultos que estão traumatizados com a experiência que tiveram no tempo da escola.

Questão 13 – É assim, está a perguntar a uma editora que tem uma editora em Angola, em Moçambique e em Timor Leste. Sempre em língua portuguesa, porque nós só procuramos língua portuguesa. Mas acho que sim, que têm potencial.

Questões extra com a Porto Editora:

Questão 14 – Qual tem sido o vosso principal desafio em disponibilizar conteúdo no formato digital? Se for um romance, por exemplo, em que é texto corrido, sem imagens e tudo o mais, a disponibilização em formato digital é razoavelmente pacífica. O desafio tem sido o de fazer do mundo digital outro tipo de trabalho que nós desenvolvemos em suporte de papel e aqui refiro-me, por exemplo, à área da educação. Aí tem-nos sido dada a oportunidade de nós desbravarmos caminho não só em termos de desenvolvimento tecnológico, como no desenvolvimento de técnicas editoriais para contexto multimédia e aí já falamos de texto que combinamos com imagens, vídeos, animações, interatividades, portanto há toda uma riqueza de recursos que só o multimédia pode disponibilizar.

Questão 15 – É um investimento sem retorno? Não compensa. É um investimento que não tem muito retorno. Nos finais da década de 90, em que foi o surgimento do pdf, percebemos que não havia grande procura. Por exemplo, um livro de José Rodrigues dos Santos em papel, vende cerca de 50 a 60 mil, se vender 600 em *e-book* é um recorde. 600 em 60 mil dá de percentagem qualquer coisa como 0.01. Não existe. Por isso é que não tem retorno, porque repare o investimento que temos de fazer. É que o livro sai da gráfica, vai para as livrarias, vai para as suas mãos e nós não vamos ter que lhe dar qualquer tipo de manutenção. Agora, se pegar no seu telemóvel, entrar na wook e for ver para comprar, o ficheiro tem de estar lá disponível e, para que isso aconteça, há um investimento constante que nós temos de fazer em redes, em servidores, em *software*. Porque há sempre novas versões e depois como há mais informação os servidores têm de ser mais capazes e é um investimento constante. A manutenção de um *e-book* tem custo, um livro em papel não. Se o leitor entrar na livraria online, vai para comprar e o ficheiro não está disponível, já perdemos. Os custos associados ao digital e do multimédia no escolar é muito maior, as pessoas não têm noção, porque nós temos uma equipa de editores que faz em papel e uma equipa, que não se chamam editores, mas sim gestores de conteúdos, no multimédia, mas também temos programadores, especialistas em redes, técnicos de vídeo, de áudio, designers multimédia. Tivemos de construir um estúdio de televisão e um estúdio de rádio para fazer os recursos para incorporar nos manuais multimédia. Mas depois as pessoas pensam que tudo o que é digital tem de ser gratuito, porque é muito mais barato, porque não tem papel. O papel, para nós, na parte de impressão custa-nos cada vez menos.

Questão 16 – Porque é que as pessoas não leem? Não é de agora. É curioso, porque o nosso país conseguiu, em termos de educação, recuperar muito do atraso tremendo que nós tínhamos em 74 e no pós 74 houve um processo de democratização maciça do ensino em Portugal,

mas ainda há muito caminho a fazer porque ainda não estamos lá. Acho que já se fez muito e apesar dos inúmeros erros e das inúmeras dificuldades, conseguiu-se alguma coisa de significativo em poucas décadas. No entanto, nós continuamos a ter índices de leitura e hábitos de leitura fracos. Porque depois entram aqui outras conjugações, tem haver com o próprio desenvolvimento da sociedade e do aumento de oferta cultural, de acesso a vários tipos de artes, o acesso à cultura tornou-se mais amplo, o cinema evoluiu, a televisão evoluiu, a tecnologia evoluiu. Há muitos mais apelos do que havia antigamente e depois é assim, enquanto nós não tivermos de facto não tivermos índices de escolaridade e sobretudo de literacia aceitáveis, não vamos ter hábitos de leitura e neste preciso momento, nestes anos em que estamos a enfrentar um depressão demográfica tremenda, isto porque nós nas últimas duas décadas vimos o nível de natalidade descer de forma assustadora e depois ainda tivemos, na segunda metade da primeira década deste século, um fluxo migratório de imigração que de alguma forma rejuvenesceu a nossa sociedade, mas depois com a crise em 2010/2011 o que nós tínhamos recebido de pessoas perdemos e depois ainda perdemos muito mais com o quase de quarto de milhão de portugueses que foi-se embora a partir daí com a crise. E perdemos uma faixa muito importante da população, na qual o país tinha investido em termos de formação, pessoas entre os finais de 20 anos e inícios de 30 e que eram a nossa massa crítica e nós perdemos essa massa crítica. Depois, se pensarmos bem, não há uma política do livro. O plano nacional de leitura tem conseguido alguma coisa de positivo na promoção dos livros, de dar a conhecer o trabalho editorial sobretudo de autores portugueses e isso é muito relevante, porque permite que as escolas façam um trabalho de promoção de leitura que são verdadeiramente fundamentais e valiosos, mas isso não chega.” PE

Questão 17 – Considera que os estudantes vêm o plano nacional de leitura como uma obrigação, acha que eles pensam “estão-me a obrigar a ler”? Mas isso é sempre. Eu lembro-me quando andava na escola e tínhamos de ler um livro em específico e às vezes não me apetecia. Mas esta questão é muito mais transversal e sobretudo é muito cultural. Nós ainda não olhamos para a educação e para a cultura da mesma forma que países mais evoluídos olham. Quando nós ouvimos falar de polémicas, sobretudo nas redes sociais, sobre pessoas a criticarem o que se dá nas escolas, de a escola matar a criatividade, de prender e que se devia era investir nas soft skills e tudo isso, eu confesso que me dá arrepios e que é assustador, porque a mensagem que se passa é de um profundo facilitismo e que só vai prejudicar os miúdos mais à frente. Isto tem haver porque as pessoas não estão para se chatear. E em relação ao plano nacional de leitura, há uma questão que a mim, por exemplo, me chocou, que foi quando o plano nacional de leitura que, mais uma vez, faz um trabalho notável, apresentou o novo plano de 2017-2027 na biblioteca Almeida Garrett em que esteve o governo em peso e eles apresentaram o plano nacional de leitura, em que fizeram leitura de livros preferidos, de passagens, fizeram em smartphones. Só duas pessoas leram em livro. Eu percebo, de alguma forma, que eles queiram passar a mensagem de que esses smartphones permitem a leitura. Os miúdos só usam isso, é uma extensão dos braços dele, isso é verdade, mas agora esperar que usem isso para ler... é demasiada boa vontade. E a situação é que estes smartphones dão-nos tanta outra coisa que mata a leitura.

Questão 18 – O meu estudo tem mostrado que os estudantes que leem em dispositivos eletrónicos o fazem porque dá mais jeito nos transportes públicos. Como se justifica esta situação? Esses são os Heavy readers, são aqueles que leem mesmo e que até podem ler em transportes públicos em dispositivos eletrónicos, mas se for em casa estão a ler em papel. Há desses que agora vão de férias e em vez de levarem 5 ou 6 livros levam um Kobo que são dispositivos feitos única e exclusivamente para ler. E é isso que distingue mesmo os leitores. Porque aquilo que as pessoas leem, inclusivamente nos transportes públicos, são os leads, o que justifica muito a transleitura que existe, quer dizer aparece-lhes uma coisa e o que lhes entra é uma coisa diferente. Consideram-se informadas e não estão. E esses dados que aponta de os seus colegas de 22 anos preferirem o papel se calhar vai surpreender muita gente, porque os nossos cérebros olham para vocês e acham que vocês só pensam digital. A razão pela qual, mesmo as pessoas nativas do mundo digital, preferem ler em papel e não tem haver com não terem acesso a um smartphone, por exemplo, porque têm. Tem haver com uma coisa que resulta de milhares e milhares de anos de evolução do nosso cérebro, há coisas que não se mudam da noite para o dia,

nem de uma geração para a outra. O nosso cérebro, a leitura. Eu tenho a certeza que quando acaba de ler um livro, em papel, já se deu conta que a dada altura que está a falar com alguém e refere uma parte do livro que acha espetacular e até pode não ter decorado o número da página, mas tem a noção que fica mais ou menos antes do meio do livro, na página da esquerda, a meio da página. Isso chama-se mapeamento geográfico. Tudo aquilo que nós fazemos quando estamos acordados, o nosso cérebro, entre milhares de outras coisas, está a fazer mapeamento geográfico. Se ler em digital, o seu cérebro provavelmente não consegue fazer isso, porque lê num scroll, sem mexer a cabeça e o seu cérebro não se vai lembrar porque aqui não conseguimos perceber se a página é par ou ímpar, nem a noção se o livro está no início, meio ou fim. Do início ao fim, o livro em formato digital está sempre igual, nós estamos sempre a ler da mesma maneira e muito provavelmente para não cansar a vista, nós vamos estar a aumentar a página e portanto não vai ser fácil perceber se estamos no início, no meio, no fim da página.

Questão 19 – Considera que a indústria do livro tem evitado os erros que a dos média cometeu? É impressionante a quantidade de erros que a indústria dos média continua a cometer, porque o jornalismo desvalorizou aquilo que mais valioso tinha, que é o conteúdo. E ao desvalorizar conteúdo e ao torna-lo totalmente livre e ao pensar que a publicidade ia salvar, cometeram um erro tremendo e são esses erros que os editores, sobretudo na Europa, e a União Europeia foi fundamental porque permitiu combater e permite combater os grandes grupos americanos da Amazon e da Apple e tudo mais, senão nós já estávamos todos nas mãos deles. Todos, completamente. A indústria livro soube proteger e tem sabido proteger aquilo que é a essência do seu trabalho que é trabalhar conteúdo e o conteúdo resulta da criatividade das pessoas e do trabalho intelectual. O trabalho intelectual tem de ter valor. Nós produzimos valor. Valor que é difícil de mensurar, mas que é fundamental para o desenvolvimento de toda a sociedade. Se nós não valorizarmos isso, não valorizamos o trabalho de quem faz, se não o fazemos as pessoas desistem de o fazer.

Questão 20 - E a situação dos manuais digitais para as escolas? Há 2 anos, na área do escolar, houve um movimento por causa do peso das mochilas escolares, porque os livros são muito pesados e o problema não estava no facto dos pais em vez de comprarem mochilas com rodas, comprarem mochilas para usar nas costas e também não estava no facto das escolas públicas estarem muito mal equipadas em termos de cacifos. Não tinha nada a ver com isso, tinha só com o peso dos livros. Então houve um abaixo assinado para se criar manuais digitais, produzir os manuais em formato digital, e eu estava a assistir a essa discussão, eu e os meus colegas, e então eu sabia que em algum momento um jornalista me ia telefonar por causa disto. Dito e feito. Marcamos uma entrevista, ele veio cá e a primeira pergunta era “então diga-me, por favor, porque é que não há manuais escolares em formato digital” e eu respondi “na verdade, há manuais escolares em formato digital há 10 anos” e a entrevista morreu ali. Nós temos os manuais digitais disponíveis para compra de quem quer que seja há 10 anos na nossa livraria virtual. E a questão é esta, nós sentimos que estamos pelo menos 10 anos à frente do resto, da perceção pública sobre as coisas. Por isso é que é muito difícil trabalhar nesta área, porque as pessoas veem sempre tudo pela rama. E estamos só a falar dos conteúdos, mas pensemos: e onde é que os miúdos vão arranjar uns *tablets*? Não têm custos? Quantos *tablets* vão chegar ao fim do ano letivo intactos? Quantos *tablets* vão durar durante o ano letivo sem avarias? Quem é que vai pagar a manutenção desses dispositivos? E já agora quais são as empresas portuguesas às quais nós vamos dar esse incentivo de produção industrial? Nenhuma. Porque o que nós vamos fazer é pegar nesse dinheiro e dar a multinacionais.

A grande diferença entre um ler um livro em papel ou num dispositivo eletrónico é que o dispositivo eletrónico é cool, mas a partir do momento em que nós abrimos o nosso manual escolar nesse dispositivo, nós também vamos receber uma notificação e desligou.

Nós há uns anos participamos num projeto piloto em Cuba, no Alentejo, em que eram as turmas de 5º, 6º e 7º, acho que chegou até ao 8º, que não usavam manuais em papel, só usavam digital. Podiam ter em casa em papel, mas na escola era só digital. E nós participamos oferecendo o formato digital dos manuais e aquilo ia ser acompanhado por investigadores para fazer avaliações e experiências e um dia decidi ir lá para ver como é que aquilo funcionava, até para

fazermos uma reportagem para partilharmos nos nossos postos de comunicação e eu estava a conversar com os miúdos e eles diziam: isto é giro, porque chegamos à sala de aula e temos quadros interativos. E, de facto, dentro da sala de aula, aquilo tem um potencial enorme porque é interativo e é como se nós tivéssemos uma grande televisão cheia de vídeos e animações, mas e para estudar para os testes? Para os testes é papel, para tirar notas e sublinhar. Não sou radical com os *e-books*, porque acho que se deve garantir que as pessoas tenham acesso ao que procuram e precisam. Agora não concordo porque parece que se quer impor um determinado caminho sem sequer ter a noção se é o melhor caminho e qualquer tipo de limitação é negativa.